

# Itaytera

"CRATO — Cidade alegre e movimentada, de ruas limpas e traçadas regularmente, praças ajardinadas, bem iluminada, de convívio fino e elevado, merece sem favor, o título heráldico de Princeca do Cariri" (Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará, pág. 446-Renato Braga)

N.º 12

ANO 1968

# THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

COMÉRCIO - INDÚSTRIA - AGRICULTURA

## RÁDIOS

RADIOFONES

### LIQUIDIFICADORES

CONJUNTOS PARA SALA E COPA

MÁQUINAS DE COSTURA

ESCREVER

E

LAVAR ROUPA

E

UMA INFINIDADE DE BONS ARTIGOS  
PARA O CONFORTO DO SEU LAR ! ! !

### TELEVISORES DAS MELHORES MARCAS

MOTORES E MOTO-BOMBAS, MÁQUINAS FORRAGEIRAS  
E DE DESCASCAR ARROZ — UM MUNDO DE ARTIGOS  
PARA O USO NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA ! ! !

### MATERIAL ELÉTRICO EM GERAL

M A T R I Z :

RUA DR. JOÃO PESSOA Ns. 113 / 19 — FONE 583

F I L I A L :

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 154 / 56 — FONE 505

TELEGRAMA : O S T E R N E — CAIXA POSTAL, 16

O MAIS BEM ORGANIZADO SISTEMA  
CREDIÁRIO NO INTERIOR NORDESTINO

N. 12 — ANO 1968

---

---

I  
T  
A  
Y  
T  
E  
R  
A

---

---

CRATO — CEARÁ

**DIRETORIA**

DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Eleita para o Ano Social entre Outubro  
de 1967 e igual mês em 1968



**Presidente**

José Alves de Figueiredo Filho

**Vice-Presidente**

Pe. Antônio Gomes de Araújo

**Secretário Geral**

Jornalista João Lindemberg de Aquino

**2.º Secretário**

Zuleica Pequeno de Figueiredo

**Comissão da Revista "ITAYTERA"**

J. de Figueiredo Filho

Pe. Antônio Gomes de Araújo

João Lindimberg de Aquino

**Comissão de Sindicância**

Dr. José de Paula Bantim

Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa

Profa. Edméia Arraes de Alencar

**Comissão de Letras, Ciências e Arte**

Prof. José Newton Alves de Sousa

Dr. Raimundo de Oliveira Borges

Prof. Antônio Levy Epitácio Pereira

**Sócios que ocupam Cadeiras c/ Patrono**

João Lindemberg de Aquino

PADRE IBIAPINA

Dr. Raimundo de Oliveira Borges

BRUNO DE MENEZES

Profa. Edméia Arraes de Alencar

ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR

J. de Figueiredo Filho

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO

Maria de Lourdes Esmeraldo

MONSENHOR PEDRO ESMERALDO

ATIVIDADES DO I. C. C. EM 1967 .....	3
DISCURSO DA PROF. MARIA DE LOURDES ESMERALDO	5
ORAÇÃO AOS UNIVERSITÁRIOS DO CARIRI .....	17
OBSERVAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA .....	25
DISCURSO DE J.F.F. NA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS	29
O CEGO ADERALDO versus O ESTALO DE VIEIRA .....	45
MOVIMENTOS POLÍTICO-MILITARES .....	49
RODRIGUES DE ANDRADE .....	57
PARECER SOBRE JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO .....	65
FUNDO E FORMA DAS CRÔNICAS DO PE. VIEIRA .....	69
SUBSÍDIO PARA A HISTÓRIA DE MAURITI .....	77
ARQUIVO — INQUISIÇÃO .....	85
DOLOR UCHOA BARREIRA .....	97
T U I U T I .....	109
O M Á G I C O .....	113
COSTUME E ORIENTAÇÃO DOS IRRACIONAIS .....	117
O REISADO DE S. JOSÉ DO PAU SECO.....	121
POSTAIS DE ITAPAGIPE .....	141
VALENTES E VALENTÕES .....	145
NOVOS SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE MAURITI .....	149
CIRCO. FLOR DA PRAÇA .....	151
NÓS, OS 19, DA PRIMEIRA TURMA DO GINÁSIO....	154
DISCURSO DE SAUDAÇÃO A JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO	157
AMOR, FUXICO E EMANCIPAÇÃO .....	169
OS CAPRICHOS DO DESTINO .....	169
ASSUNTOS SÓ NOSSOS .....	171
BÁRBARA DE ALENCAR .....	175
A GLÓRIA DE UM PIONEIRO .....	176
FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES .....	177
LÓBO DE MACÊDO OU MACÊDO LÓBO .....	179
ANIVERSÁRIO DA CIDADE E ROTARY CLUB .....	183
R E M I N I S C Ê N C I A S .....	187
MONSENHOR SILVANO DE SOUSA .....	191
IV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA, EM PORTO ALEGRE .....	193
DESEMBARGADOR ARNALDO DE ALENCAR ARARIPE ...	197
FOLCLORE — FOLGUEDOS INFANTIS .....	201
N E O - H I S T Ó R I A .....	207
PADRE HENRIQUE JOSÉ CAVALCANTE .....	216
COLÉGIO AGRÍCOLA DO CRATO .....	219
DISCURSO PROFERIDO PELO GEN. BDA. DILERMANDO .	221
ÍNTEGRA DA CONFERÊNCIA PRONUUNCIADA....	227
PADRE ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO... ..	239
SEXTA-FEIRA SANTA NO JUAZEIRO DO NORTE .....	243
PROFESSOR RAIMUNDO GOMES DE MATOS .....	245
DEODORO GOMES DE MATOS .....	249



# Atividades do I. C. C.

em 1967

A guisa de primo-editorial do número 12.º, desta Revista, transcrevemos o relatório de 1967, enviado pelo presidente do I.C.C. ao Exmo. Sr. Ministro de Educação e Cultura :

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, sediado nesta cidade de Crato, Ceará, continuou, durante o ano de 1967, o seu trabalho ininterrupto, em prol do desenvolvimento da cultura intelectual da zona, nos múltiplos setores de suas atividades.

A BIBLIOTECA SOCIAL cresceu em número e qualidade, por aquisição de livros e revistas e por doações de entidades.

O MUSEU DO CRATO, que dirige, por convênio firmado entre o I. C. C. e a Prefeitura Municipal do Crato, passará nêstes breves dias, a funcionar sob a direção da última, em prédio apropriado e mais conveniente à visitação pública.

O 11.º número do seu órgão oficial, a revista ITAYTERA, circulou com duzentas páginas, repleta de colaborações regionais e históricas, firmadas por ótimos escritores. Foi difundida não so no Estado, como no país e no exterior.

1967 foi o ano cheio de várias comemorações cívicas, promovidas pelo Instituto Cultural do Cariri. Com a colaboração da Municipalidade, deu caráter de suntuosidade ao SESQUICENTENÁRIO da Revolução de 1817, eclodida na Vila Real do Crato, a 3 de Maio daquele ano histórico. Aquela revolta, encabeçada pelo subdiácono José Martiniano de Alencar, sua genitôra, Bárbara Pereira de Alencar, e outros patriotas, marcou o destino de Crato em promover todo o movimento independente do Ceará, no primeiro quartel do século passado. Tomou, igualmente, o Instituto Cultural do Cariri, parte integrante, com o preparo cívico, em Grupos Escolares e Colégios, nas comemorações dos 203 anos do Município do Crato.

Através do seu Presidente, representou-se a 2 de Julho, na sessão magna do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, aniversário da Revolução Pernambucana de 1824, comumente chamada de Confederação do Equador.

Na seguinte reunião ordinária, daquele Instituto, na cidade do Recife, o Presidente do I. C. C. pronunciou palestra sobre a participação do Ceará, naquele movimento.

O mesmo compareceu ao 4.º Simpósio de História, ocorrido, entre os dias 3 a 8 de Setembro, em Pôrto Alegre, R. G. do Sul, promovido pela Associação de Professores Universitários de História, tendo apresentado a Comunicação, aprovada e mandada inscrever nos Anais — SOBREVIVÊNCIA PORTUGUESA NO CARIRI CEARENSE.

Para melhor conhecimento, no meio, dos vultos que se destacaram nas letras, nesta zona, criou as Cadeiras com Patrono para determinado número de sócios. Já ocupam algumas Cadeiras, após sessão magna de posse no Instituto: João Lindemberg de Aquino (a do PE. IBIAPINA); Dr. Raimundo de Oliveira Borges (a de BRUNO DE MENEZES); Profa. Edméia Arraes de Alencar (a de ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR); J. de Figueiredo Filho (a de JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO); e Maria de Lourdes Esmeraldo (a de Monseñor PEDRO ESMERALDO).

Por influência do Instituto Cultural do Cariri, seu Presidente foi eleito, a 20 de Novembro, em Fortaleza, para ocupar a Cadeira 34, da Academia Cearense de Letras, na vaga aberta pela morte do escritor Dolor Barreira. Foi eleição sem pedido qualquer do candidato, aos sócios da Academia e é o primeiro membro daquela entidade a ter residência fixa no interior do Estado.

O I. C. C. é o patrocinador do rico movimento folclórico cariariense. Criou em seu seio, o Clube de Amigos do Folclore. Mantém intenso intercâmbio com as demais associações congêneres do país e trabalha em consonância, no setor cultural de pesquisas, com a Faculdade de Filosofia do Crato.

Por todas essas atividades proveitosas para a região, o I.C.C. merece as subvenções desse Ministério, dotadas por alguns ilustres representantes do Ceará, no Senado e na Câmara Federal

Ateenciosamente,

José Alves de Figueiredo Filho

---

## NOTICIÁRIO DA ACEJI

(J. CIRO PINHEIRO) — A ACEJI perdeu um de seus grandes associados, o estimado confrade Celso Gomes de Matos da cidade de Crato. Celso, faleceu aos 76 anos de idade, no dia 12 p. passado, depois de militar na imprensa por mais de 40 anos. A notícia de seu desaparecimento repercutiu profundamente nos meios jornalísticos interioranos, que tinham no pranteado um amigo e um de seus maiores entusiastas. A ACEJI mandará celebrar uma missa de 30 dias em sufrágio da alma de Celso Gomes de Matos, em local e data que serão posteriormente divulgados. (Unitário 22-12-67).

# Discurso da Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo

Aos 8 de setembro de 1967

**Invocação:** Salve, Maria! A vós, Virgem Mãe, no dia de vossa natividade, ofereço o esforço dispendido para este trabalho, que realizarei para honra e glória Vossas e do Sacerdócio Imortal de vosso Divino Filho.

Aqui me encontro, num dos momentos mais importantes da minha vida, emocionadíssima e, ao mesmo tempo, enlevada pela responsabilidade que me cometeram de falar sobre meu irmão, Padre Pedro Esmeraldo da Silva, a fim de fazer jus à honra póstuma que lhe conferiram, isto é: o patrocínio de uma cadeira no Instituto Cultural do Cariri, gesto ao mesmo tempo espontâneo e delicado do ilustre e digno Presidente da agremiação, professor e jornalista José de Figueiredo Filho.

Não é fácil falar de alguém a que estamos ligados pelo sangue, principalmente quando se trata de um irmão. Mas... apelo para a razão: quem melhor pode dizer alguma coisa de alguém: senão quem com esse alguém conviveu?

Para o desempenho dessa tarefa, eis-me perante vós, com o prazer e a honra da investidura, confessando embora a modéstia do meu merecimento.

Ante o distinto auditório, ressalto uma particularidade para mim importante: quando nasci, já o meu irmão era sacerdote. Vem daí o motivo por que nem todas as asserções que se encontram neste despretensioso trabalho trazem o timbre do meu testemunho pessoal. Afirmo, porém, com dignidade: busquei em fontes seguras e fidedignas, portanto incontestes, os fatos que o meu conhecimento próprio não poderia narrar.

Começarei pelos acontecimentos que balizam a vida de um cidadão e que constituem o âmago da sua biografia.

Nasceu o Padre Pedro Esmeraldo da Silva no dia 29 de janeiro de 1876, de pais vivendo na virtude e na fé verdadeira: o cidadão cratense Antônio Esmeraldo do Silva e a senhora Maria de Santana Gonçalves Esmeraldo, tronco genealógico da família Esmeraldo Gonçalves. O lugar do nascimento foi o sítio "Batateiras",

nas vizinhanças da cidade do Crato, mas... a então Matriz de Nossa Senhora da Penha, hoje Sé Catedral, nesta "Princesa do Cariri", foi o berço do seu nascimento espiritual, pois aí se fez cristão êsse baluarte da Fé e do Amor à Santa Igreja, predestinado para as culminâncias da honra no Sacerdócio Católico.

Pedro (o segundo com êste nome) foi o terceiro filho do casal, que completara catorze, vindo depois, para Antônio Esmeraldo da Silva, mais cinco, do seu casamento com Maria Nazarena Gonçalves Esmeraldo, irmã da falecida espôsa daquele exemplar cidadão.

Esta que vos fala é, portanto, sua irmã por parte de pai, ao mesmo tempo que é sua prima legítima por parte de mãe.

Dotado de grande vivacidade, Pedro Esmeraldo, no verdor dos anos, levado pelo seu genitor, conseguiu ingressar, como aluno de primeiras letras, no Seminário do Crato, com a matrícula número 91. Progrediu nos estudos, com admirável segurança de inteligência e extraordinária força de vontade; e demonstrava notória inclinação para a vida sacerdotal.

Tal inclinação chegou sem demora ao conhecimento do seu escrupuloso e severo pai, e êste, por imposição de consciência, houve por bem negar consentimento aos desejos do moço inexperiente de seguir tão sublime quanto melindrosa carreira.

Essa atitude do pai, cristão zeloso e homem austero, estava certamente baseada no receio de o filho não possuir verdadeira vocação. E para obter a prova concreta dos pendores sacerdotais do menino é que resolveu convocá-lo e dizer-lhe direta e firmemente: "Meu filho, acho que você deve estudar para seguir outra carreira e não para ser padre". Ao que replicou serena mas também firmemente o filho: "Papai, eu seguirei a carreira sacerdotal, ou não desejo seguir nenhuma outra". Sentindo na resposta do moço a segurança de uma personalidade de fato, que sabia bem o que queria, resolveu dar-lhe o consentimento exigido. E Pedro ingressou definitivamente no Seminário, já decidido na vocação: em Olinda, fez todo o curso preparatório; em Fortaleza, no Seminário Episcopal, fez o curso teológico. Terminado êste, e por não haver ainda atingido a idade canônica para ordenar-se sacerdote, teve que esperar; no interregno, foi nomeado lente do mesmo Seminário Episcopal.

Para falar bem do meu irmão, recorro às seguintes expressões textuais colhidas no "Album Comemorativo do Cinquentenário do Seminário do Crato", editado em 1925:

"Desde Teólogo, o Pe. Esmeraldo se revelou um orador ardoroso e fluente, conquistando no púlpito de Fortaleza uma nomeada

distinta que o coloca ao lado dos mais festejados oradores sacros do Ceará”.

“Sua palavra fácil e eloqüente empolga ao mais exigente auditório.”

“Reúne aos melhores dotes de oratória um preparo invulgar, não só nas letras profanas como nas sagradas.”

Meus amigos:

Os que me escutam hão de convir em que tenho um certo constrangimento em apresentar palavras elogiosas ao meu irmão. Como se trata, porém, de um sacerdote, graças a Deus, de vida ilibida, tôda consagrada ao serviço daquele que o protegeu sempre e ao da Santa Igreja, a quem êle amou com amor incondicional, não é censurável se repitam verdades postas ao serviço do bem.

Quando ainda era Teólogo, em Fortaleza, um grave acidente quase lhe roubou a vida, felizmente poupada por Deus para o seu serviço ministerial. Dou a palavra ao “Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará”: “... 6 para 7 de junho de 1894... eis quando, alta noite, quase ao amanhecer... um estalo medonho desperta os Cursistas com o pavor indefinível que causa a dança macabra de todos os móveis e imóveis que os cercavam... O dormitório, na rapidez de um relâmpago, desmoronou-se trazendo após si... os 17 teólogos, as paredes com as vigas, barrotes e telhados... Começaram, entre o temor e o pavor, o trabalho de desentulho, saindo cada um por sua vez... Eram 17, faltava um, chamaram por êle e nada! Gritavam sem ouvir resposta! Santo Deus! Estará morto? Continuaram a desentulhar, frementes de pesar, na incerteza de que procuravam um vivo ou um morto. Até que afinal... encontraram o Pe. Pedro Esmeraldo, deitado, com a boca cheia de terra, as mãos presas, mas vivo e são, sem nenhum ferimento. “Graças a Deus, proferiu o Reitor (Pe. Júlio Simon), sendo secundado pelas aclamações dos outros”.

Apraz-me citar aqui o que nos foi dito algumas vezes pelo Pe. Esmeraldo ou “Padrim Pedrim”, como familiarmente lhe chamávamos alguns irmãos e sobrinhos: fôra desenterrado dos entulhos pelo Pe. Joaquim Marques Peixoto, também cratense e membro da família Peixoto local.

Cedo lugar à declaração do “Álbum do Seminário do Crato”, que diz: “Pe. Pedro Esmeraldo da Silva foi ordenado no dia 30 de novembro de 1898, e, aqui, na cidade natal, cantou missa a 19 de dezembro do mesmo ano “(em meio às festas levadas a efeito por sua família, no gozo santo de receber um membro sacerdote de Cristo)” e voltou à vida do magistério naquela mesma casa onde se educara — O Seminário de Fortaleza”. “Como professor, poucos

dos seus coestadanos o igualam". "No Seminário Metropolitano e no Colégio São José, o Pe. Esmeraldo deixou uma fama que atesta os seus conhecimentos, uma memória indelével que muito o honra"

Encerro aqui a citação do "Álbum do Seminário do Crato" e prossigo na narrativa dos fatos que constituem o histórico da vida de meu irmão. Em 1901, regressou êle de Fortaleza, provisionado Coadjutor de Missão Velha, onde passou a ser vigário, na vaga aberta com a morte do seu antecessor e amigo — Pe. Félix Arnaud.

Após larga folha de serviços prestados, na administração da paróquia e no amanho das almas, deixou Missão Velha. É que foi mandado reger os destinos espirituais da paróquia de Assaré, com residência em Santana do Cariri, função que exerceu até começo de 1909. Por essa época, com seu primo Pe. Joaquim Ferreira de Melo, depois bispo de Pelotas, no Rio Grande do Sul, e o amigo Pe. Emilio Cabral, fundador do Colégio São José, no Crato, equiparado ao Liceu do Ceará, único, então, neste gênero, com funcionamento no prédio do Seminário até 1913; exerceu os cargos de diretor e professor do Colégio.

Contemporâneo do Colégio São José, circulou na cidade o jornal "A Cruz", sendo Pe. Esmeraldo um dos diretores.

Embora com assinalados serviços à mocidade patricia, teve o Colégio de encerrar suas atividades... Convidado por D. Augusto Alvaro da Silva, Bispo da Diocese de Floresta, em Pernambuco, para reger os destinos da paróquia de Salgueiro, Pe. Esmeraldo aceitou serenamente a missão, ali permanecendo até 1914, quando, nomeado pároco de Milagres, voltou à Diocese do Ceará.

Criada a nossa Diocese, em 1915, assumiu êle o paróquiato do Crato. E quando o primeiro bispo, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, se afastou para a sua sagração, na Bahia, o Pe. Esmeraldo assumiu o govêrno diocesano.

Em tôdos êsses cargos, o Pe. Pedro Esmeraldo se houve como autêntico herói da cruzada do bem, na sublimidade do apostolado que abraçou e na grandeza do seu coração generoso, superiormente realizando a nobre e santa missão de "Pescador de Homens".

Tenho aqui que mencionar uma atitude, uma espécie de exentricidade do Pe. Esmeraldo: na igreja, quando exercia as suas funções de vigário, onde dava mostras constantes de zelo e energia, apresentava-se sempre com a fisionomia fechada para todos, indistintamente, gerando mesmo timidez em quem dêle necessitava aproximar-se. Era, como se costuma dizer, uma cara de poucos amigos. Mas, na intimidade do seu lar ou entre os amigos de confiança, destacava-se pela cordialidade folgazã, contando ou ouvindo casos que, não raro, nele provocavam sorrisos e irreprimíveis gargalhadas.



Quando mais se fêz sentir a força, a firmeza, a tática cristã naquela alma eminentemente sacerdotal foi na ocasião em que, obedecendo sem vacilação às ordens de D. Quintino, seu respeitado bispo, assumiu a Paróquia de Juazeiro, deixando o curato da Sé Catedral. Juazeiro desmembrava-se como Capela da Paróquia de N. S. da Penha para constituir a Freguesia de N. S. das Dores.

Para ali partiu o Pe. Pedro Esmeraldo, naturalmente preocupado com as dificuldades da missão recebida, mas com a coragem indômita dos justos, coragem que era sobretudo baseada na Fé, que êle sempre invocava quando no cumprimento do dever sagrado.

Aliás, em 1916, tinha êle sido enviado a Juazeiro, a fim de ali preparar o povo para a primeira visita pastoral de D. Quintino. e de tal maneira se houve nessa incumbência que o nosso grande prelado, que não era bem visto pela população adventícia, teve de fato uma recepção condigna e desvanecedora.

Sem receio de contestação, posso afirmar e confirmar que o Pe. Esmeraldo aceitou a paróquia de Juazeiro com o coração impregnado da melhor disposição e maior boa vontade para com o Pe. Cícero Romão Batista, que tanto necessitava ser visto, considerado e tratado pela alma de um vigário à altura do dever heróico, sublimado na caridade em Cristo.

Permaneceu em Juazeiro até fins de 1921. Ali cumpriu o seu ministério com um fervor religioso a tôda prova, com um azeite e profundo amor à Santa Igreja. Esse amor patente aos olhos e ao sentimento de todos, constituiu-se em apanágio gloriosíssimo da vida do Padre Esmeraldo, cuja alma e coração puros transformaram em apostolado constante o seu demorado convívio naquela cidade vizinha. E não houve pastor mais humano e penetrado. Foi um verdadeiro apóstolo, que se alcançou acima de tôdas as vicissitudes e que tudo fêz para levar a salvamento seguro o complexo rebanho que lhe confiaram.

Estendeu a sua ação de catequista, evidentemente, ao fanatismo ainda hoje reinante. Combatente de primeira linha, jamais desertou da luta. Ao arremesso das ameaças de morte reagiu impertérrito, altiva e serenamente, pedindo àqueles que o ameaçavam não o matassem na igreja, para assim evitar a "interdição" da matriz; que de preferência o fizessem na rua, num bôco, ou mesmo fingindo virem buscá-lo para uma confissão.

Era uma sugestão por certo imprudente, mas que atestava, sem nenhuma sombra de dúvida, uma paz de espírito na sua plenitude, capaz de enfrentar o encontro com Deus no "juízo particular".



Um incidente desagradabilíssimo veio turbar e perturbar o trabalho apostólico do Pe. Esmeraldo, desenvolvido, em tôda a linha, na terra do Pe. Cícero. Narrá-lo-ei em poucas palavras, pois falo a "bons entendedores"... Ameaçava ruir uma das tôres da matriz construída pelo fundador da cidade... No intuito de evitar um desastre iminente, anunciara o vigário que, naquele ano, não haveria a festa de Nossa Senhora das Dores; ao invés disso, informou, iriam começar os trabalhos de demolição e reconstrução da torre ameaçada de desabamento...

Reagiram os romeiros àquela incrível notícia; agitou-se em represália a turba fanática, ameaçando, a boca larga, não se contentar no fato anunciado. Estava em cheque a autoridade do vigário! Seria um desrespeito que não se poderia tolerar!

Diante da gravidade da situação, Pe. Esmeraldo procurou o seu superior hierárquico e lhe relatou o fato, o que decidira, as reações da população. Ordenou-lhe, então, peremptoriamente, Dom Quintino: "Faça o trabalho! E, se houver reação, deixe a paróquia imediatamente!"

Muito corajoso, meu irmão proclamou que a obra iria de fato realizar-se, apesar das constantes ameaças de morte que recebia dos romeiros do Pe. Cícero, os quais agiam desembaraçadamente, sem reações contrárias de quem tinha condições excepcionais para desencadeá-las.

E no dia 15 de setembro de 1921, logo após a missa das 6 horas, no exato momento em que Pe. Esmeraldo apontava aos obreiros o lugar onde os trabalhos de demolição deveriam iniciar-se, os romeiros, em alcatéia voraz de cães enfurecidos, avançaram contra o sacerdote em pleno exercício do seu ministério, armado de paus e aos gritos: "Não derribem! Não derribem! E só não realizaram os seus intentos maléficos porque alguns amigos dedicados do vigário o defenderam vigorosamente. Dentre eles, por um dever especial de gratidão, cito o nome de Luciano Teófilo.

Nessa manhã, que poderíamos chamar histórica, o Pe. Esmeraldo retirou-se da paróquia que cavilosamente o expulsara. Convém esclarecer, porém, que, logo após o incidente na igreja, o Pe. Cícero esteve em casa do meu irmão, que já se apresentava para viajar. E pediu-lhe que permanecesse no seu posto, obtendo esta resposta digna: "Pe. Cícero, agora é tarde!"

Deixando a terra a que tanto dera, não ficou, contudo, inativo. Convidado para cooperar com D. Joaquim Ferreira de Melo, recém-eleito bispo de Pelotas, no Rio Grande do Sul, para ali embarcou sem demora.

Nomeado Cura da Catedral, nessas árduas funções trabalhou intensamente durante vários anos. Além de ali se fazer estimado, pela franqueza de atitudes no serviço de Deus, junto aos novos paroquianos, a quem se dedicou paternalmente, Pe. Esmeraldo desenvolveu impressionante atividade oratória, pronunciando inúmeros sermões, de proclamada eloquência e vernaculidade, que empolgaram os meios religiosos e cultos da Diocese de Pelotas.

Uma prova concreta da consideração, estima e tocante amizade, que grangeou no seio daquele povo sulino, está nos presentes que recebia de pessoas amigas, constantemente, jamais se tornando necessário comprar qualquer peça para apresentar-se condignamente.

E mesmo depois que, já Monsenhor Esmeraldo, voltou, em 1929, para a terra natal (naturalmente de acordo com D. Joaquim), continuaram a chegar, até sua morte, as dádivas costumeiras, enviadas em abundância.

Em 1930, foi nomeado Diretor Espiritual do Seminário Diocesano, do Crato, mais uma vez demonstrando extraordinário equilíbrio e grande piedade.

Em 1931, ainda se refazendo de um derrame cerebral que o prostrara em 20 de abril do ano anterior, foi nomeado, Vigário de Santana do Cariri, por ato do Monsenhor Vicente Sóter de Alencar, então Administrador da Diocese, na vacância deixada com a morte do nosso operoso D. Quintino. A gestão em Santana durou de 31 de janeiro a 11 de fevereiro do ano seguinte. Em pouco mais de um ano de ardoroso apostolado, mais uma vez Monsenhor Esmeraldo colheu opímos frutos na seara do Senhor: o último deles, aliás, foi o batismo de uma criança, que é hoje o salesiano Padre Orsini Linard Nuvens.

Novamente no Crato, foi residir com o nosso D. Francisco de Assis Pires, segundo Bispo da Diocese. Nessa convivência, que durou até 1933, aprimoraram-se os sentimentos mútuos de amizade, respeito e confiança...

Foi quando se vagou, com a saída de Monsenhor José Alves de Lima, a paróquia de Juazeiro. D. Francisco mostrava-se aflitíssimo com a real dificuldade de preencher a lacuna. Que fazer, na delicada situação? Soldado da Fé, desprendido e solícito, não vacilou Monsenhor Esmeraldo em se pôr à disposição do nosso amado Bispo para exercer, pela segunda vez, o difícil paroquiato. E o fez com submissão e destemor, sem medir as possíveis conseqüências que adviriam do árduo mister que o aguardava.

O coração de D. Francisco transbordou de íntima satisfação em Deus por haver encontrado quem, qual nôvo levita do Senhor, o apoiasse naquele instante crucial.

De nôvo, a braços com a responsabilidade apostólica do seu munus paroquial, então doente, mais velho, mais experimentado, Monsenhor Esmeraldo fazia-se admirado pela prudência com que agia, deixando sobressair a paciência posta a serviço de um apostolado criterioso e santo.

Sua sensibilidade aumentou com a idade, em contato prolongado com a alma humana. Lembro-me muito bem de tê-lo encontrado em Juazeiro chorando copiosamente, no dia 21 de julho de 1934, quando ali se realizava o entêrro do Pe. Cícero. Como é misterioso o destino de cada homem! Quem diria que Monsenhor Esmeraldo pudesse chorar assim, êle que tinha arrostado graves tempestades morais e espirituais, das quais sempre se saiu impávido e aparentemente incólume? No entanto, o que se viu foi um gigante impoluto, pastor experimentado de muitos rebanhos e de muitas lutas travadas, chorar suas ovelhas tresmalhadas que êle, todavia, nunca abandonou, antes as buscou de nôvo para integrá-las na comunhão da Santa Igreja.

Na terra, tôda luta tem seu fim. Em pleno entusiasmo do mais fervoroso paroquiato, quando sentia vigorosos e múltiplos os frutos do seu trabalho, foi o Monsenhor Esmeraldo colhido pela morte, a 1.º de outubro de 1934, no mesmo ano, portanto, em que também partiu para a eternidade o Pe. Cícero Romão Batista.

A morte de Monsenhor Esmeraldo foi a de um justo. Seu enterramento verificou-se nesta cidade do Crato, a 2 de outubro. Uma numerosa multidão tristonha o chorava comovida...

Extinguiu-se um homem cujo nome, hoje em dia, já não morrerá entre nós. Pelo esforço e pelo talento conquistou nomeada na própria capital do nosso Estado. Poderia ali ter continuado, projetando-se cada vez mais no cenário cultural e religioso do Ceará e do Brasil. Preferiu, porém, deixar as galas da notoriedade crescente para vir lutar, sem vaidades nem repouso, em pleno sertão, apascentando ovelhas simples, no meio da família que sempre sobre êle exerceu espontânea, poderosa e constante atração.

Observe-se a quase modéstia do seu apostolado, em contraste com a grandeza do apóstolo. Fortaleza, Missão Velha, Santana do Cariri, Assaré, Salgueiro, Milagres, Crato, Juazeiro, Pelotas — projetam um singular itinerário, feito até certo ponto, de contrastes. O ardoroso tribuno, o grande vernaculista não raro calou o seu verbo ou guardou a sua pena, porque era absorvido por trabalhos rotineiros das paróquias. Em muitas delas, os humildes auditórios só podiam absorver ensinamentos extremamente simples, não exigindo esforço intelectual do sacerdote, que, assim, não poderia es-

qu岸ar-se às influências do meio em que laborava. Teve, por certo, oportunidade de revelar a grandeza da sua cultura anímoda e do seu espírito de escol. Nos centros maiores, onde embevecia e dominava as multidões mais permeáveis aos influxos da verdadeira cratória ou na cátedra, onde empolgava seus alunos com os ensinamentos que lhes ministravam, com sabedoria, precisão e clareza, demonstrou sempre que a sua capacidade estava bem acima dos objetivos humildes, embora ásperos, que lhe foram designados.

É óbvio que este trabalho não deve resumir, apenas, uma biografia estribada em fatos rotineiros de um apóstolado. Aspira também a ressaltar, evocando a própria obra do nosso patrono, segundo sugere o inclito Professor J. de Figueiredo Filho, as esplêndidas criações literárias do Mestre. Citarei, portanto, trechos esparsos de sermões que ęle pronunciou ao longo da sua brilhante trajetória de orador sacro. Sempre o empolgaram dois temas que lhe eram particularmente caros: a Igreja e o Sacerdócio Católico. Qualquer que fósse o assunto considerado nas suas impressionantes orações, ęle sempre encontraria oportunidade e tempo para revelar-se o panegirista daquelas duas instituições sacrossantas.

Falando por ocasião das "Bodas de Prata Sacerdotais" de D. Joaquim Ferreira de Melo, no dia 6 de fevereiro de 1923, na Catedral de Pelotas, disse:

"Voga em alto mar a Santa Igreja Católica !

"Nau misteriosa que singra manso e marso no oceano da vida, a frágil barquinha do pescador galileu, não obstante a raiva furiosa das contradições humanas, não obstante as traiçoeiras investidas das potências coligadas do erro, da mentira e do mal, veleja serena e esbelta, alvissareira e promissora, rumo a tódas as nações da terra, ao luminoso clarão que lhe projeta o farol da verdade revelada.

"A espaços, turvam-se em derredor os horizontes e rugem a procela sanhuda e temerosa: não pode, porém, sossobrar: garante-lhe e ressalva-lhe os destinos gloriosos a palavra de Jesus Cristo, palavra fecunda e poderosa, palavra sclene e soberana...

"Aquela palavra que manda e os abismos se arreias de entidades perfeitamente singulares; aquela palavra que dá ao homem, com as faculdades intelectivas e éticas, uma organização regular, se é a mesma que vibra os raios fulminadrces da justiça nas plagas enxovalhadas do Edem; se é a mesma que destranca as portas do abismo e sepulta nas águas do dilúvio os filhos degenerados do primeiro homem, é também ela que faz de Abraão o pai dos crentes, dá a Jacó as forças de Israel, constitui a Moisés legislador

e profeta e coloca o povo eleito entre doçuras inefáveis da formosa Canaã; é também ela que na plenitude dos tempos, à hora das supremas misericórdias de Deus, erche todos os recantos da Judéia e geme dolorosa nos píncaros do Gólgota; é ainda ela que abraçando a um tempo as versatilidades do presente e as incertezas do futuro, atira à face do mundo, em desafio, a afirmação categórica de um compromisso insofismável: *Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Ide, ensinaí a todos os povos.*

"É assim que se abre e inaugura, nas páginas da história, a vibrante alternativa de dores e lágrimas, de triunfos e glórias para a Santa Igreja Católica na sua longa trajetória de milênios..."

Citarei, em seguida, algumas passagens do sermão que, sobre o Sacerdócio, pronunciou também em Pelotas, a 1.º de janeiro de 1927, por ocasião da primeira missa do Pe. Antônio Queiroz, cearense do Cariri, com família no Crato:

"...Grande dia e grande festa: o dia é de Cristo Senhor Nosso, a festa é do Sacerdócio que do mesmo Cristo emana.

"Na longa, na acidentada carreira da Santa Igreja de Deus, através do decurso aventuroso da história, na sua romagem de civilização e de paz, é impossível não colimar e não ver, é impossível desconhecer ou negar esse vulto misterioso que lhe acompanha tão de perto as alternativas de ignomínias ou glórias, esse gênio benfazejo que lhe desfralda a bandeira do Evangelho, nas lutas sangüinosas, ou nas vitórias incruentas da verdade, do direito e da justiça.

"Desde o calvário até hoje, no contínuo navegar da barca de Pedro, entre pegos e abrolhos, eu o vejo, piloto destemido, aparecer e sumir-se entre os furores de uma onda e outra onda, entre as sombras de uma nuvem e outra nuvem, entre os açoites do vendaval e da procela; e quando eu o penso sossobrado nos sorvedouros da longa travessia, ei-lo que emerge dobradamente forte e másculamente indomável para os estos do heroísmo, para os entusiasmos da crença, para as conquistas gloriosas do ideal cristão.

"Não lhe importa a poeira dos insultos, nem o transfiguraram revérberos de apoteoses humanas.

"Se é grande, divinizado pela consciência das turbas, é maior, mais venerável, mais divino, sob a injúria sangüinolenta do algoz, que não lhe poupa o coração, nem sentimento, não lhe ressalva nem liberdade, nem vida.

"É invencível, foi e será sempre invencível..."

"Meu venerável irmão:

“O ímpio não se engana a respeito da nossa dignidade de padres.

“Para justificar a criminosa injustiça da sua perseguição contra nós, acusa-nos de perpetuar o reino da ignomínia e de explorar em proveito da nossa ambição e cobiça os instintos religiosos do povo. Não é verdade!

“Acusa-nos de invadir o poder temporal constituído, e de sonhar a ruína das mais santas liberdades populares, para estabelecer o despotismo de uma casta privilegiada e santa. Não é verdade!

“A verdade é que o nosso crime, o grande crime do sacerdote católico é o de lembrar, aos olhos do insensato, a imagem do Pontífice Eterno — Jesus-Cristo, cuja misericórdia ineficaz para sua consciência em revolta o acusa de ingratição e perfídia, à face do céu e da terra, diante de Deus e dos homens.

“Destruí-lo-ia, se pudesse, movido pela insânia pavorosa do orgulho...”

Meus amigos:

Vou terminar aqui. Sei que não cumpri, como deveria, a tarefa que me foi designada. E' que não só me faleceram talentos adequados, mas tempo. Portanto, estou hoje com a obrigação de estudar perenemente e cada vez mais a vida do patrono da cadeira em que me sentarei, humilde e grata, entre os meus pares do Instituto. Prometo não repousar sobre o acervo que conheço do meu irmão. Pesquisarei tudo: sua infância, sua vida de seminarista, sua vida sacerdotal e, sobretudo, sua vida literária. Para a consecução dêsse objetivo, não me limitarei a estudar, eu própria, tudo o que levar a esclarecer sua biografia completa: pedirei auxílio aos parentes, aos amigos, aos sacerdotes que conhecem qualquer coisa dêle. Tôda informação, tôda notícia poderá ser de grande importância para o que desejo; por isso, peço encarecidamente que me seja transmitida.

Meus amigos:

Aqui fico, pedindo-vos desculpas pelo tempo tomado e pela terrível maçada com que vos martirizei. Agradeço-vos, comovida, a atenção com que me acompanhastes.

---

NOTA : — Este discurso foi pronunciado a 1.º de outubro de 1967, no 33.º aniversário da morte do Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva, patrono da cadeira que tem o seu nome, no Instituto Cultural do Cariri, Crato, Ceará, por MARIA DE LOURDES ESMERALDO, eleita para ocupar a referida cadeira.



# F. C. Pierre & Filhos

ELÉTRO - DOMÉSTICOS, MÓVEIS

PEÇAS E ACCESSÓRIOS PARA BICICLETAS

TELEFONE : 232 — TELEGRAMA : "PEÇAS"

RUA SANTOS DUMONT N.º 52

C R A T O

—O—

C E A R Á

## COOPERATIVA BANCO CAIXEIRAL DO CRATO LTDA.

REGISTROS Ns. 335 (S. E. R.) E 9 (D. A. C.)

Capital Subscrito e Realizado . . NCr\$ 40.265,41

R E S E R V A S . . . . . NCr\$ 16.543,51

RUA BÁRBARA DE ALENCAR

ESQUINA COM

RUA DR. JOÃO PESSOA

CRATO — CEARÁ



# ORAÇÃO

AOS

## UNIVERSITÁRIOS DO CARIRI

AUTORIDADES !

MEUS SENHORES !

MINHAS SENHORAS !

UNIVERSITÁRIOS DO CARIRI !

Ingenieros, grande pensador platino, disse certa vez com muita propriedade e acêrto e eu aqui o repito, que "jovem não é sômente aquêle que tem curta vivência cronológica e sim, jovem é todo aquele que não tem cumplicidade com o passado e vive ainda para os sonhos e aspirações do futuro".

Se isto é verdade e sinto que o é, sou ainda um de vós, universitários do Cariri, porque ainda vivo de aspirações do futuro nos planos individual e coletivo, estudando e lendo sempre para azealhar conhecimentos, trabalhando e lutando para garantir-me uma velhice tranquila se é que pode ser tranquila a velhice, para proporcionar aos meus uma existência condigna, embora sem fausto porque o fausto é supérfluo e o supérfluo não traz tranquilidade nem segurança, e para garantir ao próximo, à sociedade e ao meu País aquilo que é possível e é dever de um cidadão e de um cidadão médico, legar ao seu próximo, à sociedade e ao seu País.

Sou, portanto, um jovem e um jovem estudante como vós; sou mais ainda, um eterno estudante das cousas da vida e ainda mais, um estudante impregnado do espírito universitário que nos congrega a todos, nesta noite engalanada, no tópo desta suave colina barbalhense amorosamente enlaçada pela serpente verde dos nossos canaviais, dádiva do Salamanca àqueles que tiveram a ventura de virem ao mundo ou viverem no mundo ao som meloso das suas águas cascadeantes nas longas noites de enxurrada.

Foi, portanto, perfeitamente à vontade e eufórico que respondeu "sim" ao gentil convite das "Bandeirantes de Barbalha", para vir ao tradicional "Cetama Club" fazer esta humilde porém sincera e espontânea saudação aos universitários do Cariri, que, atendendo às clarinadas das suas lideranças, aqui acorreram de todos os rincões da nossa verde gleba, principalmente de Missão Velha que, num esforço hercúleo, constrói o seu futuro com o talento e a visão dos seus ilustres filhos, de Juazeiro do Norte, dinamo, oficina e templo do Nordeste, e de Crato, cérebro do Ceará e relicário onde a Pátria tem depositado alguns dos seus momentos mais heróicos e vários dos seus mais decantados feitos históricos!

Aqui viestes dos mais diferentes pontos do Cariri para emprestardes brilhantismo à promoção sem par das "Bandeirantes de Barbalha", em consonância com a valorosa classe universitária desta amada cidade que vos recebe a todos, vos acolhe, vos aconchega ao coração e vos saúda efusivamente através da palavra sincera e amiga do eterno universitário que sempre haverei de ser.

Quem vos fala, portanto, universitários do Cariri, é um de vós, apenas, mais velho e talvez por isto mesmo mais experiente. Quem vos dá as boas vindas à Barbalha e a este club, é um universitário que hoje cursa a portentosa universidade da vida e sendo mais velho do que vós outros, convida-vos a um momento de reflexão para que dele resultem, das forças vivas do vosso íntimo, uma inabalável decisão de defender em quaisquer circunstâncias a instituição da família, da sociedade e as tradições cristãs, culturais e ideológicas da Pátria estremecida que hoje, mais do que nunca, não pode prescindir do vosso idealismo e da vossa juventude, do vosso trabalho e da vossa boa vontade, da vossa inteligência e da vossa cultura, do vosso discernimento e da vossa lealdade e acima de tudo e por sobre tudo, do vosso nunca desmentido patriotismo!

Confio em vós, universitários do Cariri e por isto mesmo falo-vos com tanta franqueza! Sois, não há negar, a esperança moça desta região e talvez, quem sabe, dentre vós em dias próximos a Pátria venha recrutar os seus mais altos dirigentes!

Atentai bem, quão tremendas são as vossas responsabilidades!!!

"Não pergunteis, pois, o que a Pátria possa fazer por vós, o que juntos possais fazer pela grandeza da Nação".

"Os ideais fazem confiar nas próprias forças. A inércia em face da vida é covardia e a energia dos jovens cria a grandeza dos povos".

Diante vós nesta noite festiva, dois sentimentos me dominam: "Um é a alegria pelo que sois no presente com os eflúvios da vossa juventude; Outro é o respeito pelo que podeis ser no futuro". Sinto-vos como seiva sadia do organismo nacional que tanto carece do vosso civismo porque "os povos sem juventude não têm futuro".

O magnífico Reitor Fernando Leite, da Universidade Federal do Ceará, disse recentemente que "costuma estar com os universitários quando estes estão certos ou errados; quando estão certos, para aplaudí-los e quando estão errados, para orientá-los e corrigi-los como mestre e como pai". Pois bem, nesta hora festiva, eu faço minhas as vibrantes palavras de sua Magnificência, o Reitor Fernando Leite, que a Pátria, por inspiração do grande e inolvidável Presidente Castelo Branco, veio buscar no Cariri, nas várzeas férteis de Brejo Santo, para novos impulsos que o momento atual exige da nossa Universidade. Sois a levedura moral desta Nação! Levai, portanto, a bom termo a ingente missão que a Nacionalidade vos confiou como sentinelas indormidas das mais caras tradições e lutadores imbatíveis das suas conquistas e aspirações do futuro!

"Um braço vale por cem braços quando o move um cérebro ilustrado; um cérebro vale por cem cérebros quando o apoia um braço firme".

Aproveitai bem a vossa mocidade no serviço da Pátria e as vossas energias na causa do bem, porque já disse um pensador que "a mocidade é relâmpago ao pé da Eternidade!"

A vida é fugidia e breve são as horas. Aproveitai-as bem

O desenvolvimento da Pátria reclama o vosso concurso como um imperativo da nossa própria sobrevivência como povo.

#### UNIVERSITÁRIOS DO CARIRI!

Vivemos uma hora cruciante para todo o Universo que mais parece uma imensa fogueira a arder por todos os seus quadrantes.

A história da humanidade chegou a uma terrível encruzilhada e oferece à consideração do homem esta opção aterradora: sobreviver com a paz ou perecer num conflito atômico. Infelizmente os homens já não se entendem mais e a Organização das Nações Unidas, ONU, é uma Torre de Babel.

Os apelos do Santo Padre, o papa Paulo VI, em favor da paz universal não encontram eco na consciência dos povos e quanto mais ele roga em favor da concórdia, mais o mundo arde em conflitos armados na fogueira das ambições inscristíveis, mais se tri-

podia sôbre os escombros da Liberdade dos mais fracos e humildes, mais se avilta a Justiça, mais se enche a boca de Democracia para atraioá-la, mais se fala em Direito para deformá-lo, mais se proclama os direitos do homem para negá-los, mais se fala em povo para desprezá-lo!

Em síntese, a Torre de Babel não era menos confusa do que o mundo moderno e apesar dos pesares, o Brasil ainda é dos mais serenos recantos desta confusa Babel universal, cuja desarmonia degrada o ser humano, avilta a sua razão e o nivela aos irracionais pela brutalidade aterradora dos seus atos.

A humanidade caminha às cegas sem levar o mapa dos seus destinos. O homem, que nem sequer equacionou a maioria dos problemas que afligem a terra, busca o espaço sideral a procura de complicações, provocando do poeta jardirense Napcleão Neves da Luz aquela frase primorosa em forma de poesia moderna: "Oh homens da terra, deixai em paz, pelo menos a lua, para o sonho bom dos namorados!"

Meus jovens universitários!

Que no nosso Brasil nos esforcemos, portanto, pela manutenção da ordem que a "Revolução de 31 de Março" nos assegurou. pelo respeito às autoridades constituídas, para uma cada vez mais firme integração nacional que nos dê paz social e respeito ao ser humano feito à imagem e semelhança de Deus.

Que possamos fazer, pacificamente, as reformas indispensáveis à transformação da nossa arcaica e superada estrutura social em uma outra mais atualizada, onde "o pobre seja menos sofredor e o rico menos poderoso".

John Kennedy, glória humana que a maldade dos homens nos rcubou tão abruptamente, já dizia: "Se a sociedade moderna nada fizer pelos muitos que são pobres, jamais conseguirá salvar os poucos que são ricos."

Que a nossa filosofia de vida, ao longo da nossa efêmera passagem pelo mundo, se confunda com os postulados que Kennedy retratou tão bem neste lapidar pensamento e que, as sábias decisões do Concílio Ecumênico Vaticano II sejam a Bíblia da nossa conduta na sociedade, para que as palavras Paz, Direito, Justiça, Liberdade e Democracia tenham no Brasil o sentido exato que os dicionários lhes dão e jamais aquêle sentido deturpador da boca dos demagogos.

Que a nossa conduta cívica se resuma num nacionalismo autêntico porque podemos e devemos ser auto-suficiente até em ideologia, não havendo necessidade de importarmos nada, quer da direita quer da esquerda.

Em síntese: cumparamos o nosso dever, lembrados daquilo que certa vez disse o gênio incomensurável de Goethe: "quando o dever parece por demais pesado, pode-se aliviá-lo cumprindo-o com o maior escrúpulo."

Universitários do Cariri!

Podéria vos ter saudado de improviso, entretanto, intencionalmente, resolvi fazê-lo escrito porque senti que não deveria deixar fugir a oportunidade de vos fazer estas ponderações assim, documentadas, que são também um apêlo partido da voz alquebrada do nosso caboclo nordestino a quem temos o dever de proporcionar melhores dias e uma vida mais compatível com a dignidade humana, conscientes de que o desequilíbrio social engendra a violência e "a violência gera a violência porque só o amor constroi para a Eternidade".

Como médico do "Posto de Saúde" e do "Posto de Puericultura de Barbalha", sinto diariamente êste dramático apêlo nas barbas verminóticas das nossas crianças, na pele anemiada e terrosa do nosso homem do campo e no olhar sem o brilho da esperança da heróica mãe sertaneja, anônima no seu heroísmo de tôdas as horas e mesmo assim, celeiro de glórias humanas do Brasil do passado, do Brasil do presente e do Brasil do porvir.

O médico tem mais oportunidade de sentir estes desajustes sociais e econômicos e pela sua própria profissão é mais sensível ao apêlo dos injustiçados socialmente porque, na expressão do professor Anes Dias, "a Medicina é a mais bela das profissões: Bela, porque no seu exercício só o bem procuramos fazer; porque sublima os sentimentos do homem, fazendo-o melhor e mais humano.

Bela por ser uma luta sem trégua em prol da saúde, em prol da felicidade do doente e dos que lhe são caros; porque alivia os que sofrem e consola os aflitos. Bela porque transmuda o desespero em esperança sorridente. Bela porque aproxima o homem de Deus.

O médico é geralmente um homem feliz porque a melhor felicidade consiste em tornar os outros felizes. É ser feliz, poder reerguer o espírito que se debate nos transe do desespero; poder restituir a uma família em pranto a vida periclitante do seu chefe. É ser feliz ver brilhar no semblante do enfermo a centelha da esperança".

Por tudo isto o médico é mais sensível à dor do próximo e sinto em mim autoridade bastante para vos retratar o quadro desolador da saúde do nordestino do campo que carece do vosso apoio, quer sejais ou não universitários de Medicina.

Que o rosso empenho em mudar a face dêste estado de coisas desperte a mentalidade empreguista, corrupta e corruptora da maioria dos nossos carcomidos políticos, para que ouçam o apêlo que nos faz o Nordeste sub-desenvolvido, porque doem no ncsso íntimo de patriotas aquelas palavras de José Américo de Almeida, ferinas como lâtegos de fogo, ao sentenciar : "Há uma coisa mais triste do que se morrer de sede no deserto; é não se ter o que comer na terra de Canaan."

Universitários do Cariri !

Desenvolvimento é a palavra de ordem desta nova cruzada por um Brasil mais humano. Os conflitos internacionais ou mesmo individuais, resultam sempre de causas econômicas anônimas. Daí o Santo Padre, o papa Paulo VI, sentenciar na memorável encíclica "Populorum Progressio" : "Desenvolvimento é o novo sinônimo de Paz."

"Bandeirantes de Barbalha !" Bravos pelo vosso pioneirismo !

Universitários de Barbalha ! Parabéns vos dou pela vossa sadia iniciativa !

Universitários do Cariri ! Sêde benvindos à "terra dos canaviais !"

A noite é vossa, a festa é vossa, a alegria é vossa, o club é vosso, a cidade é vossa, como vossos também são a nossa admiração e os nossos mais ardentes aplausos !

Que daqui, desta sadia convivência e dêste conagraçamento salutar que a música suave das nossas fontes cristalinas transformará em hinos, saia mais firme a decisão de lutarmos por um Brasil mais feliz, mais próspero e mais autenticamente brasileiro e que esta decisão cresça no vosso íntimo como crescem nas nossas chapadas de areia os frondosos paudarcos, cujas raízes se firmam na terra mãe à medida que no espaço crescem as suas frondes.

Pois bem, que êste sadio propósito cresça a sua fronde nos recônditos do vosso íntimo e finque as suas raízes na consciência popular, para que no nosso sofrido Nordeste seja mais atualizado e mais verdadeiro do que alhures aquele milenar princípio bíblico que diz : "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade !!!"

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

*(Pronunciado no "Cetama Club" de Barbalha às 24 horas do dia 26 — 7 — 67, na "Festa dos UNIVERSITÁRIOS DO CARIRI")*

POEMA PARA UMA MOÇA QUE PODERIA SER PRINCESA...

Noite longa, quase eterna,  
os acordes musicais perdidos, os pares em dança,  
Ela alheia a tudo, no mundo de sua fantasia,  
Era como a gente visse uma princesa, desses cromos,  
dessas gravuras da família real inglesa.

Seu bonito nome é quase um poema de harmonia  
tem o M da Mãe de Cristo, e tem, também o lampejo  
longinquo, exótico, dos recantos do sertão do Cariri.

Seus olhos miúdos e vagos correm pela salão  
e se perdem na miragem da noite longa, quase eterna...

Me lembra ela, nesse vago cismar,  
nessa fuga, a realidade :

que seus sonhos estão presentes  
que seus devaneios se acastelam.

E a noite continua longa, quase eterna,  
a música viva se perdendo,  
a festa animada, a dança em fogo, o iê-iê-iê  
da mocidade em brasa.

Vive o seu mundo, único talvez,  
de sonhos pressentidos, de sua graça menina,  
de sua ternura infinda.  
A noite quase eterna, a longa noite  
da espera do sonho nunca chegado...

A manhã principiante, a ante-manhã,  
os rubores da madrugada morrendo, o dia que vem,  
a radiosa esperança do outro dia,  
sempre um outro dia...  
a espera sem fim, mas a felicidade morando  
em seus olhos miúdos e vivos, no seu sorriso  
esquecida, a alegria de viver,  
o nascer do amor que ela merece  
e que vem pelos caminhos do mundo,  
pelo correr dos tempos...

Seu nome, quem ela é? Uma princesa talvez,  
sertaneja do Ceará, bonita e ativa,  
serena e esperançosa,  
a espera do amor que vem pelos caminhos do mundo,  
pelo correr dos dias, pelo passar do tempo,  
ela que é uma promessa de esperança,  
um repouso para os olhos, um sonho bem sonhado,  
uma mulher bonita, enfim  
na noite eterna que se acabou...

ZÊYPSILONE



# Café CRATO

BOM ATÉ A ÚLTIMA GÔTA !

PURO ! SABOROSO ! AROMÁTICO !

CAFÉ CRATO

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS

TORREFAÇÃO

RUA SENADOR POMPEU

CRATO



CEARÁ

## *A Pernambucana*

Fundada em Crato em 20-9-1913

TELEFONE — 479

RUA DR. JOÃO PESSOA, 73

# OBSERVAÇÕES SÔBRE A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA DE ANTÔNIO NOBRE

JURANDY TEMÓTEO DE SOUSA

ANTÔNIO NOBRE, um dos três poetas lusos mais lidos no Brasil, neste século, começa a ser conhecido em nosso meio.

Sua curta existência, de pouco menos de 33 anos, foi marcada por uma atmosfera de depressão e pessimismo, manifestados logo nos primeiros anos. Coisa estranha e ainda não devidamente esclarecida, pois é sabido que êle teve a infância feliz e cheia de cuidados proporcionados pela sua família, dona de terras em Portugal, entre o Douro e o Minho e com fortes rendimentos no Brasil.

A qualquer indício de doença seus pais acudiam-no logo com fortificantes e mezinhas da época, não esquecendo de vesti-lo em roupas grossas e apropriadas para o clima frio da então acaanhada e triste cidade do Porto. O raquítico "miudo" sorveu os seus primeiros anos entre jogos, serões familiares, passeios campestres, banhos de mar e aulas nos colégios de padres :

E entrei para a escola, meu Deus ! quem me dera  
Nessa hora da vida !  
usava uma blusa, que linda que era !  
E tranças compridas . . .

Ao acnchêgo do lar, à noite, entre os seus, adormecia ouvindo, depois de agasalhado e bem alimentado, lendárias histórias contadas pela sua tia. Essa imagem da infância tornar-se-á imperecível :

Aqui sôbre estas águas cor de azeite,  
Cismo em meu lar, na paz que lá havia :  
Carlota, à noite, ia ver se eu dormia  
E vinha, de manhã, trazer-me leite.

E noutro trecho :

Ah pudesse eu voltar à minha infância !  
Lar adorado, em fumos, a distância,  
Ao pé de minha Irmã, vendo-a bordar :

Minha velha Aia! conta-me essa história  
Que principiava, tenho-a na memória,  
"Era uma vez..."

Ah deixem-me chorar!

Nesse ambiente de tranquilidade tudo fazia crer que aquela  
criança vivesse completamente feliz. Ele mesmo se retrata nessa  
época de fugidia felicidade:

E Antônio crescendo, sãozinho e perfeito,  
Feliz que vivia!

Ninguém suspeitava que naquela criaturinha de cinco anos,  
inesplicavelmente, já existisse a sensação consciente da dor:

E a Dor, que morava com êle no peito,  
Com êle crescia...

e da Morte:

Não quero ser fechado no caixão  
Porque tenho medo de abafar

Alberto de Serpa, um seu biógrafo, diz que muito cedo An-  
tônio Nobre começou a ver-se estendido numa eça e impressionava  
os pais e irmãos, ora fazendo recomendações para quando morresse  
o embrulharem em um cobertor por causa do frio que então e em  
breve o arrepiaria, ora legando os seus brinquedos, providentemente,  
como se a morte o esperasse na noite que ia chegando...

Desgostava-lhe a vida e, irremediavelmente, procurava fugir  
de si mesmo:

Já pressentia, menino estranho  
O que no Mundo cá o esperava  
E assim pedia, num dó tamanho  
Não no tirassem lá donde estava

Embora conduzindo êsses sentimentos, negativos pelo exagê-  
ro, "Anto" iniciou risonho e até festivo a sua juventude.

Em Leça, que serviu de cenário para seus poemas iniciais,  
ainda garoto, conheceu seus primeiros amores. Desde cedo começou  
os estudos literários tornando-se forte admirador de Shakespeare,  
Garrett e Byron, dos quais sofreu influências que marcaram a sua

vida. Posteriormente manifestou sua admiração por Raimundo Correia e Castro Alves a quem chegou mesmo a chamar de *o maior poeta brasileiro*.

Eram frequentes seus passeios pelos campos e montes próximos, aos barulhentos piqueniques e aos banhos de mar, cujas praias, já então visitadas por turistas estrangeiros, principalmente ingleses, tinham coloridos internacionais.

Nesse ambiente êle principiou os contatos espontâneos com os jovens da sua idade. Esse breve período de felicidade tornou-se indelével na sua memória. Anos depois, num dos poemas selecionados para o seu único livro publicado em vida, *S Ó*, êle registra:

Manuel, vamos por aí afora  
Lavar a alma, furtar beijos, colher flores,  
Por êsses doces, religiosos arredores  
Que vistos uma vez, ah! não se esquecem mais

Ali, na camaradagem do grupo, entre correrias, risos, banhos e beijos furtivos, escreveu poemetos ligeiramente eróticos, passados de mão em mão entre toda a turma:

Ao mesmo tempo, de uma frágua,  
nós os amigos, os rapazes,  
dado um sinal, caímos na água  
como uma chuva de lisases!  
No entanto as "girls", as meninas  
trêmulas nadam com receios  
tendo por boias pequeninas  
os pequeninos, alvos seios. . .

Para dar evasão ao seu irrequieto espírito de adolescente participou de incipientes movimentos literários locais onde redigiu, com seu íntimo amigo Eduardo Coimbra, em manuscrito, "TREMULANTE", uma pequena fôlha distribuída entre os amigos.

Seus versos aparecem pela primeira vez em público, através do pequeno órgão estudantil "JORNAL DE CALIOPE"; depois em "O CAMARIM".

Mas logo surgiram as incompreensões, os ataques, as inimizades. Seus poemas foram largamente criticados e ironizados pois, naquele ambiente acanhado e preso às velhas tradições clássicas era quase crime escrever versos como aqueles, desinibidos e livres de métricas, fugindo às formas já consagradas.

Chegaram mesmo a fundar publicações com o fim de depreciar e insultar o refinado "m'nino".

Já nesse tempo — esclarece Alberto de Serpa — certas exterioridades de requinte nos modos, no vestiário e na fala do poeta impressionavam desagradavelmente os literatos e os burgueses do Porto.

A morte dos seus dois jovens amigos e companheiros de movimentos literários, Eduardo Coimbra e Oliveira Macedo, sensibilizaram ainda mais Antônio Nobre, acordando nêle aquela insegurança, insatisfação, isolamento e quase nóje pela vida. E em plena juventude, fase em que os jovens sonham com a conquista do mundo e em que todos os ideais parecem realizáveis, escreve um dos seus mais belos sonetos, verdadeira confissão de desencanto :

Meus dias de rapaz, de adolescente,  
Abrem a boca a bocejar sombrios :  
Deslisam vagarosos, como os rios,  
Sucedem-se uns aos outros, igualmente

Nunca desperto de manhã, contente,  
Pálido sempre com os lábios frios,  
Oro, desfiando os meus rosários pios...  
Fôra melhor dormir, eternamente !

Mas não ter eu aspirações vivazes,  
E não ter, com têm os mais rapazes,  
Olhos boiando em sol, lábio vermelho !

Quero viver, eu sinto-o, mas não posso :  
E não sei, sendo assim enquanto moço,  
O que serei, então, depois de velho.

---

#### B I B L I O G R A F I A :

*CASCUDO, CAMARA* — Coleção NOSSOS CLASSICOS, Volume 41, Rio de Janeiro, AGIR EDITORA, 1959.

*SIMÕES, GASPARE* — Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX, Volume II, Lisboa, Edições Ática, 1948.

*NOBRE, ANTÔNIO* — S Ó, Porto, Livraria Tavares Martins 1950.

*NOBRE, ANTÔNIO* — DESPEDIDAS, Porto, (o irmão editou), 1902.

# DISCURSO

de

J. de Figueirêdo Filho

na

Academia Cearense de Letras

Não sou filho de grande centro cidadão, nem tão pouco, fui transplantado, com raízes e tudo, para a orla do oceano. Nasci e cresci ouvindo a canção nostálgica dos tangedores de bois, montados nas almonjarras dos engenhos de rapadura, diverti-me com o matraquear dos cacetes, no MA-NEIRO-PAU e puxei alfinim junto à bagaceira. Só não fiz foi beber cachaça, ao pé dos alambiques caririenses, com aquêlê aljofre fechado, tão ao gôsto dos cabras e de certa gente mais graúda de minha terra. Tomei banhos em nascentes e no Poço da Escada, de Crato. Sou impregnado das coisas do Cariri. Mas, sou cearense, da cabeça aos pés e orgulho-me disso. A limitada cultura intelectual que possuem, em parte, é bebida neste Ceará que tanto amo.

Comecei a aprender as primeiras letras, em escolas cratenses. Frequentei o Colégio Diocesano do Crato, quando funcionava no vetusto edifício do Seminário de S. José, fundado pela clarividência do primeiro bispo do Ceará — D. Luís Antônio dos Santos. Das melhores fases de minha vida, passei, como estudante, nesta capital, onde me formei em farmácia, na faculdade, então quase particular, mantida pela abnegação dos cirurgiões dentistas — Raimundo Gomes de Matos e coronel da polícia militar — Sá Roriz.

Retornei à terra natal e fiquei. Passei a trabalhar com meu pai — José Alves de Figueirêdo, na Farmácia Central. Dediquei-me também ao magistério e ao jornalismo, exclusivamente em defesa da zona. Não amealhei fortuna. Trabalhei tanto pela gleba, como para mim próprio e a família. Mostrei minha terra, tal qual é, ao meu modo, ao Brasil todo, de norte a sul, através de revistas, de circulação nacional, jornais e livros. Aglutinei outros elementos humanos, em tórno dessas atividades, em sociedades e publicações, todos êles voltados, quase exclusivamente, para o Cariri.

Essas qualidades, de minha estrita obrigação e a bondade dos ilustres membros desta Academia, justo orgulho da inteligência do Ceará, conduziram-me a um lugar, nesta Casa. Minha maior satisfação, em encontrar-me aqui, é a de reconhecer, já no descambar da existência, que conto com bons e leais amigos que, espontaneamente, me elegeram sem qualquer interferência de minha parte, para posição tão elevada, no mundo das letras.

Não se assustem. Falarei pouco em torno de mim mesmo. Apenas farei rápido relato das raízes de minha candidatura a esta Academia que representa quase toda a história literária do Ceará, tão pródigo em valores intelectuais.

A primeiro de Abril, do ano passado, aproveitando vinda a esta capital, para a posse do novo Reitor da Universidade Federal — Professor Fernando Leite, meu antigo colega do Colégio Diocesano do Crato, da primeira fase, resolvi promover tarde de autógrafos de meu recém-publicado livro — FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES. Isso aconteceu na LIVRARIA RENASCENÇA, do amigo Luís de Carvalho Maia.

Às 17 horas, a livraria estava a fervilhar de gente. O elemento predominante era o intelectual. A parte mercantil não se apresentava bastante compensadora. As ofertas espontâneas de livros predominariam para gáudio do autor, em detrimento das vendas, com prejuízo natural da livraria e da editora. Para mim se constituiu das reuniões mais afetivas que já tive, em minha homenagem, embora quase sem divulgação na imprensa, rádio e televisão. Fui saudado pelo conterrâneo — Prof. José Denizard Macêdo de Alcântara. Falou pelo coração. Recordou sua infância em Crato, nas tradicionais brincadeiras de criança, relembrou os brejos, com seus canaviais sempre verdejantes. Falou nas escolas antigas, no Seminário, Colégio Diocesano e mil outras reminiscências. Respondi-lhe igualmente pelo lado sentimental. Disse, com ênfase, que meu programa se baseava todo na luta pela valorização do interior.

Apesar de reunião em casa comercial cheia, com outros freguêses, alheios ao assunto, o ambiente se tornara silencioso. Olhei em torno de mim. O meio transpirava simpatia. A frase, em que propugnava pela valorização do interior, fôra recebida com aplausos. Perdoem-me a vaidade. Senti que conquistara a praça, pelo coração. Escitores, poetas, jornalistas, aprovavam-me sorridentes.

Estamos vivendo a época, quando o interior começa a despertar a atenção de todos. Tomei parte no IV SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA DE PÔRTO ALEGRE, de Setembro do ano transato. Ao ler a minha comunicação — SOBREVIVÊNCIA PORTUGUESA NO CARIRI CEARENSE, pude constatar que o tema, de caráter regional, despertara a atenção de muitos. A mesa, a que fazia refeições, no restaurante universitário, passou a ser frequentada por vários simposistas, à cata de in-



formações do Cariri. Fui incluído na chapa e eleito membro do Conselho Consultivo da Associação de Professores Universitários de História. Todas as publicações que levava de Crato foram disputadas, daí por diante, com verdadeiro interesse.

Em Julho do ano que passou, achava-me, de férias, em Recife, quando em certo dia, tive a satisfação de receber carta do amigo — General Raimundo Teles Pinheiro. Li imediatamente e tive a surpresa de saber que meu nome estava em cogitações para substituir, na Academia Cearense de Letras, a vaga deixada com a morte do conhecido escritor Dolor Barreira. Já sabia, pelos jornais pernambucanos, que aquêlê culto homem de letras falecera, em fins de Junho. Na Academia Pernambucana de Letras, que eu sempre frequentei, quando estou ali, na qualidade de sócio correspondente, o desaparecimento do apreciado literato e jurista conterrâneo, foi comentado, com sentimento de pesar.

Naquêlê mês, recebi alguns exemplares do' 11.º número de "ITAYTERA", que eu deixara, em Crato, em vias de conclusão. João Lindemberg de Aquino acrescentara nota, na última página, dizendo que, em Fortaleza, havia intenso movimento a candidatar-me à Academia.

Ao retornar a Crato, pude verificar que a notícia corria de boca em boca, veiculada pela imprensa falada e escrita. De vez em quando, sabia que, dentro da Academia, os bons amigos se movimentavam, bem ativos. Fora dela, contava com prestigiosos e ardorosos partidários. Padre Azarias Sobreira, meu antigo mestre no Colégio Diocesano do Crato, General Raimundo Teles Pinheiro, Francisco S. Nascimento, Luís de Carvalho Maia. Cap. Otacílio Anselmo e Silva multiplicavam-se em atividades. O Reitor Antônio Martins Filho confessou-me, antes da eleição, que, com uma equipe daquela, poderia eu meter-me em qualquer parte, sem medo de derrota.

Inscrivi-me como candidato e tive parecer favorável, firmado por duas figuras exponenciais desta Casa — Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Reitor Antônio Martins Filho.

Repetiam-se as espontâneas cartas de adesão, até de acadêmicos que residiam fora do Estado. Mesmo assim, não tomei qualquer atitude de vencedor fora do tempo. Aguardei o resultado da urna. O pleito ocorreria a 10 de Novembro. Infelizmente, na data anterior, o Ceará perdera de seus vultos intelectuais mais eminentes e a Academia enlutara-se com a morte do seu presidente de honra — Tomás Pompeu Sobrinho — A eleição, com justo motivo, transferira-se para 20 do mesmo mês.

Esperei o resultado da sessão pelo jornal matutino, do dia seguinte, da "Ceará Rádio Club". Noticiou apenas reunião normal, sem tocar em eleição. Fiquei um tanto ou quanto desconfiado, com a vaidade meio ofendida. Todos nós temos quinhão dêsse sentimento de amor próprio. Na realidade, é que muitos sabem combatê-lo, em tempo relativamente curto.

Estava eu a antever a possibilidade de derrota, ou de outro adiamento do pleito, quando estafeta do correio me entregou chusma de telegramas. Antes de abri-los, adivinhei a vitória que me alegrou, mas não me envaideceu, a ponto de ofuscor-me.

Fiquei satisfeito em saber que nada tendo a ofertar, criara boas amizades e justamente no ambiente mais culto de Fortaleza.

Daquele momento em diante, compreendi a responsabilidade que caía sobre meus fracos ombros. Iria substituir dos maiores valores da inteligência cearense. Nova fase de trabalho surgiria para mim, até a posse. Nesta capital, dois ótimos amigos — Maria da Conceição Sousa, dedicadíssima à memória de Dolor Barreira e eficiente colaboradora de seu trabalho e Francisco S. Nascimento, preparados para meu triunfo e seus forjadores, enviaram-me, com a pressa possível, pela Varig, valioso e farto material sobre meu antecessor.

Possei a ler, cuidadosamente, a grandiosa e multiforme obra daquele eminente filho do Ceará, que eu iria substituir. Embrenhei-me até em assuntos jurídicos e cada vez que penetrava naquele admirável ambiente de luz, pleno de arte e ciência, mais ficava fascinado. Senti, outrossim, que estava diante de imenso coração, adornado de todas as virtudes que caracterizam o bom cearense da zona jaguaribana, onde nascera, em Cachoeira, hoje Salanópolis, a 13 de abril de 1893.

Anteriormente, dêle lêra apenas o primeiro e o terceiro volumes da "HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE". Quando enviei a petição para inscrever-me, nesta Academia, desconfiado dos meus próprios méritos, não me aproximara mais de qualquer trabalho de meu ilustrado antecessor, guardando a decisão da urna.

Depois, tive de encarar a realidade, frente a frente. Como iniciar?

Conheço parte da zona jaguaribana onde êle nascera. Testemunhei a vida cotidiana daquelas ribeiras. Na mente, reconstitui a infância de Dolor Barreira, como a de qualquer outra criança jaguaribana, em contacto com o sertão áspero, em época de seca, ou transformado em perene paraíso, quando os chuvas encham o rio, riachos e fazem transbordar os açudes. Dolor não deixou de armar-se de bdoque, a atirar em passarinhos ou de anzo!, a pescar traíras e curimatons, em poços ou água corrente. Trepava-se em oiticicas, pau-darco ou timbaúbas, com essa desenvoltura próprio do menino sertanejo.

Mas, a escola foi que lhe deu os primeiros contatos com as letras que seriam, mais adiante, a razão principal de sua vida. Cantou, à maneira da criança de então, o BÊ-A-BA, sentado em bancos, com os outros, a balancearem as pernas, em verdadeira cadência. Tomou parte em argumentos de tabuada, levando bolos de palmatórias, quando, por ventura, errasse. Tudo isso, sob o ar maternal e vigilante da professora Dona Dorinha.

A vida do sertão para um menino é Éden perene, com banhos prolongados no rio, ou em poços que ficam após o inverno, aos mergulhos, pulos e canga-pés, com os companheiros. A vidinha mudou. Transferiu-se para a serra do Estevão a continuar estudo mais sério. O clima amenizou com o ar puro da elevada altitude. A disciplina dos educadores alemães não poderia dar-lhe a liberdade que desfrutava às margens do Jaguaribe, em sua terra. A vida se tornou outra, mas não desgostou o jovem estudante. Estava marcada sua vocação. Dedicou-se ao estudo de corpo e alma. A disciplina teutônica, bem orientada, é importantíssima. Até no comércio é assim. Em minha terra há movimentada casa, com mais de cinquenta anos — A PERNAMBUCANA. Sempre foi dirigida por métodos germânicos e visitada por fiscais originários da Alemanha. Constituiu-se em ótima escola de comerciantes. Seus antigos empregados tornaram-se bons dirigentes de firmas comerciais, não só no Cariri, como em todo êsse imenso Brasil.

Em cima da serra, os horizontes de Dolor Barreira foram se alargando. Criou gosto pelas lêtras, fundando com alguns colegas, grêmios literários. O bom clima serrano deve ter-lhe feito bem à saúde. Alicerçou assim o corpo e o espírito, no Colégio S. José, para entrentar a luta com que se depararia, na capital cearense, para onde se mudaria depois.

Matriculou-se no tradicional Liceu do Ceará, educandário oficial, em que o civismo se aliava à instrução, a cargo de mestres abalisados. A sua vocação literária alçaria vôo, daí por diante.

Suas primeiras manifestações, na imprensa, marcaram-lhe a luta pelas nobres causas e o repúdio à mentira e aos êrros de todos os quilates. O cheiro de tragédia pairava sôbre o mundo, nas vésperas da primeira confagração universal. O Ceará fôra sacudido por embates terríveis, filhos da politicagem sem freio, com o entrechoque entre Franco Rabelo, ídolo de Dolor Barreira, a quem, chamara, certa vez de "meu jovem Mirabeau", e a onipotente oligarquia Nogueira Acioli. Pinheiro Machado movimentava as marionetes, nos bastidores da política nacional. Depois, armou Juazeiro contra o rabelismo, para findar sacudindo fora o Dr. Flaro e seus partidários.

Naquela época anuviada, o moço acadêmico Dolor Barreira escreveu, com pinceladas de fogo, A TORPEZA DA TRAIÇÃO, em "FENIX", publicação da Fenix Caixeiral. Vejamos trecho daquele trabalho que saiu como artigo de fundo :

**"TRAIÇÃO — Eis o mais abominável dos vícios, o mais degradante dos males que enchem a terrível e mortífera caixa de Pândora.**

**TRAIÇÃO — É à sua sombra malfazeja, que se realizam os tráficos mais ignóbeis e se praticam os mais indecorosos atentados contra a honra, a moral, a humanidade e a natureza".**

Foi escrito em 1914. Tanto na política nacional, como nos embates diplomáticos internacionais, o clima natural da época era de traição e deve ter muito ferido a sensibilidade do jovem acadêmico jaguaribano, que fôra rebelista ardoroso.

Em 1911, mesmo antes de formar-se, casou-se com Dona Maria José Turbay Barreira que lhe deu numerosa prole, hoje tôda bem encaminhada na vida, mercê de aprimorada educação doméstica. Perdeu a espôsa, em 1960.

Terminou êle o curso jurídico, em 1914, nesta capital. Tentou esquecer as letras para dedicar-se exclusivamente à carreira que abraçou, com tanto entusiasmo. Mas, o direito não é incompatível com a literatura. Os melhores escritores do Brasil, em sua maioria, foram forjados na atmosfera dos cursos jurídicos, nos escritórios de advogados, ou na magistratura. Os próprios trabalhos de Dolor Barreira eram calcados em belo estilo literário.

Dedico-me a outra profissão. Li tôdas as monografias de cunho jurídico, que Maria da Conceição Sousa me enviou, com inteiro agrado, como se fôsem crônicas leves de jornal, ou critica da inexcedível HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE.

Não posso fazer estudo minucioso da extensa e útil produção intelectual do meu antecesor, na Academia Cearense de Letras. Faria volume de centenas de páginas que eu não aguentaria ler, nem tão pouco os aqui presentes suportariam ouvir.

Dos discursos mais bem feitos de Dolor e dos mais completos, foi o que pronunciou na recepção de Leonardo Mota, nessa Casa, em memorável sessão de 1938. E' oração primorosa, digna do homenageado, com simplicidade de linguagem, na qual o orador retrata a própria modéstia, ainda no intróito :

*"A mim mesmo em verdade, é que cabia receber-vos ao vosso ingresso à Academia Cearense de Letras. Eu que não outro é que haveria de dar-vos as mãos ao penetrardes os umbrais do augusto sodalício, onde, em contraste com meu humilde nome — um de seus inexpressivos componentes — rebrilham e refulgem, na mais esplêndida das constelações, os nomes por excelência representativos da intelectualidade da terra de Alencar.*

Não que sobreexcesse aos seus confrades em valimento, que não tenho, e a que não aspiro, pois, — repetindo a frase desenganada de José Bonifácio, o Moço — "nada sou, nem nada quero ser". Não que, nos domínios do pensamento, houvesse semelhança de vocações, ou atrações por parte de nós dois, pelas mesmas idéias.

Muito ao invés, o nosso destino espiritual rumou, em todos os tempos, por direções opostas, indo eu para o direito, para o fôro, para a cátedra; vós para a beletrística, para a ovatória, para o folclôre. Nada disso”.

Havia, porém, muita identidade entre os dois. Ambos foram contemporâneos no Colégio de São José, na serra do Estevão. Formavam na mesma rodinha e iniciaram-se como oradores e cultores das letras, em grêmios literários, começando a escalada luminosa do futuro. Tornaram-se dos maiores escritores cearenses, cada qual em seu respectivo sector.

Residindo eu em cidade cearense, visitando Fortaleza, de quando em quando, não tive o prazer de conhecer pessoalmente o meu inteligente antecessor. Conheci bem a sua alma de escol, que deixa transparecer, com tôda a pureza, nos seus belos conceitos e no harmonioso estilo.

Mesmo a descrever a vida no Colégio de S. José, deixa antever o homem que haveria de ser, em futuro próximo, ao lado daquele colega inseparável, que, igualmente, possuiu outro imenso coração, guiado por inteligência de primeira.

Aquêlê discurso é cheio de evocações :

“Haveis de lembrar-vos, ainda, e o vosso discurso, palpitante o indica — das tertúlias do “RECREIO LITERÁRIO”, que as golas e vibrações a vossa palavra tornavam, sempre empolgantes; onde uma noite José Paracampos, hoje renomado pediatra, se fêz ouvir, numa eloqüente conferência sôbre Castro Alves, entremeada, do começo ao fim, de versos candentes do Poeta dos Escravos, expressão suprema dessa beleza indefinível, ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta : comove-se, quando não ajoelha : É BELA, PERCHÉ É BELA...” E assim por diante.

A oração de Dolor Barreira é repleta de saudade da vida cotidiano do internato, na serra do Estevão, onde se preparavam os cidadãos de amanhã. Relembra também José Paracampos.

As academias, os institutos, as assembléias se forjam nos grêmios e tertúlias. Tivemos nosso grupinho de intelectuais-mirins, no antigo Colégio Diocesano do Crato.

A fim de quebrar um pouco o monotonia deste trabalho, narrarei caso, um tanto ou quanto jocoso, acontecido com o nosso grupo, naquele educandário cratense. Fundamos agremiação e o jornalzinho, impresso em tipografia — “O BANDEIRANTE”, isso, há cincoenta anos. Por ser filho do poeta mais conhecido na cidade — José Alves de Figueiredo, estreei, na imprensa, com horroroso sonêto, por cima de tudo, em acróstico, para mais forçá-lo.

Passei a ser espécie de líder, até em assuntos poéticos, naturalmente por pretensa herança paterna. Em certo dia, no recreio, o colega Miguel Inácio de Figueiredo, hoje residindo em Recife, apresentou-me soneto à minha crítica, dizendo-me ser de sua autoria. Com ar dogmático, apontei-lhe mil defeitos. Grupo de colegas assistentes, aproximando-se mais de mim, mostrou-me tal soneto, em livro de autoria de Olavo Bilac. Foi gargalhado geral. Não soube onde metesse a cara de tão encabulado. Definitivamente, arrebentei minha enferrujada lira, feita de folhas de flandres.

O discurso a Leonardo Mota não é somente o elogio ao folclorista e escritor, como, igualmente, bela lição de literatura nacional ou mesmo de outro país. Mas, o tempo tem poder ditatorial. Tenho de prosseguir, abordando outras facetas da movimentada vida de Dolor Barreira, consagração à cultura.

Chegou a vez de tocar em biografado do campo jurídico. E' dos maiores do Brasil, ou da América Latina, justo orgulho deste dádioso e imoiredouro Ceará. Trata-se de Clovis Bevilacqua.

Três discursos pronunciou êle, enfiados em livro, sob o título "CLOVIS BEVILAQUA E OUTROS TRABALHOS", editado em 1956, pela Universidade do Ceará. Um, em presença do grande vulto do Direito, no Teatro José de Alencor, a 14 de Janeiro de 1935 e outro, por ocasião da conclusão da obra de DIREITO CIVIL, daquele conhecido jurisconsulto. O terceiro foi mais solene, comovente, evocativo, na sessão fúnebre pelo desaparecimento do Mestre, em 1945. O orador falou com inteiro sentimento de pesar. Traduziu bem tôda a dor que o Ceará sentia pela morte do filho ilustre, que tanto soube honrá-lo no País e no mundo. E' oração de um mestre dirigida à memória do mestre máximo do Direito, após ter êste cumprido sua nobilitante missão, na terra, deixando-lhe obra que jamais lhe acompanhará o túmulo.

É verdade que o tempo do individualismo exclusivista está a passar. O Direito está fadado a acompanhar essa evolução. O coletivismo e o estatismo ganham terreno aceleradamente, porém, mais cedo ou mais tarde, provocarão o cansaço universal. O meio termo acabará por triunfar, como geralmente tem acontecido, em todos os tempos, após o constante ruminar do bom senso dos povos. Homens, a exemplo de Clovis Bevilacqua, jamais serão olvidados, pela perenidade de sua portentosa obra.

Meu culto antecessor, em determinado ponto de sua comovente oração, disse:

**"Com Clovis Bevilacqua morre o maior dos brasileiros. O maior, pela extensão, consistência e universalidade dos conhecimentos, pelo vigor e segurança da cultura, pelo aprumo, amplitude, energia conceituosa das idéias. O maior por êsse aglomerado de virtudes que estarrecem e maravilham o século utilitarista e estardalhaçante em que vivemos, e que não invejariam as dos grandes varões da antiguidade: Sócrates, Diógenes, Zenon e Cotão. O maior, pela grandiosidade, proficiência e utilidade da obra filosófica, so-**

ciológica e jurídica, que tão generosamente liberalizou a seu país e que a solidez da estrutura, a harmonia dos princípios, a coerência de uma inabalável sistemática tão singular e indestrutivelmente entrosam."

Em traços ligeiros, vimos, impecável, o perfil de Clovis Bevilacqua

Dolor Barreira, inigualável intérprete do Direito, compreendeu, com argúcia, o espírito do imperecível autor do CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO. Outros, peçantes, simples demagogos, à cata de publicidade, tentaram até denegrir-lhe os méritos, por ocasião das comemorações nacionais de seu centenário. O Brasil em péso os repeliu com veemência. O mérito é sempre odiado pela inveja. Qual o grande vulto da humanidade que não teve inimigos? E continuam pelos tempos afora, quando a morte material, de há muito já tenha levado aquêles que pretendem atingir com a peçonha da calúnia. Inconscientemente, porém, contribuem mais para a imortalidade, dêles, uma vez que provocam sempre onda audaz de defensores. As setas, embebidas no curare da inveja, voltam-se frequentemente para o atirador. O silêncio, sim, é que se transforma de efeito inteiramente deletério para as figuras proeminentes, de deslumbramento momentâneo, sem raízes em sólidos alicerces.

Dolor Barreira, cultor apaixonado da ciência do Direito, foi dos maiores admiradores de Clovis Bevilacqua. Almas afins, compreendiam-se perfeitamente. Meu culto antecessor não se formou para ter diploma de Bacharel, ou trazer rubi a luzir-lhe no dedo. Advogado que mereceu a confiança absoluta de vasto círculo de clientes, foi sempre vencedor nos tribunais.

Tomemos contacto com trabalho de Maria da Conceição Sousa, a sair no 12.º número de "ITAYTERA":

"Convém salientar que foi a unanimidade de votos da Congregação da Faculdade de Direito, em sessão de 21 de Janeiro de 1961, que o elevou ao posto de Diretor daquela casa de ensino jurídico.

Entrou no magistério superior a 1.º de Janeiro de 1917, mediante concurso no qual obteve média final 10, defendendo o tese — INVESTIGAÇÃO DA MATERNIDADE ILEGÍTIMA.

Compulsoriamente apontado foi alvo de enternecedoras manifestações de carinho por parte dos corpos docente, discente e administrativo da Faculdade de Direito, levando a Cruz Filho — grande poeta e não menor estilista — a assim se pronunciar: "Forçoso é que o corpo de funcionários manifeste o seu íntimo sentir, ao receber a despedida do preclaro diretor, cuja passagem, como Professor Catedrático, pelos salões desta faculdade, foi o itinerário de um astro de primeira grandeza, cujo clarão abriu caminho certo a sucessivas turmas de discípulos que se beneficiaram das irradiações do seu saber, na Cátedra de Direito Civil, na qual se constituiu luminar".

O Ceará, a terra clássica das crises climáticas das sêcas, é fertilíssimo em produzir cerebrações pujantes, que fazem o orgulho do Brasil.



a derramem-se também pelo exterior. Capistrano de Abreu, Clovis Bevilacqua, Farias Brito, o paisagista Vicente Leite, Juvenal Galeno, Alberto Nepomuceno, mostram bem isso.

O antigo postulado que reza: povo rico tem literatura mais opulenta, passou a ser radicalmente desmentido em plagas cearenses.

À página 54 do primeiro volume da "HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE", meu ilustre antecessor, com base segura, após várias considerações, conclui:

**"Todavia, o que se nota no Ceará, é precisamente o contrário: quanto possível — e dada a relatividade das coisas a nossa vida espiritual tem sido intensa e fecunda e tem sido surpreendentemente fecunda e intensa a nossa atividade nas letras.**

**A POBREZA ECONÔMICA ESTÁ EM CONTRASTE COM A RIQUEZA INTELECTUAL DE NOSSA TERRA, — diz-nos com prioridade e justiça Antônio Sales."**

Dolor Barreira, naquele primeiro volume da HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, passa revista geral nas sociedades literárias, grêmios acadêmicos, que surgiram, em Fortaleza, desde os OUTEIROS, do Governador Sampaio. Não chegou a mencionar o movimento de letras, que já desportava nas vilas mais adiantadas do sul cearense. Compreende-se bem isso, dado o afastamento quase total do sertão de sua metrópole. Esta, em seus primeiros tempos de existência, crescia também a passos de côgado.

Em Jarim, perdido nos confins do Cariri, medrou movimento literário bastante animador, com sociedades, periódicos, educadores e escritores. Estes tiveram de emigrar para outros pontos do país. Foi cognominado, em meados do século passado — ATENAS DO CARIRI.

Em Crato, com a fundação do Seminário de S. José, em 1875 e a proliferação de periódicos, desde 1855, com a criação de "O ARARIPE", dirigido pelo conhecido jornalista João Brígido dos Santos, houve despertar promissor no campo das letras. Tivemos réplica da PADARIA ESPIRITUAL, desta cidade, com o CLUBE ROMEIROS DO PORVIR, além de múltiplos grêmios literários.

Soriano de Albuquerque entrou no Ceará, pelo Crato e Barbalha, fundando jornais, congregações, educandários e criando teatro, com elementos de casa.

Voltemos ao nosso brilhante homenageado.

Em sua ciclópica HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, ter-se-ia referido êle a escritores, ou movimentos literários do Vale Cariiriense?

Respondo pela negativa.

Tal silêncio seria pecado imperdoável de Dolor Barreira?

Não, — é a minha segunda resposta.

O Brasil, há bem pouco, girava inteiramente em torno de suas capitais. A gente do Cariri, por culpa própria, vivia encastelada em seu

rincão, debaixo de árvores frondosas, contemplando suas fontes a jorrarem, delas tirando o proveito para os extensos canaviais e fruteiras. Esquecio os problemas da terra, não vendo nem a pobreza em redor de si. Embevecia-se com o cantar dolente dos tangedores de bois. A majestosa chapada do Araripe, como que lhe limitava a visão de horizontes mais amplos. Quando alguém fugia desse sortilégio, para o litoral, ou para o legendário encantamento da Amazônia, não voltava mais.

Só a politicagem desenfreada ligava o Cariri à metrópole, através de chefes partidários, cada qual mais egoísta e prepotentes.

Quais as notícias que os correspondentes de jornais, no Cariri, enviaram para a imprensa desta capital? Só notas e intrigas políticas, cangaços ou artigos desaforados contra desafetos. De tais assuntos, o que se poderia extrair para as letras do Ceará?

No entanto, em Crato, Jardim, Barbalha, Juazeiro, já existia grupo de intelectuais, em formação, com poetas, articulistas, oradores, escritores, agindo em sociedades literárias, seminários, embora fechados no semi-círculo formado pela serra do Araripe, a limitar-lhe o micro-cosmo.

Chef, educandários, via-férrea, rodovias, rádios-emissoras, avião, arrancaram o Vale Caririense desse natural insulamento. E o importante trecho do Nordeste, encravado justamente em seu centro geográfico, começou a aparecer, tão pujante em inteligência, quanto pujante é sua primorosa natureza.

Dolor Barreira, na HISTÓRIA LITERÁRIA CEARENSE, foi minucioso e carinhoso até, em enumerar e enaltecer os representantes das letras caririenses, que atuaram ou ainda atuam na bela capital do Ceará.

Não me recordo da fonte pessoal que me informou, mas, ao conhecer êle exemplar da revista cratense — "ITAYTERA" ficou bastante impressionado com a cultura intelectual de minha terra. Prometeu referir-se à mesma, com a atenção devida, em futuro trabalho. A morte, infelizmente, não o consentiu.

No estudo que fez da primeira fase da Academia, aparece o cratense Alcântara Bilhar, dos pioneiros intelectuais da terra alencarina. Caririenses despontam, de quando em quando, em sua monumental — HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE. Enumeremos: Padre Misael Gomes, Raimundo de Monte Arraes, Pe. Joaquim de Alencar Peixoto, José Marrocos, Manuel Monteiro, Cursino Belém, Alvaro Bomilcar, Leite Maranhão, Barbosa de Freitas, Pe. Ulisses Penafort, Artur Bomilcar, Almir Madeira, Paulo Elpídio de Menezes, José Carvalho, Joaquim Alves, Fran Martins, Antônio Martins Filho.

Ninguém estudou, com mais minúcia, a biografia do jornalista, filho de Crato — Manuel Monteiro, do que meu antecessor nesta Casa. Em minha terra passou aquêlê intelectual como verdadeiro meteoro. Ausentou-se cedo, a fim de estudar noutras plagas, dispondo dos cofres recheados de seu

genitor. Por incrível que pareça, Manuel Monteiro começou a vida jornalística, na França, em "PARIS-SOIR". Acompanhava seu pai — José Rodrigues Monteiro, no tratamento de saúde que fazia então, na capital francesa, quando teve a oportunidade de estreiar na imprensa, em lingua que sabia escrever tão bem, quanto em português.

Meu culto e arguto antecessor traçou-lhe biografia, quase completa. Muito do que afirmou, no quarto volume de HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, é desconhecido em Crato.

Demorar-me-ei algum momento em tórno de Manuel Monteiro. É escolha que faço, à guisa de *test*, na multidão de biografados de Dolor Barreira. Conheci-o pessoalmente e nêlo falo no desprezioso livro de minha autoria — MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA.

Conversador admirável, prendia a roda da botica de meu pai, no período áureo dos freqüentadores habituais — Dr. José Furtado Filho, Irineu Pinheiro e outros. Filho do único milionário da terra, estava sempre a passear, por aí afora. Com dados de Dolor Barreira, repetirei alguns fatos da vida de Manuel Monteiro, que eu revi depois, já misantropo, sem sair de casa.

"Fêz o curso primário em Crato, com o Prof. José Marrocos e tirou preparatórios no então Liceu do Ceará.

Em 1911, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro, já sendo formado em farmácia, desde 1907, quando deixou o segundo ano de Medicina em que estava matriculado.

Releva consignar que Manuel Monteiro também freqüentou o Seminário do Rio Comprido, onde fêz até o 2.º ano teológico tendo igualmente frequentado o Seminário de Diamantina que logo abandonou na certeza de lhe faltar vocação para a carreira sacerdotal".

Após enaltecer-lhe a luminosa trajetória de jornalista, tanto no Rio, como no Ceará, Dolor Barreira passa a fazer a crítica do homem de letras. Diz em certo momento:

"Manuel Monteiro é lídimo homem de letras, servido por aguda e exuberante inteligência, com um dom de escrever raro entre nós."

Cita-lhe várias poesias, quase tôdas ignoradas na terra natal, como foram OS PENSAMENTOS, do mesmo comentário. Conheçamos alguns dêles:

"Estar bem é pouca cousa, estar melhor é tudo. Quem se contenta com estar bem?"

"Cousa terrível é conversar com um indivíduo que só entende de uma cousa, quando justamente é aquela de que não entendemos nada."

"O otimismo é bom para certos casos e o pessimismo para outros. A vida é cousa tão complicada que a gente, para atravessá-la, deve munir-se de várias sabedorias."

Transcreve Dolor Barreira artigos de Manuel Monteiro, do "CORREIO DO CEARÁ", ao tempo da primeira guerra mundial, quando Rui Barbosa e Medeiros e Albuquerque promoviam intensa campanha para o Brasil entrar na conflagração, ao lado das potências aliadas. O articulista tornou-se visceralmente contra a propaganda belicosa dos dois eminentes intelectuais brasileiros, que recebiam, então, os aplausos patrióticos de todo o país. Manuel Monteiro deu a entender que, por detrás daquilo tudo, andavam altos interesses internacionais, a manobrar nos bastidores diplomáticos. Manuel Monteiro foi tido como anti-patriota e até insultado pessoalmente. Hoje, seus artigos, escritos há tantos anos, têm o sabor de atualíssimos. Tocou em tecla que é pública e notória nos momentos presentes e que igualmente não constituíam inverdades, entre os anos de 1914 a 1918.

A respeito de nosso outro conterrâneo Álvaro Bomilcar, outra figura de projeção, Dolor Barreira é pródigo em particularidades daquela trepidante vida, pelo Brasil afora, e na reprodução de suas produções literárias, que pouca gente sabe, mesmo entre seus parentes de Crato.

O Padre Antônio Tomás, dos maiores sonetistas da língua portuguesa, tentou isolar-se do mundo, em Acaraú, dentro de modéstia exagerada. Nunca permitiu que se reunissem suas maviolas poesias, em livro qualquer. Dolor Barreira conseguiu reproduzir os seus principais sonetos e tecer-lhe expressiva biografia, na excelente HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, tantas vezes já citada. Meu antecessor e a sobrinha do poeta-sacerdote — Dona Dinorá Ramos reuniram muitos daqueles apreciados versos em publicações que assim, cada dia mais, se irradiam em todos os recantos onde se fala o português.

Ocupava Dolor a cadeira que agora me cabe, tendo como patrono o seu tio materno — Samuel Felipe de Sousa Uchôa. Nasceu também no sertão jaguaribano. Não foi apenas o orador que pronunciou o discurso de inauguração da via férrea, nesta capital, conforme é conhecido, através de rápidas notas biográficas, em diversas publicações. É dos reais valores cearense, esquecidos, dos quais nos fala seu sobrinho, embora Fortaleza o haja homenageado com o nome de uma rua. Nasceu na Fazenda Nova, em Jaguaribe Mirim, de conformidade com o que esclarece Dolor, não, em Riacho do Sangue, registrado, por engano de fonte, pelo inolvidável historiógrafo Barão de Studart.

Samuel Uchôa não foi figura apogada no cenário das letras. Em seu tempo, projetou-se em diversas facetas da inteligência. Quem melhor o biografou foi Dolor Barreira. Em Maio de 1944, na revista fortalezense "VALOR", dirigida pelo dinamismo de Antônio Martins Filho, o futuro criador da Universidade do Ceará, publicou oportuno artigo enaltecendo o vulto proeminente de seu tio, que o Ceará parecia esquecer. Abreei-me dessa fonte cristalina para melhor conhecer o patrono da cadeira que hoje tenho a honra de ocupar.

Farmacêutico, habituado a lidar com medicamentos, vim assim a preencher o lugar que pertenceu a ilustrado bacharel em ciências jurídicas e sociais e tem outro a patrociná-lo, ambos habituados ao convívio contínuo das leis e em sua fiel interpretação.

Samuel Uchôa, nascido a 21 de Dezembro de 1843, veio a falecer a 25 de Junho de 1902. Formou-se em Direito pela velha Faculdade de Olinda. Exerceu a promotoria em várias localidades do Ceará, com a lisura que o caracterizava sempre.

Na qualidade de bom cearense que era, conforme o costume da época, emigrou para a Amazônia, ali se destacando em diversos sectores da actividade. Foi chefe de polícia do Pará e obteve comendas, não só do império do Brasil, como do governo português. Voltando ao Ceará, regressou na vida jornalística, colaborando na imprensa oposicionista de seu tempo.

Precisamos ouvir a própria opinião de seu sobrinho e biógrafo:

"Filho do mais recuação sertão, Samuel Uchôa trouxe, para os três sectores em que se desdobram as suas actividades de homem público — a política, o magistério e o jornalismo — as qualidades, que distinguem o sertanejo dos tempos de antanho — a fortaleza, a pertinácia, a lealdade, a sobranceira e a destimidez.

Político, era desassombrado, altivo, fiel, inamalgável. Formado na opposição, na intemerata falange, que o Dr. Martinho Rodrigues, conselheiro Rodrigues Júnior e Cruz Saldanha dirigiam, de nenhum modo o intimidavam as carantonhas ou arreganhos do poder, que, em todo o tempo, enfrentou, firme e impavidamente.

Alvo preferido de perseguições de dominadores do dia, até o risco de ser assassinado. Mas nunca se dobrou, sempre leal aos seus compromissos, nem nunca temeu, nem se deixou abater, mantendo, através de todos os obstáculos, a firmeza e incorruptibilidade dos seus princípios e convicções".

Dolor Barreira continua no mesmo tom, a exaltá-lo, pelas primorosas qualidades do tio jornalista, sempre vigorosas e aplaudidas pelos leitores de então.

Coloca-o no meio das personalidades mais ilustres do Ceará, embora olvidado pelos pósteros. Chamou-o de magistrado culto e consciente. Samuel Uchôa primou pelo critério inatacável. Quando juiz, suas sentenças foram sempre mantidas pelos tribunais.

O patrono da cadeira 34, desta Academia, no parecer de Dolor Barreira, foi "crítico, sem mordacidade, modesto sem hipocrisia, abnegado, sem jactância, religioso, sem fanatismo, justiceiro, sem vanglória, caritativo, sem ufânia, altivo, sem arrogância, tais eram os dotes que o faziam adorado de quantos o conheciam".

Herdou-lhe o sobrinho tôdas essas boas qualidades. Animado de inteiro espirito de justiça, revoltava-se Dolor quando via algum talento do

Ceará, em pleno esquecimento. Andava à cata, vigilante, a fim de corrigir tais anomalias. E muitos poetas de valor esquecidos, arrancou da obscuridade. É o caso de Eufrásio de Almeida, nascido em Tauá, com vida bastante efêmera e infortunada. Com sugestiva e enaltecadora nota sobre aquele poeta, encerra Dolor Barreira o segundo volume de sua grandiosa HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE.

Cumpriu meu antecessor sua benfazeja missão nesta terra. É glória incontestável do Ceará, a irradiar-se por todo o Brasil. Sua HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE ficará. Naquelas milhares de páginas, deixou, indelével, sua clma e talento multiforme. Será ela indispensável, no futuro, aos estudiosos que prescrutarem esta fase importante das belas letras, que Dolor Barreira focalizou, com tanta mestria e dedicação. Ninguém conhecerá a literatura, dêsse espaço de tempo, sem consultá-la. É trabalho de crítica essencialmente sensato. Não pecou pelo exagero. Não elogiou em demasia, nem se tornou iconoclasta, pelo simples prazer de destruir. Não gostei apenas das extensas notas a tomarem quase as páginas inteiras. Preferi-as no fim de cada capítulo. É apenas opinião de simples leitor, meio comodista e não, de crítico literário, que não sou. Seus comentários e citações selecionadas, agradam a todos, do começo ao fim.

Coube a mim assentar-me na cadeira que pertenceu a duas incontestáveis glórias dêste Ceará, tão provado pelo sofrimento, mas invencível sempre.

O pêso que recaiu em minha fraqueza é enorme, em ser herdeiro da cadeira número 34, por determinação eletiva de homem de inconfundível mérito, pela cultura aprimorada e pelo acendrado devotamento à terra cearense.

Sou portador apenas de cultura restrita, bebida no interior, em contacto com a gente de zona das mais típicas do Nordeste Brasileiro. Não venho espargir luzes, neste salutar ambiente, impregnado de focos irradiantes da inteligência. Venho, ao contrário, beber ensinamentos de mestres consagrados das letras e das ciências, em suas múltiplas modalidades. Na minha escolha, tendo a certeza e honro-me disso, o coração falou mais alto do que qualquer outro sentimento dos ilustrados companheiros desta augusta Academia. Esforçar-me-ei para não decepcioná-los.

A cadeira 34 pertenceu a filho do interior e tem outro como patrono, ambos do Jaguaribe, mas radicados nesta capital. Agora, o Cariri, geograficamente mais distante, sem arredar os pés de casa, apossou-se temporariamente dela, pela votação quase unânime da sessão de 20 de Novembro. Sinto-me à vontade no meio desta família que coloca o coração ao lado da inteligência.

A eleição não me tornou enfatuado. Senti-me realizado em ver o Cariri, na minha modesta pessoa, sentar-se ao lado dos maiores valores in-

telectuais do Ceará. Abriu-me também série de responsabilidades, que, por vontade própria, delas não fugirei.

Pequenino ser, não me ofusca o título de imortal. Tenho a imortalidade imonente ao meu espírito, pelas promessas de eternidade de Cristo Nosso Senhor.

Nesta hora solene, em momento de confusionismo universal, quero consignou a minha fidelidade à Igreja e ao Brasil, ambos atingidos, em cheio, pela terrível crise presente. Dêles sou apenas simples praça de pré, respondendo exclusivamente pelos próprios atos. Católicos, mesmo da hierarquia, brasileiras, mesmo da alta administração, que fujam ao dever, não influem em meus princípios. Sou tolerante, por natureza, com convicções aliçadas nos anos, herança também da pureza cristã de minha mãe e do liberalismo do meu pai. Tenho bons amigos que pensam diâmetralmente em oposição a mim, sem nunca ter havido qualquer rusga entre nós.

No mundo há lugar para todos, menos para os intolerantes religiosos, raciais, políticos ou de casta, plantas artificiais, inadaptáveis a qualquer época, ou a qualquer clima.

Dois mulheres influíram decididamente em minha vida — minha mãe Emília e minha esposa Zuleika. De nosso lar, já brotaram outras famílias, que continuam lá fora, os hábitos que herdamos dos ancestrais, com as devidas e indispensáveis adaptações aos tempos modernos.

A família continua e continuará a ser a base da sociedade. Isso aconteceu no passado e perdurará pelos tempos afora. Se por ventura, algum dia, chegar a dissolver-se, de modo generalizado, as estruturas humanas das religiões e das nacionalidades se esboroarão definitivamente.

No própria civilização socialista, como nos dá exemplo a U.R.S.S., a família não pôde ser destruída e começa a revigorar-se de maneira surpreendente.

A minha última palavra será para os companheiros da Academia, que me trouxeram para este alto convívio, arrancando-me dos pés-de-serra do Araripe.

Muito grato pela confiança que depositaram em mim. O programa que tenho a retribuir-lhes é unicamente o do trabalho cotidiano, dentro de minhas próprias e naturais limitações.

\* \* \*

Discurso pronunciado na noite de 11 de Março na Academia Cearense pelo nosso diretor J. de Figueiredo Filho na ocasião da posse da cadeira N.º 34. A mesma sessão foi presidida pelo escritor Manuel Eduardo Campos e o novo sócio foi saudado pelo Acadêmico Antônio Martins Filho, em oração lida pelo escritor Fran Martins.



# O CEGO ADERALDO

versus

## O ESTALO DE VIEIRA

FLORIVAL MATOS

Datam de 1921, as notícias que dispomos sobre a invulgar personalidade de Aderaldo Ferreira de Araújo, cratense por nascimento, doado que foi pela Cegonha ao lar do casal Joaquim Rufino de Araújo e Maria Olímpia de Araújo, localizado na rua Pedra Lavrada — atual Pedro II, — no dia consagrado a São João de 1878.

No livro “EU SOU O CEGO ADERALDO”, autobiografia elaborada pelo escritor Eduardo Campos, deparamos a passagem que angustiou seu coração, na juventude.

— Como é que se conta a história de um moço que ficou cego por que tomou um copo d'água? Eu havia pedido água para beber na casa de frente à nossa.

— Dona, me dê água... Quando devolvia o copo senti aquela dor horrível... Meus olhos ficaram logo turvos. Fiquei completamente cego. E aquela coisa morna que pingou na minha mão repetidas vezes, me disseram depois que era sangue. O sangue que descera dos meus olhos estalados pelo destino...”

\* \* \*

“O intelecto cansa, a vontade nunca,  
o intelecto necessita de sono,  
a vontade trabalha mesmo durante o sono.”

*Schopenhauer*

“Os olhos são a janela da alma.”

*José de Alencar*

Arte o fatalismo que fizera cerrar sobre os seus olhos, permanente cortina de escuridão, roubando-lhe, não apenas as janelas da alma, senão a esperança da vida! Como fugir ao destino de

mendigo? Da força de vontade indormida na elocubração de firmar na estrada da vida, a sua vida, proveio a reação mecânica equivalente ao célebre "estalo" do Pe. Antônio Vieira. Com a agravante de que, no Aderaldo, a revelação cambiou pelo subjetivismo de que se revestiu e se revelou: Um sonho! Ele recorda. "Uma noite sorrihei cantando:

"Oh! santo do Canindé  
Que Deus te deu cinco chagas  
Fazei com que este povo  
Para mim faça as pagas  
Uma sucedendo às outras  
Como mar soltando vagas!"

"— Acordei. Como pudera decorar, fixar na mente aquela estrofe? Uma moccinha me ouvindo narrar este sonho deu-me de presente um cavaquinho. Foi nas cordas deste cavaquinho que eu comecei a experimentar o meu pobre talento de cantor.

\* \* \*

A antologia cabocla dos violeiros, "CANTADORES", com que o saudoso Leonardo Mota, na década de vinte, surpreendeu os meios intelectuais, pela divulgação em bom estilo, daquêlê intocado filão aurífero, devemos os primeiros contactos com o menestrel cratense. No início do século, seus recursos de improvisador, eram minguados. Insinuava-se modestamente no aprendizado do ofício. Não tardaria viesse ombrear com os mestres. A seca de 1915, deveu êle ensejo de defrontar-se com o famoso Zé Pretinho, na Varzinha, Estação do Piauí, por volta de 1916. Denuncia o sucesso do encontro, o valor exagerado da coleta: 80\$000 mil réis. Três moças, à falta de dinheiro em espécie, depositaram, cada uma, no pires da disputa, um anel de ouro. Do simpático gesto das moças, Aderaldo foi avisado pelo seu guia. Após os primeiros lanços, mais de apresentação que de contendores, Zé Pretinho, estimulado pela assistência, canta de gallo como senhor do terreno. O cego suporta com bravura os ataques, e vai, aos poucos conquistando a simpatia dos ouvintes. Os lanços se sucedem cada vez mais atrevidos. Zé Pretinho, num relance, sente a iminencia da derrota e muda de ritmo, o cearense prossegue sem dar vez ao antagonista. Zé Pretinho, no mesmo tom do debate, convida Aderaldo para cesar a cantoria, sem prejuizo da fama de cantor, com a partilha do conteúdo do pires. Não é atendido, o cego desfecha o ataque, muda de toada e escreve o epi-

táfio da fama do Zé Pretinho, encerrando o seu canto com a devoção às moças, dos três aneis.

\* \* \*

Quando da sua estada nesta cidade, realizou no Cine Moderno, recital com a participação do poeta Rogaciano Leite. O conjunto musical, composto de crianças, que o acompanhava, despertava atenção pelo tamanho minúsculo dos musicistas.

Foi aí que ouvimo-lo pela primeira e última vez.

E o festival, valeu por uma consagração dos cratenses, aos dois poetas.

\* \* \*

Há, no seu livro, passagens que o qualificam como perseverante, sentimental, dedicado aos desprotegidos da sorte, e, por tais sentimentos, merecedor do nosso apreço.

—“Comecei cantando uma ou duas horas, depois de alguns anos já era cantador de três noites. Nunca casei e sempre tive vida de chefe de família, pois ao todo criei vinte e seis meninos.”

Eis a explicação para a sua orquestra de garotos, e, por associação de idéias, motivo para uma consideração :

— Quantos ricos, poderão averbar na sua folha de serviços prestados à humanidade, parcela igual de benefícios ?

\* \* \*

Os seus cômpanes, ao som de violas, acompanharam-no ao cemitério de São João Batista, em Fortaleza, na tarde de 1.º de Julho de 1967.

Era, no dizer poético de Olegário Mariano :

— O enterro da última cigarra !...

---

## O ESCRITOR JOSÉ AMÉRICO E FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES

Prezado amigo Prof. J. de Figueiredo Filho :

Estou a dever-lhe a oferta do seu livro “FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES” que só agora tive folga para ler.

Tem êsse trabalho para mim, além do seu grande valor, como contribuição folclórica um encanto especial. E' cheio de evocações para quem está preparando suas memórias, como um mergulho no passado.

Além disso, é sempre agradável! lê-lo, seja qual for o assunto, pela naturalidade e pureza de sua prosa.

Recomendações a sua senhora.

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

**CIA. SUL CEARENSE DE PAPEIS**

---

# *Sulcepa*

PAPEIS DE VÁRIAS QUALIDADES



FABRICA:

Bairro Industrial de MURITY

ESCRITÓRIO:

Rua Dr. Miguel Lima Verde, 20 - CRATO



**UMA INDÚSTRIA QUE HONRA O CARIRI**

# Movimentos Político - Militares (do Crato)

GEN. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri  
Correspondente do Instituto do Ceará

Afirma José Aurélio Saraiva Câmara, com a sua peculiar segurança, — após assinalar a facilidade de intercurso pela condição de fronteiriço — que “uma corrente imigratória ponderável, ativada pelas seduções de um solo singularmente fértil, haveria de trazer ao Cariri, na bagagem do adventício irrequieto, o espírito turbulento e aventureiro que reponta, incontido em tôda a sua história”.

E prossegue: “durante uma longa fase da vida cearense o Cariri nos lembra a vibrante imagem de Euclides da Cunha em relação ao Rio Grande:” o longo diafragma por onde nos penetra, numa permanente endosse, o espírito febril da caudilhagem, obrigando-nos por vezes a colaborar, também, a pontões de lança, naquelas revoluções crônicas e naquêl regimê clássico de tropelias”... E arremata José Aurélio: “pois foi através daquellas revoluções crônicas e daquêl regimê clássico de tropelias que o Cariri se ligou para sempre ao Ceará com a forte corrente que foram elos no passado Tristão e Figueiras e, em nossos dias, o messianismo turbulento e fanático das hordas do padre Cicero”...

Isto posto, aberta esta cortina do umbral da história, — para atender a atencioso convite-ordem do eminente mestre e prezado amigo Vice-Reitor Renato Braga — tentemos ampliá-la, alinhavando rápida resenha dos principais movimentos de natureza político-militar que explodiram na então vila e hoje centenária cidade do Crato — que foi permanente célula ativa, irrequieta nos fastos do Ceará e do Brasil, como pioneira de todos os empreendimentos edificantes em proveito da civilização, do progresso e do civismo no virente vale dos Cariris Novos, com repercussão direta no interior de quatro provincias — desde as suas turbulentas oriengastada numa “natureza dadivosa, com características próprias engastada numa “natureza dadivosa, com características próprias de terra proverbial da fartura nas considerações de um povo faminto e de celeiro tradicional do Ceará”.

Em sintonia com o movimento que eclodira em Pernambuco, com ressonância em todo o país, explodiu movimento semelhante no Crato, aos 3 de maio de 1817, quando o então diácono José Martiniano de Alencar — aluno do Seminário de Olinda, em cuja escola de liberalismo se educara — empunha o lábaro da República e proclama-a após a celebração do santo sacrifício da missa na igreja de Frei Carlos Maria de Ferrara, no então Quadro da Matriz, atual Praça da Sé.

Vitorioso o empreendimento, segue José de Alencar com seu irmão Tristão Gonçalves e outros para Jardim, onde, com o apoio do seu tio Leonel Pereira de Alencar, reproduz a prematura proclamação proferida antes no Crato...

Como a sua congênere do Recife, desmorona, também, a sedição craterse no dia 11, com a contra-revolução chefiada pelos Capitão-Mor José Pereira Filgueiras, Ten. Cel. Leandro Bezerra Monteiro, Juiz ordinário Manuel Joaquim Teles, Sargento-Mor José Vitoriano Maciel e João Lobo de Macêdo.

Ocupada a vila pelas forças vitoriosas, foram presos os irmãos Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, padre Carlos José dos Santos e outros partidários do movimento sedicioso, que foram encaminhados algemados para Fortaleza.

A heroína D. Bárbara de Alencar e o vigário Miguél Carlos da Silva Saldanha — que conseguiram fugir para a Paraíba — foram capturados a 3 de junho e, por igual, conduzidos à Fortaleza, dali para o Recife e a seguir para Salvador, onde foram encarcerados os 25 adeptos da patriótica aventura independentista e republicana do Crato. Mais tarde, aos 10 de fevereiro de 1821, em virtude da anulação da devassa procedida contra os aludidos insurretos, foram eles liberados, após terem suportado cruciantes sofrimentos nos miseros e infectos cárceres de então.

#### INDEPENDÊNCIA — GOVERNO PROVISÓRIO

Em 1.º de setembro de 1822, o povo do Crato rebelou-se contra a Junta Governativa do Ceará e mandou a sua Câmara que se cumprisse o Decreto de 3 de junho, marcando as eleições de Deputados para o dia 7 do mesmo mês de setembro, razão por que é considerado aludido dia primeiro como o da Independência, antecipando-se ao Grito do Ipiranga.

Aos 21 dias do mês de Outubro, a Câmara reunida elegeu o Capitão-Mor José Pereira Filgueiras membro do Governo Provisório, o qual partiu com tropa para o Icó, a fim de dominar a Diniz e libertar patriotas presos.

Nesta vila, antes, a 16 de outubro, reunido o Colégio Eleitoral, criara o Governo Temporário em oposição à Junta de Fortaleza. E, aos 19 de novembro, a Câmara do Crato empossa esse Governo do qual era Presidente o Capitão-Mor Pereira Filgueiras, e membros o padre Antônio Manuel de Souza, vigário de Jardim, José Joaquim Xavier Sobreira, vigário de Lavras, Tenente-Coronel Antônio Bezerra de Menezes, Icó, Major Francisco Fernandes Vieira, Inhamuns e Joaquim Felício Pinto de Almeida e Castro, Quixeramobim. Marchando com suas forças contra a capital, o Capitão-Mor Pereira Filgueiras penetrou triunfalmente em Fortaleza aos 23 de janeiro de 1823, onde instalou o Governo por ele presidido e consolidou a independência no Ceará.

#### EXPEDIÇÃO AO PIAUI E MARANHÃO

Pouco depois, atendendo a instantes apêlos do Governo Independente do Piauí, nos primeiros vagidos, inseguro e ameaçado pelas forças lusitanas do experimentado Major João José da Cunha Fidié, — comandante das armas do Piauí — partem Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Fortaleza com um embrião de Exército, que se vai avolumando, atingem o Crato a 5 de maio, engrossam suas fileiras, tomam inúmeras providências de ordem administrativa e logística, após o que parte, a 27 do mesmo mês, para Várzea da Vaca, atual Campos Sales. Aí estruturam o “Exército Libertador e Pacificador”, com mais de 2.000 homens, prosseguem a marcha, atingem a capital piauiense, Oeiras, a 15 de junho (onde Pereira Filgueiras recebe a carta do Governo Imperial, datada de 16 de abril, nomeando-o para libertador do Maranhão), retomam a marcha sobre Caxias, — na qual se recolhera Fidié após o cruento combate de Genipapo, próximo a Campo Maior — estabelecem o seu cerco com 8.000 homens, inclusive os piauienses de Souza Martins e pernambucanos de Luiz Pedro de Melo Cesar, frente aos quais capitula a praça no dia 31 de Julho, e, a 1.º de agosto os 700 homens de sua guarnição depõem as armas e entregam aos vitoriosos 20 canhões e 5 bandeiras. (Conforme Rio Branco o Capitão-Mor José Pereira Filgueiras era o comandante em chefe, com o título de General).

Estava consolidada a Independência no Norte do País. E daí figurarem, como testemunho de incontestada justiça, na qualidade



de libertadores do Piauí e Maranhão, em placa de bronze existente no Museu Ipiranga de São Paulo, os nomes dos insignes comandantes: "Piauí e Maranhão: Visconde de Parnaíba, José Pereira Filgueiras, Tristão Gonçalves de A. Araripe, João C. de Deus e Silva, Simplicio Dias". Encontraram, enfim, êsses notáveis nordestinos, o Panteon de sua imorredoura glória no bronze imperecível do grandioso museu do Ipiranga...

### CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Explodiram notáveis acontecimentos no Crato, novamente, por ocasião da eclosão do movimento revolucionário, no Recife, aos 2 dias do mês de julho de 1824, com a denominação de Confederação do Equador.

Constantemente fiéis aos ideais liberais e republicanos, os Alencares aderiram ao empreendimento, agora com o apoio do Capitão-Mor José Pereira Filgueiras. Após inúmeras vicissitudes, a empresa republicana, como a de 1817, fracassa: Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, Presidente da efêmera República, sucumbe em combate, em marcha de Fortaleza para o Crato, assassinado barbaramente em Santa Rosa no atual município de Jaguaratama, aos 31 de outubro, enquanto Pereira Filgueiras, que lhe antecederá na marcha para o Cariri, apesar de travar combate vitorioso na região do sítio Batateiras, próximo da cidade do Crato, a 30 do mesmo mês, resolve depôr as armas, (é feito prisioneiro e conduzido ao Rio de Janeiro, tendo falecido em caminho), e o padre José Martinião de Alencar, que fugira para Pernambuco, foi capturado na fazenda Pintado aos 14 de novembro.

Rasgou-se mais uma página do idealismo republicano da exuberante política dos Cariris Novos, com a ocupação do Crato (que fôra, aos 26 de outubro, "saqueado e desmantelado, em grande parte", pela gente turbulenta de Pinto Madeira), pelas forças imperialistas sob o comando de José Tomáz de Aquino, José do Vale Pedrosa e Manuel Costa Braga a 16 de novembro, e a capitulação, na fazenda Juiz, município de Aurora, a 29, das forças de Pernambuco e Paraíba, sob o comando de Felix Antônio Ferreira de Albuquerque, Presidente desta, que haviam fugido das suas províncias — procurando juntar-se às de Filgueiras — por ter sido ali esmagada a rebelião republicana.

Cumpre ressaltar que entre os prisioneiros feitos na fazenda Juiz destaca-se o singular patriota frei Joaquim do Amor Divino Caneca, posteriormente condenado e implacavelmente executado no Recife.

## G U E R R A   D O   P I N T O

Joaquim Pinto Madeira, chefe político conservador, Coronel de Milícias, ferrenho restaurador — coadjuvado pelo vigário de Jardim, cônego Antônio Manuel de Souza — deflagrou prolongada e cruenta luta armada, que ensanguentou e cobriu de luto e miséria o Cariri nos anos de 1831/32, com os principais combates travados, sucessivamente, em Burity, Várzea Alegre, Barbalha, Icó, São Miguel, Sítio Limoeiro, Cachoeirinha, Missão Velha, Jardim, etc., até à sua rendição ao General Pedro Labatut, no acampamento de Correntinho, aos 12 de outubro de 1832, de onde foi encaminhado a Pernambuco.

No início das hostilidades suas tropas, que já haviam depredado e saqueado a vila do Crato em 1824, o fazem novamente aos 28 de dezembro de 1831, — “assassinando, roubando e queimando arquivos e papéis do Cartório”.

## C O N T R I B U I Ç Ã O   A   G U E R R A   D O   P A R A G U A I

Como participação do esforço de guerra contra o Paraguai do ultra vaidoso e megalomaniaco Solano López, o Crato contribuiu com um corpo de voluntários que totalizou mais de duzentos, cidadãos alistados pelo Major Antônio Ferreira de Lima Abdoral, e muitos se distinguiram pela bravura no ardor dos combates, como, por exemplo, o bravo Major Carolino Bolívar de Araújo Sucupira, entre outros.

Aludido corpo, sob o comando do citado major Abdoral, partiu para Fortaleza da praça da Matriz, sob calorosos aplausos aos 6 de agosto de 1865, e foi acompanhado por grande multidão em delírio até o sítio Cruz, hoje Avenida Teodorico Teles, na saída para Juazeiro do Norte.

## D E P O S I Ç Ã O   D O   B E L É M

Aos 20 de abril de 1892, por proposta do vereador Antônio Belém de Figueirêdo, a Câmara Municipal do Crato criou a Guarda Local, que iria exercer nefasto e terrificante papel às ordens do chefe comunal, que dela usou e abusou sem limites, com fins político e particulares.

Na noite de 7 de novembro de 1903, a negregada Guarda atacou um grupo de rapazes das mais distintas famílias cratenses, que se divertiam em serenata, do que resultou a morte de Horácio

Jácome, Pequeno e ferimentos em Augusto da Silva Bacurau (que foi tratado pelo então jovem médico e atual venerando nonagenário, elegante escritor e acatadíssimo senador Fernandes Távora), no capitão Jesuino Antônio de Martins, Cmt. da Guarda, e no alferes João Alves dos Santos.

Em consequência, os ânimos se exaltaram exacerbadamente. ferveu progressivamente o caldeirão político e, no dia 29 de junho de 1904, após violento tiroteio que durou 72 horas e produziu 21 vítimas, das quais oito mortas, foi deposto da Intendência municipal e prêso José Belém de Figueirêdo — prestigioso e arbitrário chefe político da época e do meio — pelo povo chefiado pelos Coronéis Antônio Luiz Alves Pequeno, Teodorico Teles de Quental, Antônio Fernandes Lopes, Diógenes Frazão e outros, fato que o eternal governo Acioli aceitou como consumado.

#### SEDIÇÃO DE JUAZEIRO DO NORTE

Aos 22 dias do mês de novembro de 1913, chegam a Juazeiro do Norte os Drs. Floro Bartolomeu da Costa e José de Borba Vasconcelos, procedente do Rio o primeiro, onde acertara, com os chefes do Partido Republicano Conservador, as medidas que deveriam ser tomadas para a deposição do Coronel do Exército Marcos Franco Rabelo, presidente do Ceará.

Na noite de 8 de dezembro, em Juazeiro, foi desarmado o destacamento de polícia local, resultando, assim, a deflagração do movimento revolucionário contra o governo do citado Coronel Franco Rabelo, chefiado pelo aludido médico baiano Floro Bartolomeu da Costa.

No dia imediato refugiaram-se no Crato diversos políticos juazeirenses, inclusive o Prefeito João Bezerra de Menezes, e no mesmo estabeleceram as autoridades citadinas medidas de defesa contra os sediciosos, colocando piquêtes na estrada que liga as duas comunas.

A concentração das forças governistas processa-se no Crato, sob o comando do Coronel Alípio de Lima Barros que, a 9 de janeiro de 1914, passa o mesmo ao major Ladislau Lourenço de Souza, promovido na véspera a êsse posto. (1)

A partir de 14 dêsse mês, realizam-se seríssimos ataques frustrados à meca do Padre Cícero e, — após alguns entrechoques sangrentos nos Macacos, Euriti e na própria cidade — as hordas revolucionárias, comandadas pelos bandoleiros Zé Pedro, Zé Tertó e Manuel Chiquinha, dominam a cidade do Crato, a 24, ocupam-na e saqueiam o seu comércio. (2)

Em seguida, em curto prazo, caem sucessivamente em poder dos fanáticos de “meu padrim”: Barbalha, Iguatu, Miguél Calmon, etc., cujas ocupações possibilitam aos “romeiros” atingir a pancada do mar, provocar a intervenção federal e consequente deposição do presidente Marcos Franco Rabelo...

Dai para cá, a não ser a ocupação bélicamente aparatosa, aos 11 de setembro de 1936, do sítio Caldeirão, no município do Crato — residência do Beato José Lourenço e dos fanáticos que o seguiam — por 150 praças da Polícia Militar comandada pelo célebre capitão José Gonçalves Bezerra (e posterior trucidamento no lugar Currais Velhos, na serra do Araripe, dêsre capitão, de um seu filho sargento e 3 soldados da Polícia Militar, aos 10 de maio de 1936, diluíram-se e desapareceram “as revoluções crônicas e o regime clássico de tropelias” que floresceram demoradamente, no tradicional, altivo, agitado e combativo Cariri cearense, que hoje luta titanicamente pela intelectualização do seu povo, a par da instalação de grande parque industrial, que propiciem continuidade à sua vocação progressista iniciada, em particular, com a instalação do Seminário de São José, em 7 de março de 1875...

Para o conhecimento de maiores detalhes, encaminho o paciente leitor para “BEATOS CANGACEIROS”, de Xavier de Oliveira; “O JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO E A REVOLUÇÃO DE 1914”, “O CARIRI” e “EFEMÉRIDES DO CARIRI”, de Irineu Nogueira Pinheiro; “HISTÓRIA DO CARIRI”, de José de Figueiredo Filho e “INDEPENDÊNCIA NO NORDESTE”, de Herminio de Brito Conde, ou ainda, para os enciclopédicos conhecimentos dos fastos cariarienses do beneditino pesquisador Pe. Antônio Gomes de Araújo.

FORTALEZA, 11 de junho de 1967.

GEN. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

#### NOTAS:

- 1) — O Coronel Alípio chegou na cidade de CRATO no dia 18 de dezembro, procedente de IGUATU, ponto terminal da estrada de ferro de BATURITÉ, distante 30 léguas daquela, as quais foram percorridas pela tropa em 5 jornadas. No dia seguinte dirigiu êle um telegrama ultimato ao Padre Cicero, no qual impunha a sua rendição e desarmamento dos seus seguidores dentro de 12 horas.

Não obtendo resposta, atacou no dia 20 a já famosa meca Juazeirense, sem qualquer reconhecimento do terreno e do inimigo, — “com um efetivo de 650 praças bem armadas e municadas” e civis armados denominados patriotas — tendo sido repellido à noite, para sua base de partida, depois de seis horas de nutrido tiroteio.

Após solicitar os reforços julgados necessários (o Tenente do Exército José Armando de Oliveira, enviado em missão especial do General Inspetor da 4.<sup>a</sup> Região Militar, depois de visitar JUAZEIRO, com a devida permissão do Padre Cícero, "afirmou que somente uns três ou quatro mil homens municiados e aguerridos conseguiriam transpor as defesas daquela cidade e vencer os hostes que vira por lá"), os quais não lhe foram mandados, e ter recebido ordem de atacar com os meios disponíveis, foi chamado a Fortaleza, passou o comando ao seu incapaz substituto e regressou à capital cearense.

Em posterior entrevista ao "Imparcial", do Rio, diz textualmente o Coronel Alípio: "Cumprindo o meu dever, ataquei o JUAZEIRO, com tôdas as regras da tática, sendo obrigado a recuar depois de seis horas de fogo, com perdas de 84 praças, mortas e feridas".

- 2) — Na tarde de 23 de janeiro de 1914, às quatorze horas, 750 romeiros dirigidos pelos congaceiros citados, atacaram a cidade de Crato, "divididos em três colunas de 250 homens cada qual e no seu coice, como de costume, uma enorme multidão desarmada de homens, mulheres e de meninos".

Defendida pelo Tenente da Polícia Militar Romão Nunes de Azevedo comandando 40 soldados e alguns congaceiros, num total aproximado de 300 homens (o grosso da tropa de Ladisláu fluira de Juazeiro para Barbalha, de onde seguiria desordenadamente para Iguatu, parte pela chapada do Araripe—Santana do Cariri—Assaré, e parte por Missão Velha—Aurora—Lavras), foi a cidade dominada após vinte horas de violento fogo, e o chão de suas artérias vitorosamente calcado pela alpercata rústico-áspera das hordas atacantes. E uma pletera de homens "sujos, mal apessoados, maltrapilhos e famintos, armados de espingardas de tôda espécie, de bacamarte, de foice, de facão, de pau ferrado, de qualquer coisa ofensiva, encheu as suas ruas e praças (...) Essa gente, de quem tão mal se falava e que tanto temor infundia, cessada a luta, nenhum dano pessoal causou a quem quer que fôsse. E não houve perseguição aos vencidos, cuja maioria fugiu pelas estradas do Lameiro e do Seminário, que ficaram mais ou menos livres". (Trecho de uma carta do Dr. Livino de Carvalho, Juiz de Direito, na época, ao caudilho Dr. Floro, datada de 3 de novembro de 1915).

---

FORTALEZA, 2 de janeiro de 1967

Ilmo. Sr. Presidente do Instituto Cultural do Cariri

C R A T O

Levo ao conhecimento de V. Sa. que a Assembléia Legislativa do Estado, atendendo a requerimento de autoria do sr. deputado Cincinato Furtado Leite, consignou na ata dos seus trabalhos um voto de pesar pelo falecimento do jornalista Celso Gomes de Matos, digno membro dêste Instituto.

Apresento-lhe, no ensejo, cordiais saudações;

DEPUTADO MANUEL CASTRO FILHO  
Primeiro Secretário

# RODRIGUES DE ANDRADE

PEDRO RODRIGUES DE MATOS

O farmacêutico Joaquim Frederico Rodrigues de Andrade nasceu em Acaraú, no Estado do Ceará, a 20 de julho de 1867. Teve como progenitores o Coronel José Frederico de Andrade e Dona Joaquina Rodrigues de Andrade, descendendo, como se vê, de uma estirpe digna e respeitável.

Efetivamente, seu pai, laborioso, honesta e produtivo, foi o fundador do atual povoado de Patos, no Município de Acaraú; e Dona Joaquina de Andrade era irmã do inolvidável político cearense Conselheiro Rodrigues Júnior, que foi Ministro do Império.

Fêz em sua cidade natal o curso primário e concluiu o de humanidade no famoso Liceu do Ceará.

Muito moço embarcou para o Rio de Janeiro e dali se transportou para a cidade mineira de Ouro Preto de cuja Escola de Farmácia, monumento nacional, recebeu diploma de farmacêutico em 1893.

No Rio colaborou como repórter no "O Figaro", de Medeiros Albuquerque, e defendeu com entusiasmo o movimento republicano nos últimos anos da monarquia.

Logo após a sua formatura, estabeleceu-se com farmácia no interior de São Paulo na cidade de S. Roque e depois em Jacaréí, onde redatoriou o jornal "Democrata" e lecionou Botânica no Ginásio Nogueira da Gama.

Em 1901, por precisar de um campo de ação mais vasto, deixou Jacaréí e mudou-se para a Capital paulista, montando farmácia à Rua da Liberdade. Foi, então, um dos fundadores da Escola de Farmácia e Obstetrícia de São Paulo, situada à Rua Três Rios, e da qual foi nomeado lente de Física e Química, cadeiras onde esplendeu o seu belo talento.

Em São Paulo pertenceu à "Sociedade Farmacêutica"; e em várias revistas e jornais especializados versou assuntos atinentes à química, à biologia e à farmácia. Seus trabalhos sobre a síntese dos açúcares, teoria eletrônica, reações reversíveis e outros, deixaram traços acentuados da sua cultura e vocação profissional.

Quatro anos depois de formado, contraiu matrimônio em Ouro Preto com uma das filhas do Coronel Severo Barbosa, Dona Carlota Barbosa de Oliveira, de cujo consórcio teve dez filhos entre eles o engenheiro agrônomo Francisco Rodrigues de Andrade, funcionário da São Paulo Light, o escritor e jornalista Lauro Rodrigues de Andrade e a farmacêutica Helena Rodrigues de Andrade, que se formou com notas distintas.

Em 1903, por motivo de doença, Rodrigues de Andrade voltou à terra natal. Por essa época, "o Ceará fervia, desde as praias do mar às chapadas do Cariri, de entusiasmo e indignação partidários. As penas dos

jornalistas riscavam no papel branco dos jornais, pondo à superfície dele, com as paixões próprias, os vícios ou defeitos dos adversários". (Humberto de Campos). Rodrigues de Andrade instalou-se à Rua Senador Pompeu, e, ao lado do seu colega Rodolfo Teófilo, de Agapito dos Santos, Moreira da Rocha, e Américo Facó, ingressou, de logo, na política, combatendo, como tantos outros da sua geração, o domínio da oligarquia Nogueira Acioli.

Jornalista de fibra, teve remarcada atuação no órgão da oposição "Jornal do Ceará", evidenciando-se em tôdas as circunstâncias um amigo leal e decidido. Aliás, na conceituação de Demócrito Rocha, "foi a política que gerou o jornalismo cearense".

Com o advento do govêrno do Coronel Franco Rabelo, devido ao movimento popular de 24 de janeiro de 1912, foi eleito deputado estadual em 1913. Contemporaneamente, foi nomeado professor de Geometria e Trigonometria do Liceu do Ceará, onde lecionou quatorze anos.

Foi fundador e diretor por algum tempo da Escola de Agronomia do Ceará. Cooperou com Sá Roriz para a fundação, em 1916, da Escola de Farmácia e Odontologia do Ceará, na qual, integrando o seu primeiro corpo docente, lecionou gratuitamente por quatro anos, visto que a Faculdade não tinha patrimônio inicial. Na Escola de Agronomia ensinou Química Agrícola e na Faculdade de Farmácia, Química Analítica.

Temperamento empreendedor, coube a Rodrigues de Andrade a honra de ter fundado o primeiro Laboratório de Pesquisas Clínicas no Ceará. "Foi através da análise química — escreve o Senhor Fernandes Távora — que iniciamos as nossas relações, com proveito para os meus clientes, pois, naquele tempo, os profissionais em tal matéria eram raros e de capacidade muito restrita. Rodrigues de Andrade era um estudioso que procurava, sempre, progredir na sua especialidade e de tal forma agiu, que um grande clínico do Rio, lendo um laudo seu (creio que sôbre urina) declarou que era igual ao que vira em Paris, sôbre o mesmo assunto". "Grande foi, pois, — salienta o Senador Távora — o serviço por êle prestado à medicina cearense daquele tempo, e, só isto, já lhe dava direito à gratidão dos seus conterrâneos".

Rodrigues de Andrade exerceu o cargo de químico do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural, ao tempo do Dr. Gavião Gonzaga, e por iniciativa pessoal pleiteou o obteve do Govêrno Federal a criação de um Laboratório Bromatológico na Alfândega de Fortaleza. O insigne farmacêutico sofreu, então, clamorosa injustiça, preterido que se viu, por injunções políticas, da chefia do referido serviço. Com efeito, para ocupar o cargo foi nomeado um médico e, como químico auxiliar, um jornalista que nada entendia de química...

Rodrigues de Andrade sempre honrou e dignificou a classe. O discurso que pronunciou, em 1922, como paraninfo da turma de alunos da



Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, é autêntica glorificação à Farmácia. No magistério, rasgou o véu à ignorância da mocidade por amor ao ensino, de que fazia um sacerdócio, do que por interesse material. Diferente não o foi no âmbito da profissão. A vocação pela química constitui um dos seus traços mais fortes.

## O P E R I T O Q U Í M I C O

Como perito químico, Rodrigues de Andrade se afirmou técnico.

Lecionando na Escola de Agronomia, chamou a atenção dos Prefeitos dos Municípios do interior sobre a necessidade de conhecerem a composição geológica de suas terras agriculturadas e reuniu em seu laboratório grande número de amostras, procedendo às respectivas dosagens, tornando-se, portanto, um pioneiro da pedologia sistematizada, como disciplina, nos cursos agrônômicos. Conhecido é o fato de que, se um fabricante de fogos de artifício desejava fabricar tal artigo importado, bastava entregar-lhe uma amostra que, dentro de pouco tempo, obtinha a fórmula centesimal que lhe possibilitava a montagem de uma nova indústria.

Frente ao intrincado labirinto da perícia químico-toxicológica, sabia Rodrigues de Andrade examinar o que ia fazer, ponderar os óbices a vencer de modo que a precisão do método permitisse a justeza dos resultados. Assim foi quando do envenamento de Maria Elisa Mota, ocorrido a 14 de Abril de 1924, em Fortaleza. O analista para constatar se havia arsênico, e em que dose, nas vísceras do cadáver dessa desventurada senhora, adotou método exclusivamente seu, mais sensível e mais rápido que os usados até então. Brilhantíssima, a sua atuação no rumoroso processo do inglês Percy Davis, funcionário da Ceará Light, imputação de haver morto a sua esposa, Dona Edith Davis, na madrugada de 22 de setembro de 1924, fato esse em torno do qual se adensou forte nuvem de mistério.

Que fale, revivendo a tragédia mais de perto, um médico conterrâneo, bacteriologista, homem de notável inteligência e invejável cultura, o Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, hoje refugiado na serra de Maranguapé, em idade proventa.

“Uma jovem senhora, casada, aparentemente sadia, em pleno vigor da mocidade, amanhecera morta sem que se saiba por quê. O médico da família chamado a constatar o óbito, atesta síncope cardíaca como causa da morte e o cadáver é inhumado.

A opinião pública, porém, impressionado pelos antecedentes do casal, aponta o marido como autor da morte. As pesquisas policiais descobrem manchas de sangue no assoalho e na porta do quarto da vítima, numa capa impermeável encontrada na mala do marido e em grande quantidade de jornais e revistas, desenterradas do quintal da habitação.

Chamado a pronunciar-se sôbre a natureza de tais manchas, o Professor Andrade constata nelas a presença de sangue humano. Não basta, porém, esta constatação. Faz-se mister descobrir a procedência do sangueira, mesmo porque no cadáver não se encontrava ferimentos que a justificasse. Tanto sangue, evidentemente, denunciava hemorragia de um órgão profundo, talvez pulmão ou útero, mas, ciente do estado de gravidez em que se achava a vítima, o Professor Andrade logo encaminha as suas pesquisas para a hipótese de uma metrorragia. Começa excluindo a origem catamenial do sangue pela ausência de metilamina, para fixar-se à hipótese de uma hemorragia consecutivo a um abôrto, que, a ser verdadeira, deveria revelar no material de exame, notável quantidade de alantoína. É o que verifica em memoráveis pesquisas".

"Tudo isso é nôvo — conclui referido cientista, prefaciador de suas "Perícias Químico-legais", — é caminho não trilhado, onde sômente a profundidade dos conhecimentos e a argúcia do pesquisador podem servir de guias". São triunfos — acrescentamos — que não reivindicaríamos, sem grave injustiça, só para Rodrigues de Andrade porque, em todos, teve êle a colaboração do Dr. Amadeu Furtado, à época, titular da cátedra de Química Bromatológica da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, e conceituado médico-legista da Polícia do Estado.

## O P O E T A

Rodrigues de Andrade não foi sômente um homem de ciência, de laboratório, no sentido estrito do têrmo. Como todo brasileiro, perceptivo, foi também uma alma dotada de sentimento, um enamorado da arte e, como tal, consubstanciou no seu livro "Asas de Inseto" versos de delicada inspiração. Frequentava línguas, e a sua poesia se ressentia da influência de Verlaine, Baudelaire e Musset.

Acreditando, como Spencer, na doutrina filosófica da evolução e como Lamarck, Darwin e Haeckel no sistema biológico segundo o qual as espécies se transformam e dão origem a novas espécies, sem contudo subordinar-se à concepção monista do universo, êle próprio confessa :

**Outrora inseto fui . . .**

e depois de correr mundo, visando a colimar o infinito, surge-lhe, súbito, o fantasma da morte :

**O estranho farol de uma terra distante,  
Dessa cidade, além, nas dobras do Levante . . .**

Mas não vê aí o fim de tudo : "a vida renasce" e, à maneira de Augusto dos Anjos, mui justamente cognominado o poeta da melancolia, parece dizer-nos :

Não me incomoda êsse último abandono,  
Se a carne individual hoje apodrece  
Amanhã como Cristo reaparece  
Na universalidade do carbono.

Vivendo entre reativos e soluções tituladas, em tudo, inclusive no amor, dominou-o o senso da meticulosidade. Que falem os seus versos à Carlota :

O amor é como um fino e delicioso vinho  
Como tóxico absinto êle estonteia e embriaga  
A quem sequioso vem de carícia e demente,  
Qual bebado glutão, sôfregamente o traga  
E' que a taça do amor, divina e transparente  
Só devemos beber sorvendo baga a baga,  
Com delícia mental e vagarosamente...

Como Gregório de Matos, o "boca de inferno", na voz de quantos lhe temiam a agressividade, Rodrigues de Andrade valeu-se da sátira para, pela troça, pela ironia e pelo sarcasmo, confundir o adversário. Ao rosto do General Setembrino de Carvalho, Interventor Federal no Ceará, lançou essas estrofes que são um atestado da sua bravura moral :

Maldito sejas tu, com teus galões dourados,  
Soldado sem pudor, general Setembrino !  
Que és escória dos maus e dos degenerados,  
Argentino sem fé, sem honra e sem decôro,  
Jagunço de galão, perversamente frio,  
Maldito sejas tu, com tua espada de ouro !

Espírito bem formado, jamais procurou ir além de si mesmo no vão intuito de desvendar os segredos do Universo. Em "Visão do Azul" há trechos assim :

E vós poetas que andais no sonho embevecidos,  
Vós sábios que buscais os chaves do Universo,  
Embalde aguçareis a gama dos sentidos,  
E a trama da razão nas ciências e no verso,

E de tal maneira sentiu e compreendeu a dor alheia que chegou a dizer :

Tu que vives no fausto e em perene ventura  
Sem nada te faltar do que é mistér à vida,  
Jamais compreenderás essa desconhecida  
Dor que ao paria infeliz dilacera e tortura.

# TRAÇOS DA VIDA DE IRINEU PINHEIRO

ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIRÊDO

Vaga lembrança tenho ainda, do moço médico, tipo de romance daquele tempo, cheirando a perfume francês, misturado ao odor do Havana. Vinha do Rio, onde, com brilhantismo terminou a carreira a que se destinou.

Primo e amigo de meu pai, desde esse tempo, passou a ser o médico da família. Quase que o odiei porque aplicou-me a primeira injeção, com resultado negativo. Foi tal o espalhafato, que a agulha entortou e o líquido não penetrou.

Continuou aquela amizade, através dos anos, cheia de confiança recíproca.

Reservado em tudo que lhe dizia respeito, discreto nos comentários, era lá em casa que, mesmo à minha frente, extravasava suas queixas e aborrecimentos. Ele sabia que o lema para as crianças da família, era, "ver, ouvir e calar".

Clinicou vários anos, com bons resultados, salvou muitas vidas, e, de muitos nem exigia pagamento. Quando se tem pouco o que reprová-lo, a humanidade descobre sempre um ponto fraco para tecer maledicência. Nêle, era o apêgo ao dinheiro. Mas a mesa era farta e não lhe faltava o bom vinho italiano às refeições. Sei de pessoas pobres que recebiam reserdamente sua caridade, sem estardalhaço e sem esse ar de filantropia que aos olhos de Deus, pouco vale, penso eu.

---

Mortal, sentiu-se, como todos, cansado de lutar; e, alma invadida de tédio, exclama por fim:

**Como romper, transpor o negro labirinto  
Da vida cheia de fatais enganos?  
Tenho a mente atquebrada e o corpo em sangue tinto  
Pelos trabalhos ásperos, insanos!**

Acometido de súbita enfermidade, Rodrigues de Andrade faleceu em Fortaleza (Ceará), aos 61 anos de idade, a 16 de novembro de 1928, na Rua do Governador Sampaio.

---

Anuncie na REVISTA "ITAYTERA"

Entre seus amigos que eram poucos, mas sinceros, havia o mais santo e digno de respeito, seu antigo mestre, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, 1.<sup>o</sup> Bispo do Crato. Tão desapegado dos bens terrenos, que, no dizer de um de seus padres, Antônio Gomes de Araújo: "o 2.<sup>o</sup> Bispo do Crato morreu pobre, D. Quintino morreu indigente", e foi Irineu Pinheiro quem pagou as despesas de remédios vindos do Rio para a pertinaz doença que o levou até Deus.

Afastou-se um pouco da clínica, nos últimos anos. Ocupava-se de suas fazendas, de seus haveres, mas não abandonou os velhos clientes e suas famílias.

Seguro no que pensava e fazia, nunca tinha uma afirmativa categórica.

Dedicou-se à velha mãe que lhe era tudo na vida. Não constituiu família. Não deixou filhos que lhe perpetuassem a memória, mas deixou filhos espirituais, — seus livros.

Estudava, pesquisava, confrontava opiniões, pesava e media as palavras. Por tudo isso, deixou escritos que merecem confiança, pois era incapaz de transmitir para o papel suas idéias, sem plena segurança do que afirmava. Algumas de suas obras servirão para consultas às gerações futuras.

Em seu quarto de solteirão, a embalar-se em rede armada com cordas e correntes, segurança da boa mãe, recebia seus amigos que lhe contavam as novidades da cidade, ou, se eram letrados, falavam de literatura ou de história.

Ficou-me, do tempo de criança, a lembrança de suas palestras, pois era um bom "Causeur". Toda ouvidos, não pestanejava, quando êle descrevia o Rio.

Botafogo, o Passeio Público, o Palácio Monroe, a rua dos Voluntários, a Tijuca, o Largo do Boticário, todas as velhas cousas de seu tempo de estudante, pareciam-me coisas maravilhosas, difíceis de serem vistas. Naquele tempo, poucas pessoas se deslocavam do Crato para a Capital Federal.

Muitos anos depois, no Rio moderno, cheio de mais encantamentos quando passo por aqueles lugares descritos com tanto entusiasmo e colorido, lembro-me de Irineu.

Dizia êle, que gostava tanto do Rio de Janeiro naquele tempo, que, quando deixou a grande cidade, não para férias, mas para enfrentar vida nova, na terra natal e que o navio ia se afastando, êle, olhando de longe, todas as coisas belas e boas de sua vida de estudante, sentiu que os olhos se umedeciam.

Como toda adolescente, gostava eu de ler romances. Era êle quem me emprestava os da coleção de Walter Scott e outros bons livros, porque era um censor rigoroso na leitura para gente nova. Minha filha Eneida ainda leu os mesmos livros de sua biblioteca.

Seu último livro "Efemérides do Cariri", terminado já quando o coração ia falhando, não foi editado em vida. Anos depois, com grande esforço e tenacidade, um de seus amigos, talvez o mais moço, José de Figueirêdo Filho, meu esposo, em quem ele depositava inteira confiança, conseguiu do parente Antônio Fiuza Pequeno, os originais. Foi editado pela Universidade do Ceará, por interferência de seu primeiro e digníssimo Reitor, Antônio Martins Filho.

# CLUBE RECREATIVO GRANGEIRO

Local aprazível

Piscinas

Esportes

VENDA  
DE  
TITULOS



**imobiliária**  
**SANTA MARTA**

TELEFONE N. 353

## *Antonio Almíno de Lima*

VENDA DE COMBUSTÍVEIS POR ATACADO PARA  
VÁRIAS REGIÕES

**MANTEM 5 POSTOS**

atendendo melhor aos motoristas e  
proprietários

**SENDO 3 EM CRATO**

POSTO ARARIPE — JUAZEIRO DO NORTE  
POSTO IDEAL — BARRO — CE

**MATRIZ:**

Rua Almirante Alexandrino N. 22

**TELEFONE: 531**

CRATO

—

CEARÁ

# Parecer sobre José de Figueiredo Filho

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

PREENCHIMENTO DA CADEIRA N.º 34

Parecer sobre o candidato

José de Figueiredo Filho

Senhor Presidente :

Em cumprimento ao que preceitua o § 3.º, do art. 21, do Regimento Interno da Academia, a comissão constituída para examinar as qualidades literárias e culturais da obra do escritor José de Figueiredo Filho, candidato á cadeira n.º 34, vaga em virtude do falecimento de Dolor Uchoa Barreira, vem oferecer a essa Presidência e aos Senhores Acadêmicos o seu parecer, consubstanciado no seguinte resumo crítico :

Sob os auspícios da Livraria Editôra Odeon, de São Paulo, publicou José de Figueiredo Filho, em 1941, o romance *Renovação*, baseando-se, em sua experiência de ficcionista, na observação direta do drama secularmente repetido das longas estiagens e na vivência com os problemas sociais e humanos que afligem o homem nordestino.

Gustavo Barroso, numa síntese bastante significativa, assim definiu as virtudes estilísticas e criadoras do escritor cariense : "Seu estilo singelo e puro denuncia no autor um espírito claro que sabe ver e sabe contar o que viu. No convívio do povo sertanejo êle soube surpreender os aspectos de sua existência de sofrimento. Rasgou, assim, o véu que cobre uma parte do vasto panorama da angústia nacional".

"Obra de brasilidade e de espiritualização — conciuu Gustavo Barroso —, de ensinamento e de fé em dias melhores para a Pátria, merece ser lida pelos que amam e servem ao Brasil no grave momento atual de sua história. É brado de despertar dum brasileiro do interior, que sente, que sofre como todos os brasileiros do interior, e comurga com seus irmãos do Brasil inteiro a mesma hóstia de dôr."

Havendo escolhido por tema o binômio terra e homem, nessa narrativa romanceada de José de Figueiredo Filho descreve as diversas fases do êxodo rural, ao mesmo tempo que traça os



destinar das personagens que simbolizam mais esse capítulo da "tragédia nordestina". A atração pelas florestas virgens da Amazônia, enriquecidas de mistério pela imaginação dos parouaras e as notícias de riqueza fácil nos cafezais paulistas precipitam a debandada da família do velho João Marcolino, cuja caminhada termina na fazenda Boa Esperança, no interior de São Paulo.

Além dos Marcolinos, outras personagens habitam o mundo de longínquos horizontes concebido por Figueiredo Filho, em seu *Renovação*, ressaltando, dentre elas, a figura do Pe. Cícero Romão Batista, que assoma, vivo e autêntico, das páginas da história em diálogos como esse :

— Como vão, meus camaradinhas? Como deixaram os sertões?

— Meu *Padrim*, falou um romeiro, viemos de Vila Bela somente para indagar se ainda há esperança de inverno, este ano, no Pajeú.

— Podem ficar descansados, meus camaradinhas, as chuvas vêm tardias mas dão muito bem para a criação.

*Meu mundo é uma farmácia* foi o segundo livro escrito por Figueiredo Filho, tendo confiado a sua publicação, em 1948, ao Instituto Progresso Editorial, de São Paulo. Vasado em linguagem amena e simples, em suas 168 páginas estão contadas as memórias de um boticário nascido e criado numa cidade do interior, que do pai herdou a profissão de remediar os males do corpo e o dom de pressentir e auscultar os padecimentos psíquicos e morais de uma clientela aldeã, confiante mais nos milagres da Providência do que nos bálsamos aviados no recesso da botica ou vindos dos laboratórios da metrópole longínqua.

Trata-se por conseguinte, de uma narrativa de apreciável valor, como depoimento e como documentário, nela se encontrando fielmente retratada uma modesta sociedade, com seus hábitos tradicionais, suas maneiras peculiares de conceber e encarar a vida e seus tipos mais característicos. A farmácia é o mundo para onde converge essa pequena humanidade, cujas aspirações se limitam, muita vez, a superar o adversário numa disputada partida de gamão.

Com *Engenhos de Rapadura do Cariri*, editado em 1958 pelo Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, enveredava-se Figueiredo Filho por um gênero em que iria firmar-se, definitivamente, como um dos maiores intérpretes de uma região, a exemplo do que ocorre com Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, no Rio Grande do Norte e Arthur Cezar Ferreira Reis na Amazônia.

A paisagem física e humana do extremo sul do Ceará aparece, num quadro de amplas proporções, nessa monografia de José de Figueiredo Filho. Segundo o Dr. José Anastácio Vieira, então diretor do Serviço de Informação Agrícola, nas 74 páginas que enfeixam esse volume o escritor cariense "não descreve apenas moagens e plantios de cana, mas focaliza, também, aspecto da vida na região, para mostrar a civilização que foi criada naqueles rincões, por elementos genuinamente brasileiros, nascidos e educados ao abrigo da velha indústria da rapadura".

Para o trabalhador do engenho volta-se Figueiredo Filho, estudando os mais variados aspectos de sua participação na história econômica dessa área canavieira do Nordeste brasileiro. Dos tipos que tão fielmente retrata, ressalta-se a figura do cambiteiro, "alma danada, afoita, alegre e barulhenta do trabalho cotidiano do engenho."

Contrabalançando, porém, a austeridade do seu ensaio, José de Figueiredo Filho inclui em seu livro páginas bastante deliciosas da literatura oral cariense, notadamente do famoso poeta popular José de Matos, de grande popularidade na região.

Criado ao contato do menestrel de feira, do cambiteiro e outros tipos característicos da saga cariense, para Figueiredo Filho não constituiu tarefa muito difícil traduzir as manifestações espirituais dessa gente, o que passou a fazê-lo, inicialmente, em trabalhos publicados, sem maiores pretensões, nos jornais que se editam na cidade do Crato.

Como resultado das suas constantes pesquisas no gênero, era lançado em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará, seu livro *O Folclore do Cariri*. Já então num estudo de maior profundidade e amplitude, mostrava Figueiredo Filho como haviam se processado as atividades folclóricas nessa região do Ceará, dando ênfase a algumas danças perpetuadas pelos chamados "cabras" de pé-de-serra do município do Crato, tais como o *maneiro-pau*, o *côco-gavião*, o *milindô*, a *contradança* ou *dança do pau-de-fita* e o *sapo cururu*.

Capítulo dos mais interessantes desse livro é o que dedica o autor às bandas cabaçais do Cariri, cujos componentes executam, principalmente, músicas onomatopáicas de compositores locais. "O baião — escreve Figueiredo Filho — é o gênero de que mais gostam (os caboclos). *Pipoca* é um baião que imita o milho pipocando no fogo, *Maribondo* é tão agressivo em notas agudas quanto aqueles insetos tão valentes e de ferroada tão causticante. *Cachorra* é como se fosse a cadela a gritar com o açite."

Em 1966, nôvo livro de folclore publicava José de Figueiredo Filho, ainda sob os auspícios da Universidade Federal do Ceará, através de sua Imprensa Universitária, dessa feita focalizando a vida social e cultural da criança, em *Folguedos Infantis Caririenses*.

Segundo o depoimento do próprio autor, não se tratava de uma obra de grande ambição, valendo sobretudo pela contribuição que oferecia a um dos aspectos menos estudado de nosso folclore, não obstante a sua importância como veículo de perpetuação de folguedos como a *La Condessa*, a *Barca-virou*, *Senhora Dona Sancha*, *Boca de forno*, etc.

Em que pese a modéstia do autor, não restam dúvidas de que os *Folguedos Infantis Caririenses* constituem subsídios dos mais valiosos para os estudos folclóricos no Brasil, alinhando-se, pela sua temática, ao lado de livros como *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*, da autoria do Prof. Florestan Fernandes, em que, pela primeira vez em nosso País, se procurou dar à criança a merecida importância, como elemento de veiculação de danças, jogos e brincadeiras tradicionais.

É o escritor Figueiredo Filho, portanto, um homem preocupado com os temas mais sérios do complexo cultural cearense, merecendo, por isso mesmo, o nosso respeito e a nossa admiração. Seu trabalho intelectual é dêses que dispensam elogios, em forma de adjetivação, porque traduzem, implicitamente, um esforço admirável no sentido de projetar, além do nosso Estado, as manifestações espirituais de uma região, cujo trato com as letras e com os problemas da cultura em geral remonta, talvez, à época de preparação dos movimentos políticos que culminaram com a revolução de 1817 e a proclamação da República do Equador.



Senhor Presidente :

Pelo que nos foi possível conhecer sôbre as atividades intelectuais de José de Figueiredo Filho, somos de parecer que referido escritor chega a reunir as necessárias credenciais para concorrer ao preenchimento da cadeira 34, declarada vaga no quadro de sócios efetivos da Academia Cearense de Letras.

Fortaleza, 29 de setembro de 1967

Dr. MANUEL DO NASCIMENTO TÁVORA — Presidente

ANTÔNIO MARTINS FILHO — Relator

# FUNDO E FORMA

DAS

## Crônicas do Pe. Vieira

---

CARLOS FEITOSA

A Imprensa Universitária do Ceará brindou os leitores cearenses, presentes e futuros, salvando das folhas efêmeras dos jornais, com cem crônicas do Pe. Vieira, que não deve ser confundido com o notável pregador jesuíta, pois que se trata do esforçado vigário-jornalista de Iguatu.

Cogito de "100 CORTES SEM RECORTES", já adotado por êle nas colunas do tradicional vespertino O POVO, quando divulgou êsses escritos, em primeira mão.

O seu aparecimento foi objeto de concorrida tarde de autógrafos na Livraria Renascença de Fortaleza e de memorável noitada cultural na Biblioteca Matos Peixoto de Iguatu, que contou com a presença do Vice-Reitor, Prof. Renato Braga, constituindo-se o fato em marco assinalado de uma época de publicações que se iniciou na terra dos Quixelôs, seguida de outras feitas iguais, a exemplo do lançamento da Monografia "IGUATU", de autoria do Prof. Alcântara Nogueira e das plaquetas "DIOCESE DE IGUATU", do Mons. Francisco de Assis Couto, seu Vigário Geral.

O esgotamento rápido da edição oficial, e a procura constante da obra, obrigaram o seu autor a tirar uma segunda estampa com o selo da Freitas Bastos, que ainda não pus os olhos.

### I — OS TEMAS DA OBRA E O ESTILO DO AUTOR

2. O Pe. Vieira tem elevado número de leitores certos de suas crônicas, apreciadores da boa leitura. Em qualquer página do livro que se abra, a cada crônica que se leia, deparamos com o sal de sabedoria — a idéia. Quem as lê admira a mestria com que são versados temas, desde o quotidiano até os assuntos mais sérios. Senhor de um estilo leve e correntio, dosa os seus escritos de conhecimentos de autêntico humanista.

Delas há que são verdadeiras teses de sociologia, como "Bodegas do Sertão", "A Rêde Sertaneja", "Cruzes das Estradas", "Solteironos", e muitas mais. Outras, de acentuado sentido humano, como "Por Que Moro no Icó". Crônicas bonitas, como "Primeiro de Abril", "O Pequeno Herói", "A Bengala"...

Sendo filho de Várzea Alegre, a terra dos contrastes, que não é várzea e nem alegre, é natural que não possa fugir ao gosto das comparações antagônicas. A este respeito, leiam-se as primorosas jóias que são "O Aboio e o Acalanto", "Papai Noel" (e o Menino Jesus), "O Anel e a Enxada", "O Giz e o Quadro Negro", "O Adulador" (e o Orgulhoso), "Juventude e Velhice Transviada", "O Palhaço e os Políticos", e outras. Estas peças transbordam idéias.

3. Tema constante do seu labor literário é a sua feiúra e o calvície, por ele mesmo confessadas. Trata-se de imperfeições de somenos importância com que o Criador foi distinguindo a humanidade ou, como diria êle (não o ouvi neste particular), de dotes com que a Providência Divina agradeceu uns, em compensação de outros atributos mais positivos, como os de alma, superiores aos da matéria.

O aproveitamentos destes pequenos defeitos como assunto de suas crônicas, embora o faça em tom galhofeiro a si próprio, um psicólogo viria, nessa constante, uma sublimação. A maturidade lhe ensinou que, rir daquilo que lhe complexou na mocidade é o melhor remédio, até mesmo por que rir é "propre de l'homme". Sejam lidas, para o comprovar, "A Calvície", "Decepção", "Adulador", etc.

Esta, no entanto, é a lição dos pragmatistas americanos, com John A. Joyce à frente: "laugh and the world laughs with you; weep and you weep alone — ria-se, e o mundo rir-se-á com você; chore, e chorará sozinho". Não pensa de modo diferente o "bon vivant" francês que, na voz do Duque de Choiseul, afirma que "un homme que rit né sera jamais dangereux — um homem que ri não será, jamais, perigoso". Não é outro o ensinamento da milenar filosofia oriental, como nô-la transmite Lin Yutang: "O mundo é demasiado sério, pelo que necessita de uma atilada e alegre filosofia". Entre nós, Getúlio foi o mestre inexecidível dessa sadio filosofia. Suicidou-se, quando não pôde mais rir. Veja-se, nesse proceder do Pe. Vieira,, mais uma prova da finura do seu espírito.

A respeito da feiúra — a outra face do tema em apreciação —, é curiosa uma história que Fred Fritsgeral nos conta em A VANTAGEM DA FEIÚRA, concernente a um duelo entre dois seres humanos, os feiússimos M. de Langerie e M. de Montande. Depois de se defrontarem os Mistery da Feiúra, M. de Langerie, não obstante espadachim excepcional, desistiu da luta e pediu desculpas dos insultos que motivaram a pugna, alegando, com muitas razões, que, se lutasse, adotando tôdas as regras da esgrima, mataria o adversário e, com isto, torna-se-ia o mais feio do mundo. Êle não dese-

java, para si, essa láurea e, por isto, desistiu do combate. Assim, a feiúra salvou a vida de M. de Montande, e M. de Langerie não conquistou a glória de ser o mais feio do mundo, o que seria um despautério, bater-se por tal.

4. O Pe. Vieira, sempre que lhe observam a despreocupação da linguagem, comporta-se com os modernistas dos primeiros tempos, dizendo que o que lhe impressiona, na arte de escrever, é a idéia e não a forma que a reveste. Por várias vezes, vi essa explicação em crônicas, além de me ter repetido pessoalmente, em conversas que sempre mantivemos.

Trata-se de um estado d'alma que se reflete em todos os seus escritos e, coisa curiosa — o transcendental influenciando no material —, apresenta-se até no descuidado modo de trajar. Repare-se que, só em solenidades, êle usa o colarinho eclesiástico. Acabada a cerimônia, o objeto, que para êle é instrumento de tortura, é imediatamente atirado à margem. Habitualmente, a gola de sua batina permanece desabotoada. Acredito que ao adotar a nova indumentária, o *clergy-man*, em substituição à tradicional e respeitável batina (o *hábito faz o monge*), deixará palitô e gravata pelo silaque.

## II — DICIONÁRIO E GRAMÁTICA A SETE CHAVES

5. Respondendo a um leitor que o interpelou, neste tocante, assim falou o Pe. Vieira: "Quando escrevo os meus artigos, fecho a gramática e o dicionário a sete chaves". Ao depois, adverte: "Reclamem sim os artigos vazios de idéias, de alma, de sentimento". Arrematando, confessa: "Contra o virus gramatical já me julgo suficientemente vacinado" (**Um Erro gramatical**).

Noutra oportunidade reafirma: "A idéia é uma coisa tão sublime que independe até da palavra para manifestar-se, quanto mais de certas palavras e de certas formas". Ao fim, transmite-nos esta sentença: "Daí, por sem dúvida, êste fato inconcusso da história da literatura: bom gramático, péssimo escritor" (**Os Gramáticos na Literatura**).

Noutra crônica recente, conceitua: "Para ser-se gramático, basta um par de olhos para enxergar e descobrir erros. Para ser-se escritor, é necessário ter-se alma e coração para descobrir verdades" (**Filosofia em Drágeas**).

Não comungo, inteiramente, com a opinião do padre-cronista, até por que a recíproca não é verdadeira — bom escritor, péssimo gramático. Uma boa crônica em linguagem despreocupada é como uma bela mulher descuidada.

Cronista de belas idéias, como Austregésilo de Athayde, em O CRUZEIRO, nos seus escritos, só raríssimamente se encontra a indevida colocação de uma vírgula, que pode ser atribuída à revisão. Se a linguagem

é perfeito, as idéias são belíssimas. Gostaria muito de ver o Pe. Vieira escrevendo suas crônicas em português bem cuidado, só para ver o útil unido ao admirável. Mas, cada qual como Deus o fêz. Não é Padre?

6. Por via dessa despreocupação do estilo, perdeu o Pe. Vieira belos períodos e incidiu em equívocos de morfologia de palavras, aliás desculpáveis, em face dos seus profundos conhecimentos humanísticos. Em tudo, meros casos de **lápuz cãlami**.

Vamos aos exemplos: "da vida só se leva a vida que se leva" (pág. 117). O povo já estratificou esta filosofia de vida do seguinte modo: **a que se leva da vida é a vida que se leva**. Aqui, o jogo de palavras é mais belo e melhor estruturado.

Há casos de parafonia, como: "..., mui **ajustadamente**, diz o homem **justo**" e "amiúde as ameias" (pág. 118). "Começo por **arrepazar**" (pág. 187), está escrito em português estropiado. Embora sublinhado é, todavia, destoante da linguagem elegante que imprimiu às suas crônicas. O galicismo **nuança**, pelo castiço **matiz**, talvez repugnante ao gosto do Padre, está empregado duas vezes (págs. 67 e 172). A nasalção de étimo gálico perde muito para a sonoridade do termo luso.

Mais adiante, encontro: "..., uma costela a mais, respondia como Descarte: — Padre dá azar" (pág. 188). Descartes é a grafia certa do nome do famoso filósofo francês. O que o cronista escreveu significa ato de descartar-se. Trata-se de uma desatenção natural de quem manipula milhares de vocábulos.

Do mesmo modo é estoutro engano: "mercadoria borolenta" (pág. 162). Mestre do latim e estudioso do grego, só por mero engano o Padre olviária o **pallor**, original da língua do Lácio, inculto e bela. Talvez bela, por que inculta.

Outro descuido encontra-se neste período: "Trazem na entono da voz, nos modos, nas atitudes, num estilo exequial". O que? Aqui, realmente, a "gramática está fechada a sete chaves". Faltou o objeto. Trazem o que?

O "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", organizada em 1934, pela Academia Brasileira de Letras, o **Código Ortográfico do País**, no dizer do emérito Prof. Antônio Soares, não consigna **hindus** (pág. 140), mas **indus**, muito embora na origem persa seja **hindus**.

Mais êste exemplo: "E o **povo**, que perdeu tôda confiança nos políticos, se volta esperançoso e cheio de fé para os 25 bichos do **que lhes dão** nos osas de uma vaga esperançosa da sorte uma ilusão de felicidade" (pág. 124). Os **bichos**, mais pertos, fizeram o cronista esquecer o **povo** distante.

Há, ainda, essa fala redundante: "Hoje, depois de ter caminhado tanto no tempo e na idade" (pág. 63). Quem caminha no tempo também o faz na idade.



Além dêsses casos, enxameiam pequenas falhas, tipográficas, umas, outras, não.

7. Por tais razões, acredito que, realmente, quando o virtuoso vigário se senta para escrever, fecha a sete chaves o Dicionário e a Gramática, como confessor. Contudo, sua atitude prejudicou frases que se não fôra a prevenção que nutre por aqueles indispensáveis auxiliares do escritor, teriam saído impecáveis, de que são exemplos os trechos adiante.

Escreveu o Pe. Vieira: "A mocidade é um romance. A velhice, uma LONGA história". Se tivesse recortado sua crônica, teria aparado aquela "longa", e, então, a frase teria surgido mais bela ainda. Justifica o corte até mesmo por que não qualificou o romance da mocidade.

Todavia, salvaram-se ainda frases peculiares, nossa, como: "Tudo que era menino" (pág. 61). A expressão tem o sabor do nosso linguajar, em que êle é um exímio minerador. E' genuína, gostosa.

### III — JUSTIÇA DE PÉ-DE-BODE NA MÃO

8. Como o seu êmulo, o inimitável pregador jesuíta, o nosso Vieira não suporta Juiz venal, que muitos os há.

São numerosos os passos em que vergasta a Justiça, como a seguir veremos: "Alexandre Magno, com uma poderosa armada, singrava os mares para conquistar a Índia, quando surpreendeu um pirata que roubava os pescadores e lhe quis fazer severa justiça. Mas êste longo arrefeceu o impeto do rei com esta duríssima observação: — Porque roubou em um barco sou ladrão e vós que roubais em uma armada sois imperador" (**Ladrão e Barão**).

Em seguida, apresentou estoutro exemplo: "Diógenes, que merecia viver em nossos dias para queimar o sinapismo de sua sátira aos nossos barões, vendo um grupo de magistrados, que levavam uns ladrões à fôrça, começou a gritar em altos brados: — Lá vão os ladrões grandes enforcar os ladrões pequenos" (**Ladrão e Barão**). Trata-se do aproveitamento em crônica de apotegma popular: **quem rouba muito é ladrão, quem rouba pouca é ladrão**. Com muito dinheiro, os grandes ladrões compram as justiça. Os casos citados mostram que não é dos nossos dias a venalidade dos juízes vindos dos primórdios da antiguidade, pois que a Justiça dos homens tem a fragilidade da espécie.

Sua acrimônia atinge os magistrados transviados de todos os escalões, quando interroga: "De que vale a pena ter Juiz de Menores, se o que falta na realidade é juizo para os juízes?" (**Juventude e Velhice Transviada**). O Juiz de Menores, aqui, não é o privativo da Capital, mas a função acumulada que todos os magistrados do interior exercem-na. Para não ferir suscetibilidade, o melhor é calar, é não particularizar fatos evidentes.

Em sua continuada censura aos homens da justiça, diz que: "Quando nos pratos do balança da Justiça pesam mais as razões da parte que os convencimentos da razão, não é muito que saia glorificado o crime e condenada a virtude". Prosseguindo, afirma: "Enlute-se a dignidade, tarje-se de preto a honra, banhe-se de pranto a virtude, que não apenas, no sertão, mas também, os capitais, a justiça é um comércio de vinganças tabeladas" (**Fracasso da Justiça**). Por fim, a razão de ser da venda de Têmis: "... a justiça traz venda nos olhos, que afinal de contas uma venda é o símbolo da justiça que se vende" (**Fracasso da Justiça**).

Explica, também, a maneira como os Magistrados se alçam mais rapidamente nos escalões superiores da Justiça: "No comércio, vence o negociante esperto e ladino. Na política, o homem manhoso e falso. Na administração, o que se locupleta. No magistério, aquele que disfarça sabedoria e distribui certificados. **Na justiça, o que sofisma e vende sentenças**" (**Nôvo Sermão da Montanha**). Isto é verdade, e digo como Juiz e com conhecimento de causa. Perdôe-me o magistrado padrão — que são muitíssimos poucos. Parece que os estou ouvindo com a repreensão bíblica: "Não falarás mal do teu Juiz". Mas, quem assim procede, não é Juiz, é vendilhão do Tempo. E, esses, merecem zurzidos, pois, São Paulo Apóstolo disse: "Tirai do meio de vós o mau" (I Coríntios 5:13).

9. Por via desses acicates, o Pe. Vieira entrou em chачas com a Associação Cearense de Magistrados, em 1960, em virtude da publicação da crônica "Moralização da Justiça", em O POVO de 15 de Dezembro de 1960.

Os Juizes se assanharam e, por provocação do seu sodalício, este pediu ao Padre que concretizasse a denúncia, "positivando fatos e apontando os Juizes que se encontrem nos casos especificados" (O POVO de 22 de Dezembro de 1960).

A resposta do Padre foi fulminante: "Seria mais conveniente, para a moralização da Justiça, citar os nomes dos magistrados que honram a Magistratura cearense, do que apontar aqueles que o público conhece e a Magistratura não ignora, como relapsos, faltosos, desonestos, delinquentes e venais" (CORREIO DO CEARÁ de 28 de Dezembro de 1960).

Foi grande a habilidade do Pe. Vieira. Admiro-a por que cat na tolice de, em situação idêntica, concretizar uma denúncia, "positivando fatos e apontando os Juizes que se encontravam nos casos especificados". Assim agi em decorrência de uma **interpelação judicial**, de que veio resultar uma pseudo-sindicância e, desta, um processo administrativo que se arrasta em passos de cágado, dando ensejo à promoção de todos os venais indigitados e — **coram rostris, ami cis** — por merecimento. Os mais faltosos, figurando em duas listas em cada oportunidade. Os padrinhos são fortes, formam corrente, seguindo a velha lei de que **o semelhante atrai o igual** —

*similia similibus invocat*. Em nada influiu a produção de mais de oitenta documentos, alguns, deles extraídos do Tribunal e de publicações de jornais

Mas, esmagando o Padre a associação, pediu esta a intervenção do Tribunal, que admitiu o Pe. Vieira "tenha, na verdade, conhecimento de faltas, até mesmo das mais graves, cometidas por algum magistrado...", mas, pondera que, "Em tôdas as classes, notadamente quando numerosas, é compreensivelmente que haja elementos que, de quando em vez, incorram em graves deslizes..." Por fim, concluiu por faltar "ao Pe. Vieira o que sobrava no seu homônimo, a caridade" (DIÁRIO OFICIAL de 30 de Dezembro de 1960). Como o ataque oficial se fez em jornal que não tem circulação no seio do povo, ficou sem resposta, pois que, acredito, o Vigário dêle não teve notícia.

A circunstância de um cristão ter caridade não implica na aceitação de "relapsos, faltosos, desonestos, delinquentes e venais", e nem o impede, moralmente, de apontá-los à execração pública. O exemplo do Mestre contra os vendilhões do Templo, é modelo divino.

A caridade invocada ao emérito jesuíta, não o impediu de assim desabafar: "eu antes me quisera ver acusado de demônios que ver-me julgado de homens".

10. Minha impressão é a de que o Pe. Vieira gostaria de ver esfolados todos os Juizes que se vendem, cujos couros seriam pregados nas cadeiras daqueles que os sucedessem, tal como naquela tela famosa de Gerard David (1460 - 1523), natural de Oudewater, na Holanda, grande mestre entre os primitivos pintores flamengos, na qual se vê Sisammés (ou Sissammés), juiz persa que se tornou célebre pelo suplício que lhe infligiu Cambyses II, filho de Ciro, o grande Rei da Pérsia, que, para punir-lhe as prevaricações, mandou escorchá-lo vivo e pregar sua pele na poltrona dos juizes, a fim de que o temor de semelhante castigo os contivesse nos limites do dever (Bescherelle).

Neste ponto, se este for o pensamento do Pe. Vieira, eu o acompanho totalmente, pois, não penso de outro modo, quanto aos **Juízes de Pé-de-Bode na Mão**.

11. Aliás, acredito que a razão que leva o Pe. Vieira a exigir de Juizes uma Justiça perfeita é o querer compará-lo ao modelo Divino, cujo contacto é o seu viver constante. O reverendíssimo Vigário, no entanto, se equivoca se assim procede. E' que não há termos de comparação entre a Justiça do Céu e a pálida imitação que exercitam na Terra os homens.

Adverte Giórgio del Vecchio: "A Justiça, considerada como virtude divina, do mesmo modo que outras virtudes, tem em Deus existência exemplar (est *exemplariter in Deo*), S. Thomaz, "Summa Theol. ", 1.º e 2.º *quest.* 61. art. 5 c); pelo que não só se afirma a superioridade dela em confronto com a justiça humano, como se contrapõem uma à outra em vivo contraste,

indo-se, às vezes, ao ponto de manifestar certo desprezo da justiça humana" (A JUSTIÇA, 1960, pág. 27). Eis a origem das razões por que o Pe. Vieira despreza a justiça dos homens.

Santo Agostinho, o Doutor Angélico, nos lembra que "Não pensemos que a maneira de julgar de Deus seja semelhante à nossa... porque a luz que ilumina é incomparavelmente mais excelente do que aquilo que é iluminado. — **Non ergo Deum nostrae justitiae similibus cogitemus... quoniam lumen quod illuminat, incomparabiliter excellentius est illo quod illuminatur**".

São Grigório Magno foi mais além, quando disse: "A Justiça humana, comparada com a Divina, merece, antes, ser chamada de injustiça: Com efeito, se a lanterna clareia nas trevas, diante do raio solar ela desaparece — **Humana justitia divinae justitiae comparate, injustitia est: quia et lucerna in tenebris fulgere, cernitur, sed in solis radio posita tenebratur**".

São antigos os queixumes de famosos escritores contra as justiças do mundo. Em diálogo, clamava o **Relógio da Aldeia com o da Cidade**, imaginado por Dom Francisco Manuel de Melo, "essas são as justiças do mundo, em que ninguém vale pelo que é, senão pelo lugar em que a vemos". Isto significa que, mesmo perante os Juizes o homem vale pelos seus cabedais.

A sua vez, Anatole France, o grande romancista francês, desalentadoramente, confessa: "je suis las d'éprouver l'injustice des gens de justice — estou cansado de provar a injustiça das gentes da justiça". O Vigário, também, já deve estar exausto de sentir a injustiça da Justiça, já não digo na própria carne, mas na dos seus paroquianos, seus filhos espirituais. Daí sua justa revolta.

Louvo sua tenacidade em espicaçar a Justiça que vende, que enpunha o **Pé-de-Bode**, ao invés da balança. Embora saiba inútil o seu esforço, contudo, algum proveito advirá, é certo. Avante, pois.

\* \* \*

O Pe. Vieira, além do livro analisado, que foi o primeiro, publicou mais dois outros. Um, de pesquisa, "O Jumento, Nosso Irmão". O outro, de idéias, "O Verbo Amar, e Suas Complicações". Todavia, depois que, com grande êxito ingressou na política e se tornou Deputado Federal, nada mais trouxe a lume, senão nma 2.<sup>a</sup> edição dos "100 Cortes Sem Recortes".

Depois de vitorioso nas urnas, sua pena parou até na crônica diária. Os seus leitores já estão apreensivos, que êle a tenha quebrado, que o **megera** o tenha furtado das letras cearenses que, com tantos brilhos as vinha enriquecendo.

Venha o cronista com os seus trabalhos, para sossego dos seus ledores.

# Subsídio para a História de Mauriti

OTACÍLIO ANSELMO



CORONEL ANDRÉ CARTAXO

Como qualquer Município do Nordeste, notadamente do Cariri, Mauriti está vinculado à história do cangaço, fruindo tôdas as complexidades das passadas lutas sertanejas, eivadas de lances de bravura e atos de selvageria.

De fato, encravados na região assolada pelo cangaço, com a circunstância de situar-se na linha fronteira da Paraíba e Pernambuco, trilha preferida pelos bandos armados em suas correrias, o atual Município de Mauriti, mesmo a começar do seu vagoroso povoamento, foi cruzado constantemente por grupos de bandoleiros, ora em lutas com forças policiais, ora em duelos com bandos rivais.

tendo sido palco do mais singular episódio da história do cangaceirismo, visto que nêle, pela primeira vez, fôra envolvida a figura de um sacerdote católico, o qual, para defender a própria vida, teve de trocar o breviário pelo "44" e lutar com a mesma combatividade de qualquer leigo do sertão agreste.

Tal acontecimento, logo batizado de "Fogo do Coité", incorporou-se à crônica de nossas lutas sertanejas constituindo um capítulo tão fascinante como a luta heróica de Quintino Feitosa contra os cangaceiros eventualmente comandados pelo bandido Zé-Pinheiro, em Juazeiro do Norte, e a de Chico Chicote em oposição a contingentes policiais de três Estados, no seu Sítio Guaribas, apenas com a diferença de que a derrota coubera aos assaltantes, não havendo, conseqüentemente, as tragédias que assinalaram referidos episódios, tão peculiares à época do chamado "coronelismo".

O fato aconteceu a 20 de janeiro de 1922. Naquella tempo, Mauriti era simples distrito de Milagres, pois havia perdido a autonomia administrativa cinco anos após sua elevação à categoria de Município, cu seja, em 1895.

Nesta altura, abrimos um parêntese para retificação de um equívoco. O Município de Mauriti, ao contrário do que alguém afirma, não "se encontra localizado no sopé da Serra do Araripe". Tampouco é certo que os rios S. Miguel e Buriti são "oriundos das fraldas" do Araripe. Na verdade, a linha divisória do Município dista cerca de cinco léguas da referida serra, enquanto que os aludidos cursos d'água, que desembocam na Lagoa Buriti, têm origens nas elevações situadas no lado oposto, isto é, na fronteira da Paraíba.

Governa o Estado o Dr. Justiniano de Serpa, e Milagres, por motivo de sérias rixas entre os chefes políticos locais, monopolizava não apenas as atenções de todo o Ceará, mas também dos Estados vizinhos. É que o caudilho José Inácio de Sousa, por ter apoiado a candidatura Serpa, estava no auge do seu prestígio político, a ponto de dar guarida ao grupo Sinhô Pereira-Lulu Padre, após cada incursão do bando em qualquer parte de sua zona de operações.

Rompido mais uma vez com os irmãos Joaquim e Manuel Chicote, aquêle substituído por êste no cargo de Prefeito de Milagres, o Major Inácio permaneceu no gôzo de grande influência junto ao Governo, para o que muito contribuíra a adesão do Padre Cícero ao Presidente Justiniano de Serpa.

\* \* \*

Como se recorda, José Inácio ascendeu politicamente à scmbra do prestígio do Coronel Domingos Leite Furtado. Desapa-



recido êste (1918), êle o substituiu na chefia política local. Fal-tava-lhe, porém, o principal fator para exercer plena liderança no tradicional Município: raízes locais e maiores laços familiares. Daí por que, e de acôrdo com o seu temperamento, cuidou êle de do-minar a situação por meio do terror, já agora com pretensões à Assembléia Legislativa do Estado, depois de haver contribuído para a eleição de Floro Bartolomeu, como candidato avulso, à Câmara Federal. Para isso, afora sua capangada doméstica, êle dispunha do bando de Sinhô Pereira, por sinal, sem parente a fim.

E aqui chegamos ao "Fogo do Coité".

Saído provavelmente do Barro à frente de quarenta can-gaceiros, Sinhô (Sebastião) Pereira atacou a residência do Padre José Furtado de Lacerda, no lugar Coité, a seis quilômetros de Mauriti e cinco léguas de Milagres.

Ao ser atacado, o sacerdote estava acompanhado apenas de Luís Lacerda. Pouco depois, porém, num ímpeto de marcante bra-vura, Pedro Sampaio de Lacerda, Manuel Lacerda (Neco) e o va-queiro Maré Gato romperam o cêrco e, sob um chuva de balas, entraram na casa e passaram a resistir ao lado do valente clérigo. (Informe do Dr. Lacerda ao autor).

Sem interrupção e não acarretando baixas, o tiroteio durou exatamente seis horas e terminou com a retirada dos atacantes. Enquanto isso, a força policial estacionada em Milagres, constituída de mais de quatrocentos combatentes, lá permaneceu imobilizada, a pretexto de defender a cidade de um ataque da cabroeira de José Inácio...

Referindo-se ao "Fogo do Coité", em discurso pronunciado na Câmara dos Deputados (3 / 4 / 1922), Floro Bartolomeu afirma que Sinhô Pereira retirou-se do Sítio Coité — hoje distrito de Mau-riti — e foi acampar com o seu grupo "a meia-légua, onde passou dois dias e três noites".

Floro não dá o menor detalhe sôbre a permanência do bando no local. Ademais, não identifica o ponto de tão demorado repouso. Mas o que lá aconteceu é o que passamos a revelar, adiantando, desde logo, que o local foi a Fazenda Araticum, de pro-priedade do cidadão André Brasiliense do Couto Cartaxo, tio e sôgro do General Raimundo Teles Pinheiro e pai do conhecido mé-dico Décio Teles Cartaxo. Antes, porém, abrimos espaço à última proeza do famoso cangaceiro em terras de Ceará.

Findo o longo descanso, Sinhô Pereira voltou para o Pajeú, passando rente aos quintais de Mauriti. A três quilômetros dali, na Fazenda Lagoa das Queimadas, de Antônio Martins, o grupo entrou em luta com a "volante" de quinze praças, comandada pelo Sar-



gento Antônio Pereira Lima, vulgo Antônio Gouveia. Naquele encontro, que foi mera casualidade e o único choque havido entre o aguerrido bando e a Polícia do Ceará, morreram dois soldados, um deles apelidado de "Papagaio", e o temido cabra Pitombeira. Além disso, o ocasional tiroteio resultou na fuga precipitada da força policial, com três soldados feridos e a perda de nove fuzis, levados pelos cangaceiros. Acentue-se que o grupo, do qual fazia parte Lampião, teve ainda um cabra gravemente baleado, o qual foi conduzido numa rede pelos seus companheiros.

Não obstante o prestígio de que desfrutava perante o Governo, êsses fatos deixaram o Major José Inácio em situação periclitante.

Em seu já citado discurso, o Dr. Floro Bartolomeu da Costa menciona as medidas governamentais que se seguiram àquelas ocorrências, inclusive a nomeação do Tenente Miguel Arcanjo de Melo para delegado dos povoados de São Félix Boa Esperança (atual Iara) e Cuncas, com sede no Barro, à testa de numeroso destacamento policial, sem contudo revelar a causa determinante da queda definitiva do famoso caudilho sertanejo.

E aqui retomamos o fio da meada, para contar o que realmente sucedeu durante o repouso do grupo de Sinhô Pereira após recuar do Coité, ocasião em que ocorreu o episódio que, na realidade, provocou a derrota decisiva do régulo de Milagres.

Fato absolutamente inédito, tal acontecimento vem hoje à baila — decorridos quarenta e seis anos — graças ao atendimento do General Raimundo Teles Pinheiro a uma solicitação de minha parte, o qual após rigorosa pesquisa junto aos seus familiares mais idosos e outros parentes que tetemunharam o episódio, como os Drs. Darival e Décio Cartaxo, escreveu-me atenciosa e elucidativa carta narrando-o nos seus principais detalhes. Dêsse modo, cabe ao ilustre militar e escritor o mérito de tornar conhecida a verdadeira causa do fim irremediável do senhor do Barro, promovendo, ao mesmo tempo, autêntica retificação à turbulenta história do cangaceirismo no Ceará.

Como é sabido, antes do "Fogo do Coité", José Inácio havia patrocinado o assalto de Sinhô Pereira ao Sítio Nazaré, de Da. Praxedes Furtado de Lacerda, viúva de Domingos Furtado, bem assim o saque da "Nascença", sítio de propriedade do Coronel Basílio Gomes da Silva, aquêlo no Município de Milagres e êste no de Brejo Santo. Data daquela época a incursão do célebre cangaceiro no Estado da Paraíba, quando, entre outras, assaltou a fazenda do

Coronel Valdivino Lôbo, no Município de Catolé do Rocha, durante um reide de quinze dias por aquêlê Município e os de Pombal, Brejo do Cruz, Sousa e S. João do Rio do Peixe, atual Antenor Navarro. Entrementes, com procedência daquele Estado, irrompiam frequentemente na região de Mauriti cutros grupos de bandoleiros, ou seja, o bando de Cícero Costa e o de Ulisses Liberato.

Foi justamente naquela fase de completa insegurança, da qual damos o nosso testemunho pessoal, que o Coronel André Cartaxo, acompanhado de tôda a família, transferiu-se do "Araticum" para Mauriti, fixando-se numa de suas casas no centro da vila, à Praça Dr. Cartaxo. Mas sua estada na sede distrital não lhe oferecia garantias suficientes contra a onda de assaltos e violências que devastavam a região, convertendo-se, por tais circunstâncias, num período de curta duração. E isto se deveu a um simples diálogo.

De fato, certa noite daqueles primeiros dias de janeiro de 1922, quando o fazendeiro palestrava com a esposa na calçada de sua residência, aproximou-se o negociante sírio Benjamim Abraão, que, indagado pela Senhora André Cartaxo sôbre a situação reinante, assim se externou :

"Se dentro de poucos dias não acontecer alguma desgraça em Mauriti, não acontecerá mais nada." E acrescentou: "Tenho muita pena do sofrimento dos inocentes."

Embora lacônica e indeterminada, tal resposta despertou de imediato, a atenção do casal, sobretudo a perspicácia de Dona Micota (Maria Fernandes Teles Cartaxo), visto que o conhecido sírio, além de sua agudeza de espírito, vivia entrosado nas rodas do situacionismo regional, a começar por sua sede, que era a casa do Padre Cícero Romão Batista.

Alertada, pois, por aquela discreta advertência, Dona Micota enviou carta relatando o caso ao seu irmão Filemon Fernandes Teles, em Crato. E êste, compreendendo igualmente a gravidade da situação, reuniu dôze homens de sua confiança e dirigiu-se para Mauriti. E tão logo ali chegou, retornou a Crato conduzindo o cunhado e sua família. Enquanto isso, partiam daquela cidade, e com o mesmo fim, os Srs. Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes e José Filgueiras Teles, os quais não ultrapassaram Missão Velha, pois ali se encontraram com a comitiva a caminho do Crato.

\* \* \*

Acolhido no seio de sua numerosa e influente parentela, André Cartaxo foi conduzido, com a família, para o Sítio Riacho Sêco, de propriedade dos herdeiros do Coronel Teodorico Teles de

Quental, aonde ficou a salvo de qualquer atentado, mas naturalmente preocupado com os bens e imóveis de suas fazendas "Araticum", e "Diamantina", esta no vizinho Município de Pianó, na Paraíba.

De repente, chegaram-lhe notícias de que o grupo de Sinhã Pereira, após o "Fogo do Coité", ocupara o "Araticum" durante o tempo a que se referiu o Dr. Floro e, na sua residência, a cabroeira destruiu móveis e objetos de estimação, abateu animais domésticos e violara paiós. E mais: em sua fúria criminosa, os cangaceiros chegaram até a rasgar retratos e degolar imagens, sacrilégio de que foi autor o citado cabra Pitombeira. E não ocorreram maiores depredações, inclusive o abate de uma novilha, devido à interferência de Tiburtino, filho de José Inácio, junto ao chefe do bando.

E eis que chegamos ao limiar da queda do tiranete do Barro. Com efeito, ao tomar conhecimento de todos os detalhes daqueles atos de vandalismo, e — o que era pior — sem contar com a menor providência das autoridades do Estado para preservar suas propriedades da sanha dos bandoleiros, André Cartaxo, diretamente e por intermédio de dois irmãos, dirigiu-se ao Presidente da República, Dr. Epitácio da Silva Pessoa. Um deles era o Dr. Belisário Dantas Cartaxo, Coronel Médico da PM do antigo Distrito Federal, e o outro, o Dr. César Cândido do Couto Cartaxo, então Engenheiro-Chefe da Great Western, na Paraíba.

Aquela época, o Presidente Epitácio já estava devidamente informado do que ocorria no interior do Ceará, através dos debates parlamentares e dos noticiários e editoriais de certos jornais cariocas, como, por exemplo, "Correio da Manhã" e "Jornal do Brasil". Consequentemente, as denúncias dos irmãos Cartaxo não o surpreenderam, apenas o levaram a tomar enérgicas e imediatas medidas. Isto porque — diga-se de passagem — seus autores eram filhos do seu grande amigo Dr. Antônio Joaquim do Couto Cartaxo, que fôra Juiz de Direito em Cajazeiras (PB) e Milagres, deputado provincial naquele Estado e no Ceará e deputado à primeira constituinte republicana pela Paraíba, ao lado de Epitácio Pessoa, colega seu na Faculdade de Direito do Recife e seu companheiro na campanha contra o golpe do Marechal Floriano Peixoto. Recorde-se que fôra êle o patrocinador da elevação de Mauriti à categoria municipal e da mudança do topônimo Buriti para o atual.

Dados êsses detalhes, colhidos em excelente trabalho genealógico do Professor Mozart Soriano Aderaldo (ROLINS, CARTAXOS E AFINS — da Revista do Instituto do Ceará — 1960), passemos ao desfecho do ruidoso acontecimento.

Inteirado das ocorrências do "Araticum", o presidente Epitácio Pessoa telegrafou ao Presidente Justiniano de Serpa. Não se conhece o teor do despacho presidencial. Mas são por demais sabidos os seus efeitos. O primeiro deles foi a partida imediata do Crefe-de-Polícia, Dr. Abílio Martins, para Milagres, onde já se achava todo o efetivo da Polícia, pois em Fortaleza, como é notório, apenas ficara a Guarda Civil. Simultaneamente, o Governo da Paraíba deslocou tropas policiais de Souza e Pombal para a Fazenda Diamantina, no Município de Pianó. Além disso, o Presidente Epitácio determinou ao Ministro da Guerra que pusesse à disposição do Presidente Serpa o 23º BC e, caso fôsse necessário, as Unidades sediadas no Recife e na Capital paraibana, para garantir as propriedades ameaçadas pelo caudilho José Inácio, tudo conforme comunicação telegráfica do Dr. Belisário Cartaxo ao Coronel André, cuja cópia foi mostrada ao Presidente Serpa pelo seu cunhado Filemon Teles.

De resto, na segunda quinzena de abril de 1922, sob as ordens do próprio Chefe-de-Polícia, a força estacionada em Milagres executou autêntica escalada no Barro, ocupando totalmente o reduto, desarmando a cabroeira e aprisionando José Inácio. O caudilho, porém, de modo ainda hoje não explicado — mas bastante compreensível — desapareceu da vigilância do batalhão policial.

Como se sabe, um ano depois, José Inácio era assassinado em São José do Douro, no Estado de Goiás, pelo charlatão Aldo Borges de Araújo, que comunicou o fato à viúva de Domingos Leite Furtado. (Cfr. A TRIBUNA de 2/5/1923).

Por sua vez, em maio daquele mesmo ano (1922), Sebastião Pereira abandonava o cangaço, seguindo para Goiás, no rastro do primo Luís Padre, e deixando à frente do bando o cangaceiro Lampião. A transmissão de comando teve lugar na Fazenda Préá, Município de Jardim.

Foi quando o cangaceirismo revigorou-se espantosamente, alastrando-se pelo interior de sete Estados, levando o pânico até a cidades próximas de capitais, como foi o caso da invasão de Limoeiro do Norte, no curso da retirada de Lampião do fracassado ataque a Mossoró. Mas isso é outra história, que terminou dezesseis anos mais tarde e está a exigir pesquisas iguais às que se fizeram sobre o caso do "Araticum", a fim de que os fatos se esclareçam de modo definitivo e se extingam dúvidas como as que envolvem a própria tragédia do "Angico", a qual assinalou o extermínio do cangaço, fator até então preponderante para a estabilidade político-econômica de certos chefes sertanejos.

# SAPATARIA POPULAR

RUA SENADOR POMPEU N.º 107

CALÇADOS, MATERIAL ESPORTIVO, MALAS  
E MALETAS

---

# A POPULAR

RUA BARBARA DE ALENCAR N.º 159

ARTIGOS DE VIAGEM E CALÇADOS PLÁSTICOS

---

# A MENINA MOÇA

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 124

ESPECIALISTA EM ARTIGOS PARA CRIANÇAS  
ORGANIZAÇÃO

*Juvencio Mariano dos Santos*

Endereço Telegráfico: - MARIANO

Telefone: - 409

C R A T O

C E A R Á

# LIVRARIA CATÓLICA

Livros, Cadernos, Material Escolar, Artigos  
Religiosos, Material para Escritório, Vidros,  
Molduras, Espelhos

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 114

C R A T O

—o—

C E A R Á

# INQUISIÇÃO

MONS. FRANCISCO SILVANO DE SOUSA

Inquisição, Noite de São Bartolomeu, Galileu, são uma espécie de dogma negativo de que se servem os inimigos da Igreja para atacar a sua doutrina, o seu clero e a sua influência social. Esses inimigos da Igreja são geralmente espiritos que repetem o que leram ou ouviram, sem apoio em nenhuma documentação verdadeiramente histórica; falam com audácia inaudita na imprensa, na tribuna e nos próprios livros didáticos, como fizeram Aulard, Debidour, Guiot e Mane, nomes conhecidos por seus estudos sobre pedagogia em França. As afirmações desses professores podem resumir-se no seguinte :

- 1 — A inquisição foi um tribunal terrível: não dava nenhuma garantia aos acusados e os condenava a penas brutais.
- 2 — A inquisição fez um grande número de vítimas, sobre tudo no sul da França, no século 13, e mais tarde na Espanha, de que não nos ocupamos neste artigo.
- 3 — A inquisição destruiu a liberdade de pensamento.

Para trazermos um pouco mais de luz ao assunto, diz Jean Guiraud, *Histoire Partiale, Histoire Vraie*, basta consultar o código de processo que seguiam os inquisidores, os registros de seus inquéritos e de suas sentenças. Tais documentos são conhecidos e o Sr. Bispo, Mons. Douais, publicou grande parte deles, o que prova que a Igreja, em tempo algum, temeu esclarecer fatos históricos que, com ou sem razão lhe são atribuídos. E com muita razão, pois, os documentos a justificam das acusações apaixonadas dos seus inimigos.

A inquisição é apresentada como um terrível tribunal, em que o réu não tinha defensores, era submetido às piores torturas e, por fim, condenado aos mais bárbaros castigos, quando não à fogueira. Entretanto, os documentos demonstram que os tribunais da inquisição davam aos culpados garantias desconhecidas naquela época, pelos tribunais civis, e que seu código penal e suas sentenças dão prova de tal indulgência que em vão se procuraria nos outros tribunais. Eis algumas provas: Quando Inocêncio IV deu os regulamentos para a inquisição que se estabelecia no Sul da França, não se cumpriu a cláusula que proibia os advogados de defenderem os hereges. Os acusados não só tinham advogados, mas ainda um procurador. Esses defensores, segundo Eymeric, deviam ser homens de uma probidade a toda prova, fiéis observadores da lei e peritos num e outro direito, homens que apresentassem todas as garantias de honorabilidade e de ciência jurídica. Réus assim tratados não se podem dizer sem defesa. Gozavam ainda de outros direitos. Podiam recusar a própria inquisição. Tinham, durante todo o curso do processo, o direito de apelar, não da sentença, que ainda não tinha sido proferida, mas, de toda maneira de agir dos juizes que se prestasse à crítica; e essa apelação ia diretamente a Roma e era recebida por Sua Santidade, o Papa. O inquisidor deve acautelar-se de não agir contra os apelantes ou contrariar a apelação, porque a Corte de Roma era por demais ciosa do seu direito. As apelações foram muito numerosas; era um meio de fazer-se arrastar o processo através do tempo e chegar à Corte de Roma, cuja indulgência era bem conhecida. Com maior razão tinha o réu direito de apelar da sentença, quando proferida.

Afirmam, e sem nenhum fundamento, os inimigos da Igreja, que o tribunal da inquisição applicava os mais terríveis e humilhantes castigos. Isso não passa de uma expressão de ódio contra a Igreja. Nos processos da Inquisição contra os hereges, o acusado ficava em liberdade durante todo o processo. No correr do processo o juiz era assistido por personagens de elevado padrão moral, intelectual e de grande responsabilidade na sociedade. Podemos citar alguns nomes tirados de documentos do tempo: o Bispo Diocesano, seu legítimo representante, dignitários eclesiásticos, jurisconsultos, advogados do rei, cônsules e magistrados, professores de direito e outros representantes do mundo social e intelectual. O inquisidor deveria ouvir a todos, antes de pronunciar a sua sentença, "communicato boncrum virorum consilio", dizem os libelos dos julgamentos. Vê-se que aquêles assistentes formavam em torno



do inquisidor um verdadeiro juri. Louva-se em todos os tons o estabelecimento do tribunal do juri em França, organizado pela revolução; e ninguém se lembra de que já na idade média o Tribunal da Inquisição tinha instituído o júri.

Insiste-se, finalmente, sobre a crueldade das condenações impostas pelos tribunais da inquisição. Em sua maior parte os castigos da inquisição eram penitências crônicas e obras pias: a construção de algum santuário, a visita a certas igrejas, peregrinações, ofertas de velas, levar sobre as vestes uma cruz bordada, um simulacro de flagelação pública, aos domingos, nas igrejas. Essas penalidades poderiam ser desagradáveis, mas, de nenhum modo, abomináveis e atrozes. Em casos especiais e muito raros, o condenado era entregue ao braço secular. Dessa enumeração deve se concluir que se alguns castigos eram severos, não passavam de raras exceções. Delas abusavam os inimigos da Igreja para dar expansão ao seu ódio injustificável. O ódio dispensa a lógica em que se apoia a verdade. Dessa enumeração deve-se concluir que houve alguns castigos severos, mas eram exceções muito raras. Deve-se ter em vista este princípio de direito penal: o que importa mais, não é a pena imposta, mas o espírito que a ditou. Esse espírito era, antes de tudo, corrigir o culpado, emendá-lo de suas faltas e convertê-lo à verdadeira fé. Menos rigorosa do que a justiça secular, a justiça exercida pela inquisição, procurava o bem moral de quem comparecia à barra do seu tribunal; segundo uma expressão proverbial, ela queria não a morte do culpado, mas que ele se convertesse e tivesse a vida eterna. Note-se o que há de moderno nesse princípio: os criminalistas estão de acôrdo em afirmar que o castigo deve ser menos uma vingança exercida pela sociedade contra um dos seus membros que a ultrajou, do que um meio de o corrigir e o emendar; a idéia de emenda, de progresso moral deve estar acima da vingança pública; e é uma honra para Beccaria e para os filósofos do século XVIII, esta concepção mais humana da repressão penal. Correm por conta dos filósofos idéias que eles não tiveram a primazia em propagar. Muito antes dos filósofos, na idade média, já os inquisidores tinham criado o tribunal do júri a que compareciam os acusados de faltas contra a religião ou contra a moral. O acusado comparecia à barra desse tribunal formado por gente de alta competência jurídica e de conhecidas virtudes morais, entre as quais estavam o próprio bispo diocesano, juizes, advogados e outras pessoas de grande responsabilidade na vida civil, moral e religiosa e todas essas pessoas eram ouvidas pelo inquisidor antes de proferir a sentença.

A consequência desse conceito jurídico penal, é a aplicação judiciosa feita com habilidade e doçura, das mais rigorosas sanções. Assim não basta examinar o contexto do código inquisitorial tal qual o encontramos em "Directoria", "Prática", canones dos concílios e cartas do papa. Ainda é necessário vêr, segundo os próprios registros da inquisição, como estas penas eram aplicadas. Algumas vezes, era o perdão total ou a comutação em uma pena muito menor; acham-se desse modo de agir numerosos exemplos nos registros da inquisição de Carcassona. Bernard Gui, um inquisidor, recomenda tais medidas de graça e perdão, nos casos de velhice, de enfermidade, de necessidade ou razões de família, de volta espontânea ou contrição do passado, de serviços prestados, de intercessão de pessoas recomendáveis e se o culpado procede segundo êsses conselhos em suas funções inquisitoriais. Pode se dar também que sem ser perdoado total ou parcialmente, frequente vezes, a penalidade ficava tão reduzida a ponto de desaparecer. Eis alguns casos registrados por Jean Guiraud em *Histoire Partiale, Histoire vraie*: tal herético é condenado à prisão perpétua, mas o inquisidor lhe deu permissão de ficar junto do pai enfermo; esta condenação a prisão perpétua ficou sem efeito; o condenado ficou sendo um prisioneiro honorário. Quero notar, diz Mgr. Douais, *Registros da Inquisição*: tal herético é condenado a prisão perpétua, mas o inquisidor lhe dá permissão de ficar junto que é dcente pobre e bom católico. Faço notar ainda as razões pelas quais diz Mgr. Douais, a saída da prisão era facilmente concedida: doença, parte na família, um trabalho de caráter religioso, o pedido de um amigo... Era verdadeiramente fácil; provam os dois casos seguintes. Um filho consegue que seu pai saia da prisão com um simples pedido; um detento saiu sem permissão; o inquisidor prorroga a sua liberdade até o sábado seguinte. Pode-se dizer, diante desses casos, que não houve penas rigorosas no Tribunal da Inquisição? Houve vítimas da Inquisição, indivíduos condenados pelo seu tribunal ou entregues ao braço secular, e sofriam penas severas, até mesmo a fogueira e a prisão perpétua. Resta saber se as vítimas foram numerosas, e, por que razões foram condenadas.

A inquisição dizem, fez perecer um número incalculável de vítimas; procura-se impressionar a imaginação do povo sem cultura, pelo espetáculo das fogueiras continuamente acesas para queimar quem quer que não pense como a Igreja. Os textos entretanto, nos afirmam que as condenações à morte foram excepcionais, e só muito raramente se acendiam fogueiras. Ponham-se de parte vá-

rios preconceitos e confusões que se conservam de propósito, porque servem contra a Igreja e a verdade histórica. Começemos por distinguir a Inquisição aprovada pela Igreja das que não eram. A Igreja só é responsável :

- 1º Pela inquisição da Idade Média estabelecida por Ela para conter êrros que se iam difundindo no centro e sul da França. A Igreja já não tem nenhuma responsabilidade pela Inquisição espanhola instituída por Fernando e Isabel com mais finalidade política do que religiosa.
- 2º O nome da inquisição evoca a idéia dos autos de fé, acerca dos quais circulam lendas de toda espécie. Para os ingênuos partidários do livre pensamento, os autos de fé são o lamentável desfile de condenados levados ao suplício por monges de cogula; é a fogueira com sinistras labaredas crepitantes no meio de uma multidão fanatizada, que se alegra com sofrimentos das vítimas; são padres lançando uma última maldição aos hereges atirados às chamas. Ora o auto de fé nunca foi precisamente isso. Era uma enorme reunião perante o povo, em que se pronunciava um sermão sobre a fé cristã; promulgavam-se, algumas vezes, não sempre, sentenças contra os hereges; e estas sentenças eram muito raramente de morte. Nos dezoito anos de fé presidido pelo famoso inquisidor Bernard Gui, sete não tiveram pena maior do que a prisão.
- 3º Imagina-se, em fim, que a inquisição, em toda a idade média, reinou sobre todo mundo cristão. Ora, deve-se notar que sua instituição data apenas do primeiro quartel do século XIII e que a maior parte dos países da Europa não a adotaram ou só a vieram conhecer muito mais tarde. Seu campo de ação, posto que muito vasto, não chegou a compreender toda a cristandade, nem todos os povos latinos. Os estados escandinavos lhe escaparam quase totalmente; não penetrou na Inglaterra, senão quando se tratou de resolver a questão dos templários, e somente para esse caso. Espanha e Portugal não a conheceram antes do advento de Fernando e Isabel; em França não funcionou seguidamente senão na parte meridional, Tolosa e Languedoc. Teve também tribunais em Aragon. Instalou tribunais nas duas Si-

cia, graças ao concurso de Frederico II, tendo antes funcionado tribunais em muitas cidades da Itália e da Alemanha. Em fim, a inquisição, só no século XV, pôde funcionar em Flandres e na Boêmia.

Não se deve responsabilizar a Igreja por todos os atos que foram ditados aos inquisidores, não pelo zelo evangélico, mas por ódios pessoais ou pressão do governo civil. Quando Felipe o Belo lançou mão da inquisição contra os Templários, o fez por razões políticas, com o fim de destruir uma instituição, cujo poder lhe fazia sombra e cuja riqueza o tentava, causando-lhe inveja. A inquisição neste caso foi escrava do poder civil, do que instrumento da Igreja. Pode dizer-se o mesmo sobre o processo de Jeanne D'arc que a inquisição de Ruão dirigiu por ordem da Inglaterra: "Nós recebemos do rei ordem de te julgar e de te condenar, dizem os juizes de Joana D'arc. Está claro que neste caso a sentença inquisitorial foi ditada pelo poder civil que é o único responsável.

Por vezes os inquisidores julgavam com uma severidade bárbara. Quando Conrado de Marburg não dava aos acusados o tempo necessário para responderem sim ou não às perguntas, sem se defenderem, merece ser reprovado por todo homem justo e verdadeiramente cristão; esse inquisidor denuncia já os Juizes do Tribunal revolucionário de 1793. A Igreja condenou e demitiu de suas funções vários inquisidores desse gênero. Tal foi o caso de Robert le Bougre, esse antigo cátara que se converteu e se fez inquisidor, para perseguir seus antigos correligionários. Depois de ter lançado à fogueira um certo número, foi acusado de confundir no seu cego fanatismo, inocentes e culpados, e de abusar da ignorância e simplicidade da pobre gente, para aumentar o número dos condenados. Um inquérito mostrou que tais recriminações eram justificadas... Roubert Bougre foi primeiramente suspenso de suas funções e finalmente condenado à prisão perpétua. Eis o que fazia a Igreja com os inquisidores que exerciam cruelmente as funções. Em uma outra circunstância, o Papa Clemente V censurou a 15 de março de 1306, a inquisição do sul da França seus atos de excessivo rigor contra os cidadãos de Carcassne de Albi e lhes ordenou que adotasse uma linha de ação menos rigorosa; faz-se preciso ter presentes ao espírito fatos dessa ordem quando se quer calcular o número de vítimas de inquisição. É necessário ter presentes ao espírito esses fatos.

Consulte-se um historiador que ninguém suspeitará de cle-

rical, M. Lea; é protestante, livre pensador e foi apresentado à França por um Judeu, M. Salomon Reinach, seu tradutor. Ele escreveu esta frase que muito desagradou aos livres pensadores: "as fogueiras da inquisição não fizeram, comparativamente, senão um pequeno número de vítimas." São conhecidos em grande parte os documentos da Inquisição do sul da França; São inqueritos, interrogatórios e sentenças que afirmam a realização de processos feitos contra os hereges. Toda essa documentação prova que as condenações à morte foram raras. Em nove sessões os autos de fé realizados pelo tribunal de Pamiers (1318-1324) em que houve a condenação de sessenta e quatro pessoas, somente cinco hereges foram entregues ao braço secular. A média dá apenas um por ano.

Bernard Gui, em sua longa carreira, presidiu dezoito atos de fé e pronunciou novecentos e trinta condenações; sendo quarenta e duas capitais. Estamos ainda muito longe dos milhares de vítimas enviadas à guilhotina pelo tribunal revolucionário. A proporção de condenações era no tribunal de Pamiers, um por treze, no tribunal de Tolosa, um por vinte e dois. Essa estatística está muito longe dos fantasmas evocados pela pena aumentativa dos panfletários mal informados, e, está bem de acordo com o que os verdadeiros historiadores guiados pela luz da verdade. Como, porém, a verdade é sempre contra o erro e a fantasia maldosa, os inimigos da Igreja procuram sempre os caminhos tortuosos, por onde campeiam o erro, a mentira, o dolo e todos os meios de escapar à realidade dos fatos e obrigar-se à sombra da mentira que lhes parece mais caricosa. Assim falam e escrevem os anticlericais e iludem os pobres de espírito e os ganham para o reino da mentira. Por isso faz-se necessário andar com muito cuidado e vigilância em todas as atividades da vida, pois os processos tortuosos dos que tentam fugir à luz da verdade, são hábeis e podem iludir os desprevenidos. Dizem em seus libelos os livres pensadores, que na Idade Média, a Igreja, por meio da Inquisição, suprimiu toda a liberdade de pensamento, e que assim tornou impossível todo progresso intelectual e científico. A tal respeito, convém considerar que a inquisição só começou a existir no século XIII; ela não teve nenhuma influência sobre o pensamento humano antes dessa data. O que não dizem os anticlericais, ou porque não sabem, ou porque preferem calar-se, é que antes do ano mil, os chefes autorizados da Igreja proibiam toda e qualquer medida de rigor contra os heterodoxos. Santo Hilário de Potiers protestava energeticamente contra as leis promulgadas em 365, pelos imperadores romanos em favor da ortodoxia lembrando que a persuasão tinha sido a única arma de Jesus Cristo e dos Apóstolos. "Eu

vos pergunto, Bispos, de que meios se serviram os Apóstolos para a pregação do Evangelho, sobre que potência se apoiavam eles para a pregação do Evangelho de Jesus Cristo? Quando no fim do século IV o imperador Máximo condenou à morte o herege Prisciliano, São Martinho e Santo Ambrósio, fizeram os mais energicos protestos; e no começo do século V, São João Crisóstomo os acompanhava, quando lembrava que Jesus Cristo proibiu de arrancar o joio do campo do pai de família: matar um herege, declara êle, seria introduzir no mundo um crime inexplicável. Assim do século VI ao século XI. os heterodoxos viviam tranquilos nos seus erros; se um monge hereético era, algumas vezes, preso ou açoitado, era menos em virtude de uma legislação geral, do que em cumprimento das regras da ordem religiosa a que pertence o referido monge.

Os primeiros hereges que foram queimados em França, foram os Maniqueus de Orleans, julgados por ordem do rei Roberto. Ora, diz Raul Glaber, se o rei mostrou-se tão severo para com eles é que êle via em sua doutrina a ruina da pátria e a morte das almas. Com efeito, se estes neo-maniqueus negavam os dogmas fundamentais, os sacramentos e as práticas da Igreja, atacavam também as bases de toda a sociedade, casamento e família. E como a maior parte deles dizem celibatários, não guardavam a castidade, seguiam-se daí as piores desordens.

No século seguinte os Cataros e os Albigenses seguiram essas mesmas doutrinas tirando delas as piores conseqüências sociais. Contra êste perigo público, que se tornava mais grave e mais generalizado, foi criada a inquisição que teve, de defender, a um tempo, a verdade religiosa e a ordem social ameaçadas pelas mesmas doutrinas. Com os Albigenses os Valdenses foram perseguidos: eles também ameaçavam os principios básicos de toda a sociedade. O Concílio de terragona em 1.242, os condena formalmente porque ensinam que em caso algum se deve prestar juramento que não se deve obedecer à autoridade eclesiástica, nem autoridade civil que ninguém tem direito de repressão corporal. Segundo eles, diz o inquisidor Raynier Cappoci, ninguém pode infligir castigos corporais; ninguém tem êsse direito. Eles dizem, declara Etienne de Bourbon, que todo aquelle que executa uma sentença, ou derrama sangue em virtude da lei, comete pecado. Eles consideram assassino os que pregam a guerra contra os Mussulmanos, os Albigenses ou toda categoria de pessoa. Ficam bem claras nessa expressão as doutrinas anarquistas, antipatrioticas, antimilitaristas que seriam a ruina da sociedade, se elas triunfassem.



No século XIV foi sobretudo contra heréticos da mesma espécie chamados Bizocchie fraticelli na Itália, begards na Alemanha, Lollards na Inglaterra, Spirituels na França que a Inquisição teve de exercer sua atividade corretiva. Condenando-os na Bula de 23 de Janeiro de 1317, João XXII os acusados de atacar o casamento. Dolcino, um dos seus chefes, ensinava a seus discípulos que os bens da terra deviam ser possuídos em comum juntamente com as mulheres. Outros, enfim, exagerando o provérbio omnia munda mundis, para os puros tudo que é puro, criam que tudo lhes era permitido, quando se sentiam sob a ação do Espírito Santo e cometiam sem escrúpulo os atos mais impuros e degradantes. Todos eles erigiam em lei geral a prática de semelhantes excessos, e ensinavam que nem os apóstolos nem os discípulos de Cristo, nem os Santos da primitiva Igreja tinham praticado a continência, e que, a seu exemplo, os eleitos deviam usar de suas próprias mulheres e das mulheres dos outros, sendo essa promiscuidade um sinal da mais perfeita união fraterna. Em virtude desse princípio, é que o apóstolo dos bizocchi riscava da lista dos pecados capitais e pecado de luxúria. Mas o que depois disso, restava do casamento e de sua santidade, da família e de sua estabilidade? Essas doutrinas os reduziam a nada.

No fim do século XIV e no século XV apareceram duas heresias das quais a segunda é o desenvolvimento da primeira, a de Wiclef e a de João Huss; uma e outra foram energeticamente perseguidas pela inquisição e pelos poderes públicos. Não é necessário examinar longamente a doutrina desses dois hereges, para descobrir seu anarquismo místico. No seu ensinamento Wiclef diz que o poder é uma comunicação feita por Deus ao Homem do seu poder supremo, e como Deus só se comunica com os que estão em estado de graça, resulta que o homem em pecado grave e assim separado de Deus não poderia exercer uma autoridade qualquer. Conseqüentemente é usurpador que, em virtude de pretendidas leis de sucessão, de consentimento popular, ou de posseção, que governar sem estar em estado de Graça. É um dever para todo fiel para levantar-se contra ele e destruir uma tirania tanto mais odiosa quanto se opõe ao próprio Deus. Uma simples observação basta para descobrir o caráter anárquico de semelhante teoria. Esta falta, este vício que, segundo Wiclef, torna o culpado inapto para governar, quem lhe determinará a gravidade? Quem poderá dizer de maneira certa se tal pecado é ou não gravidade? Que homem tem o poder de escrutar as conseqüências a ponto de poder dizer ao príncipe que tal



pessoa está em pecado mortal, para que seja afastado do govêrno? Em boa lógica, só Deus o poderia fazer. Mas Wicklef reconhece esta divina clarividência em todo homem... Toda a pessoa que vê em seu superior a morte espiritual, tem o direito e o dever de subtrair-se à sua obediência e deve pregar contra êle a insubmissão. É a revolta a qualquer propósito, o sinal de revolta dado pelo primeiro advento, por qualquer ato de sorte que se Wicklef não nega autoridade, torna impraticável o seu exercício.

Se sua doutrina tivesse força de lei, todos os proprietários seriam, a um só tempo, privados de seus bens, por estarem em pecado grave. Enfim, a idéia de pátria era rejeitada por Wicklef e seus discipulos. Assim anarquistas, comunista, sem pátria, o sistema de Wicklef aparecia à sociedade de seu tempo como uma ameaça perpétua.

João Huss parece ter aderido inteiramente às idéias de Wicklef. O Heresiarca de praga cita-o sempre como mestre, e em seu tempo não se faz diferença entre um e outro. Demais, se o concilio de Constança e Martinho V, em suas bulas puseram em relevo, sobretudo, os erros teológicos de João Huss, certos indícios, entretanto permitem descobrir as teorias antisociais do seu mestre Wicklef. Os padres de Constança declararam que elas eram sediciosas, e que pregavam a revolta em nome da graça, e formulavam nesta frase o seu ensino sobre a autoridade: Todo homem em estado de pecado mortal, não é nem príncipe temporal, nem prelado, nem bispo. Esta doutrina era a que ensinava João Huss, porque, quando mais tarde, Eneas Sívio Piccolomini narrou a guerra dos Hussitas, referiu que sendo eles, todo homem culpado de pecado grave era incapaz de exercer qualquer função religiosa ou civil e neste caso, se chegar ao exercício da autoridade, a revolta contra êle é um dever sagrado, e não se pretenda afirmar, como Michellet, que essas doutrinas são inofensivas, porque especulações místicas de sonhadores, sem efeito sobre a sociedade. Pelos fatos verifica-se o contrário: suas pregações tinham como efeito quase imediato perturbações políticas e sociais, e guerras civis.

Na Itália os Cátaros conseguiram apoderar-se do poder em várias cidades. Eis a tolerância que esses sonhadores inofensivos tinham para com os católicos. Em Brescia, no ano de 1225, levantaram torres contra os fiéis, incendiaram Igrejas e lançaram tochas acesas contra as casas dos católicos. Em Milão, profanaram os crucifixos, atiraram imundicies nas Igrejas, sujaram os al-

târes com porcárias e lançaram sobre os padres cousas imundas. Quando os Fraticelli de Dolcino quiseram em 1308 fundar sua cidade comunista, armaram-se, devastaram os arredores de Novara, levando por toda parte o terror a ponto de ser preciso pregar contra eles uma cruzada e fazer marchar contra os seus bandos desordeiros, verdadeiros exércitos. Esta guerra social só terminou quando Dolcino, depois de uma resistência encarniçada, caiu nas mãos dos defensores da ordem e foi condenado à morte com quatrocentos dos seus companheiros. Alguns anos mais tarde, os Espirituais alistaram-se em grande número nos exércitos Luis de Baviera mandou à Itália contra os partidários de João XXII e de Bento XII; foram essas tropas os principais fatores das guerras entre Guelfos e Gibelinos que devastaram a Itália no século XIV. No pontificado de Martinho V e no de Eugênio IV, 1417-1447 devastaram ainda as províncias de Marcos e de Romanha e foi preciso para terminar com esses exércitos desordenados, mandar contra eles tropas e missionários franciscanos.

Na Inglaterra os Lollards provocaram revoltas formidáveis no reinado do Ricardo II (1377 - 1399), saqueando os condados Essex de Kent, de Suffolk, abrindo as portas das prisões, massacrando as pessoas da Igreja, os Juizes, advogados e financistas. A 13 de junho de 1381, dia da Festa do Santíssimo Sacramento, entraram em Londres e, no dia seguinte, mataram o Arcebispo de Canderbory e o grande Prior de São João de Jerusalém, cujas cabeças foram levadas por toda a cidade, enfiadas em ponta de vara. Wicklef pode não ter sido o instigador direto dessas atrocidades, mas foi o diretor e o teórico da seita responsável pelos crimes.

A doutrina de João Huss é, com pouca diferença, a mesma de Wicklef e suas conseqüências iguais: a desordem na sociedade, a revolução e guerra civil.

O Cardeal Branda, na Boêmia, insistia em 1424 sobre o caráter antisocial das aspirações hussistas. A maior parte desses hereges querem a comunidade dos bens e sustentam que não se deve à autoridade nem tributo nem obediência. Com esses princípios, desaparece toda a civilização. Os hussistas consideram não existentes os direitos divinos e humanos. Com essa doutrina desaparece todo princípio social. São as conseqüências dos princípios e doutrina dos inimigos da Igreja. São idéias dissolventes de toda ordem e organização em que se apoia a sociedade civil e religiosa, princípio imanente da própria civilização.

# ORLANDINO SILVA S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

SEMPRE LIDERANDO O PROGRESSO NO CARIRI

---

## REVENDEDORES:

### ATLANTIC

*POSTO SÃO CRISTOVÃO*

— RUA RATISEBONA, Ns. 43 / 53

*POSTO INDEPENDÊNCIA*

— PRAÇA JOÃO BRÍGIDO, S / N

*POSTO GLORIA*

— AVENIDA TEODORICO TELES, N.º 58

*REVENDA EM GROSSO*

— AVENIDA TEODORICO TELES, N.º 40

### WILLYS OVERLAND (Veículos e Peças)

*REVENDA WILLYS (CRATO)*

— AVENIDA TEODORICO TELES, N.º 40

*REVENDA WILLYS (JUAZEIRO DO NORTE)*

— RUA SÃO PEDRO, N.º 977

*OFICINA ESPECIALIZADA*

— AVENIDA TEODORICO TELES, N.º 36

## RENOVADORA DE PNEUS CRATO

AVENIDA TEODORICO TELES, N.º 26

### FILIAL EM FORTALEZA

AVENIDA PESSOA ANTA, N.º 75

SEMPRE ÀS SUAS ORDENS

# Dolor Uchoa Barreira

1893-1967

MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA

## I — B I O G R A F I A

Filho de Alfredo Lopes Barreira e Antônia Uchoa Barreira nasceu em Solonópole, outrora Cachoeira (Ce) a 13 de abril de 1893 e faleceu em Fortaleza, capital do mesmo Estado, no dia 30 de junho de 1967, às 12,15 horas num dos leitos do Pensionato Eduardo Salgado, vitimado por uma insidiosa infecção que lhe sobreveiu vinte dias depois de melindrosa operação.

Apreendeu as primeiras letras no lugar de seu nascimento com a professora Maria das Dóres Pinheiro (D. Dôrinha) de quem guardava sempre a mais doce recordação.

Aos 11 anos (1904), internou-se no "Colégio São José" dirigido por frades beneditinos e localizado na Serra do Estêvam, em Quixadá (Ce) aí permanecendo até quando, em 1908, terminado o 5.º ano secundário transferiu-se para o Liceu do Ceará (hoje Colégio Estadual) onde fez o 6.º ano bacharelado-se, em 1909, em Ciências e Letras.

Não era ativo frequentador dos exercícios religiosos. Católico. Parcinônia e reservadamente cumpria os deveres de cristão indo à missa aos domingos e dias santificados e não perdia as missas de "requiem" celebradas em favor de seus amigos. Assistia respeitosamente a passagem de procissões e quando rezava era sempre o P. N. a A. M. ou Salve Rainha, pronunciados com muita unção e sempre na língua alemã. Era este hábito, entre muitos, um reflexo da educação recebida através dos padres alemães dirigentes do "Colégio São José".

Contraiu núpcias em 10 de dezembro de 1911, em Fortaleza, com a exma. Sra. D. Maria José Turbay Barreira (Mariêta), paulista, natural do Braz, e falecida aos 5 dias de julho de 1960.

De seu consórcio nasceram os seguintes filhos: Dr. Antônio Turbay Barreira, médico, casado com Yêda Pontes Barreira; Dr. Wagner Turbay Barreira, advogado, prof., casado com Maria Luiza Fontenele Barreira; Walquíria Barreira Lemos, casada com o Dr. Geraldo Carlos Lemos, advogado e professor, e falecida em 7 de

dezembro de 1964; Maria Laís Barreira Pôrto, casada com o Dr. Hugo Pôrto, advogado, cirurgiã-dentista e Inspetor do Ensino Federal no Ceará; Gisôlda Barreira Leitão, casada com Joaquim Leitão, comerciante; Consuelo Macêdo, casada com o Dr. Joaquim Furtado de Macêdo, engenheiro-agrônomo; Wanda falecida apenas 9 meses após seu nascimento) e Doloriêta Estelita Aguiar, casada com José Estelita Aguiar Filho, comerciante.

## I I — V A L O R I Z A Ç Ã O

Dolor Barreira deixou seu nome integrado às letras e às lides jurídicas do Ceará.

Aluno laureado da Faculdade de Direito do Ceará (1910-1914) onde terminou o Curso Jurídico em 1914, sendo depois Professor Catedrático (1.º de janeiro de 1937 a 14 de abril de 1963) regendo a cátedra de Direito Civil e de 9 de abril de 1961 a 14 de abril de 1963 seu diretor foi, durante a vida exímio advogado cujos méritos são reconhecidos dentro e fora do país.

Convém salientar que foi a unanimidade de votos da Congregação da Faculdade de Direito, em sessão de 21 de janeiro de 1961, que o elevou ao posto de Diretor daquela casa de ensino jurídico.

Entrou no magistério superior a 1.º de janeiro de 1937, mediante concurso no qual obteve média final 10 defendendo a tese: Investigação da maternidade ilegítima.

Compulsoriamente aposentado foi alvo de enternecedoras manifestações de carinho por parte dos corpos docente, discente e administrativo da F. D. levando a Cruz Filho — grande poeta e não menor estilista — a assim se pronunciar: "Forçoso é que o corpo de funcionários manifeste o seu íntimo sentir, ao receber a despedida do preclaro Diretor, cuja passagem, como Professor Catedrático, pelos salões de aula desta Faculdade, foi o itinerário de um astro de primeira grandeza, cujo clarão abriu caminho certo a sucessivas turmas de discípulos que se beneficiaram das irradiações do seu saber, na cátedra de Direito Civil, na qual se constituiu luminar".

Dizemos nós, e, "as sucessivas turmas que se beneficiaram das irradiações do seu saber" traduziram sua gratidão quando, ao transpôr os humbrais daquela escola elegiam o sábio mestre para paraninfo como o fizeram as turmas de 1938, 1946, 1950, 1954 e 1958.

Com a criação da Universidade do Ceará foi Membro do Conselho Universitário desde 1955 até 14 de abril de 1963 quando

de sua aposentadoria compulsória. É louvável salientar que das 196 sessões realizadas (86 ordinárias e 110 extraordinárias) desde a Especial de 6 de maio de 1955, até 13 de abril de 1963 faltou somente à Sessão Extraordinária de 29 de agosto de 1958 e à Ordinária de 9 de fevereiro de 1962.

Desde 10 de janeiro de 1956 fazia parte da Comissão Permanente de Educação e Ensino, hoje Comissão de Ensino e Legislação, da qual com os Conselheiros Fernando Leite e Renato Braga, sendo o primeiro destes Presidente, foi reeleito até 1959, quando, compondo a mesma juntamente com os Drs. Newton Gonçalves e Renato Braga, foi eleito Presidente até 1962.

Foi Relator do Ante-Projeto da Reforma dos Estatutos da Universidade do Ceará e figurou, para o triênio 1958-1961, como membro da lista triíplice para o cargo de Reitor e, antes de titular efetivo da F. D. exerceu, interinamente, as referidas funções, como membro mais antigo do Conselho Administrativo.

Ao tomar posse, em 16 de janeiro de 1955, no Cargo de Conselheiro, como representante da Congregação da Faculdade de Direito, o Magnífico Reitor Martins Filho, declarando-o empossado congratulou-se com os presentes pela "auspiciosa perspectiva de sua cooperação, como mestre de largo saber jurídico e humanístico, nos trabalhos do Conselho que se iniciava naquele dia".

A "auspiciosa perspectiva" jamais fôra desmentida. Dolor Barreira foi para a nossa Universidade desde os seus primeiros dias, um grande estelão acompanhando-a em suas primeiras grandes iniciativas.

Confirmam nossas palavras o pronunciamento do Prof. Martins Filho na Assembléia Universitária de 1.º de março de 1956.

Assim é que, quando foi verificada a necessidade da aquisição de uma máquina tipográfica para a futura Imprensa Universitária, nos idos de 1956, foi Dolor Barreira quem visitou vários estabelecimentos tentando entrar em negociações, dando, por fim, parecer para a aquisição da primeira máquina à I. U. C.

Foi "Clóvis Beviláqua e Outros trabalhos" de sua autoria a primeira publicação saída dos prelos da IUC, conforme se lê do Boletim n.º 1 — julho de 1956, de páginas 10 e 11: PRIMEIRA PUBLICAÇÃO DA IMPRENSA. Apresentando ótima feição gráfica acaba de ser editada a primeira publicação da Imprensa Universitária. Trata-se da obra intitulada Clóvis Beviláqua e outros trabalhos, da autoria do Professor Dolor Barreira, conhecida figura do magistério superior, membro do Conselho Universitário e eminente jurista.

O livro reúne uma série de estudos sobre a vida do grande



mestre de Direito, além de outras produções literárias, iniciando-se com ele a "Coleção Biblioteca de Cultura" da Universidade do Ceará.

Autor da História da Literatura Cearense, paciente e metódico trabalho de pesquisas, das fontes de nossa literatura, o Prof. Dolor Barreira oferece, agora, aos meios jurídicos e literários, mais uma obra de incontestável valor. O interesse que a mesma vem despertando, nos círculos intelectuais, representa, também, uma vitória para a Imprensa Universitária, já com amplo programa a cumprir em sua vida editorial, há pouco iniciada".

Mais tarde, a 2 de dezembro de 1964, o Conselho Universitário considera-o Professor Emérito da Faculdade de Direito mediante Processo 15.833/64 da qual foi relator Renato Braga e cujo título é expedido a 30 de junho de 1966.

De acordo com as normas estatutárias o título de Professor Emérito só será concedido "por proposição justificada de qualquer unidade incorporada e aprovada por dois terços (2/3) do Conselho Universitário, a professores aposentados que se hajam distinguido por sua produção científica, eficiência no exercício do magistério cu relevantes serviços prestados à instituição".

Ora, Dolor Barreira se enquadrara não só em um dos tópicos exigidos, mas em dois: "eficiência no exercício do magistério" e "relevantes serviços prestados".

Do processo em apêço lê-se: "a proposta traduz a mais viva expressão da justiça a quem tanto se vinculou às tradições culturais desta Escola jurídica e ao bom nome da terra cearense".

A unanimidade de votos dos Conselheiros não desmente só, ainda aprova e justifica galhardamente, o que ali se atesta.

Fomos testemunhas da exultação do saudoso mestre quando da recepção do referido título, quando, na simplicidade de sua grande alma, escapou frases como estas: "Foi este o maior título que recebi. Os demais... conquistei-os, eu, e este (segurando feliz o título) os meus concidadãos acharam que eu conquistara".

Depois dizia: "Foi esta a minha última grande alegria da vida".

E não deixou, como sempre, escapar de seus lábios uma grande verdade.

A 30 de junho de 1967 (um ano e um dia depois) todos nós confirmávamos, diante da morte, que não se enganara.

\* \* \*

Fortemente inclinado para as letras desde a infância, chegando no Colégio São José fundou, com Leonardo Mota, o "Recreio



Literário" sociedade de letras para a qual foram convocados alunos e professores.

Desde muito moço (1911) começou a escrever, quando ainda segundo anista da F. D. escrevendo nas revistas literárias: A JANGADA, PHENIX, TERTULIA, A CONSTELAÇÃO, tendo, nesta última publicado o seu primeiro trabalho literário: "A Mocidade d' A Constelação". Desta revista, juntamente com Alberico Gomes Parente e Severino Macêdo, foi Diretor.

O verso nunca o encantou, chegando a confessar: "nunca o perpetrei, não porque o considerasse à maneira de D. Francisco Manuel de Melo, como não sendo "lição própria para sizudos, mas de damas ou ociosos", mas, porque, em verdade, nunca senti vocação para a rima".

Dêsde 1930 fêz parte da Academia Cearense de Letras quando esta foi reorganizada sendo convidado para tomar assento na cadeira n.º 34, da qual escolheu para patrono o Dr. SAMUEL FELIPE DE SOUZA UCHOA.

Trabalhou fortemente na incorporação da Academia de Letras do Ceará à Academia Cearense de Letras. Foi Presidente da ACL no biênio 1952 - 4, reorganizou a biblioteca conseguindo a aquisição do acervo bibliográfico de Hugo Vitor para a mesma e registrando-a no I. N. L.

Em 1941 entrou para o Instituto do Ceará, como sócio efetivo, sendo o primeiro ocupante da cadeira n.º 19.

O estilo fluente, a bela dicção, a frase límpida, cheia de conceitos perfeitos, conferiram-lhe, desde a juventude, quer na tribuna jurídica ou nas lides literárias, o título de orador que durante a vida eletrizou auditórios, demoveu jurados e arrancou sempre muitos aplausos.

Em todos os seus discursos traduziu sempre o vigor e a exuberância de grande cultura. Foi, por isso mesmo, durante muito tempo, orador oficial do Instituto do Ceará.

No ardor da mocidade, quando da campanha política pró Francisco Rabelo, pronunciava, de pé, nos bancos da Praça do Ferreira, belíssimos improvisos, o que lhe valeu ser chamado, pelo grande homem público de "MEU MIRABEAU".

Prestou ao IC os mais elevados serviços inclusive o de iniciador da catalogação da biblioteca, fato consignado em ata de 20 de junho de 1951, na qual o consócio "Mozart Soriano Aderaldo propôs que o Instituto do Ceará inserisse em ata um voto de louvor ao consócio Dolor Barreira pelo magnifico trabalho de fichamento de nossa Biblioteca, estando já inteiramente concluída a "Sala Thomaz Pompeu".

Grande pesquisador, mormente dos assuntos ligados ao nosso passado literário não foi difícil cumprir a grande missão que lhe confiara o IC designando-o para escrever a História da Literatura Cearense, obra que deixou quase concluída e a qual dedicou quase duas décadas e meia.

A sua paixão pela pesquisa é testemunhada e enaltecida em ata da sessão do I. C. de 5 de outubro de 1943, quando após a leitura do capítulo "OITEIROS" escrito para o 1.º volume da História da Literatura Cearense, ficou consignado o seguinte: "O consócio Dolor Barreira leu admirável estudo acêrca dos Oiteiros do Governador Manoel Inácio de Sampaio"... "O trabalho de Dolor Barreira é, assim, o primeiro estudo de divulgação e crítica das faladas tertúlias literárias mantidas pelo mesmo Governador e pelos seus admiradores intelectuais. Excelente de forma, sensato e substancioso na apreciação do valor das produções dos poetas e prosadores dos Oiteiros, o citado trabalho foi, com tóda a justiça, calorosamente aplaudido, devendo ser publicado na nossa Revista"...

Por ato do Presidente Thomaz Pompeu Sobrinho, em sessão de 4 de junho de 1952, é designado Diretor da Casa de Thomaz Pompeu. Ali catalogou a Biblioteca, reviu, cuidadosamente, todos os pensamentos da Letra A. — volume do 1.º do Dicionário de Pensamentos do Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil.

\* \* \*

Ao tempo de advogado militante também prestou à administração pública estadual relevantes serviços como Procurador Fiscal (1.º de agosto a 19 de novembro de 1912) e como Procurador Geral do Estado (de 15 de outubro de 1934 a 31 de dezembro de 1937).

"Como jurisconsulto os seus pareceres são acatadíssimos e como advogado a sua banca foi uma das mais procuradas". Defendeu brihante e fortemente os interesses do Estado deixando nos arquivos da Procuradoria pareceres que ainda hoje servem de roteiro e fonte histórica para os assuntos ali tratados e quase sempre servem para a solução de casos análogos. Foi Secretário da Escola Normal (20 de novembro de 1912 a 23 de março de 1914) e foi Professor da Fenix Caixeiral.

Muitas qualidades morais lhe ornavam o espírito porém a Bondade e a Humildade lhe deram brilho especial.

Era verdadeiro donatário da Paz que disseminava heróica e humildemente nos diversos setores da vida onde exercia influência.

Fêz, por isto mesmo, em cada filho um amigo e, em cada

um amigo, encontrava um filho. Humilde o foi em tudo. Grande desprendido dos bens terrenos. A luta pela vida acrisolou o espírito fazendo-o pautar a vida dentro da Dignidade no cumprimento exato do Dever; dentro da União pela soberania e reinado da Paz e dentro da Bondade traduzida na serena humildade com que revestia todos os seus atos.

### III — BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

#### 31. ARTIGOS, LIVROS, ETC.

- A. M. S. — O Livro Cearense. CLÁ 13: 95 - 96. (Aderaldo, Mosart Soriano).
- ADERALDO, Mosart Soriano — Literatura Cearense. O ESTADO, março, 12, Fortaleza, 1935.
- ADERALDO, Mosart Soriano. Um livro utilíssimo. CC, agosto, 16, Fortaleza, 1948.
- ALCANTARA NOGUEIRA — História da Literatura Cearense. UNITÁRIO, maio, 20, Fortaleza, 1956.
- ALVES, Guarino — Fatos e coisas da ABDE. TERRA DE SOL 3: 25 dezembro, 1951.
- ALVES, Joaquim — Autores cearenses. 1a. série História da Literatura Cearense, p. 78 - 86.
- ALVES, Joaquim — Idem, idem. UNITÁRIO, outubro, 21, 28, Fortaleza, 1951.
- AMARAL, Geraldina — Literatura. UNITÁRIO, janeiro, 13, Fortaleza, 1952.
- AMORIM SOBREIRA — História da Literatura Cearense. UNITÁRIO, agosto, 3, Fortaleza, 1952.
- ANDRÉ e SILVA — História da Literatura Cearense. UNITÁRIO, dezembro, 19, Fortaleza, 1954.
- ANTOLOGIA CEARENSE. — Organizada pela Academia Cearense de Letras. Fortaleza, 1957, p. 114 Dolor Barreira).
- ARAGÃO, Paulo — História da Literatura Cearense. UNITÁRIO, fevereiro, 21, Fortaleza, 1953.
- ARAGÃO, Paulo — Mais um livro. CC, janeiro, 7, Fortaleza, 1956.
- ARARIPE, Oscar — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, agosto, 15, Fortaleza, 1955.
- ARAÚJO, José Carlos — Um livro de grande valor. NORDESTE, outubro, 11, Fortaleza, 1951.
- BALANÇO LITERÁRIO. JORNAL, dezembro, 25, 1948.
- BARBOSA, Virgílio — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, fevereiro, 22, Fortaleza, 1953.
- BARROSO, Gustavo — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, abril, 17, Fortaleza, 1955.
- BARROSO, Gustavo — Gustavo Barroso e a História da Literatura Cearense, O POVO, janeiro, 2, Fortaleza, 1952.
- BELEZA, Newton — Literatura Cearense. O POVO, maio, 6, Fortaleza, 1958.
- BELEZA, Newton — Idem, idem. O GLOBO, 29, outubro, 1957, Rio e UNITÁRIO, novembro, Fortaleza, 1957.
- BENEVIDES, Artur Eduardo — A História da Literatura Cearense. UNITÁRIO, maio, 1.º, 1955; DP, novembro, 6, 1955.

- BEZERRA, João Climaco — Algumas palavras. O ESTADO, 11, novembro, Fortaleza, 1951.
- BEZERRA, João Climaco — Um ano de vida literária. CLÃ, dezembro, 1951, p. 81 - 85.
- BEZERRA, João Climaco — Uma história da literatura cearense. CC, setembro, 20, Fortaleza, 1948.
- BEZERRA, João Climaco — História da Literatura Cearense. UNITÁRIO, janeiro, 19, Fortaleza, 1955.
- BONAVIDES, Paulo — História da Literatura Cearense. O POVO, 12, novembro, 1951.
- BONAVIDES, Paulo — Idem, idem. UNITÁRIO, 1955, Fortaleza.
- CARVALHO, Beni — Carta a Dolor Barreira. O POVO, 14, fevereiro, 1952.
- CARVALHO, Jandira — Livro de consulta. CC, fevereiro, 1.º, 1952.
- CARVALHO, Jandira — O público feminino também vale. CC, 27, outubro, Fortaleza, 1951.
- CEARÁ. Universidade. Faculdade de Direito. Revista da FDUC. — Despede-se da Faculdade de Direito o Prof. Dolor Barreira. 17. 1963 : 243 - 244.
- CID, Caio — O Passeio de Diógenes. CC, outubro, 27, Fortaleza, 1951.
- CID, Caio — Diminuí a velha Prata. CC, julho, 13, Fortaleza, 1960.
- COLARES, Otacilio — Um trabalho de mérito. UNITÁRIO, 20, abril, Fortaleza, 1952.
- DORIA, Epifânio da Fonseca — Carta a Raimundo Girão. UNITÁRIO, 22, junho, 1958.
- ELPIDIO, Paulo — Dolor Barreira. DPO. 1.º, julho, 1958.
- FEIJÓ BITTENCOURT — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, novembro, 9, Fortaleza, 1952.
- FERNANDES, Leopoldo, sac. — História da Literatura Cearense. O POVO, 23, abril, Fortaleza, 1961.
- FERNANDES, Leopoldo, sac. — Idem, idem. UNITÁRIO, 25, maio, 1952.
- GIRÃO, Eduardo Henrique — Carta a Dolor Barreira. O POVO, 25, janeiro, 1952.
- GIRÃO, Raimundo — Grande livro. UNITÁRIO, março, 4, Fortaleza, 1955.
- GIRÃO, Raimundo — Plebeius in curia. DOLOR BARREIRA. RAEL, 28 : 169 - 170, 1959.
- GIRÃO, Raimundo e Martins Filho — O Ceará, 2, de. p. 465 - 466.
- GONZALEZ, Henrique — História da Literatura do Ceará. Um livro novo. O POVO, outubro, 8, Fortaleza, 1951.
- HIRSCHOWICZ, Irwin — Contemporâneos interamericanos. Bibliografias ilustradas. Rio de Janeiro, Enc. Contemporânea americana, 1945. p. 137-138.
- HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE — 3, p. 32, (Biografia de D. B.)
- JULIO, Sílvio — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, 31, julho, 1955.
- LEÃO DE VASCONCELOS — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, 8, julho, 1958.
- LIMA, Abdias — Crítica da Província. O POVO, julho, 3, Fortaleza, 1955.
- LIMA, Abdias — Notas literárias. O POVO, 31, dezembro, 1951.
- LIMA, Abdias — Idem, idem. O ESTADO, 17, outubro, Fortaleza, 1952.
- LIMA, Onofre Muniz Gomes de — Discurso no Congresso Nacional. DCNS, seção II, 23, outubro, Rio, 1953.
- LINS, Ivan — Carta a Dolor Barreira. CC, 27, outubro, Fortaleza, 1952.
- LOBO, Octavio — História da Literatura Cearense de Dolor Barreira. UNITÁRIO, junho, 23, 1957.

- Publicado também em folheto de 13 páginas, pela Imprensa Universitária do Ceará, 1957.
- LOPES, José Stenio de Lucena — Apontamentos da crítica. História da Literatura Cearense, O ESTADO, 15, janeiro, Fortaleza, 1956.
- LOPES, José Stenio de Lucena — Idem, idem. CC, 18, outubro, 1948.
- LOPES, José Stenio de Lucena — Idem, idem. UNITÁRIO, 4 e 11, novembro, 1951.
- LOPES, José Stenio de Lucena — Pequeno balanço literário de 1951. UNITÁRIO, 6, janeiro, 1951.
- LOPES, José Stenio de Lucena — Primeiras Considerações sobre a História da Literatura Cearense. CLÃ, junho, 3, 1948, p. 78 - 81.
- MACEDO, Nertan — Um jurista que se tornou historiador literário. JC, dezembro, 23, 1962; UNITÁRIO, janeiro, 1963.
- MARTINS, Carlyle — Impressões de leitura. GN, 27, outubro, 1952.
- MARTINS, Fran — O Espírito do Instituto. O ESTADO, 16, outubro, 1955.
- MATOS GIRÃO — Obra de Dolor Barreira. O ESTADO, 6, 18, maio, 1958.
- MATOS PEIXOTO, José Carlos de — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, 12, junho, 1955.
- MENDES, Audifax — De Bubuia. Um tesouro a mais. O NORDESTE, 9, março, 1955.
- MENEZES, Djacir — Carta aberta sobre a História da p. 66; DN, dezembro, 30, 1951; O POVO, 17, dezembro, Rio de Janeiro, 1951.
- MENEZES, Djacir — Um olhar sobre livros cearenses. CONTINENTE, dezembro, 1955, p. 10; UNITÁRIO, fevereiro, 13, 1955.
- MIRANDA, Ubatuba — História da Literatura Cearense. O POVO, 15, janeiro, 1952.
- MONTEIRO, Mozart — Literatura Cearense. I: UNITÁRIO, março, 22, 1953; II: 28, março; III: 12, abril, 1953.
- MONTEIRO, Mozart — Livros do Ceará. DNot. (S) setembro, 9, 1956; DNot. 2, setembro, 1956.
- MONTEIRO, Mozart — Problemas de História Literária. JORNAL, abril, 5, 1953.
- MONTENEGRO, Abelardo Fernando — História da Literatura Cearense. O POVO, 12, outubro, 1951.
- MONTENEGRO, Abelardo Fernando — Uma história da Literatura Cearense. DNot, 20, junho, 1948.
- NASCIMENTO, F. S. — Alcança nova etapa a História Literária do Ceará. O POVO, 17, maio, 1962.
- NASCIMENTO, F. S. — Baiango literário retrospectivo mostra o que realizamos em 1962. O POVO, janeiro, 27, 1962.
- PIMENTA, Joaquim — Carta a Dolor Barreira. UNITÁRIO, março, 8, 1953.
- PIMENTA, Joaquim — Na Tribuna Universitária a voz do Direito. SEMANÁRIO (Semana de 19 a 25) n. 147.
- POMPEU PEQUENO — Crítica ao livro História da Literatura Cearense RIC, 62; 180, 1948.
- UM PROFESSOR POR SEMANA. GN, 15, março, 1959.
- REGO, José Lins do — O Ceará e a Literatura. O JORNAL, 24, setembro, Rio, 1948.
- RODRIGUES, Ivan Sérgio — Momento literário. CLÃ, outubro, 5, 1948, p. 96 - 97.
- SOBREIRA, Azarias, sac. — Carta aberta. NORDESTE, março, 1955.

- SOUSA, José Bonifácio de — Registro Biográfico cearense N. 344. DOLOR UCHÔA BARREIRA. NORDESTE, 2, dezembro, 1957, p. 4 - 5.
- SPALDING, Walter — Nótulas bibliográficas. JD (PA), 30, abril, 1950; RIC (2a. fase) ano I (2) julho, 1950; O POVO, março, 3, 1952; JD (PA) 11, setembro, 1955; UNITÁRIO, 11, novembro, 1955.
- SUCUPIRA, Luís Cavalcanti — Obra preciosa. NORDESTE, 23, março, 1955.
- SUCUPIRA, Luís Cavalcanti — Pontos de vista. Um grande livro. NORDESTE, 30, outubro, 1951.
- SUCUPIRA, Luís Cavalcanti — Tópicos do dia. O Instituto do Ceará. O ESTADO, 9, junho, 1948.
- VASCONCELOS, Arnaldo — Escritores na intimidade. GN. 10, junho, 1958.
- VIEIRA MONTE — Mestre Dolor e a crítica. TERRA de SOL, dezembro, 1952, p. 6.

### 32. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- História da Literatura Cearense — CLÃ, dezembro, 1951, p. 98.
- História da Literatura Cearense — DNot, 6, janeiro, 1952.
- Idem, idem — NORDESTE, 9, junho, 1948
- Idem, idem — O POVO, 1, outubro, 1951.
- Idem, idem — O POVO, março, 1952.
- Idem, idem — RESISTENCIA, 1951, p. 36.
- Idem, idem — M. L. — RACL. 25 : 194 - 195, 1953.
- Idem, idem — M. L. — RACL. 26 : 277, 1954.
- LIVROS NOVOS — JC. 9, outubro, 1955; UNITÁRIO, 13, outubro, 1955.
- NOTAS E COMENTÁRIOS. JANGADA, 7 - 8 : 93 - 94, Fortaleza, 1951.
- VIANA, Hêlio — História da Literatura Cearense in Bibliografia de História do Brasil, 1951.
- VULTOS ILUSTRES DE SOLONOPOLE in Enciclopedia dos municípios brasileiros, Rio de Janeiro, 1959, v. 16, p. 526 - 527.

### 3.3. — P O S T M O R T E M

#### 3.3.1 — A R T I G O S

- AZEVEDO, OTACILIO — Dolor Barreira. CC, 12, julho, 1967.
- BENEVIDES, ARTUR EDUARDO — Dois Mortos Queridos. UNITÁRIO, 14, novembro, 1955.
- CID, Caio — O grande morubixaba. CC, 14, julho, 1917.
- COLARES, OTACILIO — Dolor Barreira. CC, 6, julho, 1967.
- JACQUES, João — Coroa de rosas em campa morna. O POVO, 8 e 9, julho, 1967.
- PONTES, Osmundo — Dolor Barreira. CC, 5, julho, 1967.
- SOUZA, Maria da Conceição — Biblioteca de Dolor Barreira. CC, 21, julho, 1967.
- SOUZA, Maria da Conceição — Dolor Barreira. CC, 6, julho, 1967.
- TAVORA, M. do Nascimento Fernandes — Mais um companheiro que se foi. O POVO, 8 e 9, julho, 1967.
- VALDEVINO, JOSÉ — BARREIRA. O NORDESTE, 4, agosto, 1967.
- LACUNA NAS LETRAS CEARENSES COM A MORTE DE DOLOR BARREIRA. O POVO, 1 e 3, julho, 1967.
- MORTOS QUE VIVEM — CC, 5, julho, 1967.
- TRÊS MORTOS QUE CHORAMOS — O POVO, 1 e 2, julho, 1967.

### 3.3.2 — C A R T A S

MARTINS FILHO, A, — O pesar de Martins Filho pela Morte de Dolor Barreira. CC, 28, julho, 1967.

### 3.3.3 — D I S C U R S O S

CARVALHO, Jader — Discurso no sepultamento de Dolor Barreira. CC, 8, julho, 1967.

LEMOS, Geraldo Carlos — Discurso (agradecimento ao I. C. em nome da Família). CC, 26, agosto, 1967.

PORTO, Ernani Barreira — Discurso (agradecimento em nome da Família na Casa de Juvenal Galeno). CC, 7, outubro, 1967.

SUCUPIRA, Luís Cavalcanti — Discurso em homenagem a DB na Casa de Juvenal Galeno. CC, 1.º e 7, outubro, 1967.

### 3.3.4 — P O E S I A S

BALTAR, Arnoud — Inteligência e Bondade. CC, 2, agosto, 1967.

MARTINS, Aracy — Dolor Barreira. CC, 24, outubro, 1967.

RAMOS, Antônio de Oliveira — CC, 27, junho, 1967.

### 3.3.5 — N O T I C I A S V A R I A S

Agredecimento da Família — CC, 21 e 31, julho, 1967.

CONVITE-ENTERRO (Fac. Direito) — XX, 1, julho, 1967; (Academia Cearense de Letras). UNITÁRIO, 1, julho, 1967.

CONVITE-MISSA (7.º dia) — CC, 5, julho, 1967; e (30 dia). UNITÁRIO, 30, julho, 1967.

COLUNA DE DOM CAMILO — Tribuna do Ceará, 1, julho, 1967.

CONVERSA DE LIVRARIA — CC, 6 e 12, julho, 1967.

DOLOR BARREIRA RECEBE HOMENAGEM NA CASA DE J. GALENO — CC, 16, setembro, 1967.

EDITAL DA ACL — CC, 13, julho, 1967.

FALECEU DOLOR BARREIRA — CC, 30, junho, 1967.

HOMENAGEM POSTUMA A DOLOR BARREIRA NO IC — O POVO, 21, agosto, 1967.

HOMENAGEM AO PROF. DOLOR BARREIRA — UNITÁRIO, 20, agosto, 1967.

INSTITUTO DO CEARÁ HOMENAGEIA A MEMORIA DE DOLOR BARREIRA. O POVO, 22, agosto, 1967.

LANÇADA OBRA PÓSTUMA DE DOLOR BARREIRA — O POVO, 19, outubro, 1967.

LANÇAMENTO DE LIVRO DE DOLOR BARREIRA — CC, 17, outubro, 1967.

MISTURA DE LÁGRIMAS — O POVO, 7, julho, 1967.

NA CASA DE JUVENAL GALENO — O POVO, 22, setembro, 1967.

NOTÍCIAS LICEAIS — Lágrimas na Academia — UNITÁRIO, 16, julho, 1967; e Falecimento de ex-liceista — UNITÁRIO, 9, julho, 1967.

O POVO JUDICIÁRIO — Prof. Dolor Barreira — O POVO, 18, julho, 1967.

SOCIEDADE — UNITÁRIO, 2, julho, 1967.

SUCCESSÃO LEGÍTIMA DE DOLOR BARREIRA — CC, 23, outubro, 1967.

### 3.3.6 — I C O N O G R A F I A

Às 9 horas o sepultamento do Prof. DOLOR BARREIRA — Tribuna do Ceará, 1.º, julho, 1967.



*Cícero Martins*

*Djanira Filgueiras*

A virgem bela  
é uma flor romana.  
Tens nome de flor,  
e de ti promana  
da virtude o primor,  
És uma flor singela.

Eu amo as flores  
em qualquer ambiente  
onde vivas estejam.  
Amo as que vicejam  
no jardim virente  
cheias de graça e beleza  
e igualmente  
as que vivem  
no seio da deveza.

És flor e assim  
o ambiente de tua vida,  
de qualquer maneira,  
há de ser um jardim.  
És flor, Miosótis.  
E és toda amor.  
Tens da flor a beleza  
e da virtude os dotes.

Tens da flor o agrado  
e a delicadeza.  
Mereces este canto,  
porque o teu encanto  
merece descantado  
mesmo com singeleza.

Envelheci avára de ilusões...  
Isenta de ódios as paixões...  
E, caminhando através dos anos,  
Sinto o travo cruel dos desenganos!  
E como invejo as crianças  
Risonhas de esperanças  
Umás que jogam petecas  
Outras que brincam com bonecas!  
Trago dentro d'alma  
Uma dor que não se acalma:  
E' a de viver sózinha  
Sem o doce carinho  
Dos que voam para o além!  
E foram o meu grande bem!  
Mas, no turbilhão da vida  
Sem essas presenças queridas  
Eu sinto a brisa suave  
Qual pluma de uma ave  
Afagar a minha mão  
E é tão grande a emoção  
Que me enche de alegria  
E esqueço a vida vazia  
Abrindo o meu coração  
Para abrigar afeição  
A três "pinguinhos de gente"  
Cheios de trela inocente:  
George, Junior e Teresa Helena  
Raios de luz terrena  
Que merecem todo amor  
E são presentes do Criador!

Crato, janeiro de 1968

Recife, Dezembro de 1966

# T U I U T I

GEN. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri  
e Correspondente do Instituto do Ceará

São decorridos uma centúria e dois anos: travou-se a famosa BATALHA DE TUIUTI e o Brasil, rememorando glórias do passado, reverencia aquêles bravos que, de maneira inusitada, souberam dignificar e enaltecer o seu soldado de então. Recordá-la sempre é, não padece a menor dúvida, civicamente educativo e patriótico.

Havia-se consumido pouco mais de um mês do desembarque das forças aliadas à retaguarda do forte paraguaio de Itapiru e se encontravam elas, após violentos e sangrentos entreveros, acampadas na ignôta região TUIUTI, em preparativos para atacar as fortificações inimigas no dia 25 de maio de 1866, em comemoração ao aniversário da Independência política da República Argentina.

Constituíam-se as aludidas forças de, aproximadamente, 21.000 brasileiros comandados pelo General OSÓRIO, 9.000 argentinos chefiados por MITRE e 1.500 urugaios sob as ordens de FLORES, totalizando 31.500 homens.

O adversário, muito mais numeroso, profundamente conhecedor do terreno e abrigado em trincheiras, lançou à batalha apenas 24.000 combatentes.

Podendo o ditador Solano López aguardar o ataque, que era do seu conhecimento, em vantajosas posições, organizadas com grande antecedência, decidiu — por impaciência, ardoroso espírito ofensivo ou confiança desmedida no princípio da surpresa — antecipar-se e desencadear a ofensiva, atacando os seus adversários aos 24 de maio, ou seja, no dia imediatamente anterior ao daquele planejado pelo comando da Tríplice Aliança.

Nos aproximados minutos do meio dia, inopinada e inesperadamente, surgem ululantes as hordas guaranis à direita do dispositivo aliado e, imediatamente, atacam e repelem de cambulhada a cavalaria argentina, detendo-se, todavia, face à infantaria e artilharia da PAUNERO, auxiliadas estas por um batalhão brasileiro. Em tempo útil, MITRE impulsiona a sua 2a. Divisão de Cavalaria e consegue estabilizar o flanco direito aliado.

Era o momento, então, de a tropa brasileira, que estacionava à esquerda da posição, receber o impetuoso choque do ataque,

Os batalhões de FLORES, em posição à frente dos nossos, não conseguindo deter o violento embate, refluem para abrigar-se sob a proteção da 3a. Divisão de Infantaria — a famosíssima “Encouraçada” — comandada pelo bravo cearense *Gen. Antônio de Sampaio*. Combatendo denodada e obstinadamente, com o apoio da terrificante artilharia de MALLETT, a briosa 3a. D. I. resiste impávida e indomável, realizando vigorosos contra-ataques. Tendo sido entretanto, seu generoso, heróico e abnegado chefe ferido pela terceira vez e já decorridas longas horas da tremenda e mortífera contenda, esboçam-se indícios de prestes envolvimento, quando, então, o legendário OSÓRIO, permanentemente atento ao desenrolar da batalha, impulsiona para socorrê-la mais 4 batalhões de infantaria. E, no final da terrível luta de intermináveis 5 horas, restabelecem os brasileiros suas posições e repelem mais essa impetuosa e feroz investida do valente e fanático inimigo.

Concomitantemente, outras tropas paraguaias tentavam, furiosamente, desbordando o nosso flanco esquerdo, atacar e destruir a retaguarda aliada. OSÓRIO, novamente, informado dessa delicada situação, destaca tropas de infantaria, cavalaria e artilharia para enfrentar essa perigosa ameaça e a neutraliza providencialmente.

Detidos e repelidos em todos os pontos, refluem os valorosos soldados guaranis para suas posições fortificadas, deixando um saldo negativo de 6.000 mortos juncando o chão da pavorosa e gigantesca operação bélica, além de mais de 7.000 feridos evacuados para seus hospitais.

Também nós, aliados, pagamos muito caro o preço da vitória, com numerosas baixas, dentre as quais cerca de 719 brasileiros mortos e 2.292 feridos evacuados, inclusive o altivo, indômito e bravo general *Antônio de Sampaio*, que faleceu posteriormente, aos 6 de julho seguinte, em consequência dos 3 graves e gloriosos ferimentos recebidos na aniquilante, pavorosa e hiante peleja, os quais inspiraram a ambicionada condecoração denominada “Sangue do Brasil”.

Os dados estatísticos acima mencionados evidenciam o tenebroso furor da batalha e o incontestável valor dos combatentes.

Como em RIACHUELO, aos 11 de junho do ano anterior, quando a esquadra brasileira, em memorável batalha fluvial, assegurara o pleno domínio dos rios, TUIUTI, para a Triplíce Aliança, assegurou o domínio terrestre e consolidou, definitivamente, a cabeça de ponte em território do inimigo, a par dos bons auspícios da total destruição do mesmo.

Não podendo desalojar e repelir as forças adversárias do

seu próprio território, unicamente a megalomania, o fanatismo e o terrorismo iriam, daí por diante, permitir a continuação da tremenda luta por Francisco Solano López, a qual teria por tristíssimo epílogo o esgotamento total da nobre nação guarani...

Os eminentes, competentes e destemidos chefes que dirigiram os intrépidos brasileiros nessa renomada batalha — OSÓRIO, SAMPAIO e MALLETT — pela bravura, pelos inestimáveis serviços prestados à Pátria, pela disposição ao sacrifício da própria vida e numa efetiva ação de justa glorificação ao verdadeiro e incontestemente mérito, foram erigidos e consagrados insignes patronos, respectivamente, das armas de Cavalaria, Infantaria e Artilharia.

Embora já decorridos 102 anos, TUIUTI evoca, ainda e sempre, a nobre fibra do soldado do Brasil. Disputada a pata de cavalo, a pontaço de lança, a sabre, fuzil, morteiro e canhão, assinou, de forma indelével, essa sobremodo cruenta porém brilhante vitória, a firme determinação dos nossos indômitos antepassados.

Por oportuno impõe-se-nos, evidentemente, destacar, embora sumariamente, uma sinopse da dignificante folha de serviços substancializadora da prestante vida de um desses indômitos antepassados, porque muito chegado a nós: *Gen. Antônio de Sampaio*. Soldado da ordem, inconfundível obreiro da pacificação interna, encontrámo-lo constante e valentemente combatendo e cooperando para eliminar os focos de rebeldia que, na época e à farta, explodiram cruentamente nas diversas latitudes do Império. Assim, registra-o a história lutando denodadamente pela ordem, sucessivamente, contra a prolongada sedição de Pinto Madeira no Cariri Cearense, dos impiedosos cabanos no Pará, dos facinorosos balaíos no Maranhão, dos ardorosos farrapos nos pagos gaúchos e dos vibrantes praieiros em Pernambuco. E quase sempre colaborando eficientemente com o grande CAXIAS, exceto na redução da intentona paulista-mineira de 1842, onde não esteve presente SAMPAIO, e nas operações redutoras da cabanada e da revolução praieira, das quais não participou o insigne Pacificador e futuro excelso Patrono do Exército Brasileiro.

E mais, para sua maior glória e indubitável gratidão da Pátria, auferiu SAMPAIO o ambicionado prêmio da imortalidade no exterior, além-fronteiras, nas coxilhas do Prata e nos charcos matosos do Paraguai, entrelaçando a sua sorte nas armas às de CAXIAS e de OSÓRIO, no fragor das batalhas, na auréola das vitórias, amalgamando esplendidamente a têmpera vigorosa dos três maiores chefes militares de terra do Brasil...

No angustiante, atribulado e incerto momento que vivemos, quando o egoísmo, a vaidade e a ambição permanecem arraigados

na alma e no coração dos povos, devemos assumir o sincero compromisso de inspirar-nos no másculo exemplo dos que lutaram, com todo o desprendimento, em defesa das nossas lindas, da nossa liberdade e da dignidade humana. O seu admirável heroísmo e altruístico sacrifício legaram-nos uma Pátria com dimensões continentais e orientada, certa e seguramente, para um próspero e grandioso imediato futuro.

Cumprê-nos, sem a menor vacilação, sem a mínima tibieza, por qualquer preço, honrar e dignificar tão elevada quão preciosa herança.

---

## O BACAMARTE DOS MOURÕES

Nertan Macêdo é escritor, filho de Croto, que se tornou conhecido em todos os recantos do país, pelos livros apreciadíssimos, em torno de velhas clans familiares cearenses, ou sobre a trepidante vida dos cangaceiros célebres do Nordeste. É igualmente jornalista e cronista de primeira ordem, militando na imprensa do Rio, Recife e Fortaleza. Cada publicação sua sobressai-se pela originalidade dos assuntos, todo voltado para a vida sertaneja e sempre batem record de vendas.

No ano de 1966, lançou "O BACAMARTE DOS MOURÕES". É a biografia, ao real, do célebre potentado Alexandre Mourão que se tornou na primeira metade do século passado, o espantinho dos sertões no norte do Ceará e de parte do Piauí. Nertan escreveu a epopéia daquela vida que encheu as coatingas nordestinas de terror e que desafiou autoridades de várias províncias nordestinas. Só um presidente o intimidou — o nosso José Martiniano de Alencar que, entre 1824 e 1837, desbaratou tôdas as hordas de cangaço e do crime em terras do Ceará.

Nertan Macêdo teve outra vitória com o "BACAMARTE DOS MOURÕES". É o escritor telúrico que enche o Brasil com as coisas e os fatos deste Nordeste, tão incomparável em tôdas as suas manifestações de brasilidade.

---

## REVISTA "ASPECTOS"

O Ceará foi enriquecido com uma das revistas mais completas do norte do país — "ASPECTOS", dirigida por Raimundo Girão, Braga Montenegro, Otacílio Colares, Oswaldo Riedel e secretariada por Rui Guêdes. Sua colaboração é bem selecionada e comprova que a terra cearense acompanha, em tôda a linha, a atual evolução da inteligência, que se passa nos principais centros do Brasil. É publicação da Secretaria de Cultura do Ceará, em boa hora confiada a uma das mais eminentes figuras da cultura nordestina, o escritor Raimundo Girão. Foi editada com todo o esmero possível, pela IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ, assim provando seu ótimo aparelhamento e direção gráfica impecável.

# o m á g i c o

conto de

tiago figueirêdo alencar araripe

O circo ! . . . Milhares de pessoas atraídas pelo barulho do alto-falante, aglomerando-se para comprar bilhetes, e o cheiro acre de suor espalhando-se por debaixo daquela grande quantidade de narinas ansiosas. Todo mundo se acotovelando, naquela loucura para entrar logo e conseguir um bom lugar, sem se incomodar com empurrões, nem desculpas, nem nada — circo é circo, e quando se vai a um espetáculo é apenas para fugir alguns minutos da vida, esquecendo tôdas as preocupações da sobrevivência difícil num mundo por demais cruel.

O circo era pequeno, de péssima aparência. Por isso não se notava ali um povo mais cheiroso, melhor vestido, de melhores maneiras. Apenas a gente simples, despreocupada em relação à sociedade, castigada mais duramente pela vida, razão de estar alegre ante a perspectiva daquela pequena fuga à realidade.

As primeiras pessoas já começavam a sentar-se sôbre as tábuas duras. Olham em tórno, verificando se o lugar está bem localizado, se é conveniente continuar ali ou, então, afastar-se para a direita, onde apanha-se uma melhor visão do centro. Estranha o fato de ser um circo tão simples, sem trapézios . . .

A curiosidade geral vai até atrás da cortina remendada, de onde deverão sair os artistas, tentando descobrir o que estará acontecendo lá.

O alto-falante continua a jorrar palavras, com uma voz forte e misteriosa, e o povo sente-se atraído, entrando cada vez mais, superlotando as arquibancadas. O som pára repentinamente. Há o pressentimento de que algo vai acontecer. Gente suspira pelo palhaço, numa necessidade de rir um pouco; quer ver também as bailarinas e os trapezistas, elas, bonitas moças de pernas tão perfeitas. Sempre que aparecem acende-se nos olhos dos homens cansados uma luz forte. Os pobres diabos ficam como que hipnotizados com aquelas curvas tôdas e os caçados olham, suspirando, para as espôsas ao lado . . .

Agora, porém, o circo nunca pareceu tão diferente, sem movimento, sem quase nada dos outros circos. O povo está impaciente.

Surge, então, um homem baixo ao-mesmo-tempo-que-magro, de cartola e luvas amareladas, que se inclina ante o público e, segurando o microfone à altura da boca, começa a falar :

— Senhores e senhoras, vai começar o espetáculo! Permitam que me apresente: sou o mágico Antonini, que retorna depois de uma gloriosa excursão pela Europa, ao imenso público do Brasil...

O homem prossegue, no seu falatório bonito e os espectadores se tocam, murmurando:

— Oropa... Oropa...

Clarisse está olhando atenta e, ao lado, sua irmã, a Raimunda, lamenta o sapato novo que lhe comprime o pé cheio de calos. Clarisse é uma moça escurinha que ficou constrangida em ter que vir ao circo com um vestido muito puído, porque lavara o seu mais novo, que estava muito sujo, mas êle não enxugara a tempo.

Antônio, sentado do outro lado mais acima, olha para sua esposa, Joana, e vê que essa balança as pernas gordas e tem um brilho intenso de alegria nos olhos. Sua mulherzinha alegre, meu Deus! A coitada tão trabalhadeira, tão macambúzia, mas agora alegre como só Deus sabe o que. Sentiu também a alegria invadir seu coração e suas pupilas absorveram o mágico por completo. O homem continuava a falar, apressadamente:

— E, antes de iniciar o meu número, quero apresentar um dedicadíssimo assistente — Joaquim!

Surgiu, por trás da cortina, um rapaz alto e tímido, que se curvou e desejou que as palmas fôsem curtas. Depois ficou a um canto, com os olhos perdidos no seu mestre, que ainda dizia qualquer coisa, naquele mesmo tom de voz tão característico.

O povo começava a ficar inquieto com tanto falatório mas, finalmente, foi anunciado o primeiro número: algumas mágicas que, para serem executadas, seriam necessários "atenção e silêncio total".

Todos os presentes sentiram a ausência da música, sempre existente em todos os circos, e queriam ver outras pessoas que não fôsem o mágico com seu alto e tímido assistente. Mas não se incomodaram muito, porque afinal aquilo tinha nome de circo e o espetáculo ia começar. O resto — trapézio, malabaristas, palhaços — viria depois.

As mágicas começaram. Eram truques com baralhos, adivinhações de cartas e muitas outras coisas. O mágico fez uma mulher tirar um ás de copa da bolsa, um homem puxar outra carta sob o chapéu... e a moça raquítica e espantada estava sentada em cima de mais uma. O homenzinho triunfava e o povo sorria.

Clarisse limpou o suor da testa com a mão, ainda com o riso nos lábios: estava muito feliz. A irmã tinha tirado os sapatos e sentia-se melhor. Ria mais e não resmungava tanto — isso era um alívio para Clarisse, que não gostava de ninguém aborrecida perto dela, quando estava alegre..

Os truques prosseguiram, agora mais variados, e faziam todos soltar exclamações.

O assistente sorria, mostrando-se menos contrafeito.

Antônio falou à esposa:

— Esse mágico é bom mesmo, muié. Já teve intê na Oropa.

Joana ria, mostrava os dentes brancos, fazendo seus olhos brilharem mais.



O calor estava intenso. Mas quem ligava o calor? Estavam acostumados aos meio-dias, com sol de matar nas costas curvadas, enquanto a terra, seca, desafiava os golpes de enxada.

Clarisse nem pensa mais no vestido puído e Joana, no outro lado mais acima, sente pena porque o mágico não tirou também uma carta sob sua bunda gorda. Raimunda está olhando, momentaneamente, para os pés nus e os sapatos novos que jazem sobre a tábua.

O prestidigitador anuncia o ponto culminante do seu número: vai fazer uma pessoa desaparecer! Todo mundo estremece e arregala mais os olhos, como que para não deixar passar nenhum embuste, embora algumas já estivessem reclamando o palhaço.

— Quero uma senhora, aqui no palco...

Mêdo geral. Nem uma pronúnciação. O homúnculo nota a indecisão e insiste:

— Não tenham mêdo... Uma senhora... Quem vem?...

Clarisse levantou-se dum salto e, não atendendo à irmã que tentava lhe reter segurando a barra do vestido puído, agitou o braço, alegre por poder compartilhar mais vivamente com o espetáculo. O mágico a enxergou.

— Aproxime-se, senhorita... Até cá, por favor...

A moça sentiu-se atraída pela educação do homenzinho de cartola e luvas amarelas. Encontrou-se no meio do palco, quando veio novamente à sua cabeça o pensamento do vestido. Então sentiu-se mal, pois todos a estavam olhando. Mas começaram a aplaudí-la pela coragem e, inclinndo-se como fizera o mágico e o assistente, esqueceu novamente, pensando nos caboclos bonitos que batiam palmas para ela. Pensando unicamente nos caboclos bonitos que batiam palmas para ela.

Joana duvidou do negócio de desaparecimento: "Num vai comigo, não". O marido incomodou-se: "Bestêra, muié! O home já têve na Oropa!"

Raimunda zengara-se com a irmã, mas a aplaudira freneticamente.

O mágico pediu ao assistente uma cadeira. Ao convite seu a moça ficou de pé sobre ela, pensando mais uma vez que estava com o vestido puído.

O prestidigitador explicou que a cadeira serviria aos olhos dos que duvidassem da existência dum alçapão, ou coisa parecida.

— Vou fazer a senhorita desaparecer sem nenhum truque. E' apenas um segredo que aprendi quando estive na França.

E depois de observar o efeito daquelas palavras estampado naquelas faces contorcidas:

— Contarei de um até três e a moça desaparecerá. Um...

Murmúrio geral. Incredulidade.

— Dois...

Suspense. Maxilares apertados.

— Três!

O mágico fêz um gesto e a moça sumiu mesmo, inteirinha. Raimunda deu um grito que ninguém reparou, pois todos estavam abismados.

Antônio cutucou a esposa: "Não disse?"

O mágico estava sério, bem sério, e o ajudante tinha um sorriso estranho nos lábios.

Antônio pulou do seu lugar para o chão e gritou:

— Quero sumir também!

Todo mundo riu, mas o mágico acenou para que se aproximasse e subisse na cadeira.

Seguiu-se a contagem compassada.

—... Dois... três!

Joana riu. Queria ir, porém faltava-lhe coragem.

O mágico curvou-e para o público e os aplausos estrondaram sob a lona velha e remendada do circo. Num gesto dramático o homenzinho tirou a cartola da cabeça, deixando aparecer cabelos grisalhos, e a arremessou contra o assistente, que estava distraído.

— Joaquim, tu vais buscar os desaparecidos!

O rapaz estremeceu e, ao gesto do mestre que se seguiu, evaporou-se ante milhares de olhos espantados.

Uma negrinha, que desde o início não tirara os olhos do assistente, achando-o um rapaz encantador, ficou sorumbática quando êle sumiu.

O mágico, em seguido, fêz desaparecer a si próprio e suas últimas palavras foram:

— O rapaz é leigo. Nunca acha o caminho de volta...

\* \* \*

Os minutos passavam. Impaciência. Havia gente que ainda pensava: "E o palhaço?"

Murmúrio.

Joana estava alegre. Ia dar um beijo bem grande no marido.

Raimundo torcia as mãos, aflita pela irmã. O tempo corria...

Um rapaz, depois de muito tempo, foi ao palco e abriu a cortina. Nada havia atrás. Muita gente quis averiguar e precipitou-se, remexendo, falando. Então, como não encontrasse nada, foi saindo.

Raimunda, em pé, tremia.

Joana ria, abobalhada, ainda no seu lugar. De repente caiu em si e começou a chamar pelo esposo: "Antônio! Antônio! Onde tu tá, home?"

Raimunda, com uns homens prestativos e curiosos, procuravam em silêncio, rosgando pano, levantando tábuas.

Joana aproximou-se cansada de gritar, procurando consolar a irmã infeliz de Clarisse, a moça escurinha e de vestido puído. A pobre mulher chorava copiosamente e Joana, com lágrimas nos olhos, também, dizia:

— Num chora não! O home tève na Oropa e vai vortá com tua irmã e meu Antônio...

A polícia chegou, deu uma busca rigorosa, desarmou o circo pequeno, de lona remendada, não encontrando coisa alguma.

E Raimunda, apoiada ao ombro de Joana, chorava alto, olhando a lona velha arreada, as faces desanimadas dos policiais, enquanto a outra, tentando consolá-la, dizia sempre:

— Êle vorta!... Tève na Oropa!...

# Costume e Orientação dos Irracionais

JOSÉ DOS ANJOS DIAS

Até agora não foram conhecidos certos particularidades existentes nos irracionais.

Por mais que os cientistas procurem estudá-los, ainda restam alguns pormenores sem narrativa.

O BURRO — O CAVALO e o JUMENTO — Conhecem a profundidade de um rio sem intervenção de sondagem, mesmo sem terem costume de atravessá-lo.

Ao chegarem à margem, vão cheirando a água aqui, ali, acolá e, encontram a parte mais rasa que possam atravessar sem precisar nadar.

O cavalo, apesar de ser irracional, exerce sobre as filhas respeito inflexível, que, poderia servir de modelo aos homens desnaturados.

As potras, suas filhas, quando atingem o estágio de gestação, o pai cavalo expulsa-as do lote, a fim de ir para outro lote, com a finalidade de cumprirem o determinismo que a NATUREZA impôs a todos os seres da CRIAÇÃO DIVINA. O cavalo, o burro e o jumento, possuem dupla visão em relação aos seres racionais, pois, suas retinas registram as frequências vibratórias dos corpos visíveis e invisíveis. Dêstes, passam desapercibidas ao nosso órgão visual, visto que, ele está aquém da capacidade de captação.

---

**ITAYTERA** A direção desta Revista recebeu, há dias, o número 11, de 1967, da publicação "Itaytera", órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, Crato, Estado do Ceará, sob a direção do professor J. de Figueiredo Filho.

Trata-se de realização cultural das mais expressivas do nordeste brasileiro reunindo temas de palpitante atualidade, além de revelar-nos o alto nível dos estudos ali abordados.

(BRASIL AÇUCAREIRO, Rio, Dezembro, 1967)

**ELEIÇÃO** O escritor J. de Figueiredo Filho foi eleito para a Academia Cearense de Letras e vai ocupar a cadeira vaga com a morte de Dolor Barreira. Pela primeira vez foi eleito para a ACL um escritor com residência fixa no interior, já que o nôvo Acadêmico mora no Crato. Registramos com satisfação o fato porque J. de Figueiredo Filho é a mais recente aquisição que fizemos para o quadro de colaboradores de BRASIL AÇUCAREIRO. Nesta edição vai publicado seu primeiro trabalho: DECADÊNCIA ATUAL DA RAPADURA DO CARIRI CEARENSE.

(BRASIL AÇUCAREIRO, Rio, Dezembro, 1967)

Todos os corpos têm suas frequências de vibrações, elas produzem sons, cores e algo mais. Ainda há de chegar tempo em que o homem fabricará aparelho que, poderá distinguir com nitidez, até a cor do ar.

Sabemos que, nossa audição tem capacidade muito reduzida, só percebemos sons até determinada frequência, assim também, acontece com nossa visão. O relato bíblico sobre Balaão, comprova minha obscura narrativa, pois, quem primeiro viu o anjo foi a jumenta, depois da impertinência de Balaão em prosseguir viagem e espancar a jumenta, o anjo teve que vibrar em frequência que Balaão pudesse vê-lo.

Comumente temos visto animal refugar em passar por determinado trecho da estrada, ele vê algo que o impede. Se o montador que nele vai tivesse conhecimento do caso de Balaão e algo mais, não o maltrataria a ponto de fazê-lo sangrar.

O assunto que ventilei superficialmente, o considero mais profundo do que as profundezas do oceano pacífico.

O SAPO — Este anuro, a fim de sobreviver durante o tempo de estiaagem, aculta-se abaixo do rés-do-chão numa profundidade de 2 palmos e, permanece em letargia cerca de cinco meses, até o aparecimento das primeiras chuvas. Já tenho encontrado alguns descarnados por falta de alimentação, em virtude do estágio letárgico em que está submetido.

Só mesmo a NATUREZA DIVINA, pode explicar porque o sapo resiste ficar tanto tempo sem renovar o ar para respiração, pois, sua morada subterrânea fica completamente vedada e mal o compart.

Enquanto vive dentro de sua câmara subterrânea, dispensa parte das necessidades fisiológicas, só utiliza uma, a micção.

Emprega a sua urina para molhar a pequenina cama que formou com seu próprio corpo, a fim de amenizar o calor escaldante do solo.

Nos locais em que tenho encontrado sapos letárgicos, observo que, há ausência completa de fezes. Acredito que, ele entre em letargia com as vísceras completamente desprovidas.

OS OFÍDIOS — Em minha infância, aprendi que, os ofídios são ovíparos, entretanto, já tenho encontrado casos que não confirmam.

A cascavel e o jararaca, quando recebem uma sova de cacete e, começam estortegorem-se para morrer, expõem cobrinhas. Acredito que, a cobra que ao morrer lança fora cobrinhas pelo órgão secreto, indica que, está em estado gestante e, se fosse ovíparo lançaria de si, unicamente ovos.

Também já tive oportunidade de matar jararaca e cascavel que, não expulsaram filhotes, indicaram que, não estavam pejudas.

Não recuso em aceitar que outras espécies de ofídios sejam ovíparos, apenas, faço saber que, a cascavel e o jararaca não são.

A época do ano que a NATUREZA reservou para os amores dos ofídios brasileiros, foi o período de maio até junho.

Os zoólogos deveriam dedicar parte do tempo para ficar em contacto com a NATUREZA e o reino animal. Só assim poderiam adquirir maior detalhe acêrca dos irracionais.

A ARRIBAÇÃO — De tôdas as pombas brasileiras, ela é a única que possui maior velocidade de vôo e capacidade de orientação. É capaz de levantar vôo de Juazeiro da Bahia pela manhã e, antes do meio dia chegar ao Crato. Quando chega a época de postura, um grupo de dez ou vinte alça vôo em determinada direção escolhida por êle e, no percurso da jornada logo que encontre o lugar propício para fazer a postura, aí pousa e forma o pombal. Esse primeiro bando comunica-se por telepatia ou por órgão especial que a avoante possui, com as outras que ficaram em local ignorado por nós, só mesmo elas entendem isso. Tal órgão, comparo com a radiotelegrafia.

Avisam as companheiras que ficaram no local de partida do grupo inicial que, venham ter com elas. Daí então, começa a chegar banda após bando. Os bandos de arribaçãs vôam para o local que fôra escolhido para servir de pombal, com tanta precisão que, não é necessário que um grupo veja o outro que vai á sua frente para poder acertar o nôvo pombal.

Tôdos os grupos seguem a mesma rota dos grupos predecessores. O intervalo de chegada dos bandos ao nôvo pombal, varia de cinco, dez, quinze e até trinta minutos. Isto, foi observação feita por mim com muita meticulosidade.

Cheguei a conclusão que elas possuem órgãos transmissor e receptor, emitem e captam sinais. O órgão receptor também exerce a função de radiogoniômetro. Se não fosse assim como acabo de expor, não acertariam e nem poderiam determinar com precisão o local exato das companheiras do pombal, vôariam á toa.

A arribação vôo com mais segurança do que qualquer piloto da navegação aérea ou marítima.

A pequenina ave, utiliza-se apenas dos órgãos que a DIVINDADE SUPREMA lhe deu.

Ela também faz vôo noturno com muita precisão, isto é, não se choca no ar com os obstáculos montanhosos, mantém velocidade e não perde a rota. Os cientistas, poderiam fazer nela uma dissecação a fim de saberem quais os órgãos que possui e mais do que as outras aves.

Dispensa ninho para pôr nêle, deita seus ovos a rés-do-chão, por entre as touceiras de caroá e xique-xique.

Os filhotes são incontáveis, sofrem a perseguição dos offídios, carcarás, gaviões e os cães famintos dos vaqueiros, mesmo assim, salvam-se milhares.

As pombas genitoras, permanecem no local até que, os filhos possam vôar. Homens desumanos espingardeiam as pombas chocas e, vão vendê-las na cidade. Já intervim várias vêzes em favor das avoantes, todavia ainda perdura a crueldade.

# Casas Ernani Silva

*Ernani Silva & Cia.*

DISTRIBUIDORES PARA O CARIRI DA

## **Ceará Gás Butano**

**Fogões e Gás Liquefeito**

Revendedores de: *Refrigeradores — Televisores — Fogões —  
Bicicletas — Máquina de Costura —  
Armários de Cozinha — Moveis em Geral*

MATRIZ: Dr. João Pessoa, 116/118 - Fone: 480 - Crato-Ce.

FILIAL: Rua São Pedro, 1065 - Fone: 545 - Juazeiro do Norte

# **Livraria e Papelaria SMB**

**SEMPRE MAIS BARATO**

**RUA BARBARA DE ALENCAR, N.º 146 — CRATO**

## **P A P E L A R I A**

IMPRESSOS EM GERAL,  
LIVROS FISCAIS (DE TODO TIPO),  
MATERIAL DE ESCRITÓRIO, ETC.

## **L I V R A R I A**

LIVROS DIDÁTICOS, TÉCNICOS E DE  
CULTURA GERAL, DOS MELHORES E  
MAIS RENOMADOS AUTORES

**NA SMB VOCÊ COMPRA SEMPRE MAIS BARATO**

# O Reisado de S. José do Pau Sêco—Crato, Ceará

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

Mais uma vez, vejo-me diante da feliz perspectiva de colaborar em Itaytera com uma de minhas múltiplas pesquisas acerca de aspectos de nosso variado folclore.

Já trouxe aqui algumas considerações em torno do Bumba meu Boi em São Luiz do Maranhão, em exaustivo trabalho acerca do versátil folclore do Cariri.

Mas, nesta oportunidade, vou me restringir unicamente ao estudo do Reisado Caririense, que apesar de ser folgado bastante encontradiço em todo o Nordeste e de ter contado com a atenção e o estudo dos mais renomados pesquisadores, merece aqui um exame detalhado, não só para mostrar sua riqueza e esplendor, como também para fornecer elementos para o estudo comparativo dos vários reisados nordestinos.

Não vou me deter em explicações sobre origens e formação daquele folgado. Vou unicamente contar aquilo que vi, colhi e registrei durante uma apresentação do Reisado de São José do Pau Sêco, na cidade de Crato, a Princesa do Cariri.

Graças ao Instituto Cultural do Cariri e principalmente ao seu Presidente, Dr. José de Figueiredo Filho, figura apaixonada do folclore, elemento de muita penetração entre o povo local, grande protetor e defensor das artes populares, tive a oportunidade de na tarde de 7 de janeiro de 1964, visitar o reduto do tradicional folgado natalino, ou seja o Sítio São José onde há vários anos é organizado o melhor reisado da região. Seu Mestre é o Dedê Lima, agricultor e negociante de farinha na feira do Crato e os demais componentes do grupo vivem também do cultivo da terra nos sítios circunvizinhos.

O Reisado de São José, conta com aproximadamente 19 figuras centrais, assim distribuídas: dois Mateus, uma Lica, um Tocador de Viola, um Mestre, um Contra-Mestre, o Rei, as vezes uma Rainha, dois Embaixadores e dez figurantes, elementos que fazem parte do coro e das várias danças. Durante as apresentações, ficam via de regra os componentes do grupo dispostos da seguinte maneira: duas filas paralelas com cinco brincantes cada uma, puxadas pelos embaixadores. Entre as filas, ficam o Mestre, o Rei aquele de pé e este sentado em tamborete que sempre é oferecido pelo dono da casa onde o Reisado se apresenta. Atrás do Rei, vem o Contra-Mestre e ao lado de Sua Majestade o Tocador de Viola. Todo este conjunto, atua dentro da casa onde se apresenta, na sala onde se encontra a Lapinha ou o Presépio.



Fora deste recinto, na varanda ou no terreiro, contíguos ao mesmo, brincam os Mateus conhecidos em Fortaleza por Papa-Angú, e a Lica, homem travestido de mulher que faz o papel de megera.

Claro está que todas estas figuras não se mantem rigorosamente dentro desta organização. O Reisado é composto de várias partes com representações diversas, como veremos adiante e assim os brincantes movimentam-se a vontade dando franca vazão a sua parte e ao seu gênio criador e improvisador.

**FUNÇÃO DE FIGURAS:** Os Mateus e a Lica, são os palhaços, mestres em piruetas, acrobacias, brincadeiras diversas que arrancam boas gargalhadas da assistência. Fazem trocadilhos, mal entendidos, piadas mexem com as pessoas, cantam, dançam, enfim são elementos de grande presença e realce dentro da brincadeira.

O Mestre, puxa as peças a serem entoadas além de ser o comandante do folguedo. É o diretor artístico, o ensaiador e o contra-regra do grupo tendo todos os direitos sobre seus comandados. As rimas e toadas são as tradicionais até de origem religiosa e que se repetem cada ano, e os improvisos usados muitas vezes na saudação a certas pessoas destacadas acaso presentes a representação. Oportunamente darei alguns exemplos de tais improvisos.

O Contra Mestre é um coadjuvante do Mestre, capaz mesmo de substituí-lo nos momentos de estafa, que sobreveem comumente durante a folgança que costuma durar quatro, cinco horas, as vezes uma noite inteira. Ao puxar as peças o Mestre é respondido pelos componentes do coro e acompanhado pelo Violeiro que faz o fundo musical. As vezes, pode aparecer a sanfona, e em casos excepcionais, o Zabumba ou Banda Cabaçal composta de dois Pifanos, um Zabumba de couro também chamado Bombo, e uma Caixa tipo Tambor Militar. Acompanhando as lutas de espada costuma aparecer este instrumental.

O Rei é figura decorativa, sentado em seu tamborete que faz as vezes de trono. Entretanto, poderá Sua Majestade passar deste estaticismo, para uma dinâmica, desde que os Mateus atravez de uma conspiração, venha destroná-lo. Neste caso, trava-se uma luta de espadas, na qual se empenham de um lado, os Mateus para garantirem o trono e o Contra-Mestre para reconquistarem o trono para Sua Majestade.

Quando aparece a Rainha, travam-se lutas de espadas entre dois partidos; o do Rei e o da Rainha.

Estas lutas, segundo o Professor Figueiredo Filho, constituem uma transplantação dos guerreiros para os reisados. Relewa notar que tais duelos são como frisei anteriormente acompanhados pela Banda Cabaçal e as espadas batem umas nas outras no ritmo daquele instrumental.

Os embaixadores têm como finalidade precípua, puxar as filãs de brincantes sendo responsáveis pela organização das mesmas. Tem outros papéis entretanto, onde mostram sua arte e seus recursos teatrais.

**VESTUÁRIO:** A indumentária de um modo geral, consta de saiotas e blusas vermelhas, capas azuis cobertas de fitas de várias cores e espelhos. O material empregado na confecção destas roupas é geralmente o cetim. Na cabeça usam os brincantes capacetes de papelão em cores vivas onde rebrilham boa quantidade de espelhos. Usam meias compridas vermelhas, vermelhas e pretas ou vermelhas e azuis, e sapato de tenis branco.

O Rei em vez de capacete traz uma coroa de papelão dourado. Os Mateus saem via de regra com traje preto, com máscaras, óculos escuros, revólveres, rosários e objetos os mais estranhos. Costumam tocar pandeiro. A Lica aparece com roupas esfarrapadas, feições assustadoras sempre realçando seu papel de megera.

**TIPOS DE MÚSICAS QUE ACOMPANHAM O REISADO:** É o baião o tipo de música mais tocado e dançado no folguedo em estudo. Seguem-lhe a marcha e a valsa.

A música do baião, tem bastante influência portuguesa, tendo chegado até o Cariri, através da Bahia. A dança é tipicamente indígena. Alás, tive oportunidade de assistir, o baião, dançado por um componente do Reisado de São José que fazia o mesmo tempo exhibições de jogo de faca, e pude sentir ali a presença marcante de nosso antepassado índio.

Antes de entrarmos no estudo do desenvolvimento do folguedo convem nomear cada artista e seu respectivo papel. Faz-se mister outrossim, situar o reisado no tempo e no espaço falando da época de sua representação e dos locais onde é levado a efeito.

José Francisco Luna, vulgo Dedé: Mestre; Francisco Felipe: Rei; Duda Contra-Mestre; Benjamim e Tindô: Embaixadores; Manoel Neto e Francisco Luna: Mateus; Expedito Beneco: Lica; Francisco Eugênio: Tocador de Viola. Raimundo, Neco, Jaime, Orlando, Vicente, Cícero, Luiz e outros inclusive crianças formam o coro.

Dedé costuma começar a brincadeira em meados de setembro para encerrar em 6 de janeiro. O reisado apresenta-se cada noite numa casa, rompendo até alta madrugada. Nas residências onde brincam costumam ser tratados regiamente, as várias figuras, que comem, bebem, e recebem boa quantia não só das pessoas da casa, como da assistência, constituída dos vizinhos e amigos dos arredores que tem no reisado, um de seus melhores divertimentos.

**AS PARTES PRINCIPAIS DO REISADO:** A representação do reisado, obedece a um roteiro, onde se sucedem, quadros muitos deles de fundo eminentemente religioso e que se repetem cada ano sem modificação em suas estruturas e em seus versos. As rezas, as louvações as embaixadas e até peças de cunho profano ou picaresco são bastante frequentes.

É o seguinte, em linhas gerais o seguimento do folguedo:

- 1 — Reunião dos brincantes
- 2 — Chegada à Casa

- 3 — Pedido de abertura da porta da casa onde terá lugar a apresentação
- 4 — Auto religioso diante da Lapinha ou Presépio, rezando e cantando recitativos rimados.
- 5 — Improvisos sobre assuntos gerais
- 6 — Entrada dos vários bichos e figuras que compõem o Auto do Bumba meu boi
- 7 — Despedida

1 — A reunião de brincantes, é feita através de aboios. Ouvindo o sinal característico os figurins, como são chamados na região, vêm ter ao terreiro da casa do mestre e aí preparam-se para a visita da noite. Vejamos um aboião gravado na oportunidade da pesquisa:

Meu boi preto manganguera (.)  
 Aonde é tua morada ôôô  
 Do outro lado da serra ôôô  
 Perto da pedra lavrada ôôô  
 Aôô bicho maluco, diabo doido

(.) Manganguera segundo os locais significa cheio de trejeitos).

2 — Uma vez reunidos, dirigem-se à porta da casa escolhida para a representação, diante da qual tem início o folguedo propriamente dito. O Mestre canta:

Avistei uma casa  
 É uma fortaleza (bis  
 e o côro

A nossa batalha  
 É uma beleza (bis  
 Mestre

Acorda Maria (bis  
 E saia na janela  
 e o côro

Venha ver soldado (bis  
 Que vai pra sentinela  
 Mas que tá dormindo (bis  
 Acorda donzela

Mestre

Entremos tôdos  
 Nesta canôa  
 Que nós vamos pra Lisboa de jornada  
 e o côro

Só tenho pena da moreninha  
 Que eu deixei a pobrezinha desprezada

Agora o Mestre chegando mais ao pé da porta:

Santos Reis  
E dom Sarriongo  
Dai-me em peleja  
Dai-me em peleja  
Quando eu chego em qualquer porta  
Da culpa presa  
Da culpa presa  
Ó de fora  
Ó de fora  
Eu fui quem cheguei agora (bis  
e o côro  
Acompanhado de anjo  
Da virgem Nossa Senhora (bis  
Mestre  
Meu sinhô dono da casa  
Olho de pedra redonda (bis  
Daquêle cristal mais fino  
Onde o mar combate as ondia (bis  
Quando mandais abris a porta  
Mandais abrir por Maria (bis  
Que Maria é estrêla dalva  
Quando vem manhicendo o dia (bis

3 — Nesta terceira parte, os Mateus têm papel preponderante, colocando em prática toda a verve e o espirito folgazão e jocoso, indispensáveis àquêles que se abalançam a interpretar tais papéis. O Mestre os chama e pergunta sobre suas moradias, seus hábitos, suas vidas enfim. Nesta conversa, diz o Mestre saber de certos poderes mágicos dos Mateus, afirmando saberem êles orações fortes capazes de promover a abertura da porta. Os Mateus, entretanto, negam suas artimanhas, evitam as rezas e procuram fugir. Por duas vêzes, burlando a vigilância do Mestre, conseguem escapar. Mas, perseguidos por aquêles, que os fustiga com a espada, resolvem por em prática suas magias. Ajoelham e rezam. Vale aqui mostrar algumas dessas orações, repletas de graça e irreverência.

Vejamos o Pelo Sinal na Porta :

A fome faz tremer  
A desgraça urubú corta  
Tô conhicendo da morte  
Pelo siná  
Se acaba tôda a pobreza  
Em dezembro é com franqueza  
Se acaba tôda a pobreza  
Da Santa Cruz

A casa não me disponho  
Morrê de fome acho feio  
Se hei de pegá no alheio  
Livre-nos Deus  
Pode até ser que o meu  
Se livre do estandarte  
Sendo da nossa parte  
Dos nossos  
Ajuntei tôdos meus troços  
Só não digo que furto  
Temos do nosso sereno  
Inimigo  
A casa não desobrigo  
Pra não servir de espanto  
Só me resta uma palmeira  
Do Espirito Santo  
Por detrás daquêle canto  
Eu tenho profetizado  
Que seu frecha há de morrê inchado  
Amem

E agora uma Ave Maria arrevezada :

Ave Maria de prata  
Padre Nosso de Ipojuca  
Eu vi a mãe de seu frecha  
Debaixo de uma arapuca

Ave Maria de Prata  
Padre Nosso de latão  
Eu vi a vó de seu frecha  
Debaixo de um caminhão.

Deante de tanta imprecação, a porta se abre, naturalmente pela mão do dono da casa, previamente avisado da visita, e neste momento ordena o Mestre aos Mateus, que perguntem ao dono da casa, se aceita brincar Santos Reis do Oriente. Os Mateus, sempre irrequietos e trapalhões, provocam mal entendidos. Perguntam se podem entrar com um lote de jumentos ou coisa que o valha e o dono da casa nega-lhe a permissão. Por três vêzes voltam os palhaços com os mesmos disparates, até que premidos pelo Mestre, acertam o pedido e imediatamente conseguem o que pretendem. O dono da casa, convida os brincantes a entrar e, estes dirigem-se logo ao altar armado na sala, diante do qual começa o auto religioso.

4 — Diz então o Mestre a seguinte embaixada :

Abrís as portas do céu  
Que eu quero entrar lá dentro  
Se me faltar a coragem  
Meu Jesus dai-me o alento

Resposta do Rei :

Boa noite meus senhores  
Boa noite que dê Deus  
Cadê o dono da casa  
Por êle pergunto eu

Volta o Mestre :

Padre nosso que nos ensina  
Quer dizer santificado  
Boa noite meus senhores  
Que eu não sou mal ensinado  
Venho trazendo cuidado  
Meu brinquedo todo o dia  
Peço pela onipotencia  
Fico calado sômente  
Até própria occasião  
Se acabará a função  
De Santo Rei do Oriente.

Em seguida todos os figurins, dizem uma embaixada batendo com sua espada na espada do Rei. Estes toques de espadas chamam-se "assinar com a espada". Seguem-se cânticos em louvor a Lapinha e depois uma peça que determina o deslocamento dos brincantes para o terreiro onde terá lugar a fase eminentemente profana do auto. Uma vez no terreiro, canta o Mestre :

Meu mestre eu acho bonito  
Pegar no apito e saber rimar  
Trabalhei no auto horizonte  
Eu era empregado no Grupo Escolar

Logo a seguir, é puxada uma rima para que o Rei se sente. Sucede então a cena da tomada do trono pelos Mateus, seguida da luta de espadas e da Restauração do Trono.

5 — Passamos agora aos improvisos sobre assuntos gerais, elogios a pessoas presentes, agradecimentos, piadas, anedotas, sátiras, mexericos, comentários sobre politica. nacional ou local, sobre as safras, o gado, e tudo que aguça a curiosidade e o espirito critico e observador do sertanejo.

Numa das apresentações do reisado estava presente o Professor Figueiredo Filho e o Dedé logo saiu-se com esta :

Seu Zé Figueiredo  
E' home de valô  
Só não foi eleito  
Porque não se candidatô.

E por motivo da minha visita cantaram o seguinte :

Dotô Chico esta sua presença  
E' dinheiro achado neste salão.

Durante as comemorações do Bi-Centenário do Crato, o Reisado de São José foi convidado a participar dos festejos. É durante sua apresentação que aliás tive a oportunidade de dirigir, ouvi e registrei as seguintes peças nas quais o Dedé louvava o Presidente Castelo Branco, que aliás compareceu aqueles festejos :

Ilustríssimo Senhor Presidente Castelo Branco  
Que hoje veio a passeio a Princesa do Cariri  
Nós tamo aqui a Vossa disposição  
Presidente da Nação pronto para vos servi  
O nosso Crato realiza nesta data  
Uma festa animada que é seu bi-centenário  
Por isso mesmo está em alta posição  
Servindo de sede propria ao Presidente da Nação

Amigos vamos a praça  
Vamos a praça olhá  
A grande autoridade  
Que acaba de chegá

Amigos nós precisamos  
Precisamos elogiá  
As grandes forças armadas  
Que por nós vive a lutá

O Brasil já libertou-se  
Só falta Cuba e Japão  
Viva a mulhé brasileira  
Com seu rosário na mão

Nós brasileiros já estava  
Em péssima situação  
Mas o grande Castelo Branco  
Nos estendeu sua mão.



6 — Chegamos agora, a meu ver, no cerne do nosso folguedo. A partir deste momento vamos assistir o desfile dos bichos e das figuras que compõem o auto do Bumba meu Boi. Os próprios elementos de reisado tomam os vestimentas, as formas e as características de bichos e figuras em questão, e ao som da viola e do comando rimado do Mestre fazem as mais perfeitas caracterizações daquilo que representam. E' sem dúvida um dos espetáculos mais completos do teatro popular, onde os excepcionais artistas anônimos chegam à riqueza de detalhes e de minúcias espantosas.

Os componentes do auto desfilam um a um, isto é, cada um atendendo ao chamado do Mestre da entrada no terreiro, faz sua apresentação e depois retira-se. Entram pela ordem o jaraguá, o boi, a burrinha, o cangaceiro e o soldado, o cão e a alma, São Miguel, a doida, as screias, Anastácio, Pai Tomé, Guriabá e o Sapo.

O Jaraguá? E' bicho inexistente, criação do gênio sertanejo. Consta de uma cabeça de cavalo ou jumento coberta de cetim em cores vivas, geralmente azul, amarelo e vermelho, cetim este de preparações razoáveis capaz de encobrir a figura que conduz o bicho. A boca do Jaraguá abre e fecha através de uma corda comandada por seu condutor.

Ouçamos agora as rimas que acompanham as evoluções do Jaraguá:

MESTRE: (cantando) — acompanhado de coro em surdina:

Oh que bicho feio  
Vigem Mãe de Deus  
Vem com a boca aberta  
Oh maninha  
Pra pegá Mateus  
Vem com a boca aberta  
Oh maninha  
Pra pegá Mateus

Côro cantando.

Chegô, Chegô  
Já chegou meu Jaraguá  
O bichinho é bonitinho  
Ela sabe vadiá

Bis

MESTRE: Faz meia lua Jaguará  
Faz meia lua Jaraguá

CORO: O bichinho é bonitinho  
Ela sabe vadiá

MESTRE: Faz lua inteira Jaraguá  
Faz lua inteira Jaraguá

CORO: O bichinho é bonitinho  
Ele sabe vadiá

MESTRE : Pegue os Mateus meu Jaraguá  
 Pegue os Mateus meu Jaraguá

CORO : O bichinho é bonitinho  
 Ele sabe vadiá

MESTRE : Solte o negro Jaraguá  
 Solte o negro Jaraguá

CORO : O bichinho é bonitinho  
 Ele sabe vadiá

MESTRE : É a espada Jaraguá  
 É a espada Jaraguá

CORO : O bichinho é bonitinho  
 Ele sabe vadiá

MESTRE : Leva direito Jaraguá  
 Leva direito Jaraguá

CORO : O bichinho é bonitinho  
 Ele sabe vadiá

MESTRE : Vai embora Jaraguá  
 Vai embora Jaraguá

CORO : O bichinho é bonitinho  
 Ele sabe vadiá

MESTRE : Leva êle Cravo Branco  
 Leva êle Cravo Branco

CORO : O bichinho é bonitinho  
 Ele sabe vadiá

Brincadeira típica do Jaraguá é aquela em que êle toma uma espada entre os dentes e a oferece a assistência. Aquêle a quem for endereçada deverá colaborar com alguma quantia que o Jaraguá recolhe avidamente. O bicho em questão abrido e fechando a bocarra, evoluindo com desenvoltura, persegue as crianças que lhe devotam certo pavor e respeito.

O BOI : Tem a cabeça e o chifre, de boi verdadeiro, cobertos de cetim, que se prolonga de modo a cobrir aquele que carrega o boi. Os olhos são de espelhos. A grande arte do condutor do bicho, consiste em dar a seu corpo a forma mais aproximada possível da conformação do boi, e também fazer todos aqueles trejeitos característicos daquele animal. O boi não tem nome especial, ao contrário do que ocorre no Maranhão. Esta parte do auto, tem aspectos todo especiais, com duração maior que aquela das demais representações de bichos e figuras. Há mesmo um desenvolvimento, que marca profundamente a presença e a importância do boi, no reisado.

Após a entrada, o bicho dança comandado, pelas rimas do mestre e pelo repinicar da viola. Depois ele morre, um garoto aplica-lhe um clister e êle ressuscita. Dança mais um pouco e despede-se.

Nestas apresentações os Mateus fazem o papel de vaqueiros, e com este característico, aboiam chamando o boi, pastoram o animal, procuram amenizar as suas fúrias, impedem as arremetidas mais violentas, enfim, dão-nos a cada instante a impressão de estarmos no campo assistindo uma pega ou apartação de gado.

Vejamos agora algumas rimas peculiares as cenas do boi.

Chamada a chegada do boi :

MESTRE : (falando) Oh Cravo Branco (nome do vaqueiro)

VAQUEIRO : Pronto Sinhô

MESTRE : Eu tenho um garoto acolá muito famoso;  
Você conhece por aqui um rapaz que buscá esse boi,  
um rapaz de responsabilidade ?

VAQUEIRO : Tá falando com êle

MESTRE : Você é vaqueiro meu nego ?

VAQUEIRO : Não mais imito

MESTRE : O sinhô pode buscar esse boi agora mesmo ?

VAQUEIRO : É pra trazer nas costas ?

MESTRE : Não sinhô, é pra trazê nas costas, não, é pra trazer tangendo, é um boi muito famoso, é preciso ter muito cuidado.

VAQUEIRO : Então você vai buscar o boi meu nego ?

VAQUEIRO : Oh se vou, não é pra trazê ele aqui ?

Neste ponto o Mestre apita, a viola dá os primeiros acordes, o Mestre ao som da música puxa as rimas :

MESTRE, cantando : Pastorinha ô mana  
Pastorinha ô mana  
Que andais fazendo ?  
Que andais fazendo ?  
Pastorando o gado  
Pastorando o gado  
Que andais comendo  
Que andais comendo

Apita o Mestre

MESTRE, falando : Meu boi Chita Fina, filho de uma vaca vieja,  
por nome Paciência. Por desconto de pecado  
meu boi, leve essa pancada na venta

Repica a viola e o Mestre puxa :

MESTRE, cantando : Meu boi bonito

CORO, cantando : Olê, olá

MESTRE : Oi dança sirigado

CORO : Olê, Olá

MESTRE : Oi dança estrela  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança Coração  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança boi Lavrado  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Meu boi bonito meu boi holandês  
 CORO : Olê, Olá  
 Tu faz uma venda nos pés do teu Reis  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança Sirigado  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança Sirigado  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança Chita Fina  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Meu bonito, meu boi Chita Fina  
 Tú faz uma venda a essa menina  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança Sirigado  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança coração  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Meu boi bonito meu boi namorado  
 Tú faz uma venda a esses home casados  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dança Sirigado  
 CORO : Olê, Olá  
 MESTRE : Oi dentro do salão

#### Apita o Mestre.

Com referência aos versos da Pastorinha adrede citados, convém a título de ilustração, que se transcreva aqui umas rimas parecidas que colhi entre as pesquisas de Silvio Romero em seu livro Cantos Populares do Brasil edição de 1897. Faz ele menção à página 26. Pastorinha recolhida em Sergipe. Diz o seguinte :

Bela Pastorinha  
 Que fazeis aqui  
 Pastorando o gado  
 Que aqui perdi.

Outro comentário que se faz mister, para o melhor entendimento da brincadeira, é aquele sobre as vendas. Cada vez que o Mestre manda o boi fazer uma venda, este dirige-se a pessoa indicada, que concorrerá então com alguns trocados.

Sirigado, Chita Fina, Estrela, Coração, são os diversos nomes do boi.

A BURRINHA : A Burrinha que também é conhecida como Zabelinha, tem uma cabeça de burro, e o corpo de madeira com uma abertura por onde se intromete o cavaleiro, que fica pois com o bichinho adaptado a sua cintura dando a impressão de estar cavalgando. A cabeça e as partes de madeira são cobertas de pano.

O Mestre prepara o ambiente para a entrada da burrinha. Canta :

Arreda moleque do meio do caminho  
Me tire o cavalo e não bote os espinho  
Chega a burrinha. Canta o Mestre :  
Meu cavalo marinho. Canta o Mestre :  
Responde o coro : Não sou bananeira não sou banana

O Mestre continua com vários improvisos sempre respondido pelos figurins com aquêlê estribilho acima. Enquanto isto a Burrinha faz evoluções até que se despede dando lugar a figura seguinte.

O Cangaceiro e o soldado, apareceram sempre juntos, vestidos a caráter.

O Mestre canta : Meu cangaceiro da serra do vento  
Com tanto alvoroço arredai minha gente.

Entra ertão o Cangaceiro, mandando parar tudo, fazendo arruaças, proibindo a brincadeira. Em socorro dos brincantes surge o soldado, dando logo voz de prisão ao baderneiro. Este reage, trava-se uma luta e o soldado acaba por derrubar mortalmente o cangaceiro.

Mas preocupado com o exagero do seu ato, o policial procura fugir, e em seu encalço vão os mateus a mandado do Mestre. Conseguem capturar e curar o Cangaceiro. Aparece, um charlatão com um livro velho, quase imprestável e ilegível. Traz também instrumentos de pau, e com estes inicia um interessante exame onde surgem os mais disparatados diagnósticos. Acaba por receitar um remédio que consegue reanimar o Cangaceiro que se levanta e sai brigando com o soldado, Mateus, etc. O Cão, a Alma e S. Miguel aparecem concomitantemente. O Primeiro, traja-se de preto e usa chifres e rabo. A segunda, imita um fantasma. Veste-se de branco, com lençol esvoaçante que lhe dá um aspecto etereo. O último, não tem caracterização especial.

Entrada do Cão :

Canta o Mestre : Treme treme já tremeu  
Que aquêlê é o Herdode  
E' o maioral do inferno.

Entra a Alma :

O MESTRE : Ó Alma tu cuida em rezá  
Para o demônio não te carregá  
Se defende do espírito malino  
O bicho assassino que te carregará.

Chega São Miguel :

Ainda o Mestre : Ó Miguel, ó Miguel  
Vai ouví a quem te chama  
Vá buscá aquela alma  
Faz tres dias que te reclama.

Segue-se uma interessante discussão do Cão com São Miguel. Vamos a ela.

São Miguel : Ó de casa  
Cão : Ó de fora  
O inferno estremeceu  
São Miguel : Vim buscá esta alma  
Cão : Quem mandô ?  
São Miguel : A mãe de Deus  
Cão : Não seja tolo Miguel  
Que esta alma aqui chegô  
São Miguel : Nem que faça 15 anos  
Essa alma sempre leva  
Quem mandô ver esta alma  
Foi a Mãe do Padre Eterno  
Cão : Vai-te vai-te braza, braza  
Vai-te vai-te braza livre  
Vai encontrá boa sombra  
Quem te livró do perigo

Chega a vez da Doida que nada mais é que um homem travestido de mulher, que entra dizendo disparates, fazendo desmandos, procurando insistentemente por seu marido. Saita, pinoiteia, enquanto os Mateus procuram conte-la. O Mestre exige sua retirada o que é conseguido com muito custo pelos Mateus vigilantes e obedientes.

A entrada da Doida canta o Mestre :

Valha-me Nossa Senhora  
A Mãe de Deus dos prazer  
Aqui nos chega uma doida  
Deus queira nos defendê

A SEREIA : E' uma menina com "saiona" comprida, nas côres verde, encarnada e amarela. E' assistida pelo Mestre que puxa as rimas :

Eu vi a sereia cantando  
Na torre da Barca Bela  
Só comparo o meu amor  
Com broquel de rosa amarela.

E a sereia responde :

Meu Mestre eu sou uma sereia  
Sou um peixe lá do alto mar  
As águas de lá são fortes  
Dê licença pra me arretirá

ANASTÁCIO : E' um velho maltrapilho de longas barbas, completamente gagá. Diz-se moço, forte e pede em casamento várias figurins que se negam perempetoriamente. Um garoto entretanto resolve aceitar suas propostas, fazendo apenas restrições a suas barbas.

Enquanto procuram um barbeiro para acabar com aquele empecilho, os Mateus por seu turno, procuram impedir o casamento e o conseguem expulsando o velho Anastácio do recinto.

Quando entra o Anastácio canta o Mestre :

Seu Anastácio que vem de viagem  
Alguma coisa êle há de contá

O coro responde :

Êle há de contá  
Êle há de contá

PAI TOMÉ : É velhinho de barba e cabeça branca, trazendo roupa comum. Aparece sempre porcunda, imitando Papai Noel. Está sempre a procura de u'a mulher nova, que no caso é um Mateus travestido de mulher. Mas no momento em que consegue conquistar a negra entra em choque com o Mateus, que diz ser dele a mulher. Trava-se uma luta que termina com a saída do velho.

Recolhi os seguintes versos relativos a entrada do Pai Tomé :

MESTRE : Mãe Maria cadê Pai Tomé  
Êle foi para o mato,  
Êle foi tirá mé.



Agora chegou a vez do Guriabá. Canta o Mestre :

Meu Guriabá que vida é a tua  
Ebendo cachaça pra cai na rua  
Meu Guriabá do oco do pau  
As oreias dele é de bacurau

O Coro responde os mesmos versos.

É o Guriabá um elemento que apresenta-se em trajes comuns, com horrível máscara, bigode imenso, e vasta cabeleira. Bebe cachaça violentamente, e tropego, inconveniente, é enxotado pelos Mateus.

O SAPO : É sem dúvida o sapo cururú uma das figuras mais interessantes do reisado. Sua cabeça é feita de camadas superpostas de papelão, coladas umas as outras, modeladas de modo a darem a forma típica do animal. Aí são espalhadas informalmente pintas pretas, aliás características do sapo, e pintados os olhos em vermelho. Costurado a esta parte temos um saco destes que servem de embalagem a ração de gado, com acolhimento, e enchimentos, para dar maior autenticidade ao bicho. Dentro deste saco, esconde-se o figurin que vai representar o sapo. Ficará numa posição incomoda pois terá que permanecer todo o tempo de cócora a saltar e a fazer trejeitos peculiares ao animal verdadeiro.

Quando aparece em cena, canta o Mestre :

Meus senhores todos  
CORO : Ochente, Ochente  
MESTRE : Todos me preste atenção  
A figura de um sapo  
Saltando aqui no salão  
CORO : Ochente, Ochente  
Tá bom demais

Canta o sapo : Meus senhores todos  
O sapo qué se casá  
Só me falta o uniforme  
Este moço é quem me dá

A partir deste verso sai o sapo, sempre rimando, pedindo aos vários assistentes peças do vestuário, para que possa realizar o casório. E de fato consegue entre os presentes desde o chapéu até os sapatos. Por último arranja a noiva, casa-se e após sua retirada, canta-se a Despedida.

7 — Despedida : É de madrugada  
O galo já cantô  
Si não tocô  
Meu relógio já deu hora  
Não chore meu bem que eu penso  
Que meu reisado cearense vai embora

Antes do arremate deste trabalho vale fazer duas referências, que merecem especial destaque.

Primeiro, o trabalho destacado dos Mateus, suas inúmeras atuações nos campos mais dispares, atuações estas reveladoras de alto gabarito artístico e de excepcional, versátil e atilado espírito sertanejo. Ora vamos encontrá-los fazendo as vezes de mulher, ora de vaqueiro, aqui são censores, até fiscais, acolá mantenedores da ordem. Ou cômicos ou sericês são os legítimos protagonistas da festa.

O segundo fato, a merecer especiais comentários, é a expressiva e marcante participação, da assistência, nas múltiplas e variadas cenas do reisado. Posso mesmo afirmar, que sem a contribuição da platéia, no desenvolvimento do folguedo, este perderia muito do seu brilho, e de suas atrações.

Há mesmo elementos que compõem o grupo numeroso de espectadores, que estão de tal maneira entrosados e familiarizados com as várias peças, que chegam a participar da brincadeira, como verdadeiro brincante.

Para encerrar este esboço do reisado caririense, cumpre-me trazer a baila, uma entrevista que mantive, com o Dedé, acerca da vivência e da sobrevivência de sua parte. Será por certo uma contribuição, bastante eloquente, para a História e para a Sociologia.

Disse-me o Mestre, que embora seu reisado seja dos mais ricos e pomposos da região, toda aquela engrenagem luxuosa, é mantida com enormes sacrifícios. As dificuldades financeiras e as transformações por que passa o Cariri no momento são os dois fatores determinantes deste status quo.

Antigamente, diz êle, tudo era mais fácil. Hoje com a eletrificação, e a conseqüente transformação da vida do povo que da fase artesanal e eminentemente agrícola, vai passando paulatinamente a industrial, torna-se mais difícil reunir os componentes de seu grupo que não poderão dispensar o repouso noturno, para participar dos reisados que rodam as noites inteiras terminando muitas vezes com o dia claro. Os relógios de ponto, e os regulamentos que as indústrias e repartições, impõem, tiram aquela liberdade que a vida agrícola proporciona sem horários rígidos e leis trabalhistas.

Fica pois uma advertência aos amantes da arte popular. Se quiserem assistir um reisado autêntico e completo, dentro do Cariri, que se apressem. Não sei, por quanto tempo ainda sobreviverá aquele folguedo. O progresso é inexorável e não espera por ninguém.

## TELEGRAMAS DIRIGIDOS A J. DE FIGUEIREDO FILHO, POR OCASIÃO DE SUA POSSE NA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

TERESINA - Piauí — Envio eminente Professor felicitações sua posse na Academia Cearense de Letras. Abraços — Helvídio Nunes, Governador do Piauí.



Figueiredo Filho — Academia Cearense de Letras — Fortaleza — Em nome Govêrno e povo cratense cumprimentamos eminente intelectual conterrâneo ensino sua posse, nesta data, Academia Cearense de Letras. Fato verdadeiramente auspicioso honra as tradições de cultura de nossa terra e sobremodo expressa o reconhecimento dos grandes méritos que exornam sua personalidade e caracteriza a justa compensação pela brilhante e longa existência dedicada a obra comum de projeção e de engrandecimento do Crato. Saudações. José de Paula Bantim, Prefeito Municipal em Exercício.



Escritor e Jornalista Figueiredo Filho — Academia Cearense de Letras — Fortaleza — Caro e leal amigo escritor Figueiredo Filho: neste momento histórico e de grande significação para a intelectualidade caririense, queira receber, em meu nome e do Departamento de Imprensa da Prefeitura Municipal de Crato, os mais sinceras congratulações pela sua justa e oportuna posse na Academia Cearense de Letras. Cordiais saudações — Jurandy Temóteo de Sousa - Diretor do Departamento de Imprensa de Crato.



FORTALEZA — Dr. J. de Figueiredo Filho - Crato. Conselho Regional de Farmácia orgulhoso pelo ingresso na Academia Cearense de Letras, do querido e inteligente colega, apresenta ao digno profissional da Farmácia cearense e sua família os votos de congratulações por tão importante e justo merecimento — Eurico Litton Pinheiro Freitas, Presidente.



CABO - Pernambuco — Figueiredo Filho — Livraria Renascença — Fortaleza — Formulamos parabens momento sua investidura na Academia Cearense de Letras. Abraços — Flôsceli e Elisa Viana.



CRATO - Ceará — José Figueiredo Filho — Academia Cearense de Letras — Fortaleza — Efusivos parabens pela sua posse na Academia Cearense de Letras — Jeffersou, Leticia, Edesio, Eleonora, Leticia, Luciano, Diana.



CRATO - Ceará — Academico José Figueiredo Filho — Lima Verde, 2. Compartilhamos alegria sua posse na Academia Cearense de Letras — Dr. Laerte e Sônia.

**NOVO REGULAMENTO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL - INPS**  
(EDIÇÕES TRABALHISTAS S. A., RIO, 1967)

DECRETO N.º 60.501, DE 14 DE ABRIL DE 1967 COM AS  
RETIFICAÇÕES DO D. O. DE 6 DE ABRIL DE 1967

**SUE-SECÇÃO III — APOSENTADORIA POR TEMPO DE SERVIÇO**

Artigo 53.º — A prova do tempo de serviço será feita :

1 — Para o segurado empregado, por uma ou mais das seguintes formas conforme seja necessário para abranger, de forma inequívoca, o período em comprovação :

- A) Declaração de admissão e de saída, quando for o caso, constantes em Carteira Profissional;
- B) Declarações contidas nas antigas Carteiras de férias ou carteiras sanitárias;
- C) Anotações constantes das cadernetas de previdência, de contribuições ou outras das extintas instituições da Previdência Social;
- D) Certidões de contribuições passadas pelas extintas instituições de Previdência Social;
- E) Qualquer documento da época a que se referir o tempo de serviço, ou indubitavelmente anterior à Lei n.º 3.322, de 26 de Novembro de 1957, que mencione período de trabalho em atividade ora vinculada à Previdência Social;
- F) No caso da empresa ainda existente, certidão ou declaração firmada por representante legal da mesma, da qual constem, necessariamente, o período de trabalho (ou períodos), as suspensões do contrato de trabalho ou as interrupções do exercício, quando for o caso e a função exercida pelo interessado assim como a expressa afirmação de que tais elementos foram extraídos de registros existentes nos arquivos da empresa, à disposição do INPS;
- G) Na impossibilidade da apresentação de qualquer desses documentos, ou na insuficiência dos mesmos, justificação administrativa (Título IX) condicionada sempre a um razoável de prova por escrito, constituída seja pelos documentos insuficientes seja por outros elementos parciais desde que anteriores à lei n.º 3.322, de 26 de Novembro de 1957, tais como contra-recibos, envelopes de pagamento de salários, cartas-contratos, cartões de identificações da empresa, etc.

Dr. Antônio Valdir de Oliveira

C. R. M. C. E. - INSCRIÇÃO N. 715

CLÍNICA MÉDICA E CIRURGIA

SERVIÇO DE AEROSOL

para tratamento de ASMA e BRONQUITE

CONSULTÓRIO:

Rua Dr. Lima Verde N. 6

RESIDÊNCIA:

Hospital S. Francisco de Assis

CRATO — CEARÁ

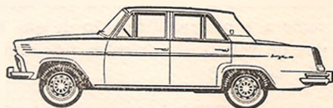
- Espedito Ferreira e Silva -



OFICINA MECÂNICA ESPECIALIZADA  
- EM -  
VOLKSWAGEN

SERVIÇO MECÂNICO  
EM GERAL

DE VOLKSWAGEN E CARROS  
DA LINHA WILLYS E DKW



Rua Padre Ibiapina N. 48

Crato — Ceará

# POSTAIS DE ITAPAGIPE

JOSE NEWTON ALVES DE SOUSA

## I — C H E G A D A

Velha Itapagipe! Quantas vezes eu te vi, quantas vezes eu te vejo!

O trem arrancara de Periperi. Terça-feira de carnaval. 1942. As estaçõesinhas a seguir foram mostrando casas, cenas, bichos e pessoas. Sobretudo aquelas notas, aqueles aspectos que denunciam a próxima chegada a Salvador.

Depois, o mar. O mar indovindo nas praias. Cheio de mistério. Cheio de beleza.

Depois à direita, lá longe, o casario escuro, as torres barôcas da igreja de Nossa Senhora da Penha de França de Itapagipe.

Depois, a estação de Calçada, trepidante, em berborinho.

E depois, Salvador, naquela terça-feira de carnaval, envolvente, ruidosa, misturada, em saltos, em curvas, em côres, suando; pulando, pulando.

Cinzas numa quietude colonial. Igrejas crescendo pelas torres. Céus piedosos.

A vida após recomeçou, nova para mim.

Fui morar entre Roma e Boa Viagem. O casarão pertencera ao Barão de Jeremoabo. Agora era um ginásio, onde os amigos se ampliariam ano após ano, em número e valor. Quantos corações ali, abertos, baianamente abertos e leais. E Hamilton, o amigo, o inesquecível amigo...

Itapagipe, velha península que eu iria povoar de anseios e de sonhos. Velha península de ruazinhas tortas, escondidas, pobres, mas acorchegadas, ternas como um beijo. Os bondes deslizavam em estridências metálicas. Os garotos empinavam arraias nas praias e vias públicas. Os tabuleiros ofertavam-se em quitutes e doces. Madragoa tinha um corêto de suave contorno. As árvores sombreavam e floriam.

Era doce viver em Itapagipe.

Depois do casarão da Av. Luiz Tarquínio, que fôra do Barão de Jeremoabo, Itapagipe, a velha e doce península, foi meu lar.

## II — B E I R A - M A R

O mar cercou-me por quase todos os lados. Tornei-me peninsular. A praia foi-me sítio e poema. O horizonte, mira e meta. Águas e música. Areias em festa. Ondas em dança.

Manhãs ardentes, em partos de luz. E quase infinitamente ternas, outras vezes, na meia-côr das neblinas.

Acenos de saveiros longê. Gaivotas valsando. Ventos soltos, amplos como o próprio mar.

Arrastar de redes, derramar de peixes frementes, em tremulências desesperadas.

O céu todo a enfeitar-se de arraias, alegria de papel em baile multicolor, e a tensão das linhas, e os olhos fitos, e os braços oscilantes, dentro da tarde.

Porto dos mastros, Taíneiros, o Dique, Penha, Praia do Bogari, o perau, e lá distante, no tôpo da colina, a Igreja do Senhor do Bonfim, e mais além, onde o mar geme a nostalgia dos ermos, Nossa Senhora de Montesserrate e no morro, ostensivo, o forte, de tanta glória, e a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, e as praias sujas, de fundos de casas, detritosas, proletárias, no rumo da Cidade Alta...

Beira-mar dos domingos quentes, povoados e vibrantes, e beira-mar daqueles dias opacentos, em que céu e mar parecem conjugar-se na mesma unidade fria e baça, desolando as areias, retendo em casa os banhistas, semienabrindo os tetos e empuçando os perfis...

A balaustrada firma-se para conforto dos passantes.

Há pescaria ingênua, quase lírica, de rapazolas ociosos. Há também o mariscar dos pobrezinhas, curvados sobre a lama negra, catando o mata-fome.

Nas noites, as luzes piscam e alongam-se, clareando a labuta vivemorre dos pescadores.

Algumas vezes, a procissão passeia pela praia.

As mãos se juntam. O mar soluça.

### III — RUAZINHAS DE ITAPAGIPE

Gosto de vê-las. São pobres, na maioria. Pobres, mas dignas. Há, em tôdas elas, uma baianidade quente, feita de corações irmãos. Não houve plano urbanístico a definir-lhes o alinhamento. Surgiram na espontaneidade das criações em que a inteligência nem sempre é racional. O traçado é sinuoso, as calçadas desiguais e as casas se aglutinam como se carecessem de mútuo arrimo.

As pedras do calçamento não foram trabalhadas com rigor e em parte as ruazinhas não as receberam ainda.

O poder público vem intervindo em termos de asfalto e fio de pedra. Os trilhos dos bondes não mais afloram à luz das madrugadas. Os muros revestem-se de trepadeiras florindo. Crianças correm, brincam. Nas manhãs mal nascidas, os pregoeiros cantam fartura.



# Movimento Cultural Paraibano

O Estado da Paraíba, a terra de José Américo de Almeida, passa por sensível movimento de ascensão cultural. Aumentam as suas publicações, com editores, a exemplo da "Imprensa Universitária" e "Edições Tempo Brasileiro Ltda."

Há poucos dias, recebi, por intermédio do contraparente Deusdedit de Vasconcelos Leitão, duas obras de valor, recentemente editadas, em João Pessoa. Uma delas tem o título de "Aspétos da Influência Africana na Formação do Brasil", sendo de autoria de Rodrigues de Carvalho. É um bom, bem escrito e oportuno documentário sobre o papel do negro na criação deste nosso Brasil. E foi êle contribuição valiosíssima para a nossa civilização. Constituiu-se o elemento do trabalho, embora nas tristes condições de escravo. Mas, soube o negro vencer tôda essa tragédia que pesou sobre êle. Mostrou que é capaz de evoluir e de penetrar em todos os ramos de atividade humana, sem qualquer desdouro. Assimila o progresso como o branco ou o mestiço.

O Brasil, de forma alguma, se envergonha da parte do sangue africano que lhe corre nas veias. Não criou arraigados preconceitos de cor e pode servir de padrão para outras nações que vivem mergulhadas em problemas angustiantes e quase insolúveis, gerados pela condenável discriminação racial.

O livro de Rodrigues de Carvalho, que nos desperta interesse do começo ao fim, aborda até o folclore no tocante a essa rivalidade natural que existe entre brancos, negros e caboclos, por êstes sertões afora, sem nunca descer às lutas raciais.

O outro livro, igualmente, bom e merecedor de aplausos, é a biografia de "José Américo de Almeida", escrita por José Rafael de Menezes. Saiu-se bem, em descrever a vida, em tôdas as modalidades e em suas múltiplas atuações no meio, de uma das maiores figuras do Nordeste, em todos os tempos. José Américo de Almeida, UM HOMEM DO BEM COMUM, estimado e querido em todo o Nordeste, dos primeiros romancistas modernos da língua portuguesa, está bem focalizado pelo seu biógrafo.

José Rafael de Menezes também tem estilo ameno, envolvente e está á altura do vulto empolgante que escolheu para biografar.

O ofertante, das duas obras em apreço, é o primeiro secretário do recém-fundado "INSTITUTO DE GENEALOGIA E HERÁLDICA", com sede em João Pessoa. Destaca-se, igualmente, em outras atividades intelectuais e sociais. É seu presidente o Dr. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega. Faz parte de sua diretoria o meu velho e bom amigo Desembargador Sebastião Sival Fernandes.

J. F. F.

---

Abrem-se portas, nunca cerradas ao amigo. A família funciona à plena. Nessas ruazinhas modestas, as amizades desabrocham em conjugações francas.

Os novenários rezam nas salas, entre ansiedades de moças casadoiras.

Oh ruazinhas de paz, ruazinhas de infâncias tranqüilas!  
Como vos guardo, como vos amo!  
Ruazinhas de Itapagipe.

Crato, Abril de 1968

## A ÁRVORE

DANDINHA VILAR

DOMINANDO A PAISAGEM PARDACENTA  
ENCRESPANDO-SE AO SÓPRO DAS NEBLINAS,  
ADEJANDO P'RAS NÚVENS ALVACENTAS  
COM PORTE DE RAINHA DAS CAMPINAS,

Ó VELHA ÁRVORE, AO VENTO EXTREMECENDO,  
TUA VIDA VALOR E GLÓRIA ENCERRA:  
COM FLÔRES, DE PERFUME O AR ENCHENDO,  
SOMBRA E FRUTOS DEITANDO SOBRE A TERRA.

BENDITA SEJAS TU, Ó VELHA AMIGA  
DO VIAJOR CANSADO, A QUEM PROTEGES  
MITIGANDO-LHE O AMARGO DA FADIGA.

BENDITA SEJAS TU, QUE, EM DOCES NINHOS  
OCULTAS, NO SACRÁRIO DO TEU SÊIO,  
OS SEGRÊDOS DE AMÔR DOS PASSARINHOS.

---

## A MENDIGA

DANDINHA VILAR

ALQUEBRADA, AO CALOR DO SOL ARDENTE,  
DESPREZADA, FAMINTA, SEMI-NUA,  
ELA VAGUEIA ASSIM, DIARIAMENTE,  
MENDIGANDO UMA ESMOLA PELA RUA.

COITADA! ELA TAMBÉM JÁ FOI CRIANÇA!  
TEVE UM LAR, TEVE UM BERÇO, TEVE AMORES.  
FOI MOÇA! TEVE SONHOS E ESPERANÇA  
SEM CONHECER DA VIDA OS DISSABORES...

DEPOIS... SENTIU FUGIR-LHE A MOCIDADE  
FICANDO-LHE DE TUDO TÃO SOMENTE  
A MISERIA E A DOR QUE LHE AGASALHA.

E ASSIM, VERGADA AO PESO DA IDADE  
DE PORTA EM PORTA VIVE TRISTEMENTE  
IMPLORANDO FARRAPOS E MIGALHA!

# VALENTES E VALENTÕES

## ALGUMAS IMPLICAÇÕES SÔBRE O TEMA

GEOVÁ SOBREIRA

Para um estudioso do cordel e do folclore nordestino conhecer a psicologia de um povo, no seu substratum mais real, é preciso que realize pesquisa, desapaixonada e séria, do ciclo heróico e seus sub-ciclos, para determinar os limites reais entre os dois tipos: "valentes" e "heróis".

Em princípio sentirá dificuldades em traçar a linha entre o valente "heróico" e o valente "cruaceiro", "briguento" e "desordeiro".

Nos ditos populares encontramos frequentemente sentenças que demonstram reação natural para a valentia: "rua de valentão é no cemitério", "o caminho do valentão é curto" etc. Fazem crer que a população nordestina condena a jactância dos que procuram perturbar a pacata vida dos povoados nordestinos.

Há-de se perguntar, então, se é natural os encômios e louvores que os cantadores e repentistas entoam glorificando episódios negros e degradantes da vida dos mais sanguinários cangaceiros e bandidos. Será que encontra eco na alma do nordestino a glorificação do crime e da violência? Será, então, natural a tendência ao banditismo?

Pode-se ver, tomando-se como hipótese, que a vida nos sertões tem como característica constante uma quietude fazendo com que uma docilidade rústica domine a maioria das ações do sertanejo. No entanto, a natureza de vez em quando tem mudanças repentinas e às vezes trágicas, exi-

gindo o acordar instantâneo e violento das forças adormecidas, como uma válvula de escape. Outras vezes, e, com mais frequência, é o mais natural ofício: o cuidar do gado. Esta mutação constante e incidente talvez leve o sertanejo a admirar atos selvagens e heróicos.

Temos disso boa amostra no "Vida de Antônio Silvino" contada por José Bernardo da Silva. Dá o poeta os dois gostos e os dois tipos de vida apreciada pelo sertanejo.

"Meu avô foi muito rico,  
E meu pai foi abastado,  
Mas não me mandou educar  
Porque onde fui criado  
O povo não aprecia  
O homem civilizado.

Ali se aprecia muito  
Um cantador, um vaqueiro,  
Um amansador de poldro  
Que seja bem catingueiro,  
Um homem que mata onça  
Ou então um cangaceiro".

A divulgação do cangaço se fez por meio de um apostolado entre as populações sertanejas num trabalho constante e inteligente. Havia sempre um cantador narrando ora a vida ora episódios sangrentos de um cangaceiro renomado. Olhos atônitos seguiam passo a passo a narração. Terminada a cantoria formavam-se grupos e às vezes, era quase costume, iam tecendo comentários em nuances sempre as mais pitorescas. O calor da conversa

umenta e no instante oportuno sugia, ofereceu um convite a queima-roupa chamando para ingressar em um grupo de bandidos ou cangaceiros. Era um convite fatal e o entusiasta louvador ao cangaço não tinha condições para acovardar-se diante do pequeno auditorio.

Nascio mais um cangaceiro.

Outras vêzes eram questões de terra e de família. Em questões de terra só havia dois caminhos: ou caxixi bem feito ou balas. E para o sertanejo honra só se lava com sangue — em resumo final os negócios eram resolvidos mesmo à bala.

O coronelismo que foi criado, incentivado e orientado pela própria estrutura política, dava plenos poderes ao coronel para as questões mais difíceis. O coronel era quem indicava desde o Padre até o último serventuário de sua jurisdição. Tinha sempre grupo de homens e sua sala de armas. Nos momentos tormentosos seus humildes roceiros e vaqueiros faziam-se de soldados nas guerras de cunho político ou de questões de terras.

Passada a luta seus homens voltavam aos seus humildes ofícios na pacata vida nordestina.

Para crescer sempre mais o seu poderio os coronéis passavam a acoitar grupos armados utilizando-os nos momentos oportunos. Do acoitamento nasceu, propriamente, o crime profissional.

É bem conhecida a frase de um coronel sobre um dos seus homens de confiança. Uma pessoa, alheia à vida nordestina, vendo o coronel contar mortes e mais mortes de um dos seus pistoleiros, os mais repugnantes e criminosos, perguntou:

— Coronel, me responda, aquêlê amarelo tem mesmo coragem de matar um homem?

— Coragem eu não sei não. Retrucou o coronel. E arrematou:

— Tem costume.

Partindo dos conceitos extraídos do cordel, já podemos em princípio, averiguando os mores nordestinos, em suas mínimas influências, determinar os tipos: valentes e heróis.

"Fôrça, bravura e coragem,  
Nobreza, gênio e ação,  
Destreza e velocidade,  
Briosa disposição  
É dote que Jesus Cristo  
Não dá a todo cristão.

Existem duas tentativas do poeta nordestino quando fala em bravura e valentia. A primeira é tecer elogios e laus desmedidas, apresentado o cangaceiro ou bandido como herói destimido lutando contra a injustiça do coronel e da polícia. A segunda é apresentar como charlatão quixotesco e covarde.

No entanto, no estudo realista se deve tomar como medidas variáveis as duas atitudes para se determinar o mores real do povo.

Primeira atitude:

Eu chamei pela justiça  
Ela não quis escutar  
Me vali do bacomarte  
Vi êsse me auxiliar  
Nele achei tôdas as penas  
Que um código pode encontrar.

("Vida de Antônio Silvino" — descrita por José Bernardo da Silva).

Segunda atitude:

"Lampeão é um bandido  
Ladrão da honestidade  
Só vem desmoralizar  
A ncssa sociedade".

("Chegada de Lampeão no Inferno" — descrita por José Felix Pacheco).

As variantes nas atitudes dos bardos nordestinos, no tocante, à bravura e valentia são muito elásticas, sendo necessário um conhecimento profundo para se determinar as diferenciais entre: heróis e bandidos.

As pejeas poéticas, entre dois violeiros, é o campo mais rico para se obter material abundante para uma análise dos dois tipos. É muito comum o cantor procurar intimidar o seu adversário com metáforas as mais extravagantes possíveis para impressionar a platéia e arrancar frenéticos aplausos. Cada um procura crescer sempre mais aos olhos da assistência, cantando euforicamente uma capacidade titânica de demover céus e terras, destruindo todos os seus adversários:

Quando eu me acho em questão  
Estrago mais que um dilúvio,  
Sou pior que o Vesúvio  
Na hora de erupção,  
Escavo e arrebento o chão  
Cinco ou seis léguas além  
Duro não vejo ninguém  
Tudo para mim é nada  
Onde vai minha embaixada  
Ou quebra, ou papoca ou vem.

(Desafio de João Martins de Atayde)

Será que esta atitude é apenas uma mera linguagem literária ou terá alguma correspondência na comunidade nordestina? Esta literatura de valentia é alienada da vida nordestina?

É comum vermos épocas históricas, ou certos momentos exigindo do pacato sertanejo a se transformar em jagunço valente e perigoso, ameaçando a ordem constituída e sempre contra a polícia!

O sertanejo sempre teve sérias restrições à ação policial. Talvez guarde no subconsciente a herança histórica da "caça-ao-índio" e do escravo fugitivo para os Quilombos de Palmares ou talvez a compreensão intuitiva da situa-

ção institucional que colocava a polícia nem sempre ao lado da justiça e sim ao lado da política. Fazendo as restrições cabíveis à estrutura social de então é de se crer que nos sertões tivemos uma "polícia política" a serviço aos coronéis, praticando a mesma violência dos grupos armados de bandidos e congaceiros.

Dentro da própria instituição militar eram mantidos pistoleiros e bandidos para, acobertados pela lei, praticar tôdas as especies de barbaridades e de crimes.

Muitas vêzes quando a polícia não tomava parte ativa como objeto material do crime, acobertava o criminoso e fazia-se alheio ao fato sem tomar o mínimo interesse.

"Para a punição do crime  
Ninguém se apresentou  
A justiça do lugar  
Também não se interessou  
Inda hoje tenho em suspeita  
Que no crime auxiliou.

(Antônio Silvino — de João Martins de Atayde).

A valentia, nos sertões, era uma maneira de ruptura social, muitas vêzes, procurando o valente, apenas, galgar posição superior. Usando de termo de comparação a época da cavalaria em que existia um sublime (ao menos no Cavaleiro sem Mancha) nas lutas em defesa da Fé ou de uma donzela desprotegida, podemos tirar algumas implicações similares. Não havia o aparato poético no sertanejo e em sua rusticidade e ignorância excede às vêzes às proezas dos Cavaleiros. Mas o que há de comum nos dois ciclos é a busca de romper uma estrutura social e econômica fechada hermeticamente.

No corde! quem mais sublimou o tipo de herói foi Zé Garcia, tipo mais

'BRASIL AÇUCAREIRO' Biblioteca, instituições e diversas pescas da cidade estão recebendo, mensalmente, a revista "BRASIL AÇUCAREIRO", órgão do INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL. Poucas publicações, de caráter oficial, são mais atrativas, bem feitas, mais artísticas, do que ela.. É dirigida pelo escritor Claribalte Passos, intelectual bastante conhecido, em todo o Brasil, por dirigir uma secção de comentários em torno de Música, no apreciado "JORNAL DE LETRAS", do Rio. Também lançará por estes dias, com prefácio do sociólogo Gilberto Freyre — "MÚSICA POPULAR BRASILEIRA", pelo INSTITUTO JOAQUIM NAEUCO DE PESQUISAS SOCIAIS, de Recife.

"BRASIL AÇUCAREIRO", que circula de norte a sul do país e ainda no estrangeiro, tem como editor — Sylvio Pélico Filho; Circulação — Nício de Lima Barbora; Agente de Publicidade — Durval de Azevedo Silva; Expediente — Darcyra de Azevedo Lima. Seu corpo de colaboradores é recrutado entre os melhores sociólogos e técnicos de todo o país. Em suma é uma revista que instrui, especialista na cultura canavieira e em tudo a que ela se vincula, mas com o dom especial de saber atrair o leitor. O cratense Nertan Macêdo faz parte integrante de seu grupo de colaboração e o diretor de "ITAYTERA" nela escreve série de artigos, em tórno da rapadura e da cultura de cana, na zona caririense.

**FOLCLORE** Em cuidada edição da Imprensa Universitária do Ceará, aparece mais um expressivo trabalho de pesquisa folclórica, da autoria do prof. J. de Figueiredo Filho, também jornalista, sob o título FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES. Anteriormente, o dinâmico homem de letras escreveu e lançou com sucesso: MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA, CIDADE DO CRATO e ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI.

Colaborador desta Revista, J. de Figueiredo Filho é um nome respeitável no mundo cultural nordestino, dedicando-se especialmente ao folclore e integrando o grupo de figuras intelectuais das mais representativas da cidade do Crato, Estado do Ceará. (Do BRASIL AÇUCAREIRO, Abril de 1968 — Pág. 6 — Rio - Gb).

---

perfeito de herói que lutava apenas para se defender e manter a sua dignidade de homem de coragem.

Manter a dignidade é de suma importância para todo o sertanejo jamais aceitando desfeitas humilhantes.

"Esses grandes congaceiros  
Que existem no sertão,  
Quando querem me falar  
Falam de chapéu na mão,

E dizem sempre ao começar:  
— Dá licença capitão.

Por fim a conclusão de João Martins de Atayde quando define o tipo de valente:

"Colega não sou valente,  
Não corro e nem me escondo,  
Porém sou trovão  
Se relampeja, eu estrondo".

NOVOS SUBSÍDIOS PARA A

# HISTÓRIA DE MAURITI

OTACÍLIO ANSELMO

A propósito da reportagem que publiquei no vespertino "O Povo", edição de 9/III/1968, e transcrita neste número de ITAYTERA, relativa ao Município de Mauriti, recebi, com a mais grata satisfação, a seguinte carta do Revmo. Monsenhor Raimundo Augusto Lima, Vigário Geral da Diocese do Crato e Presidente do Banco do Cariri, cujo texto, além de corrigir algumas falhas de certas fontes em que me apoiei, encerra valiosa contribuição à história da terra natal do ilustre e probó sacerdote, pelo que volto às páginas deste conceituado órgão de difusão cultural, com o único objetivo de divulgar mais um depoimento indispensável aos nossos pesquisadores e historiógrafos.

"Crato, 16 / 3 / 1968

Prezado amigo Capitão Otacilio Anselmo,

cordiais saudações

Vi seu artigo "Subsídio para a História de Mauriti", publicado no Suplemento-Reportagem do jornal "O Povo". Ótimo artigo. Oportuno e bem lançado. São coisas que, se não houver quem as escreva, ficarão no esquecimento, tragadas pela voragem do tempo. E o Capitão, que tem gabarito e jeito para o gênero, prestará inestimável serviço narrando estes fatos curiosos da História do Cariri.

Gostei muito, porque me relembrou acontecimentos que a minha recordação de criança ainda conserva bem vivos. E até com circunstâncias que pretendo lhe apontar para lhe esclarecer melhor os seus conhecimentos tocantes ao caso.

Para seu uso, aqui venho expôr-lhe pontos que não lhe foram revelados, mas que merecem registrados.

Começemos pelos combates de Queimadas e Coité. Presto-lhe os seguintes esclarecimentos: O combate de Queimadas não foi "mera casualidade" nem "o único choque havido entre o aguerrido bando e a Polícia do Ceará". Esta, efetivamente, tomou parte também no fcho do Coité e com muito êxito. Pedro Augusto de Lacerda, subdelegado de Mauriti e sobrinho do Padre Lacerda, ao ter conhecimento do assalto dos bandidos, partiu imediatamente com dez praças e alguns paisanos em socorro do tio. Esta retaguarda foi o fator decisivo do recuo dos cangaceiros que foram ocupar o Araticum.

O contingente policial de Mauriti era pequeno e foi reforçado em consequência do ocorrido. O destacamento de Milagres a esse tempo não era tão numeroso. Só depois destas ocorrências é que veio sediar ali o Batalhão comandado pelo destemido e notável estrategista Capitão Carneiro.



Passado os três dias na fazenda Araticum do meu tio André Cartaxo, o grupo de Senhor Pereira rumou ao Fajeú. Passou distante de Mauriti um quilômetro, no local Apanha-Peixe, e foi estacionar em casa do Cel. Antônio Martins de Moraes, nas Queimadas, meia-légua adiante da vila.

O Sargento Gouveia, com bravura e destemor, escolheu vinte homens do pequeno destacamento para ir atacar os bandidos. No momento da partida, cinco soldados emoreceram e não tiveram coragem de marchar para a luta. Só quinze heróis autênticos corresponderam à atitude brava do seu comandante.

No decorrer do combate, os cangaceiros, mais numerosos e sagazes, estavam quase a envolver a policia. Advertido do perigo, o Sargento Gouveia ervia uma mensagem a seu colega Sargento Jonas, em Mauriti, solicitando socorro. O pedido foi lealmente atendido. A retaguarda do Sargento Jonas forçou os bandoleiros recuarem para a casa da fazenda.

Salva do envolvimento, porém com duas baixas e, parece-me, um soldado ferido, a policia bate em retirada para Mauriti. Enquanto isto, os bandidos, com toda pressa, prosseguem viagem com o cabra Pitombeira morto e outro mortalmente ferido. Este que, se não me engano, se chamava Lavandeira, morreu encima da serra da Canabrava e ali foi sepultado.

Eis aí mais uma preciosa colabração àqueles que se dedicam a escrever sobre acontecimentos que marcaram época na região sul do Ceará, tendo, no momento, endereço certo para o escritor J. de Figueiredo Filho, atualmente empenhado na publicação da sua excelente obra HISTÓRIA DO CARIRI, já a caminho do quinto volume.

Um outro esclarecimento que se faz mister é sobre as demarches emprtendidas para o combate ao regime de cangaceirismo reinante, àquele tempo, em nossa zona. Ao lado da ação valiosa e eficaz dos Teles e Cartaxos, se fez sentir preponderantemente a pressão exercida junto a Epitácio Pessoa pelo Padre Sá, de Antenor Navarro (antigo São João do Rio do Peixe), depois do roubo de Catolé do Rocha e incursão por outros municípios paraibanos. Aquêlê prestigioso sacerdote, deputado federal e senador, era amicíssimo do Presidente da República e a sua atuação, neste sentido, foi importantíssima.

Não convém esquecer, além do mais, a figura do Dr. José Leite Maranhão, sobrinho do Padre Lacerda. O jovem médico, inteligente e talentoso, recém-formado, fixou-se em Fortaleza com a finalidade de, ali, representar sua família interessada no caso e o povo de Milagres e Mauriti que desejoso de paz e sossego, queriam ver extirpado o cancro do banditismo. Dr. Leite Maranhão ficou ali martelando e reclamando do Governo as medidas que se fizessem necessárias para este fim.

Queira aceitar a minha pequena contribuição que é nascida da boa vontade de colaborar para o esclarecimento dos fatos.

Com muito aprêço e consideração, subscrevo-me atenciosamente,  
Mons. RAIMUNDO AUGUSTO"

# CIRCO FLÔR DA PRAÇA

JAYME SISNANDO

Faz mais de meio século.

Naquele tempo, o Crato era cidade tranqüila e modesta, sem luz elétrica, sem calçamento, sem barulho de carros, ônibus, caminhões, nem de rádios. De quando em vez ouvia-se algum estrépito de cavalos. De raro em raro, ecoava o gemido de algum carro de boi. À noite um funcionário da Prefeitura ia acendendo os candieiros a querosene da iluminação pública. Apoiava à pequena escada no poste de madeira de cada um. Abria a vidraça que protegia cada candieiro. Erguia o mango, comunicava a chama de um fósforo ao pavio e, depois de fechar a vidraça, descia. Esse ato se repetia, até que todos os candieiros estivessem acesos. As diversões do Crato eram muito poucas. As principais eram as de igreja. Alguns bailes. Às vezes banhos e piqueniques no Lameiro.

Os meus companheiros de brinquedos mais assíduos, eram o Figueiredo Filho, seu irmão Mário, o Siqueirinha e minha prima Luizinha.

Eu não sabia como passar o tempo. Não frequentava a escola e os dias pareciam-me demasiado longos.

Quando chovia, os meninos costumavam tomar banho sob as bicas dos jacarés, com a roupa que Deus os

trouxe ao mundo. Fazíamos algazarra, gritando, correndo de uma bica para outra.

Certas manhãs ia mergulhar no Póço da Escada. Ali, a garotada nua tomava banho, jogando cangapés. Às vezes, eu passava horas, apanhando piabas prateadas, ou olhava tudo, do alto duma ingazeira, olhando as lava-deiras que cantavam, batendo a roupa nas pedras.

Às segundas-feiras, eu ia sempre à grande feira da cidade. Assistia jogos de caipiro, roleta e seis e meio, ouvindo o dantesco alarido de feirantes e compradores.

\* \* \*

O Circo Flôr da Praça não tinha coisa alguma de notável na sua estrutura de lona encardida. Erguera-se em frente da Matriz.

Uma tarde, ouviu-se enorme grita. Corri para ver o que era, e espreeitei. O palhaço vinha vindo. Montado num cavalo alazão, olhando para a garupa, êle berrava o velho estribilho enquanto um moleque puxava o animal pela brida, marchando pela antiga Rua do Fogo:

- Hoje tem espetáculo?
- Tem sim, senhor!
- Às oito horas da noite?
- Tem sim, senhor!
- O palhaço que é?
- E' ladrão de mulher!
- Alerta, rapaziada!
- Fiu! Fiu! Fiu!

Fiquei logo entusiasmado, e admirava o palhaço, vestido num grande sunga creme com pompons vermelhos. Tinha a cara branca de alvaiade e, como bigode um enorme traço, feito com tinta rubra.

À noite, fui rondar pela porta do circo, olhando para o seu interior, feêricamente iluminado.

O diretor do referido Circo mandou que eu e a prima Luizinha entrássemos de graça. Fomos tôdas as noites. E apesar da sêca do 15, que ia no seu auge muita gente acodia aos espetáculos, inclusive o meu pai.

Eu achava graça imensa nas cambalhotas, em suas pantomimas. Êle dizia para o servente :

— Ó Chico ! Tiro meu chapéu. Ó Chico boto meu chapéu !

Depois, dirigindo-se a um quadrangulo, e nêle, escrevendo o número 20 :

— Ó Chico ! Quem de vinte tiro dois, quantos ficam ?

— Claro que ficam 18.

— Que nada, pedaço de asno ! — e apagando ràpidamente o 2 do 20, acrescentava.

— Quem de 20 tira 2, fica nada.

Julgo que essas coisas são muito bonois. Mas, o palhaço as dizia com um tom de voz e mímica, que me pareciam interessantísimas.

Depois, pondo um copo com uma colher numa mesa, no centro do picadeiro; e balaçando o braço, num gesto de quem conta, perguntava :

— Diga colher :

— Quantas crioulos tem o Chico ?

A colher dava uma pancada.

— E quantas namoradas tem o Chico ?

A colher dava sete pancadas.

Os espectadores riam.

Então o palhaço explicou :

— Isto é muito fácil. A colher está prêsa numa linha prêta que vocês não vêem. Quando eu movo o braço, puxo uma das extremidades da linha, e a colher dá tantas pancadas quantos eu quero.

Ao terminar a funçonata, o palhaço dizia :

— Respeitável público ! Amanhã tem mais ! Quem não vier ao espe-

táculo, cria uma berruga na ponta do nariz !

Certo dia, êle tomou uma barrica pondo-a no centro do picadeiro. Dentro dela meteu um menino de uns dez anos, presumivelmente. Em seguida, colocou um feixe de palha sôbre a criação, que se abaixara e tacou fogo na palha sêca. Ardeu esta ràpidamente. Quando foram-se apagando as chamas, o palhaço pôs na boca da barrica, um balaio, tendo enrolado dentro um grande lençol branco e indagou :

— Onde está o Tônico ?

Uns responderam :

— Está no balaio !

E outros gritaram :

— Dentro da barrica !

Viramundos (o palhaço) virou a barrica com um ponta-pé, e tirou o pono do balaio, exibindo-o aos circunstantes maravilhadíssimos.

Estava completamente vazio. Alguns dos presentes, com a devida permissão, foram verificar, no picadeiro, se havia algum subterrâneo pelo qual o garoto pudesse ter escapado. Mas, nada descobriram. Quando estavam no auge da admiração eis que viam o Tônico vir escorregando lá do alto do mastro do Circo. Uma chuva de palmas o acolheu e ninguém pôde explicar aquela mágica.

Havia uma garôta com bastante "sex-appeal". Andava no arame, com um saioite muito curto, de sêda vermelha, mostrando as pernas bem torneadas e era acompanhada pelo Tony. Chegava ela a fazer uma espécie de pequeno bailado, com uma sombrinha aberta, também de sêda vermelha.

Além de galopar no picadeiro, à tôda velocidade, montando ou soltando do bucéfalo, sem diminuir a marcha, ou ficando em pé, no dorso dêle, a tal garôta marchava, erecta sôbre um enorme glôbo de madeira, o qual pesc-

# Convenção Distrital do LIONS CLUBE

Foi das maiores festividades realizadas, em Crato, a Primeira Convenção do Distrito L-15, do Lions Clube Intenacional, realizado nesta cidade, entre os dias 18 a 20 de Abril. 34 clubes do Ceará compareceram à reunião, com cerca de 800 leões e domadoras. Os dois clubes citadinos, o Centro e o Siqueira Campos, ajudados pelos das vizinhas cidades de Juazeiro do Norte e de Barbalha, estiveram à altura do grande acontecimento, que foi elogiável promoção desta cidade. O Prefeito Municipal Dr. Humberto Macário de Brito deu todo o apoio à Convenção que se constituiu em total vitória do leonismo no Ceará.

A abertura dos trabalhos, em sessão solene da Rádio Educadora, a 18 de Abril, presidida pelo Vice-Governador do Estado, em exercício — Gal. Humberto Ellery e o Governador do Distrito Guilherme Lileinfeld foi solenidade impressionante. A passeata leonística, na noite de 19, com seus dísticos de cada clube, na maior orçem acompanhada de hinos e da banda de música municipal, causou a melhor impressão a toda a cidade. As plenárias ocorreram em clima de trabalho intenso e de entusiasmo. Numa delas deu-se a eleição do novo Governador do Distrito L-15 o Snr. Dr. Geraldo Gonçalves. Ainda houve brilhantes conferências sobre temas atuais, a cargo do Secretário de Educação Dr. Ubirajara Indio do Ceará, do Secretário da Saúde Dr. Rocha Furtado, e do Vice-Governador do Estado General Humberto Ellery.

Na noite de 20 de Abril realizou-se concorridíssimo banquete no Crato Tennis Clube e na manhã seguinte, encerraram-se as impressionantes festividades com animado churrasco no Serrano Clube, pitoresco recanto dos pés-de-serras de Crato. O Instituto Cultural do Cariri foi homenageado pelo Lions com artístico Diploma assinado pelo diretor geral da Convenção distrital — Thomás Osterne de Alencar e secretário — Paulo Cavalcanti.

---

va 2 quilos. Dava a volta em tórno do picadeiro, acionando o esfera com os pés e, em seguida, sempre movendo a bola sob seus pés, sobia a uma mesa de uns 60 cms. e desta descia, por uma tábua, que formava um plano inclinado. Uma chuva de aplausos a cobria, ao término deste feito.

Os moços do Circo eram hábeis nos saltos mortais. Saltavam tomando impulso do trampolim e, girando no ar, iam cair em pé, firmes, metros além, depois de três cavalos, postos, paralela-

mente, ao lado um dos outros.

Quando algum tempo após tomamos o trem no Iguatu rumo à Capital, o pessoal do Circo ia também nele.

E ao irmos passar algum tempo em Parangaba, vimo-lo instalado entre a estação da via-férrea e os fundos da Igreja.

O Circo, porém, já não possuía a mesma atração para mim.

Meu pai vendera o seu cartório, e começávamos enfrentar as dificuldades de um grande meio.

# Nós, os 19. da primeira turma do Ginásio de Crato, fomos, em verdade, 21

JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI

Não precisaria que o insigne COELHO NETO dissesse que "a saudade é a memória do coração" para se ter presente essa verdade. Oh! a saudade, poeta, é uma ressurreição!

Evoquemos um passado de ontem, tão próximo e já tão distante.

Os 19, da primeira turma do Ginásio de Crato, foram, em realidade, 21.

Eramos 1) ALCEU DE FIGUEIREDO, 2) AFONSO MACEDO, 3) CARLOS BOTELHO. 4) CICERO VON DEN BRULE, 5) ELMAR BRIGIDO E SILVA, 6) EXPEDITO PITA. 7) EXPEDITO MACÊDO, 8) FRANCISCO AUGUSTO, 9) FRANCISCO MARTINS, 10) JAYME ROLIM, 11) JOÃO LEITE LIMA, 12) JOSÉ SISNANDO, 13) JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI, 14) JOÃO PINHEIRO TELES, 15) SEBASTIÃO NORÕES, 16) SEBASTÃO MARINHO MUNIZ FALCÃO, 17) RAIMUNDO SIEBRA DE BRITO, 18) RAIMUNDO ESMERALDO e 19) TOMÉ CABRAL.

Mas aí se não encontram PEDRO NORÕES e UNIAS NORÕES. magníficos colegas, que a nosso lado estiveram, desde os primeiros momentos, quando estudávamos no velho casarão do "Colégio Diocesano de Crato".

Fomos companheiros inseparáveis, por vários anos, vivendo os mesmos problemas, a mesma luta, as mesmas vicissitudes, a mesma disciplina, as mesmas emoções, iguais sacrifícios, semelhantes momentos de felicidade, bem-estar, alegria e prazer.

ALCEU DE FIGUEIREDO, bacharel em direito pela gloriosa Faculdade de Direito da Universidade do Ceará, faleceu recentemente. AFONSO MACEDO diplomou-se em odontologia. CARLOS COELHO, já falecido, formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Recife. CICERO VON DEN BRULE é Dentista pela Faculdade de Odontologia da mesma Universidade. ELMAR BRIGIDO E SILVA é Dentista pela Faculdade de Odontologia da Universidade do Ceará, e Bacharel em Direito, pela tradicional Faculdade de Direito da mesma Universidade. EXPEDITO PITA é médico, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Recife. EXPEDITO MACEDO, dentista pela Faculdade de Odontologia da Universidade de Recife, já é falecido. FRANCISCO AUGUSTO é Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Ceará. FRANCISCO MARTINS é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará e Professor Catedrático da mesma Escola. JAYME ROLIM é médico, pela Faculdade de Medicina da

Universidade da Bahia. JOÃO LEITE DE LIMA é Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará. JOSÉ SISNANDO é médico pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI é Bacharel em Direito com o CURSO DE DOUTORADO pela Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. JOÃO PINHEIRO TELES dedica-se à atividade comercial. SEBASTIÃO NORÕES é Bacharel em Direito pela Faculdade de Manáus. O falecido reeleito Governador de Alagoas, SEBASTIÃO MUNIZ FALCÃO, é Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife. RAIMUNDO SIEBRA DE BRITO é Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia. RAIMUNDO ESMEERALDO é Dentista pela Faculdade de Odontologia da Universidade do Brasil. TOMÉ CABRAL é alto funcionário bancário, aposentado. PEDRO NORÕES e UNIAS NORÕES, são pessoas altamente credenciadas na sociedade de Crato, onde desfrutam do melhor conceito, a mercê de seus predicados morais e intelectuais e deixaram-nos antes de concluir o curso ginasial.

TOMÉ CABRAL descreveu, em versos, a personalidade de cada colega.

Recordo-me dos que a mim dedicou.

Como fôsse o Benjamim da turma, assim se referiu a meus verdes anos :

ÉS JOVEM, QUASE MENINO,  
TENS UM FUTURO RISONHO,  
PENSAS QUE A VIDA É UM SONHO,  
DO BERÇO AO DOBRE DO SINO".

Nunca esqueci, em toda minha vida, essa quadrinha, ditada por seu talento primoroso.

Mas em outra êle traça o perfil de minha vaidade nos fogosos 14 anos, e diz :

O ZÉ SIQUEIRA, NOSSO BENJAMIM,  
TÃO MANHOSO, TÃO CHEIO DE DENGUICE,  
USA PÓ, TALCO, ROUGE, USA CARMIN,  
COM TANTA ALACRIDADE E GARRADICE,  
QUE CERTO LINGUARUDO JÁ ME DISSE :  
"HÁ NESTE MUNDO MUITA GENTE ASSIM,  
ACOMPANHA A TAL DE MODERNICE,  
NÃO PASSANDO DE SIMPLES MANEQUIM".  
PROTESTEI COM VOZ ALTITONANTE,  
(QUEM VÊ PENSA QUE TENHO TAL CORAGEM),  
CALHUDA ! PASPALHÃO ! TENS O DESFLANTE,  
DE VIR TE INTROMETER COM A VIDA ALHEIA  
... SE BEM QUE TENHA CERTA DOSAGEM,  
DA GRAÇA FASCINANTE DA SEREIA".

Esses versos são transcritos de cór, de modo que poderão não coincidir muito bem com seu original.

Imagine se o Tomé me defrontasse hoje, caréca, velho, barrigudo, ao lado de quatro netos !

Não creio que repetisse os versos a mim dedicados.

Na turma dos 19, Zé Sisnando éra o atleta. ELMAR o matemático. SIEBRA o primeiro. ESMERALDO o decão. Eu o Benjamin EXPEDITO PITA o "Bóde Expiatório". ALCEU FIGUEIREDO o elegante. SEBASTIÃO NORÕES ç poeta. CARLOS BOTELHO o crítico. PEDRO NORÕES punha extraordinária graça em tudo quanto dizia.

Dcs docentes, admirável era a cultura humanística do Pe. PITA. Excepcional o conhecimento de história do insigne Pe. GOMES, ncsso paraninfo. Conhecia o Prof. MADEIRA, plenamente a GEOGRAFIA UNIVERSAL. WALDEMAR GARCIA desenhava com maestria. Desenvolvia, o Prof. NORÕES, as pesquisas de física, química e história natural.

Estudávamos em dois períodos, e éramos externos.

Às 7 da manhã já nos encontrávamos diante da Igreja de S. Francisco, sob a direção do professor de EDUCAÇÃO FÍSICA, PEDRO DE MELO.

E a respeito dêste, todos reproduziam cs versos de PEDRO NORÕES, cantados ao som de uma marcha militar :

PEDRO DE MELO  
JÁ FOI GRUMÊTE,  
JÁ FOI GRUMÊTE,  
JÁ FÊZ FAXINA, ETC.

Era uma merecida réplica ao rigor de PEDRO DE MELO, ao exigir formatura estritamente militar, com alinhamento e observação de distância.

A mercê disso, de seu brilho em formatura, nas paradas, o Ginásio de Crato celebrou-se, em BAREALHA, JUAZEIRO E IGUATU, cujas sociedades solenemente o consagraram. Em Iguatu, de certa feita, FRANCISCO MARTINS e CLAUDIO MARTINS disseram versos, esplendidamente, encantando a todos. Foram aplaudidíssimos.

Coisas do passado, dir-se-á. Mas de um passado que vive e viverá sempre em nossos corações. De nós, os 19, ID EST, de nós os 21, com PEDRO E UNIAS.

SÃO PAULO, 5 de janeiro de 1968.



# DISCURSO DE SAUDAÇÃO A JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO, na sessão de sua posse, na "ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS"

ACADÊMICO ANTÔNIO MARTINS FILHO

SENHOR PRESIDENTE

SENHORES ACADÊMICOS

MINHAS SENHORAS E SENHORES

A chegada de José de Figueiredo Filho a esta Casa tem para mim particularmente, um sentido especial de alegria, pois que me traz o ensejo de fazer um rápido mergulho no passado, me proporciona um compulsório retôrno à juventude e me devolve, por alguns momentos, a velhos dias de antiga, inteligente e sadia convivência.

Falo sem pretender dar a estas palavras o tom melancólico do falso saudosismo, mas sem ocultar e sem negar, por outro lado, os resquícios de nostalgia que êste instante de saudável recordação me vem trazer, num tipo de versão brasileira daquela "tristeza sorridente" a que se refere Anatole France, quando falava de sua pequena cidade francesa.

É que lembro agora, com bastante oportunidade e com verdadeira emoção, longas conversas literárias e, no decorrer delas, sutis e apermeantes ponderações, tão úteis à minha formação intelectual, então formuladas por esta figura respeitável de escritor, que hoje recebemos na Academia Cearense de Letras.

Lembro tempos memoráveis de pureza provinciana, em que a geografia conservava o mistério das distâncias. Lembro tempos antigos em que as experiências aeronáuticas ainda não tinham rasgado os caminhos do céu, encurtando o mundo; e a ausência do rádio e da televisão conservavam as cidades do interior tão divorciadas dos centros mais avançados. Lembro tempos em que lá na leal e decantada cidade do Crato, num esforço comovente e constante, através de jornais e de revistas, de almanaques e de livros — procurávamos acompanhar a marcha da civilização, tentávamos conhecer e seguir, na medida do possível, o que se lia, o que se inventava, o que se construía por êste mundo afora, notadamente no domínio das letras e das artes.

Esta ordem de idéias me conduz à consciência do irreccrível, do irreversível do tempo e das grandes transformações que o mundo scfreu e de que fomos testemunhas; os estranhos e impre-

visíveis caminhos que a humanidade percorreu. E o pensamento me leva de volta ao Cariri, de que nosso ilustre recipiendário é, certamente, a imagem humana mais fiel. Pois nenhum homem daquela região, ao que eu saiba, se preocupou mais com os problemas do seu povo e da sua terra, desde aquêles tempos a que me referi, em que o patrimônio de cultura se fazia com tão grande sacrifício de auto-didatas; ninguém se preocupou mais com os problemas da sua gente e da sua área geográfica, ninguém se ocupou tão obstinada e pacientemente dos assuntos que falavam mais de perto aos interesses de sua terra e do seu povo. Ninguém os estudou com mais afeição, com mais conhecimento, com mais devotado e permanente amor.

Tôda a obra de Figueiredo Filho reflete o Cariri, suas aspirações e sofrimentos, seus dramas, suas glórias, suas angustias e alegrias, seus amores, suas cantigas, seu folclore, seus mitos, seus santos, seus mártires, seus heróis, sua história, seu povo.

É êste sentimento de fidelidade à terra que eu desejo inicialmente aqui ressaltar. É êste apêgo consciente, nunca desmentido, ao seu chão de origem, é a atitude coerente de permanência na terra do seu bêrço, a desambição pessoal no trato das questões que dizem respeito à sua região nativa, é sobretudo esta forma de abnegada e total entrega (que o faz voltar as vistas, durante tôda a vida, para o binômio terra e homem do vale caririense) que eu quero aqui reconhecer e louvar.

A fecundidade do solo, a beleza da terra, a luxuriante vegetação, o verde incansável, o canto das águas dos rios e das fontes, todo aquêle conjunto de marcante encanto bíblico, a música da natureza juntando-se à palavra e à força do homem, versos de cantadores e vozes másculas de reivindicação e de protestos, os apêlcs angustiantes aos govêrnos, nas horas mais difíceis, a defesa de direitos e as alegrias das horas mais belas, dos momentos de afirmação e de vitória, — tudo isso, repito, encontrou sempre grave e profunda ressonância na inteligência e na obra de José de Figueiredo Filho, porta-voz e intérprete da alma e das aspirações da sua comunidade.

Felizmente, a lucidez com que sempre trabalhou e trabalha não o deixou cair nunca no plano fácil do ufanismo ingênuo, tão do agrado geral em certa época da vida brasileira, tão comum entre aqueles que amam “com fé e orgulho” a terra em que nasceram. Felizmente, não tombou jamais na louvação gratuita, na contemplação apenas poética, no simples lirismo inoperante, não se deixou ficar na exaltação panteísta que canta, mas não constroi, que embala, que comove, que exalta, mas não edifica.

José de Figueiredo Filho viu sempre, é certo, as maravilhas que o cercavam, viu, admirou, louvou, encantou-se, mas, ao mesmo tempo, conheceu, sentiu, estudou judiciosamente a problemática que aos olhos da maioria se ocultava na inegável beleza do vale. Porque, verdade seja dita, o bom senso, a capacidade de análise e de crítica foram sempre as linhas de força da sua personalidade de tão altos e variados e ricos espectos.

É também a paciência beneditina com que sempre laborou que é preciso mencionar com justiça; e ainda se deve exaltar a honestidade com que realizou pesquisas, o escrúpulo com que colheu, pessoalmente, dados em que se apoiou com acerto; é de justiça reconhecer sua identificação com os problemas mais importantes da região, sejam remotos ou imediatos, a sensibilidade que sempre manifestou quando os conheceu e apontou, quando sugeriu soluções, quando solicitou ajuda, quando abriu clareiras e implorou recursos.

E tudo foi feito num estilo que revela o homem, na mesma singeleza de linguagem pura e clara, na mesma simplicidade que não vulgariza, antes põe em destaque o seu valor, numa linha de coerência que foi sempre uma constante em tudo o que escreveu.

\* \* \*

Sob os auspícios da livraria Editôra Odeon, de São Paulo, publicou José de Figueiredo Filho, em 1941, o romance **RENOVAÇÃO**, baseando-se, em sua experiência de ficcionista, na observação direta do drama secularmente repetido das longas estiagens e na vivência com os problemas sociais e humanos que afligem o homem nordestino.

Gustavo Barroso, numa síntese bastante significativa, assim definiu as virtudes estilísticas e criadoras do escritor cariense: "Seu estilo singelo e puro denuncia no autor um espírito claro que sabe ver e sabe contar o que viu". No convívio do povo sertanejo êle soube surpreender os aspectos de sua existência de sofrimento. Rasgou, assim, o véu que cobre uma parte do vasto panorama da angústia nacional".

"Obra de brasilidade e de espiritualização — conclui Gustavo Barroso —, de ensinamento e de fé em dias melhores para a Pátria, merece ser lida pelos que amam e servem ao Brasil no grave momento atual de sua história. É brado de despertar de um brasileiro do interior, que sente, que sofre como todos os brasileiros do interior, e comunga com os seus irmãos do Brasil a mesma hóstia de dor".

Havendo escolhido por tema o binômio terra e homem, nessa narrativa romaneada José de Figueiredo Filho descreve as diversas fases do êxodo rural, ao mesmo tempo que traça os destinos das personagens que simbolizam mais êsse capítulo da "tragédia nordestina". Não poderia, aliás deixar de ser assim, já que a fidelidade ao seu meio é uma das características mestras da obra de Figueiredo Filho. Vivendo diariamente em contato com o povo, sentindo-lhe os problemas por ser êle também um elemento integrante do povo, sofrendo na carne as decepções que também sofria a sua gente, o primeiro grito literário de Figueiredo Filho teria, forçosamente, que ser um retrato das agruras da vida sertaneja, no sublime desejo, que têm todos os escritores, de que as suas palavras sejam ouvidas e a sua mensagem devidamente apreendida.

Daí encontrarmos nesse romance todo o drama que sêriamente aflige o sertão. As dificuldades de vida das rurícolas, e êxodo forçado pelas circunstâncias ambiciosas, as ilusões de que, em outras terras — seja nos cafezais de S. Paulo, seja nas florestas amazônicas — poderão sobreviver para um dia retornar aos velhos pagos, tudo isso, que é real e verdadeiro, se encontra, escrito ou subentendido, no livro com que Figueiredo Filho fez sua entrada, digamos "oficial", na literatura cearense e, por que não dizer? na literatura brasileira. E é com tristeza que assistimos ao desenrolar da estória, nós que sabemos que, na vida real, aqueles problemas que martirizavam os pobres personagens tão cedo não serão resolvidos. Nesse livro, de apresentação modesta mas de grande valor humano, sentimos toda a tragédia da família sertaneja que se vê obrigada pelo destino inclemente a abandonar a terra mãe para a ilusão de terras estranhas. A longa caminhada da Fazenda Boa Esperança para o longínquo interior de S. Paulo traz-nos à memória arrancada semelhante retratada por Steinbeck em "As Vinhas da Ira". E numa pausa em que as ilusões tomam alento para depois desmoronar-se vemos surgir a figura semi-lendária do Padre Cícero Romão Batista, a acenar com a esperança de um bom inverno, esperança que, afinal, também se transforma em decepção.

Assim foi a estréia de Figueiredo Filho nas letras cearenses. E assim o foi porque o verdadeiro escritor tem que estar ligado aos problemas do seu povo. "RENOVAÇÃO" veio aumentar o brado de revolta que se encontra em "A FOME", de Rodolfo Teófilo, em "LUZIA-HOMEM" de Domingos Olímpio, em "O QUINZE" de Rachel de Queiroz, em "CASSACOS", de Cordeiro de Andrade. Mas, infelizmente, o alerta dos nossos escritores até hoje não foi ouvido. E o êxodo rural continua, agora provocado não só pela seca mas por muitos outros motivos, o que requer dos nossos escritores, já firma-

dos ou apenas iniciantes, novos brados de revolta para que, finalmente, o homem do campo possa dizer:

— Esta terra foi dos meus pais, é minha, será dos meus filhos. Dela jamais nos separaremos.

\* \* \*

MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA foi o segundo livro escrito por Figueiredo Filho, tendo confiado a sua publicação, em 1948, ao Instituto Progresso Editorial, de S. Paulo. Vasado em linguagem amena e simples, em suas 168 páginas estão contadas as memórias de um boticário nascido e criado no interior, que do pai herdara a profissão de remediar os males do corpo e o dom de presentir e auscultar os padecimentos psíquicos e morais de uma clientela aldeã, confiante mais nos milagres da Providência do que nos bálsamos aviados no recesso da botica ou vindos dos laboratórios da metrópole longínqua.

Este é um livro que merece lugar de destaque na obra de Figueiredo Filho pela fidelidade com que foi retratada a vida pacata de uma cidade do interior, nos seus mais variados aspectos.

O título, por si, de uma felicidade admirável, já traduz a situação a que se vê reduzido alguém que, em modesto burgo sertanejo, tem que ficar jungido à rotina de uma vida com horizontes limitados. A Farmácia é, nas pequenas cidades do sertão, o ponto de confluência de toda a população e, em regra, o local de reunião das figuras mais representativas da terra. O Juiz, o Chefe Político, o Fazendeiro Abastado, o Doutor que veio da Capital e jamais se adaptou ao meio em que vive, todas essas personalidades exponenciais da localidade diariamente se reúnem, com cadeiras nas calçadas, nesse local que, de instante a instante, é visitado pelo povo, para o aviamento de receitas, a consulta sobre os males do corpo e, às vezes, do espírito, ou, simplesmente, para ouvir o que os homens influentes discutem a respeito da Cidade, do Estado ou do Mundo. E é o farmacêutico a figura central desse microcosmo, o homem em torno de quem se agitam todos os que compõem a pequena comunidade. O seu mundo é a sua farmácia, onde ouve queixas ou opiniões do clero, nobreza e povo. Mais do que qualquer outro, fica ele ciente do que se passa e do que se diz. É o ponto convergente das emoções locais.

Figueiredo Filho sentiu isso e transpôs para o seu livro a vida de sua cidade, retratada nas conversas em que tomava parte, nos doentes a que atendia, no diz-que-diz diário em que se confundiam o verdadeiro e o fantasioso. Não fez um livro de ficção, como

Monteiro Lobato ao descrever as cenas admiráveis de "Cidades Mortas", deu, sim, um depoimento autobiográfico, do qual se pode obter uma idéia exata do que é a vida em uma cidade sertaneja, sem jornais, sem rádio, com os seus hábitos tradicionais, suas figuras características, suas maneiras especiais de encarar desde os fatos relativos à vida de cada cidadão aos acontecimentos mais importantes de caráter nacional ou internacional.

Cada pessoa, em geral, vê o mundo através dos seus sentimentos pessoais. Para o farmacêutico do interior, o mundo é a sua farmácia. E foi esse, durante muitos anos, o mundo de Figueiredo Filho.

\* \* \*

Com ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI, editado em 1958 pelo Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura, enveredava-se Figueiredo Filho por um gênero em que iria firmar-se, definitivamente, como um dos maiores intérpretes de uma região, a exemplo do que ocorre com Luis da Câmara Caspudo, no Rio Grande do Norte e Arthur Cesar Ferreira Reis, na Amazônia.

A paisagem física e humana do extremo sul do Ceará aparece, num quadro de amplas proporções, nessa monografia de José de Figueiredo Filho. Segundo o Dr. Anastácio Vieira, então diretor do Serviço de Informação Agrícola, nas 74 páginas que enfeixaram esse volume o escritor caririense "não descreve apenas moagem e plantios de cana, mas focaliza, também, aspectos da vida na região, para mostrar a civilização que foi criada naqueles rincões, por elementos genuinamente brasileiros, nascidos e educados ao abrigo da velha indústria da rapadura".

Para o trabalhador do engenho volta-se Figueiredo Filho, estudando os mais variados aspectos da sua participação na história econômica dessa área canavieira do Nordeste brasileiro. É, na verdade, um pequeno estudo sociológico, em que, com seriedade e segurança, são postos em destaque os fatos mais importantes ligados a essa pequena indústria do Ceará.

Contrabalançando, porém, a austeridade do ensaio, José de Figueiredo Filho inclui em seu livro páginas bastante deliciosas da literatura oral caririense, notadamente do famoso poeta popular José de Matos, de grande popularidade na região.

Ao contacto do menestrel da feira, do cambiteiro e de outros tipos característicos da saga caririense, para Figueiredo Filho não constitui tarefa muito difícil traduzir as manifestações espirituais dessa gente, o que passou a fazê-lo, inicialmente, em trabalhos publicados, sem maiores pretensões, nos jornais que se editam na cidade do Crato.

Como resultado das suas constantes pesquisas no gênero, era lançado, em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará, seu livro o FOLCLORE NO CARIRI. Já então, num estudo de maior profundidade e amplitude, mostrava Figueiredo Filho como haviam se processado as atividades nessa região do Ceará, dando ênfase a algumas danças perpetuadas pelos chamados CABRAS de pé-de-serra do município do Crato tais como o MANEIRO-PAU, o COCO-GAVIÃO, O MILINDÓ ou a DANÇA do PAU-DE-FITA e o SAPO CURURU.

Capítulo dos mais interessantes desse novo livro é o que dedica o autor às bandas cabaçais do Cariri, cujos componentes executam, principalmente, músicas onomatopáicas de compositores locais. "O baião — escreve Figueiredo Filho — é o gênero musical de que mais gostam (os caboclos). PIPOCA é um baião que imita o milho pipocando no fogo. MARIBONDO é tão agressivo em notas agudas quanto aqueles insetos tão valentes e de ferroada tão causticante. CACHORRA é como se fosse a cadela a gritar com o a-goite".

Em 1967, novo livro de folclore publicava Figueiredo Filho, ainda sob os auspícios da Universidade Federal do Ceará, através de sua IMPRENSA UNIVERSITÁRIA, dessa feita focalizando a vida social e cultural da criança, em FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES.

Segundo o depoimento do próprio autor, não se tratava de uma obra de grandes ambições, valendo sobretudo pela contribuição que oferecia a um dos aspectos menos estudados de nosso folclore, não obstante a sua importância como veículo de perpetuação de folguedos como a LA CONDESSA, a BARCA-VIROU, SENHORA DONA SANCHA, BOCA DE FORNO, etc.

Em que pese a modéstia do autor, não restam dúvidas de que os FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES constituem subsídio dos mais valiosos para os estudos folclóricos no Brasil, alinhando-se, pela sua temática, ao lado de estudos como "Cirandas Infantis", de Martins de Aguiar e de FOLCLORE E MUDANÇA SOCIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO, da autoria do Professor Florestan Fernandes, em que, pela primeira vez em nosso País, se procurou dar à criança a merecida importância, como elemento da veiculação de danças, jogos e brincadeiras tradicionais.

É o escritor Figueiredo Filho, portanto, um homem preocupado com os tempos mais sérios do complexo cultural cearense, merecendo, por isso mesmo, o nosso respeito e admiração. Seu trabalho intelectual é desse que dispensam elogios, em forma de adjetivação, porque traduzem, implicitamente, um esforço admirável no sentido de projetar, além de nosso Estado, as manifestações es-



pirituais de uma região, cujo texto com as letras e com os problemas de cultura geral remonta, talvez, à época da preparação dos movimentos políticos que culminaram com a revolução de 1817 e a proclamação da República do Equador.

\* \* \*

Aí está, Senhoras e Senhores, em pinceladas rápidas, uma síntese da obra até hoje publicada, de José de Figueiredo Filho. A seriedade dos seus estudos o credenciam, sem nenhuma dúvida, como substituto, nesta Casa, daquela outra grande figura de trabalhador intelectual que foi o Professor Dolor Barreira, cujo nome pronuncio com saudade e com respeito.

Mas, além do valor intrínseco dessa obra, que marca o seu autor como um dos mais sérios e acatados intelectuais do Ceará, há um outro aspecto na personalidade de Figueiredo Filho que exige destaque especial, por se constituir exemplo edificante de tenacidade e de abnegação.

Vivendo toda a sua vida no interior do Estado, Figueiredo Filho sempre foi um estudioso dos problemas de sua região. Poderéis, por certo, Senhoras e Senhores, avaliar as dificuldades, os empecilhos, as decepções que sem dúvida sempre acompanharam o seu lutar patriótico na pesquisa, interpretação e divulgação de causas do Cariri. Nada impediu, contudo, que durante toda a existência continuasse a produzir e a agir — agir incentivando o cultivo das letras e das artes; através do seu magistério nos centros de ensino de sua cidade, através de entidades dedicadas às causas do espírito como o pujante Instituto Cultural do Cariri, através de publicações periódicas, como essa admirável revista "Itaytera", de que Figueiredo Filho é alma e corpo, atraindo para as suas páginas o que há de mais representativo no mundo cultural sul-cearense.

Modesto talvez em excesso, enquanto o seu nome se projetava no Ceará e no Brasil, jamais cortejou Figueiredo Filho grupos literários para obter o louvor fácil de amigos ou conhecidos. Pelo contrário, contentando-se com o seu trabalho, muitas vezes recusava ou fugia a uma maior aproximação com aqueles que o admirava pela obra que construía e pelo trabalho que realizava.

Foi o que aconteceu, durante muito tempo, com esta Academia, que sempre desejou possuí-lo em seu seio, o que só honraria para a nossa Instituição. Um dispositivo regimental, contudo, determina que a entrada para a Academia seja solicitada e não oferecida, dependendo, assim, cada eleição da manifestação expressa da vontade do candidato.

## SENADOR WILSON GONÇALVES, GRANDE AMIGO DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

O Senador Wilson Gonçalves dos maiores parlamentares do Brasil atual, honra por todos os títulos da cidade de Crato, sócio benemérito do Instituto Cultural do Cariri, por merecimento, é das figuras que mais têm trabalhado para angariar subvenções federais para a nossa entidade.

Da última vez que esteve em nosso meio, Crato, em sua totalidade, o homenageou com um banquete, no Crato-Tenis-Clube, que foi dos mais concorridos daqui.

O Instituto compareceu, através de seu presidente e de outros membros da Diretoria. Bem merece êle, pois, tem ocupado, com relêvo, os diversos cargos de proeminência no Ceará e no Brasil, sempre se revelando ser dos maiores vultos do nosso Estado, nos momentos presentes.

---

Sempre que entre nós surgia um claro, o nome de Figueiredo Filho era lembrado; mas a modéstia do escritor impedia a concretização do desejo dos que aqui se encontram, de fazê-lo ocupar uma das poltronas da Casa de Tomaz Pompeu.

Só agora, por insistência de amigos, dispôs-se Figueiredo Filho a bater às portas desta Casa que, por direito, já era sua, dados os méritos que revestem sua obra. E a unanimidade de sua eleição é uma prova real de que, os que fazem hoje a Academia Cearense de Letras, de braços abertos recebem o representante do sertão, que é, mais que isso, uma das figuras proeminentes das letras do Ceará.

Por tôdos êsses motivos, por tantas inequívocas razões, a Academia Cearense de Letras, que tanto tempo esperou por vossa chegada, Professor José de Figueiredo Filho, hoje se engalana para de fato incluir-vos entre os seus componentes, já que por direito de primazia do espírito, de há muito a ela pertenceis. Vossa modéstia adiou bastante êsse momento, feliz para todos nós. Mas esta noite, finalmente, aqui estais, para alegria e honra das letras alencarinhas. Entrai em vossa Casa, com os nossos aplausos e o nosso louvor mais sincero, aplausos e louvor que refletem o júbilo verdadeiro e amigo de todos os que compõem a Academia Cearense de Letras.

Lido a 11 de Março de 1968, pelo escritor  
Franc Martins, por motivo da ausência, no Rio,  
de seu irmão Acadêmico Antônio Martins Filho

# AMOR, FUXICO E EMANCIPAÇÃO

J. F. F.

CRATO — Há pouco, recebi, com recomendação especial do velho amigo e confrade Antônio Vilaça, o romance de José Nivaldo — "AMOR, FUXICO E EMANCIPAÇÃO", editado por PONGETTI - Rio, 1967. O autor é conhecido médico em Surubim - Pernambuco, com vasta clientela. Conhece a fundo a vida de horizontes fechados dos antigos vilarejos sertanejos. De tanto auscultar doentes, aprendeu também a auscultar a sociedade enferma das pequenas localidades de vida bastante circunscrita. Tornou-se autêntico psicólogo de tanto armazenar conhecimentos, servidos nesse cotidiano dos lugarejos.. E teve de extravasá-los em livro.. Saiu-se maravilhosamente e agora pode ombrear-se, sem desmerecimento, com os melhores romancistas do país.

Na orelha do romance, de capa sugestiva, é apresentado pelo veterano jornalista pernambucano, de Limoeiro, que é dos maiores técnicos em cooperativismo do Nordeste — Antônio Vilaça. É o genitor do jovem escritor de renome nacional — Marcos Vinício Vilaça.

José Nivaldo nasceu no engenho Rôlo, nos arredores de Cedro, distrito de Limoeiro. Muitas das personagens do romance são reais e ainda residem às margens do rio Tracunhaém. O romancista, conhecedor do ambiente, recuou no tempo e descreveu, ao nu, o meio social do vilarejo, em seus primórdios. Realizou romance de costumes, depoimento de uma época, retrato vivo daquele meio, como de qualquer outro, perdido por esse interior afora..

A figura central do estória é Nina, "jovem voluntariosa e satânica", como a classifica o prefaciador Antônio Vilaça. Dissemina peçonha, recalcada pelas inúmeras decepções em seus repetidos noivados. Sua ação deletéria chega a impedir o próprio desenvolvimento do povoado.. Outra personagem interessante é a do mascate Chico Onça. Mercadejando, fazendo trocas, penetra nas caatingas e volta com as cargas cheias de produto e com o cabeça repleta de estórias mirabolantes, aprendidas no alto sertão São reminiscências do exagêro espanhol, veiculadas em contos populares, tipo Pedro Malazarte, ou seu similar nacional — Cancão de Fogo.

O melhor do romance e o mais sensacional são os amores duplamente adúlteros do português, comerciante em Limoeiro — Clemente e Carminha a bonita mulher do pobre diabo — Ambrósio Fogueteiro. O desenlace do amor, o mais inédito possível, detecia a argúcia do mais perito advinhão de fim de estória.

Enquanto o vilarejo de Cedro continua em sua vida, com as personagens em movimento, o vigário Padre Gomes, o letrado da terra Almirante, o Cabo a pôr ordem de acordo com o chefe de Limoeiro, o namoro clandestino do português com a mulher do Fogueteiro, Nina espalha veneno com seus fuxicos.

O romance ressuscita todo esse ambiente de aldeia, com suas crenças e com a beleza de suas festinhas e brincadeiras. José Nivaldo

surgiu nas letras como vencedor. É mais outro escritor que surge em cidade interiorana. Conquistou o Recife e marcha para consolidar sua vitória em todo o Brasil. Tem talento, sabe observar e sabe dizer as coisas de maneira especial, em linguagem simples do povo, mas, sem descer ao vulgar. Mostra igualmente que o sertão não mata o talento de quem realmente o possui. Hoje sucede até o contrário. É o interior um livro aberto para quem queira estudar e pesquisar. Constitui manancial perene e muitas vezes inédito, de estudos para um observador perspicaz.

José Nivaldo, incentivado pelo êxito de seu primeiro romance, não parou aí. Promete outros livros, filhos de sua observação direta e de sua incontestável inteligência criadora.

---

## **INSTITUTO BRASILEIRO DO LIVRO - seu novo Presidente**

O Instituto Nacional do Livro, sediado no Ministério de Educação e Cultura, dá assistência a mais de dez mil bibliotecas, em todo o país. O Instituto Cultural do Cariri faz parte desse círculo. Recebe, de quando em quando, livros dos melhores autores nacionais, revistas e "O JORNAL DE LETRAS", a enriquecer-lhes o patrimônio. Servem de leitura para sócios e jovens estudantes, que, muitas vezes, procuram a nossa biblioteca, em grupos, a fim de consultarem livros especializados. O Presidente do I. C. C sempre os orienta e, quando possível, facilite-lhes a requisição de obras e outras publicações de nosso acervo, para suas próprias residências, ou educandários.

Ocupa hoje a presidência do Instituto Nacional do Livro o nordestino do Rio Grande do Norte, escritor Umberto Peregrino que já dirigiu, com o máximo de eficiência, a Biblioteca do Exército, com o sistema de vendas de livros a todo o interior pelo menor preço possível. Seu programa à frente do Instituto Nacional do Livro será de cunho inteiramente moderno e não desmentirá a eficiência ali implantada pelo seu antecessor — o escritor e acadêmico — Augusto Meyer.

---

## **DICIONÁRIO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO CEARÁ**

Trabalho de valor para o patrimônio cultural de nosso Estado está realizando o escritor Renato Braga, com o seu DICIONÁRIO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO CEARÁ, editado pela "Imprensa Universitária do Ceará". Já lançou dois volumes, repletos de dados seguros sobre os vários municípios cearenses, colhidos nas fontes mais puras e escritos em estilo bem agradável. Já atingiu até a letra — C. Crato está incluído e mereceu lugar de destaque especial. Além de descrever-lhe a história e geografia, transcreveu vários trabalhos sobre nossa cidade, transformando aquele trecho do Dicionário, tão oportuno, em autêntica antologia da terra cratense.

## CAMINHO DA FELICIDADE

João Alves Rocha

JAMAIS SEREI UM VIL DESESPERADO  
COMO ALGUMAS PESSOAS QUE CONHEÇO.  
TEREI SOMENTE AQUILO QUE MEREÇO,  
O QUE DEUS, PARA MIM, TEM RESERVADO.

A MINHA VIDA ASSIM TENHO PAUTADO,  
PROCURANDO EVITAR ALGUM TROPEÇO.  
DO MAL QUE ALGUÉM ME FAZ LOGO ME ESQUEÇO,  
COMO O BEM QUE RECEBO É RELEMBRADO,

PORQUE NOS CORAÇÕES SÓ O AMOR  
GUARIDA DEVE TER; NUNCA O RANCOR,  
DESEJOS DE VINGANÇA E NEM MALDADE.

QUEM SEGUE PELA VIDA PRATICANDO  
O PERDÃO, A JUSTIÇA, VAI ANDANDO  
PELOS CAMINHOS DA FELICIDADE.

---

## UM HOMEM SEM PROBLEMAS

Vidal de Alencar

ERA UMA VEZ UM MOÇO, RACHADOR  
DE LENHA, QUE CHEGOU A MARCENEIRO,  
TELEGRAFISTA, MÚSICO, CAIXEIRO  
E, DE BONDE, APRENDIZ DE CONDUTOR;

MAU TECELÃ; DO ESTADO, SERVIDOR;  
EMPREGADO DE BANCO E DE LIVREIRO;  
APRENDIZ DE REPORTER (SEM DINHEIRO);  
ESTUDANTE SEM MESTRE E... CONSTRUTOR.

ERA UMA VEZ. AGORA, É DIFERENTE.  
QUEM HOJE O VÊ, TRANQUILO E SORRIDENTE,  
SEM SABER O QUE FEZ NEM O QUE FAZ,

— UM HOMEM VÊ SOMENTE, QUE DESFRUTA  
UMA VIDA PACÍFICA E SEM LUTA;  
UM HOMEM SEM PROBLEMAS. NADA MAIS.

# Os Caprichos do Destino na Vida do Coronel Manoel de Barros Cavalcante

GOMES DE FREITAS

Subindo o curso do Itaim-açu, que evoluiu para Poty, vieram os homens da Casa da Torre, no apagar das luzes do século XVII, encontrar na ribeira dos Caratiús, excelentes campos de criar gados. A penetração teria sido rápida, se a resistência do índio não oferecesse o mais tenaz dos obstáculos. Os Caratiús eram um povo belicoso. Donos da região, cobriram-na com um feroz instinto de defesa. E, enfrentá-los, foi a dura e cruenta história de destruição de parte a parte. Destemerosos e servidos de profundo sentimento de liberdade, nunca se encontrou, até hoje, em qualquer documento, notícia de um indígena daquela tribo feito cativo do colono. Foram exterminados, salvo os ramos que ainda agora se esgalham na terra, como descendentes de alguma formosa Iracema, caratiúense de origem, enamorada dos feitiços lúbricos do branco invasor.

As lutas da colonização deixaram o germe na terra. Dos **entrevos** entre brancos e indígenas, passou o gesto da briga para o seio dos novos povoadores. Tudo ali era resolvido pela voz do bacamarte. A constância da vida legou à tradição popular uma afirmativa interessante:— “na região do Caratiú, quando se penera areia dos rios, em vez de cascalho, só fica bala na peneira”. E esta vivência de insegurança perdurou até os idos do século pretérito, quando um Lisneto do cel. Francisco Alves Feitosa, espicaçado de ciúmes e movido por incontido ódio, buscou, no estermínio completo de um grupo de pessoas, o desagravo da honra ultrajada: abateu a esposa, o amante desta, a alcoviteira, e o sógro que pretendeu antepor-se ao crime. Bem guardado pelos seus sequazes, tentou a fuga para o Tauá, mas — “o crime era estrondoso, vieram em seu seguimento, matarão os seus correios e prenderão o dito Barros”, informou o Corregedor Carvalho, que do caso tirou devassa. (Dos Inéditos do Barão de Studart).

O autor da tragédia brutal chamou-se Manoel de Barros Cavalcante, de quem se contou muitas histórias a seu respeito, desde o crime à bravura.

Entre outras versões, uma me impressionou a ponto de lançá-la em letra de fôma, no primeiro trabalho que, para alegria minha, foi transcrito na Revista do Instituto do Ceará, ed. de 1964, na qual, à pág. 111, registrei o seguinte:— “Em 27 de novembro daquele ano (1831), Luís Rodrigues Chaves viu-se fragorosamente derrotado pelo Condestável do Cariri. No começo do ano seguinte, um copioso inverno alagava os caminhos do Sul da Província, formando nos brejos verdadeiros sumidouros. Vindo de Santana, o Cel. Manoel de Barros Cavalcante, famoso cabo de guerra

que lutou contra Fidié, no Maranhão, caía numa cilada, vendo amargurado os seus soldados quando não varados de bala, sepultados vivos nos brejos traiçoeiros. Lamentavelmente, esta versão corre na tradição oral da minha terra, mas, não se encontra amparo para sua asserção, tanto assim que agora, olhando velhos papéis, deparei com uma versão diferente. Manoel de Barros não figurou com destaque, quer na guerra do Pinto, quer na do Fidié.

Esta ausência do campo da luta, não significa que Manoel de Barros tenha sido um nome sempre à margem dos acontecimentos, na região do Cariri, sua nova zona de influência. Foi êle ali, ao seu tempo, uma das mais respeitáveis figuras da terra. O seu prestígio político, nos idos de 1848 pairou nas alturas. Foi indicado para ser um dos pares do Rei, isto é, na lista sêxtupla que o Ceará mandou para o poder moderador escolher dois senadores do Império figurou o seu nome com expressiva votação obtida no pleito de dezembro de 1847.

Dono de uma influência muito grande na região, detentor da confiança do representante do Rei, que era Martiniano de Alencar, teve o privilégio de carregar consigo uma Portaria, autêntica Carta Branca do Padre Presidente da Província, onde todos os poderes lhe eram conferidos. Passou ao crime mais hediondo a um dos mais altos galardões da vida pública da terra que adotou para domicílio. A carta é interessante. Transcrevo-a para que se conheça o que era uma Carta Branca e a quem poderio ser confiada. Ei-la:— "O Capm. Manoel de Barros se acha encarregado por esta Presidência da execução de hua importante Deligencia do Serviço Público de Ordem da Regencia em nome do Imperador D. Pedro II. Ordeno portanto a todas as Authoridades desta Província, e requizito os da Província do Piauhy, que lhe prestem todo o auxilio tanto de gente, como de munição de guerra, e de bôca, cavalgaduras, tudo mais que necessario se fizer e a qualquer Commandante de Destacamento de 1.ª Linha ordeno que lhe preste Soldados, armas e munições, e aos Colectores dos Impostos Publicos, que lhe dêem Dinheiro necessario às Despesas das Deligencias, e o que por elle for requizitado, e tudo será abonado na Thezouraria desta Província. Assim o cumpram debaixo da mais restricta responsabilidade. Palacio do Governo do Ceará 18 de Fevereiro de 1835. José Martiniano de Alencar" — (Livro 34, às fls. 172, do Arq. Púb. do Ce.).

O homem, não raras vêzes, é vítima indefesa dos caprichos do destino. Age ao impulso de fortes situações emocionais e comete desatinos de que não seria capaz, se o acaso não o transformasse num juguete inconsciente de fortuitos e inelutáveis caprichos do sorte. Nem sempre os que cometem delitos, às vêzes monstruosos, são tarados ou criminosos natos. São apenas vítimas das circunstâncias ocasionais, criadas por outras monstruosidades com as quais não contavam defrontar-se. O julgador deve atender sempre para estas razões, até porque os indivíduos que agem conduzidos pelas fortuitas e incontroláveis inspirações emocionais, não são delinquentes



# ASSUNTOS SÓ NOSSOS

J. LINDEMBERG DE AQUINO

## FUNDAÇÃO PADRE IBIAPINA

Entre as iniciativas de grande porte tomadas por S. Excia. Rvma. Dom Vicente Matos, nosso grande e dinâmico Bispo Diocesano do Crato, podemos situar a Fundação Padre Ibiapina, uma instituição que é espécie de cúpula onde se reúnem todos os órgãos diocesanos, cada qual trabalhando no seu setor.

Homenageando pelo nome ao Apóstolo do Nordeste, que conosco conviveu muito tempo, e deixou imorredoura obra de assistência social — a Casa de Caridade do Crato, ampliada nas suas funções e finalidades pelo Bispo atual da Diocese, a Fundação Padre Ibiapina é um órgão que logo se impôs até nos mais altos círculos da Nação, pelo vulto de trabalhos que realiza diariamente.

É constituída da Casa de Caridade do Crato, Cáritas Diocesana, Patronato Padre Ibiapina, Pensionato para mças, Dispensário da Criança Pobre, Instituto de Proteção Rural, Escola de Líderes Rurais, Serviço Social Diocesano, Organização Diocesana de Escolas Radiofônicas, Organização Diocesana de Escolas Profissionais, Empresa Gráfica Ltda., Jornal "A Ação", Rádio Educadora do Cariri, Departamento Diocesano de Cinema e Centro de Treinamento Educacional do Crato (CETREC).

Cada um desses órgãos se subdivide, às vezes, em outros órgãos menores, e cada um deles executa, com êxito, com perfeição e com sua equipe própria, um trabalho gigantesco de educação, de promoção, de assistência e de divulgação.

É, portanto, a Fundação Padre Ibiapina um órgão do qual o Crato pode justamente se orgulhar, pois representa a síntese dos trabalhos diocesanos, de grande monta, de grande rendimento e de grandes benefícios públicos.

Reconhecida de utilidade pública por Lei Municipal, a Fundação Padre Ibiapina vem executando uma tarefa grandiosa de soerguimento do homem cratense e do homem caririense em geral, notadamente na área rural, valorizando seu trabalho, promovendo sua família, incorporando-o á grande

---

instintivos e naturais, mas, ao contrário, elementos que se podem perfeitamente recuperar para o convívio social, onde se tornam úteis ao resguardo dos bons princípios da moral e do direito.

O Coronel Manoel de Barros Cavalcante, de que trata esta crônica, é um caso típico da tese que aqui esposamos, pois é ela lançada e defendida pelos mais eminentes psiquiatras e penalistas dos países civilizados.

massa obreira do homem digno dos seus direitos e de suas vantagens de cidadão.

Educativa, promocional, assistencial, a Fundação Padre Ibiapina faz pesquisas e estudos, planos e realizações — desenvolvendo o lado humano da Diocese, nesse grande e silencioso trabalho que dignifica, que educa e que engrandece.

Nossos homenagens á Fundação Padre Ibiapina, a maior iniciativa de Dom Vicente Matos, o grande Bispo que Deus colocou para guiar os destinos desta grande Diocese..

## ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Não se pode, ante a evidência dos fatos, negar a indiscutível necessidade de possuirmos, aqui em Crato, uma Estação Rodoviária.

Município privilegiado pela situação geográfica, localizado no centro do Nordeste, o Crato, ao par disso, é o centro nervoso e vital de uma vasta região que se situa muito além do Vale Caririense, estendendo-se aos sertões de Pernambuco e Piauí.

Centro vitalizador de inteligência e de cultura, de instituições, de órgãos públicos, de assistência médica, de predominância política, sede de uma Diocese, para o Crato convergem, portanto, pessoas das mais diferentes procedências, que veem resolver os mais variados negócios, encaminhar a solução dos seus problemas de diferentes matizes.

Aqui em Crato penetram — ou do Crato partem — linhas de transportes coletivos para Campos Sales, Exu, Aracipina, Ouricuri, Bodocó, Salgueiro, Cedro, Lavras, Iguatu, Santana do Cariri, Nova Olinda, Várzea Alegre, Brejo Santo, Milagres, Mauriti, Cajazeiras, Pio Nono, Ipubi, Mossoró e outras Cidades..

Temos ônibus para Natal, Teresina, Fortaleza, Maceió, Rio e São Paulo, servindo, igualmente, a centenas de cidades que ficam nos seus roteiros. Os transportes para Juazeiro e Barbalha já são tantos que são considerados quase como transportes urbanos.

Por que não reunir tudo isso numa Estação Rodoviária, centralizando todas as atividades de transporte, dos que chegam e saem, num só local, como as grandes cidades? A Estação Rodoviária do Crato poderia ser, igualmente, um centro comercial de primeira grandéza, dotada de bares, bancas de jornais, mercearias, cantinas, barbearias e outros estabelecimentos, contribuindo para a grandeza comercial da Cidade. Teríamos ali inúmeros pontos de táxis, banheiros públicos, etc.

Seria um centro de atração, um local de muita movimentação, ensejada ao Crato uma demonstração de sua vitalidade econômica, com salões permanentes para exposições, comprovando também a nossa liderança regional em transportes. Predio imponente, enriqueceria o panorama arquitetônico da cidade, facilitaria os transportes para todo mundo, seria o centro de convergência de milhares de pessoas.

Já é tempo de se pensar, em termos sérios, Prefeitura, em cuja atuação tanto confiamos, e investidores particulares locais, na nossa Estação Rodoviária, cujo problema inicial, será apenas escolher o ponto estratégico. perto de uma das saídas da cidade.

Crato já pode enfrentar o seu problema da Estação Rodoviária. Tem todas as condições para isso.

## ESTAÇÃO QUE SE IMPÕE

Um dos edifícios mais bonitos da cidade é, sem dúvida, o da Estação da RVC, agora Refêsa, localizado em frente à Praça Francisco Sá. De estilo clássico, de linhas harmoniosas, é de uma graciosidade impressionante. Talvez seja a mais bonita de todas as gares ferroviárias do Ceará. O seu construtor, Dr. Urbano de Almeida, casado com uma cratense, filha do Dr. Rolim, caprichou mesmo na elaboração do projeto e construção desse edifício, que embora tenha mais de 40 anos, ainda não foi suplantado em beleza arquitetônica por qualquer edifício da cidade.

Entretanto, as últimas administrações da RVC - Refêsa consentiram na mutilação desse edifício, e dois salões foram fechados com paredes grosseiras e combogós, para abrigar infectos e nauseabundos dormitórios de ferroviários, tirando, completamente, a estética do edifício.

Restou somente a sala grande, onde os móveis antiquados se casam com o piso superado, e com os batentes estragados, portas e janelas danificados com a passagem dos anos, e os gradis de ferro emperrados e sem o seu normal funcionamento.

Achamos que já está em tempo de a REFESA restaurar esse edifício — orgulho da cidade — e que abriga a sua estação. Dispondo de tantos terrenos, como aqueles em frente à DRASA, poderiam ali ser construídos os dormitórios dos ferroviários, partindo-se para a restauração completa daquêle prédio, de tão belas tradições.

Patrimônio do povo do Crato, nossa gare está abandonada, feia e suja, mal iluminada e sem o conforto de um sanitário, uma toalete ou uma pequena lanchonete, para os que dela se utilizam. O piso da plataforma deve ser modificado, impondo-se a restauração total do belo edifício, de tão nobres tradições.

A Rede Ferroviária Federal, que tanto arrecada aqui (pois nossa estação é das que faturam mais, em cargas e passageiros) tem condições de destacar uma verba para obras de tal natureza, convindo que os nossos representantes federais façam um apêlo diretamente ao Superintendente no Ceará e ao Diretor Geral da entidade.

A Estação da RVC — belo patrimônio da cidade — precisa ser restaurada, para que o Crato tenha um motivo a mais de se orgulhar de sua beleza urbana. A sua restauração é uma medida que se impõe, em bem do próprio desenvolvimento da terra.

## O NOVO CRATO

A expressão NOVO CRATO foi usada pela primeira vez pelo jornalista Aldemir Sobreira, com muita propriedade, significando o estupendo grau de desenvolvimento que alcança a nossa cidade, que, apesar de duas vezes centenária, mostra-se sempre nova e rejuvenescida, colorida nas suas construções audaciosas e no trepidante progresso que envolve o seu centro urbano.

O Novo Crato representa uma filosofia de vida, um estado de espírito que está empolgando todos os filhos da terra, numa ânsia de desenvolvimento, numa competição saudável, patriótica e elevada com os demais Municípios do Ceará e do Nordeste, para que a nossa cidade tenha o seu lugar ao sol dentro das demais comunidades nordestinas.

Para concretizar mesmo esse espírito de progresso, essa ânsia de desenvolvimento, urge, antes de tudo, visão e mentalidade. Visão para o futuro para escapar às fórmulas arcaicas e bitoladas do passado, e mentalidade para ver o futuro mais longe, para dar um avanço na maneira de pensar, na maneira de ver as cousas. . .

Os filhos do NOVO CRATO devem deixar de lado, por exemplo, o idéia de que tudo o que venha a ser edificado ou construído tem de ser, necessariamente, dentro do caixão urbano da cidade, exprimido entre os dois morros tradicionais, o Seminário e o Barro Vermelho. Já ficou ultrapassado isso. O Novo Crato deve estender-se, em suas novas construções, por recantos mais distantes, puxando, atraindo a cidade, as ruas, praças e avenidas para locais mais distantes, fazendo a cidade estender-se, respirar, contemplar novos panoramas. . .

O exemplo deve ser dado pela Municipalidade, que está com a idéia de construir o seu novo prédio. Não é admissível que a Prefeitura construa o seu prédio no centro apertado e angustiado da cidade. Os próprios ruídos de um intenso tráfego, no futuro, em muito prejudicarão as atividades internas da Municipalidade.

A Prefeitura deve construir o seu prédio fora da cidade, assim, por exemplo, nas proximidades da Maternidade São Miguel. . . O novo Estádio que se planeja para a cidade, deve buscar terrenos como os de trás da Acrisa ou por trás da Sub-Estação do CHESF. . . E a futura Universidade, ou a Cidade Universitária, deve buscar localização na estrada do Romualdo e Constantino, forçando, portanto, a cidade a buscar novas dimensões, novos rumos, locais mais vastos. . . O Crato deve acostumar-se a pensar em termos de futuro e de visão, deixando de lado esse bitolamento tradicional a que se acostumou. . .

Rodovias como a do Clube Recreativo Grangeiro devem ser marginadas de bairros novos e construções sólidas, levando o Crato a rumos pitorescos e ofastados, crescendo e fazendo a cidade crescer. Depois de deixarmos de bitolar a nossa mentalidade urbana, é que teremos conquistado, de fato e de direito, as condições de fazermos jus ao elogioso termo NOVO CRATO, que muito nos envaidece e nos orgulha.

## VARIAÇÕES EM FÁ SUSTENIDO

ZÓZIMO LIMA

# BÁRBARA DE ALENCAR

Está aqui, em minhas mãos, para leitura cuidadosa, o exemplar n.º 11, de 1987, da revista "ITAYTERA", do Instituto Cultural do Cariri, com sede em Crato, terra dadivcsa e de heróicidade tradicional, onde aquele padre revolucionário, José Martiniano de Alencar, ainda estudante de teolgia no Seminário de Olinda, subiu ao púlpito da matriz do Crato, seu berço natal, e conclamou o povo para lutar pela independência e a República no Brasil.

Não vou narrar essa história em que sobreviveram os Alencares, com Bárbara à frente, porque quem quiser sabe-la, à saciedade, procure lêr o que sôbre a mesma escreveu, naquela revista. de colaboração selecta, o dr. Antônio de Alencar Araripe, que se fez historiador, com profundidade de investigação, depois que deu baixa, certamente enjado, da politica, e tornou à movimentada banca de advocacia.

O número da revista em tela é um primor do erudito professor e historiógrafo J. de Figueiredo Filho, que tem, para ajudá-lo, como um Cirineu, sua ilustre espôsa, apreciável cronista de viagens. d. Zuleica Pequeno de Figueiredo.

A matéria mais importante da revista, a meu ver, está na de expungir a calúnia irrogada a Barbara de Alencar, mãe do padre José Martiniano de Alencar, senhora respeitável, casada com o português José Gonçalves dos Santos, havida pela canalha adversária como concubina discreta do vigário Miguel Carlos, amigo da familia e quiçá parente.

O falecido pernambucano Mário Melo, meu colega duas vezes, porque escritor e telegrafista, divulgara que o padre-senador Martiniano de Alencar era filho dos amores clandestinos de Bárbara com o Vigário Miguel Carlos.

Até o Barão de Studart e o panfletário João Brígido puseram em dúvida a legitimidade paterna do senador José Martiniano de Alencar, pai do romancista José de Alencar, autor do "Guarani".

Mas um escritor seguro e corajoso, José Carvalho, mergulhou nos arcanos da história do Cariri e desmascarou, documentadamente, aquêles, vivos ou mortos, que entenderam, pelo conduto da calúnia, marear a honestidade, as virtudes cívicas, morais, domésticas e conjugais da imortal heroína brasileira: BARBARA DE ALENCAR.

Aracaju, 1968

TÓLLITUR QUAESTIO

# "A GLÓRIA DE UM PIONEIRO"

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Entre as principais biografias surgidas, em comemoração do centenário de nascimento de Delmiro Gouveia, celebrado em 1963, sobressai-se — "A GLÓRIA DE UM PIONEIRO", de autoria do ilustre escritor, nascido em Jardim e atual diretor de "O POVO" — J. C. de Alencar Araripe. A obra, lançada pelas "EDIÇÕES O CRUZEIRO", é filha de pesquisador infatigável, que produziu trabalho a mostrar, bem às claras, a vida trepidante daquele homem de iniciativa, natural do Ceará e nordestino cento por cento. Implantou ele várias empresas novas no Nordeste e foi o pioneiro do aproveitamento da energia de Paulo Afonso, em indústria então desconhecida no Brasil.

O livro é bem escrito, seguro e tem merecido os aplausos unânimes na crítica nacional. J. C. de Alencar Araripe, ainda jovem ocupa lugar merecido na Academia Cearense de Letras e é jornalista consagrado com vários prêmios de reportagem.

A pág. 79 de "A GLÓRIA DE UM PIONEIRO", há citação de trecho de artigo de minha autoria, publicado em "O POVO", edição de 9 de Setembro de 1959. Naquele trabalho, baseando-se em versão do bom conhecedor do sertão — Paulo Gernol, citou José Gomes de Sá, antigo prefeito do município de Jatobá, no São Francisco, como dos responsáveis pelo assassinio estúpido do industrial Delmiro Gouveia, assim roubando ao Nordeste e ao Brasil, próspera indústria de linhas, que já competia com os melhores similares do estrangeiro.

Paulo Gernol não foi o único a fazer tal afirmação. Na época o caso da participação daquele chefe sertanejo na eliminação de Delmiro foi bastante focalizado. Para melhor comprovar isso, passo a reproduzir telegrama, copiado pelo escritor Irineu Pinheiro do livro de transcrição de telegramas, ofícios, etc., da extinta Delegacia Regional, 1917 a 1920. Foi passado pela autoridade policial de Crato para a vizinha cidade de Jardim:

"Delegado de Polícia — Jardim. Caso indivíduo José Gomes Lima (Lima e Sá), estatura acima regular, magro, pouco curvo, cor alva, cabelos pretos estirados, bigode pouco, 33 anos presumíveis, ultimamente boiadeiro, falando com língua grossa, boca mole, aí apareça pretendendo homislar-se sob proteção alguém nesse termo, vos recomendo toda a vigilância sentido descobri-lo efetuando sua captura. Mesmo indivíduo acusado um dos autores assassinio Coronel Delmiro Gouveia — José Pereira Melo, Delegado Polícia.

# "FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES"

DULCE CHACON

J. de Figueiredo Filho, o vitorioso autor da "História do Cariri", o autêntico cearense do Crato, onde leciona na Faculdade de Filosofia, jornalista e romancista, publica através da Imprensa Universitária do Ceará, excelente livro sobre os "Folguedos Infantis Caririenses".

Um interesse científico mais acentuado pela Criança no plano psicológico, com as naturais implicações do meio social, acelerou-se nos últimos anos.

Há um revolvimento profundo nas noções tradicionais e por vezes errôneas da Criança e do Adolescente. Mas, deste passado muita coisa permanece, embora sem perder o caráter de atualidade. O livro escrito pelo prof. J. de Figueiredo Filho torna-se, assim, indispensável para uma melhor compreensão da psicologia da criança do Nordeste. Soube traçar ao lado da parte lúcida a própria biografia, falando dos companheiros, das famílias amigas e aparentadas, do Crato, de sua infância feliz e despreocupada. Acompanhamos, passo a passo, a vida buliçosa e triunfante da criança, com indistigável admiração pela precisão e encanto das descrições.

As crianças nasceram para brincar, subir em árvores e em muro, tomar banho de rio, açude e no mar quando residem nas capitais do litoral, empinar papagaio, jogar castanha, pião, brigar em defesa do grupo, imitar os bandidos dos filmes.

Foram com êsses instantes deliciosos e fugazes que J. de Figueiredo Filho escreveu o livro. A medida que vamos lendo, va-

---

José Gomes Lima e Sá escapou à vigilância da polícia de Pernambuco e do Ceará, conseguindo escapular da fortaleza de pedras e serras, feudo de seu irmão — o povoado de Pamonha. Foi abrigar-se em Goiás, onde enriqueceu e construiu nova família, como afirma o mesmo Paulo Gernol, naquele artigo que saiu em "O POVO", em setembro de 1959. A polícia goiana ao receber denúncia do filho dêle, revoltado com maltratos recebidos em casa pela genitora, armou-lhe estratagemas de uma visita e matou-o traiçoeiramente. A notícia espalhou-se então pelo interior de Pernambuco e do Ceará. Assim finou-se um dos matadores de Delmiro, o criador de uma indústria nascente no Nordeste. Cumpriu-se novamente a sentença dos Evangelhos — "Quem com ferro fere, com ferro será ferido".



mos também descobrindo, aqui e ali, retalhos de nossa própria vida, quando fazíamos aquelas mesmas travessuras. Representa, além da revivência do passado, uma forte cristalina de informações sobre as brincadeiras infantis e através delas, as tradições, idéias, sentimentos, costumes e fantasias das crianças miúdas e taludas.

Alguns daqueles folguedos foram herdados dos antepassados, porém outros nos vieram de terras estrangeiras, como o papagaio. Todos eles, sejam ingênuos ou turbulentos, pesados ou graciosos como as brincadeiras de roda das meninas, nos põem em contato com a alma infantil, a mesma em todos os tempos e recantos do mundo.

Não deve haver dúvida, a criança das cavernas brincava com uma baladeira, primitiva como os seus sonhos.

No capítulo dedicado à "História de Trancoso", o autor frisa que "a civilização não conseguirá eliminar da criança o gosto pela fantasia": O maravilhoso sempre empolgou a imaginação irrequieta da criança que se caracteriza pelo amor à aventura, dando vida aos objetos inanimados e voz aos animais.

J. de Figueiredo Filho sabe valorizar o passado infantil num livro-documentário. Será apreciado pelos leitores ansiosos de um mergulho nas águas mais ou menos limpidas da meninice. Encontrará, então, não só um intérprete fiel como um defensor de nossas melhores tradições folclóricas, embora alguns dos folguedos hajam sofrido a influência dos tempos modernos, onde os heróis passaram a ser astronautas.

É agradável pensar que, enquanto houver crianças no mundo, mesmo entre as ameaças apavorantes das armas nucleares e as lutas mesquinhas entre os homens, não desaparecerão as bonecas, os brinquedos e os folguedos. A sua mensagem de beleza, de sonho e de poesia despertará sempre um sorriso de euforia na face angustiante da humanidade.

---

## **Do CORONEL OSVALDO TAVARES BEZERRA**

### **COLÉGIO MILITAR DO RECIFE**

Recife, 14 de Abril de 1968

Ilmo. Sr.

Dr. José de Figueiredo Filho :

Por intermédio de interessante e judicioso trabalho da brilhante professora Lourdinha Esmeraldo, inserido em o conceituado Semanário de nossa terra — Jornal "A AÇÃO" — tomei conhecimento de que o ilustre conterrâneo foi distinguido com o honroso e merecido acesso à ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS.

Por tal evento envia-lhe sinceras felicitações o conterrâneo

**OSVALDO TAVARES BEZERRA**

# Lôbo de Macêdo ou Macêdo Lôbo

(NOTAS DE FAMÍLIA)

JOARYVAR MACÊDO

Em "Reitor Martins Filho — Traços Biográficos e Genealógicos", publicação da Faculdade de Filosofia do Crato, de autoria de Dr. José de Figueiredo Filho e Pe. Antônio Gomes de Araújo, às páginas 18 e 19, o referido Pe. Gomes escreveu o seguinte:

"Quem com beneditina diligência consultar o arquivo paroquial do Icó, freguesia a cuja jurisdição pertenceu o Cariri até 1748, identificará na região, a presença do capitão José Paes Landim, alagoano da então vila dos Alagoas, fixada, já em 1731, no Engenho Santa Tereso, núcleo originário e sócio-econômico da família Landim na zona e ora integrado no município de Missão-Velha.

Fundador do referido Engenho, ou sítio de Santa Tereso, e filho do alferes Simão Rodrigues de Sousa e de sua mulher, Ursula Paes Landim, alagoanos da citada vila, aquele capitão da militação rural foi casado com Geralda Rabêlo Duarte, baiana de Itapicuru, filha legítima do português, de Vizeu, capitão Domingos Duarte e de sua mulher Ângela Paes Rabêlo, do mesmo Itapicuru.

Contemporâneo do dito capitão José Paes Landim neste Cariri e casado com Joana Fagundes da Silveira, baiana de Pambu, filho do português Manuel de Barros e Sousa e sua mulher Joana Fagundes da Silveira — o Sargento-mor Manuel Cruz Neves houve com a mesma Joana Fagundes da Silveira, entre outros, os seguintes filhos: Antônio (tenente), Marcelino, Eufrásia e Isabel da Cruz Neves, todos, baianos, de Pambu, casados sob estes céus.

Isabel da Cruz Neves casou-se com o capitão Domingos Paes Landim, caririense, sitiante no aludido Engenho de Santa Tereso e filho do mencionado capitão José Paes Landim e Geralda Rabêlo Duarte".

Filha do citado casal, capitão Domingos Paes Landim — Isabel da Cruz Neves, LEOCÁDIA PAES LANDIM convolou núpcias com o português JOAQUIM ANTÔNIO DE MACÊDO. Deste casal nasceu JOSÉ JOAQUIM DE MACÊDO que contraiu núpcias com ROSA PERPÉTUA DO SACRAMENTO, filha de Antônio Ferreira Lôbo e de Rita Perpétua.

Em descendentes de José Joaquim de Macêdo e Rosa Perpétua do Sacramento — casal responsável pelo entrelaçamento da família "MACÊDO" com a família "LÔBO" — encontramos, ora o sobrenome "Lôbo de Macêdo", ora o sobrenome "Macêdo Lôbo".

Foram filhos do casal José Joaquim de Macêdo - Rosa Perpétua do Sacramento, alguns deles com numerosíssima descendência, de que vai aqui um brevíssimo esboço :

- 1 — Manuel Joaquim de Macêdo — c.c. Ana Rita de Macêdo.  
Pais de :
  - a) — Rita Perpétua de Macêdo — c.c. João Ribeiro de Aguiar (Duca), dos quais são fi'hos :
    - Clotário Ribeiro de Macêdo — c.c. Etelvina Lôbo (Vinô) (V. 5 — a).
    - Cícero Macêdo — c.c. Blandina Lôbo. (V. 5 — a).
  - b) — Maria Perpétua de Macêdo (Marica) — c.c. Luis Inácio da Cunha que foi juiz seccionário em Crato. Pais de :
    - Pio Quintino de Macêdo — c.c. Vicência Carvalho de Macêdo, filha de José Lisardo. (V. 7 — a).
    - Laura Maria de Macêdo.
    - João Crisóstomo de Macêdo, pai de Eulina Macêdo, c.c. José Camilo Lôbo. (V. 5 — d).
    - Ester Maria de Macêdo.
    - Alcides Maria de Macêdo.
- 2 — Conrado Lôbo de Macêdo — c.c. uma sobrinha legítima — Juliana — filha de sua irmã Conana. (V. 7 — c). Pais de :
  - a) — Rosa Quintina de Macêdo — c.c. João Furtado de Menezes (Dandão), filho de José Furtado de Menezes e Maria Senhorinha de Macêdo (Mariquinha). (V. 9 — b).
  - b) — Antônio Conrado — Casado, sem descendência.
- 3 — Francisco Lôbo de Macêdo — Pai de José Joaquim de Macêdo (Cazuza), c.c. D. Chiquinha Sampaio, pais de :
  - a) — Brigadeiro José Macêdo.
  - b) — Dr. Otacilio Macêdo
  - c) — Corina Macêdo.
  - d) — Júlio Macêdo.  
Cazuza de Macêdo é avô do escritor Nertan Macêdo e do professor José Denizard Macêdo de Alcântara.
- 4 — Joaquim Antônio de Macêdo — Pai de Mariana, sogra de Henrique Ferreira Lôbo. (V. 5 — b).
- 5 — Rita — c.c. Antônio Ferreira Lôbo. Pais de :
  - a) — Cel. Raimundo Lôbo, pai de :
    - Lídia Letícia Lôbo que faleceu inupta.
    - Blandina Lôbo — c.c. Cícero Macêdo. (V. 1 — a).
    - Etelvina — c.c. Clotário Ribeiro de Macêdo. (V. 1— a).
    - Dr. Emídio Lôbo.

- Elói Lôbo — c.c. Mario Carvalho de Macêdo. (V. 7—o). São os pais do Dr. Geraldo Macêdo Lôbo.
  - b) — Henrique Ferreira Lôbo — que residiu e faleceu em Lavras da Mangabeira. Era casado com Messias, neta de Joaquim Antônio de Macêdo. (V. 4).
  - c) — Donana — faleceu inupta.
  - d) — Mariana — genitora de :
    - Camilo Francisco Lôbo, de quem são filhos, entre outros, José Camilo Lôbo, c.c. Eulina Macêdo Lôbo (V. 1—b); Fernando Lôbo, c.c. Mario Macêdo Lôbo, filha de João Crisóstomo de Macêdo (V. 1 — b).
    - Abel Lôbo.
    - Chiquinha—mãe de João Ferreira Lôbo (Joaquina Lôbo).
  - e) — Cota — mãe de Cícero Bezerra Lôbo que foi escrívão de órfãos, em Crato.
- 6 — Donana — que foi genitora de :
- a) — José Lisardo — c.c. Clódes Clotildes de Carvalho. Pais de :
    - Vicência Carvalho de Macêdo — c.c. Pio Quintino de Macêdo. (V. 1 — b).
    - Rosa Carvalho de Macêdo — c.c. João Crisóstomo de Macêdo. (V. 1 — b).
    - Maria Carvalho de Macêdo — Casada duas vêzes, a 1a. com Elói Lôbo. (V. 5 — a); a 2a. com Virgílio Xenofonte.
  - b) — Lino — que se casou com Rosa, filha de Antônio Lôbo de Macêdo. (V. 8). Não deixaram descendentes.
  - c) — Juliana c.c. seu tio Conrado Lôbo. (V. 2).
- 7 — Antônio Lôbo de Macêdo (Totônho) — que foi pai de uma filha única — Rosa — que se casou com Lino. (V. 7 — b).
- 8 — Mariquinha — que faleceu viuva e sem descendência.
- 9 — João Lôbo de Macêdo — que em 1866, fixou residência no município de Lavras da Mangabeira. Foi casado com Senhorinha de Mendonça Barros (Sinbara). Foram pais de 6 filhos .
- a) — Rosa Perpétua do Sacramento — que he casou por duas vêzes e teve 4 tilhos.
  - b) — Maria Senhorinha de Macêdo (Mariquinha) — c.c. José Furtado de Menezes, sendo pais de 14 filhos.
  - c) — José Joaquim de Maria Lôbo — que viveu, por muitos anos, em Juazeiro do Norte, onde se vinculou, pro-

# ASSUNTOS MUNICIPAIS

ULISSES VIANA

O jornalista J. de Figueiredo Filho, intelectual residente no Crato, foi eleito, recentemente, membro da Academia de Letras do Ceará. A escolha do confrade para ocupar a cadeira de Dolor Barreira, foi feita através de pleito movimentado, tendo votado contra a escolha do seu nome apenas um dos integrantes daquela Casa de Cultura nordestina.

Figueiredo Filho colabora em jornais e revistas do Brasil há cerca de 30 anos. É autor de vários livros, figurando preliminarmente, um romance de aspectos sociais do Nordeste (Renovação) e posteriormente "Memórias de um Farmacêutico", cujas edições foram totalmente esgotadas. Atualmente, o citado jornalista vem se dedicando ao cultivo da História do Cariri, região onde nasceu e à qual dedica os melhores momentos de sua existência. Livros didáticos de história da região foram igualmente escritos pelo Figueiredo com aquele mesmo entusiasmo de historiador apaixonado.

Os trabalhos assinados pelo escritor cearense vêm sendo divulgados, também, em revistas científicas, como, por exemplo: Revista Brasileira de Medicina e outras publicações farmacêuticas de renome nacional.

A posse do cuter de "Engenhos de Rapadura do Cariri", editado pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, foi realizado no dia 11 último. A escolha daquele confrade para ocupar cadeira na A. C. — constitui fato de larga repercussão nos círculos culturais do País, considerando-se o acervo de publicações oferecidas pelo jornalista, ao longo de mais de 30 anos de atividades literárias ininterruptas.

(Trecho de nota do Diário de Pernambuco 17-3-68)

---

fundamente, à história do Pe. Cícero. Era casado com Mariana Alves Bezerra. Deixou apenas duas filhas:

- Raimunda — que se fez beata do Pe. Cícero.
- Maria Glória — c.c. José Aires de Menezes.
- d) — Antônia Senhorinha de Macêdo (Totô) — casada, consecutivamente, com dois irmãos, José Tavares da Cruz e Luís Tavares da Cruz. Foi mãe de 9 filhos.
- e) — Idalina Senhorinha de Macêdo — c.c. Manuel Antônio da Costa Favela. Deixa em 5 filhos, entre eles, João Favela de Macêdo, avô paterno do Pe. José Edmilson de Macêdo.
- f) — Joaquim Lôbo de Macêdo — c.c. Maria Joaquina da Cruz. Foram genitores de 19 filhos, dentre os quais:
  - Antônio Lôbo de Macêdo, avô materno do Pe. Edmilson Macêdo.
  - Maria das Dôres de Macêdo, mãe do professor João Figueiros Lôbo.
  - Júlia Lôbo de Macêdo, c.c. o Industrial João Ludgero Sobreira, atual prefeito municipal de Lavras da Mangabeira.

# Aniversário da Cidade e Rotary Club

Abrimos espaço para publicar as palestras dos rotarianos, em rádios emissoras locais, por ocasião da Semana de Comemoração do aniversário da elevação de Crato à cidade, em outubro passado.

Foram trabalhos de RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES, GERALDO LOBO, J. DE FIGUEIREDO FILHO e ANTONIO CORREIA COELHO, obedecendo a programa organizado pelo ROTARY CLUB DO CRATO.

## EXALTAÇÃO AO CRATO

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Tôdo a exaltação à nobre cidade do Crato, nesta semana que o carinho dos seus filhos lhe consagra, parece-nos ainda pálida diante da grandeza do seu passado, da pujança do seu presente e da maravilhosa perspectiva do seu futuro.

Emoldurada em deslumbramento painel ao sopé fecundo da Serra do Araripe, entre farfalhantes canaviais, murmurosas fontes perenes e ondulantes morros, que vai galgando numa febre incontida de desenvolvimento, a Cidade Princesa planta-se nestes chãos longínquos do Nordeste como um oasis que retempera energias e desperta ânsia de caminhadas novas.

Desde longe é ela, assim, predestinada a destinos gloriosos.

Vem de 17, ainda mal saída do marco primordial do Miranda, essa linha de heroísmo e de ascensões, que a projeta, hoje, no cenário da Terra da Luz como líder inconteste em variados setores da atividade humana.

Sem alijar de todo o seu tradicional patrimônio a base econômica dos engenhos, hoje algo insegura, supre-a, retorca-a, solidifica-a através de modernas organizações industriais, que assinalam, na trajetória lenta, mas firme, ininterrupta do seu progresso, que Paulo Afonso veio acelerar, uma etapa nova de desenvolvimento promissor.

E em todos os sentidos.

Não só o lado material da vida preocupa a nossa urbs.

O dom de ver de longe e de ver bem, de ter perspectiva, de visar o futuro sem curtezas é herança que vem dos seus moires e que se transfere como fogo sagrado de geração em geração.

Ao lado do engenho, do eito, do curral, ergueu-se logo, ao pé de uma árvore legendária, numa colina de onde melhor se alcançam horizontes, o Seminário que seria a pedra fundamental desse edifício imponente que é nos nossos dias a cultura humanística do Crato.

Perto da bodega, do armazem, da venda, abriu-se a escola, para a riqueza da inteligência.

Os educandários se multiplicaram, a sementeira frutificou, e para as Escolas Superiores do País foram partindo cheios de idealismo os filhos da

terra, que dentro em pouco iriam pontificar, lá fóra, na Política, na Cate-dra, na Religião, nas fileiras do Exército, na Administração Pública, enfim nos variados setores da vida nacional, e são Senadores da República, Profes-sores, Bispos, Escritores, Generais, homens de negócio, tôda uma plêide gloriosa de valores que vai segurando e passando de mão em mão o facho sagrado, que já ilumina até as Reitorias, abrindo novos rumos, rasgando perspectivas novas e acenando já para o nosso justo contentamento com as promessas de uma Universidade regional.

Crato! Cidade inteligência, cidade cultura, cidade luz!

De manhã à noite os ruas se povoam e se agitam e se alegram com a algazarra contagiante sadia, entusiasta e boa da mocidade estudantil, que nos Ginásios, Colégios e nas Escolas Superiores vai preparando outros cam-inhos que o Crato há de percorrer nesta meta que se troçou de ser, ou de continuar a ser, na uniãode espirituai da Pátria, uma célula viva e não uma esperança morta.

Laborioso e folgazã, tôda a nossa gente se movimenta nas fábricas, nos estabelecimentos comerciais, nas Escolas, nos Clubes, nas Quadras de Sport e nas Piscinas, superlota os cinemas, aplaude, vibra com os Madrigais e exibições folclóricas e dá, num vai e vem constante, sacudindo, num pas-seio contínuo, uma nota alacre, uma clarinaada de alegria perene às nossas lindas praças e jardins, convertendo o Crato na cidade mais gostoso deste despresado mas querido interior cearense.

Crato histórica do passado, Crato autêntica do presente, Crato es-perança do futuro, não foi sem motivo o título de nobreza que te deram! Salve, Princesa do Cariri!

## NA SEMANA DE ANIVERSARIO DA CIDADE

### J. DE FIGUEIREDO FILHO

Há 14 anos, Crato celebrou, no meio das mais fulgurantes festas que aqui já ocorreram, o primeiro centenário de sua elevação à categoria de cidade, pela Resolução 628 de 17 de Outubro de 1853. Aliás, deve-se ao conterrâneo Reitor Antônio Martins Filho a correção do número da Lei, após buscas nos arquivos públicos, em 1953. Antes era erroneamente men-cionada como resolução 623.

Daquelas deslumbrantes festividades para cá, o progresso de nosso terra tem avultado cada dia mais, mesmo com as crises que nos afetaram ultimamente, tanto, de caráter regional, como acima de tudo, nacional. Na verdade, o organismo cambaleou um pouco, mas com a pujança de suas defesas naturais conseguiu recuperar-se e, de pouco a pouco, retoma o ritmo normal ou mesmo acelerado, de progredir. É que seu povo nunca soube o que fôsse esmorecimento. Está animado da ânsia incontida de vencer o futuro, em todos os setores de atividade humana.

Na realidade, Crato possui suas mazelas, mas estas marcham para ser curadas definitivamente, no mais breve espaço de tempo.



Fêz bem a nossa terra em firmar sua principal base de alicerce na educação e na cultura intelectual. Seu nome expande-se, com vigor, nos centros mais cultos do país. Sua economia atingida, em cheio, por vários factores negativos, paulatinamente começa a recuperar-se. Os insucessos serviram de lição proveitosa. A fase do inflacionismo da moeda, graças a Deus, está em vias de melhora. Ninguém pode mais inverter capitais em empreendimentos mirabolantes, confiando exclusivamente nos lucros mentirosos da desvalorização da moeda. Os investimentos hoje convergem para a agricultura, pecuária, ou indústria com base sólida. O aventureirismo passou.

Crato tem a virtude de fundir a experiência secular de seus heróis do passado com a iniciativa construtora da juventude de hoje. É cidade que tem profundas reservas morais. Olha para o seu brilhante passado apenas, a beber lições de civismo. Seu olhar firme e confiante é fixo exclusivamente no futuro.

Essa a razão de sua sobrevivência e perene rejuvenescimento através dos anos.

## M I S S Ã O D O M I R A N D A

G. L O B O

A Missão, o Aldeamento,  
Teve um sonho, um pensamento,  
Deve ser, um dia, Princesa  
De início, teve o carinho  
De bondoso capuchinho  
Amante da natureza.

Frei C. M. de Ferrara  
Lá da terra de Carrara,  
Junto à Nação Cariri,  
Com Cariús, Calabaças  
Icôzinhos, os três raças  
Incorporados aqui.

Os mais feros inimigos,  
Dificuldades, perigos  
Com bravura, ultrapassaram;  
Plantaram canaviais,  
Verdejantes mandiocais;  
Muitas riquezas criaram!...

Nas terras do Itaytera,  
Nesta eterna primavera,  
No século décimo oitavo,

No ano sessenta e três  
Diogo Lôbo, então fez  
Este Município, bravo.

Fértil no campo e no brejo!  
E trouxeram do Alentejo  
O nome que nos é grato  
Para batizar a terra  
Que tanta beleza encerra:  
O nosso adorado Crato!

Nas lutas da Independência  
Teve invulgar influência  
Foi de valor sem igual.  
Que grande patriotismo!  
Esta escola de civismo,  
Da liberdade é o fanal!

Um feito extraordinário!  
Na mais risonho cenário  
Transbordante de beleza  
Cantando suas vitórias,  
Tôda coberta de glórias,  
A Missão virou Princesa!

## C I D A D E I D E A L

CORREIA COELHO

Você conhece uma cidade atraente e hospitaleira onde "há lugar para tôdas as pessoas de boa vontade?"

Bonita, simpática e alegre é detentora de um dom especial de tornar mais sublime, deliciosa e feliz a vida das criaturas... "Quem já a viu não a esquece mais" — é letra do seu hino oficial, e na voz dos seus poeta e cantores populares, "o seu progresso é tradicional".

Nasceu bem longe do litoral para poder sentir melhor a força telúrica da grande Pátria, e ainda não cresceu demais para ser mais humana.

Seus verdejantes arredores, enfeitados e enriquecidos de serranias, morros, vales, fontes, clubes turísticos-recreativos e piscinas, transformam-na em como que mini-"cidade maravilhosa", cujas belezas naturais oferecem encantadora visão panorâmica aos olhos acostumados e causam deslumbramento àqueles que as descortinam pela primeira vez.

Na fulgurância de suas tradições, guarda ela um passado que fez história na história do Brasil, e sua gente conserva êsses heráldicos brasões como símbolos sagrados de sua civilização e do seu progresso.

Consoante as possibilidades e condições geo-econômicas em que se desenvolve, a heróica cidade coloca-se em posição de privilegiado destaque, em conquistando, na simplicidade de seus costumes e de suas normas, a vanguarda do progresso, desde o pioneirismo, à liderança.

E se nos cabe focalizar aqui algo de sua espiral desenvolvimentista, vamos dizer que, no campo da cultura, já ele evoluiu ao ponto de possuir duas escolas de ensino superior, em franco funcionamento e duas outras em fase de preparo, a curto prazo, situação esta que lhe oferece perspectiva de uma Universidade Regional. No aspecto econômico, galgou, judiciosamente, o posto de centro industrial mais expressivo do interior do Estado e, em relação ao panorama social, destaca-se, entre outras coisas boas, um parque médico-assistencial dos mais evoluídos entre os existentes na área interiorana nordestina.

Desde o começo que o seu povo é dominado pela vocação do progresso e, assim, ela nunca pára de crescer. Setenta e sete por cento, a taxa de aumento populacional entre os dois últimos recenseamentos. Novos bairros para tôdas as direções e novos planos de expansão surgem continuamente.

E as riquezas naturais do seu solo — pesquisadas e a pesquisar — já começam o despertar interesse e atrair possantes grupos empresários do sul brasileiro, infundindo-lhe uma outra perspectiva de novo e grande avanço do seu acentuado e tradicional progresso.

# REMINISCÊNCIAS

JESER DE OLIVEIRA

Para não tratar de assuntos, que poderiam ferir a suscetibilidade de alguém, entendi escrever "reminiscências" de coisas da década de 20 para 30 d'êste século. Já falei aqui neste cantinho de "ITAYTERA" de Soriano de Albuquerque, de Pedro Carmina e do Prof. José Felipe juntamente com o bondoso Néco Fogueteiro.

Os temas podem parecer banais, não para os ensaístas, que tiram seus motivos exatamente do folclorismo nacional.

Hoje, aparece, com agrado para os cratenses do "20" a "30", o gozado e inesquecível Henrique do "Pirua". Quem nesta época viveu no Crato forçosamente o conheceu e com êle se divertiu, que foi o D. Bibas desta Côte Velha indissolúvel e conservadora. Convenço-me que a beleza do Crato está muito no passado e muito pouco no presente. Compreende-se o artifício transitório da civilização de fchada: o snobismo depreciador. Mas, vamos ao Henrique, que é o assunto, e não causará polémica... Conheci-o já decadente pela idade e pela vida boêmia que levava. Magro, loiro, alto, travusco e de pele macilenta, tinha o aspecto de um eterno retirante. Morava bem alí no Brejo, mas era andêjo e irrequieto. Gostava dos meios movimentados e divertidos; era da prosa, característica da extroversão do seu espírito e razão de ser da sua vida.

A prosópia do Henrique me pareceu confusa. Pelo tipo, via-se que tinha origem nos "marinheiros" localizados na velha Icó e retirado pelas sêcas para a "beira-fresca" do Cariri. E' o que se poderá supôr. De mascates e bufarinheiros, quero crêr, veio Henrique, tangido pela fome para

---

Entre os grandes coisas que estão para lhe chegar, em curto e médio prazos — reforçando-lhe as prerrogativas de "polo de desenvolvimento" — destacam-se a Cerâmica Norguaçu, do poderoso grupo Mogi-Guaçu, de São Paulo; Caixa Econômica Federal; Agência do B. N. B. e de outros grandes bancos; escritório da CODEC-PUDINE e casas populares do B. N. H.

Pois a cidade a que ora nos referimos — muito amada e querida dos seus filhos e de sua gente, enaltecida e admirada por quantos a conhecem, reunindo tantas condições de prosperidade e adiantamento, possuidora de tantos recursos naturais e humanos, oferecendo tantas possibilidades para investimentos financeiros, caminhando, a passos largos, para os seus grandes e promissores destinos e, por fim, sendo o melhor lugar do mundo para se morar — chama-se CRATO!

as terras férteis do sopé da "Serra-Grande". Aqui, sem trabalho e por sua indole malandra, viveu.

Tenho notado que as raças fortes, até mesmo a judia, degeneram nos meios ricos de terras fecundas e abundantes. O árabe das escarpas graníticas e dos desertos estéreis cria para sobreviver tâmaras, limões dos oasis e pequenos rebanhos lanígeros. Vem para o Brasil (êste, sim, terra de Canaan) e pouco trabalha na terra de todos os climas e de todos os gêneros alimentícios, preferindo mascatear ou viver da exploração do juro no comércio ilegal da agiotagem abominável. Foi o que vi no Sul-da-Bahia, onde é grande a colônia de sírio-libaneses e árabes sauditas. Nosso Henrique, possivelmente originário da "Província-dos-Macacos" ou Terra-dos-Icós... tem sangue dos marinheiros, como eram conhecidos os portugueses residentes na primeira capital da Província do Ceará. Tinha a verve boca-grossa do galêgo analfabeto e desbocado. Cada expressão sua trazia ressaibos de graçolas de cozinha, isto é, fundamentalmente pornográfica. Ostentava contra os ricos abastados o recólque natural dos que não sabem ser pobres. Perambulando pela cidade, na qual se entranhou em corpo e alma, sendo, já então, parte integrante da mesma, parava diante dos grupos de pessoas da sociedade, que conversavam assuntos do dia. Irreverente e sem complexos intrometia-se na conversa, e, quando não o podia fazer, soltava dichotes ou agredia com pilhérias. Conta-se (e aí está D. Bibas) que certa ocasião, descendo a Rua Grande e naquele tempo a principal do Crato (hoje João Pessoa) ovistou de longe a famosa rodinha política da calçada do Cel. Antônio Luís Alves Pequeno. Esta roda funcionava à tarde na porta do estabelecimento comercial do coronel acima citado. Vem Henrique, sempre pelo meio da rua, ao aproximar-se da roda, parou. Todos silenciaram e êle num gesto muito seu, tossiu, levantando a cabeça e sem olhar para ninguém exclamou: só dois homens no Crato sustentavam o que diziam eram "seu" Maia do Monte Alegre e o Cel. Antônio Luís... e virando o polegar na direção da roda gritou: pai dêste. A gorgalhada foi tremenda e só o Cel. Alves Pequeno não riu.

Como sempre, cometeu o boêmio desbocado uma grave injustiça. É do consenso geral que o Cel. Antônio Luís Alves Pequeno fôra homem de bem, político prestigioso e acatado.

De outra feita, vem o Henrique, pela manhã, subindo a Rua do Fôgo (hoje Senador Pompeu). Negociava ali bem junto à Drogeria Pasteur o jardinense Manuel Alexandre de Sá Roriz, homem violento e de poucas conversas. Chega Henrique, em hora má, e no balcão do negociante, bem junto a êle, diz-lhe um "palavrão" de desrespeito a sua família. Alexandre, como era de esperar, despejou-lhe um metro de medir fazendas na cabeça. Foi bom remédio. Nunca mais o boêmio passou sequer pela calçada do Alexandre. É bom recordar o filósofo: "tudo no mundo é negativo

e só a dor é positiva"... Como, pois, esquecer a dor física ou moral?... Impossível.

Mais ainda o malandro temível, que foi Henrique, passava certa manhã na Praça S. Vicente (hoje Siqueira Campos) e de uma casa de moças vadias partiu um grito: Henrique da Pirua? Ora, êsse era justamente o apelido de que não gostava o boêmio e daí a resposta fulminante: Pirua cá, pirua lá, em tôda parte piruas há. As moças desapareceram das janelas e Henrique saiu triunfante e respeitado.

Ainda uma vez Henrique. Era costume no Crato antigo a passagem de boiadas pelas ruas, bois de engenho, quase sempre pela madrugada. Os chocalhos encantavam a garotada, mas o intendente (hoje prefeito) proibiu; que passassem pelos subúrbios da cidade. Henrique, irreverente sempre e figura do contra, fez reviver as madrugadas alegres da meninada. Noctívago de hábito e por officio, arranjou uma vara bem comprida e encheu de chocalhos de todos os tons. Noite alta e lá vai Henrique a sacudir frenéticamente esta vara a gritar o nome dos bois e o auxílio dos ajudantes para reconduzir a boiada a seu destino. Foi um espetáculo hilariante soido da imaginação de um semi-louco.

Chovia, certa vez, inverno tropical de arromba açude. A noite era escura e Henrique, como sempre, era o homem da noite e o fantasma das ruas sem iluminação do Crato antigo. Molhado, faminto, com cigarros molhados e sem fôgo para acendê-los... Era uma desgraça, e êle exclamava: estou mesmo que papai; no fim da vida, não enxergava mais nada ao anoitecer. Queria nêsse instante achar uma caixa-de-fósforo nem que fôsse vazia para eu poder fumar...

A última de Henrique e com esta êle desapareceu, dando por findo o seu justo orgulho de prestimoso "cidadão" cratense. Numa roda (era o tempo das rodas pre-ensaios de reuniões de avenidas) à porta da Alfaiataria Levy (Rua Grande) alguns moços bem dotados em haveres e posições sociais discutiam a possibilidade da fundação de uma sociedade filantrópica. O Crato daquele tempo, a não ser a Casa de Caridade (Pe. Ibiapina) não tinha assistência de nada. Pois bem, discutiam os moços a fundação de uma assistência ao menos dotados. Nêsse ínterim, chega Henrique e logo pergunta: de que se trata?... Não sabem vocês que nesta terra nada se faz sem minha opinião?... Vamos, digam logo. Por traço fala um: Henrique, cuidamos de fundar uma sociedade filantrópica. Ah... deu certo, respondeu êle, eu sou da trópica... trópica e agora mesmo estou precisando dela. Passa prá cá o meu, e esfregou o polegar no indicador um tempo sem fim. Foi êste o famoso Henrique da Pirua, boêmio incorrigível que o Crato da década de "20" a "30" conheceu e com êle muito se divertiu.

---

TIPOGRAFIA E PAPELARIA DO CARIRI

BARBALHA, 8 de Abril de 1968

Meu caro jornalista Figueiredo Filho

Quase de um fôlego li o seu interessante "Folguedos Infantis Caririenses", através de cujas páginas encantadoras voltei, por muitas vezes, aos meus bons tempos de criança que viveu a feliz infância das fazendas do município de Jardim e dos sítios do sopé do Chapada do Araripe do município de Porteiras.

Jamais imaginei que, de tema tão difícil, a sua privilegiada pena pudesse produzir tão preciosas jóias que são os capítulos do seu livro, sem dúvida, o mais interessante que a sua inteligência já nos legou.

No silêncio das minhas noites barbalhenses "devorei" as suas páginas com avidéz e por vezes me surpreendi às duas da madrugada sem que o percebesse. Às vêzes fechava os olhos e o livro e por instantes conseguia a sensação nunca d'antes tão realmente sentida de volver à infância cavalgando o meu covalo de pau de madeira nova lavrada! A sua descrição é tão fiel que, parece, foi o meu covalo de pau que o senhor retratou! Quando cheguei no fim do livro senti que ele deveria se ter prolongado por mais três vezes o seu volume.

Não sei de ninguém que possa descrever melhor o Cariri do que o senhor; só Humberto de Campos descrevendo a Miritiba da sua meninice. É que o senhor diz o que quer usando as expressões próprias do Cariri e do seu povo, sem perder a elegância da frase própria de intelectual. De duas uma: ou o homem comum do Cariri fala por suas palavras simples e autenticamente regionais, buriladas pelo seu cinzel de intelectual consumado e jornalista experimentado, ou é o intelectual nato que existe dentro do seu íntimo que toma a palavra do povo, dá-lhe ligeira tonalidade literária para lançá-la pela boca dos seus personagens dos inesquecíveis folguedos tão bem descritos. Verdadeira uma ou outra hipótese, quem lucra é o mundo intelectual do Cariri com o seu livro, retrato da infância caririense em perfil literário ou por outro lado, literatura da boca que, cansada de austeridade transmutou-se em menino e veio cavalgar o seu covalo de pau pelas estradas do Cariri.

Tudo o que fiz na minha meninice está no seu livro!

Era daquele mesmo jeito que quebrava o rabo do meu carneiro, e qual também esticava a corda fazendo força nas patas dianteiras para não entrar em casa!

A capemba de catolé, eu usei tanto que ela se gastava e o atrito com o solo chegava a estragar as minhas calças curtas de menino!

Afinal, sua descrição é tão perfeita que quem foi menino no Cariri se sente com sua meninice retratada nas páginas do seu livro que é folclore autêntico, mas é mais do que isto, porque também é devaneio, doce passatempo, saudade de tempos idos e vividos que jamais voltarão, a não ser assim de relance nas páginas do seu livro.

Faço votos a Deus pela sua saúde e longevidade para que o senhor continue em sua tarefa de melhor biógrafo do Cariri, da sua gente, do seu folclore e dos seus costumes.

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

# Monsenhor Silvano de Sousa

J. F. F.

CRATO — Na madrugada de 26 de Fevereiro, no Hospital São Lucas, em Juazeiro do Norte, faleceu quase nonagenário, o ilustre membro do clero cearense — Monsenhor Francisco Silvano de Sousa. Foi dos sacerdotes mais talentosos do Ceará, tendo militado na imprensa, no magistério e na oratória sacra. Autor dos livros "O GRANDE DESCONHECIDO", em torno da vida do sacerdote, e "DOM MELO", que é biografia do grande Bispo de Pelotas R. G. do Sul, filho do Crato, era Monsenhor Silvano um padre modelar, em tôdas as diversas facêtas de sua exemplar vida. Por três vêzes foi convidado a ocupar direção de Diocese, sempre sempre rejeitando, pela sua natural modéstia. Preencheu êle, com o máximo de proveito para os fiéis, cargos importantes nas Dioceses do Ceará, Crato e Pelotas, no Rio Grande, onde passou 40 anos de apostolado proveitoso, ao lado de D. Joaquim Ferreira de Melo. Ali deixou círculo de amizades. Tive a grande satisfação de privar de sua roda de amigos, quando estêve em Crato a dirigir cadeiras na Faculdade de Filosofia e no Colégio Diocesano.

Nasceu na vizinha cidade de Barbalha o 8 de Abril de 1879 e quase com 90 anos, recolhido à casa de sua irmã, Professora D. Josefa Leite de Sousa, escrevia com aprumo e com boa linguagem que o caracterizava. Pouco tempo antes de morrer, ainda me enviou bela colaboração para a próxima edição de "ITAYTERA", em Junho.

Há dois meses, mais ou menos, fui visitá-lo. Encontrei-o deitado, em cadeira "preguiçosa", imobilizado das pernas. Recebeu-me efusivo, sorridente. Muito conversámos em tôrno de nossa revista e dos acontecimentos nacionais e internacionais do momento.

Muito solícito e fiel nas amizades, logo que soube que, em Setembro último, eu iria viajar a Pôrto Alegre, mandou-me carta com recomendação especial ao seu antigo amigo, o atual Arcebispo do Rio Grande do Sul, agora em encargo de inteira confiança no Vaticano. Por excesso de trabalho, no Simpósio de História de Pôrto Alegre, lamentei não ter podido entregá-la.

Monsenhor Francisco Silvano de Sousa, na vida, só fêz espargir luzes em tôrno de si. Cumpriu, na íntegra, o apostolado que escolheu por inteira vacação. Todo o povo de Barbalha festejou, com efusão e festas deslumbrantes, seu 60.º aniversário de sacerdotado. Veio até Bispo do Rio Grande do Sul para aquelas justas homenagens.

Só a doença e os anos conseguiram impedir-lhe o trabalho cotidiano. Ainda continuou a assistir missas diárias, auxiliado em sua caminhada matutina por parentes e amigos dedicados. Seu exemplo de fé e coragem inspiravam admiração a todos que dêle se acercavam. Soube bem cumprir o seu dever e com êle a Igreja e o Ceará perderam ilustre e dedicado filho.



INDÚSTRIA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS

**G E S S I**

*Fabricação em escala Industrial  
dos mais AFAMADOS tipos de  
MACARRÃO e BISCOITOS em geral*

Preferidos pelo sabor e qualidade em  
todos os Estados do Nordeste Brasileiro

Rua Santos Dumont N. 12

FONE : 386 — Crato — Ce.

**Laboratório de Pesquisas Clínicas do Cariri**

Rua Santos Dumont, 21 — A

CRATO -- CEARÁ

**Drs:** Paulo Caetano Esmealdo  
Ana Lucia Lemos

Exames de: *Urina - Fezes*

*Bioquímica do Sangue*

*Bacteriologia em geral*

**Serviço de Transfusão de Sangue**

# IV Simpósio de História, em Pôrto Alegre

J. DE FIGUEIREDO FILHO

A Associação dos Professores Universitários de História, com sede em S. Paulo, realizou o IV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA em Pôrto Alegre, entre 3 a 8 de setembro do corrente ano. O tema escolhido para informações e debates foi em tórno da COLONIZAÇÃO e MIGRAÇÃO.

Compareci àquele importante certame, representando a Faculdade de Filosofia do Crato, na qualidade de professor de cadeira de história regional. Acabei por ser o único representante do Ceará, o mais longinquo estado a enviar simposista a reunião de historiadores da capital sul rio grandense. Foi esforço sobrehumano da Faculdade de Filosofia do Crato, com a cooperação eficiente o Instituto Cultural do Cariri, mandar-me ao Simpósio, da Semana da Pátria, em Pôrto Alegre.

Escolhi como roteiro de minha viagem o percurso mais barato: ida no pequeno avião da Varig, pinga-pinga, de Juazeiro do Norte a Belo Horizonte e transferência imediata para o ônibus de S. Paulo. Graças a Deus, havia o pouso reconfortante, na paulicéia, na casa de meu amigo, Dr. José de Siqueira Cavalcanti.

Accompanhado sempre de minha espôsa que anota tudo, no dia 2 de setembro tomei o ônibus da MINUANO e após 21 horas de percurso, chegava à metrópole gaúcha, em tarde de neblina. Na agência da MINUANO, grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos aguardava acolhedores. Tomamos logo contacto com a hospitalidade franca do gaúcho.

Hospedei-me no Hotel S. Luis, no Centro. Já à noite compareci ao salão de honra da Universidade Federal, sede do Simpósio de História dirigido pelo Prof. Dante Laytano, Prof. Euripedes Lemos de Paula, Professôra Alice Canabrava.

Senti imediatamente que estava em frente à reunião que iria preocupar-se, acima de tudo, de corpo e alma, com estudos sérios a cargo dos pesquisadores e técnicos especializados dos assuntos a serem abordados. Mais tarde, às oito horas, houve nota amena, com a exibição folclórica de um centro tradicionalista pôrto alegrense. Jovens, guapos, vestidos a gaúcha com enfeites de rendas, moças bonitas, coradas, graciosas; em trajes típicos vistosos, executaram conhecidas danças à moda do sul e cantaram canções regionais, acompanhadas com orquestra de acordeon e violão. O efeito é excelente e deveras nos empolga. Seu diretor ao saber que eu me dava a estudos de folclore, no Nordeste, passou a pedir-me impressões, tôdas as vezes que terminava um número.

Não deixava de elogiá-lo, mas não me escusava de acrescentar que aquilo, apesar de muito bonito, não representava o folclore propriamente dito. Era a estilização, com arte, de motivos folclóricos platinos, por jovens da sociedade portoalegrense, com muita elegância e graça. No Cariri cearense, sempre apresentávamos grupos genuinamente do povo, em seu primitivo folclórico. Duas professoras de Passo Fundo, companheiras de nossa mesa e sul-rio grandenses da gema, concordaram comigo e afirmaram até que a indumentária daqueles graciosos e elegantes pares procediam mais do Paraguai e Argentina do que mesmo da terra gauchesca. Danças, cantares tipicamente do vulgo conservam-se ainda, bem puras, nos ranchos de Passo Fundo e de outros municípios criadores do interior. A verdade, porém, é que a impressão que nos deixou, de tanta beleza, arte e mocidade, foi inesquecível, ficando-nos o desejo de que se prolongasse pela noite a dentro.

Dia 4 em diante, começou o trabalho duro e produtivo, com a apresentação de comunicações bem elaboradas, defendidas por sumidades em história. Após a leitura de qualquer tese, ou resumo oral, o simposista podia dar seu parecer por escrito. Terminada a colheita, cada qual defendia seu parecer, verbalmente. Em seguida o conferencista respondia a todas as arguições, sem intervenção de qualquer tréplica. Achei aquele sistema de uma ordem admirável, produtivo e sem a provocação de debates acalorados, muitas vezes estereis.

O temário — COLONIZAÇÃO E MIGRAÇÃO foi revirado, não só no Brasil como do exterior, tanto no passado, como no presente.

Vejams alguns temas: Colonização Judaica Moderna na Palestina, Jaime Pinsky; Migrações e Movimentos Migratórios em Santa Catarina, Walter Piazza; Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul; os Açorinos, Dante de Laytano; Colonização Romana na Dácia e no Baixo Danúbio, Maria da Glória Alves Portal; Imigração Coreana no Japão, desde as origens até o século VIII e Sua Influência Sobre a Cultura japonesa, Ricardo Maria Gonçalves, e assim por diante.

Como fui me meter em intrincado de assuntos desses, eu filho de um Estado que fornece emigrantes para o sul, ou para o norte, e há séculos não recebe imigração externa ?

Li, naquele auditório de sumidades, cultores de História e de alunos universitários, ansiosos por ouvir a cultura de mestres, a minha comunicação, em linguagem simples e filha da observação direta — SÓBREVIVÊNCIA PORTUGUESA NO CARIRI CEARENSE. Não fui mal recebido, pois, todos os pareceres me foram favoráveis. O tema regional parecia ser o mais estranho naquele meio erudito. Mas, graças a Deus, despertou interesse. Todos ansiavam saber o que se passa na âmago do Nordeste.

A moção que apresentei — HISTÓRIA REGIONAL NO ENSINO UNIVERSITÁRIO, foi calorosamente aplaudida e sairá, em seu teor, nos próximos Anais do SIMPÓSIO. Ainda fui eleito para o CONSELHO CONSULTIVO da ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA. É entidade que se estende pelo Brasil afora e que precisa criar núcleo em cada Estado. É a menina dos olhos da exímia pesquisadora de História — D. Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula. Constitui um imperativo do momento para o professor de HISTÓRIA nas Universidades. Quando a Professora Maria Regina pede, com um sorriso de bondade a aflorar-lhe nos lábios, exerce pressão mais segura do que a ordem de qualquer ditador.

As múltiplas atividades do Simpósio de História de Pôrto Alegre, foram tão absorventes que, com dificuldade, arranjam os ônibus da Universidade para desvendar suas belezas escondidas pela garôa. Avaliem como as belas perspectivas daquela capital escondidas então não são encantadores, tôdas banhadas pelo sol. Só no dia 7, para provar seu inato patriotismo, cobriu-se de luz. Em certo trecho, ainda a vi bem radiante.

Na capital gaúcha há atrativos incluíveis. Seu filho é presentemente alegre e hospitaleiro, come-se e bebe-se ainda melhor a preço baratíssimo e seu serviço de táxis eficiente, é o que cobra menos em todo o Brasil.

Naquela capital sulina, cheia de sortilégios, deparei-me com primo legítimo de meu pai, quase irmão. Seu nome e sobrenome muito se assemelham aos meus — José Antônio de Figueiredo Filho formado em medicina, com numerosa família gaúcha. Saiu de Crato antes de meu nascimento. Ultrapassou a casa dos oitenta e não possui uma única ruga sequer. Almocei com êle e familiares em sua data aniversitária, a sete de setembro. Eu e Zuleika fomos recebidos com o clássico chimarrão, a entrada da sala. Vi parte da família Figueiredo, gaúcha reunida ali, naquela sala de alegria ruidosa, sincretismo da hospitalidade cearense com a do Rio Grande do Sul. Há outros espalhados pelo Estado todo, vindos do General Bernardo de Figueiredo e do médico Dr. Alboino de Figueiredo. José Antônio de Figueiredo Filho, que é jornalista. Seus filhos convidaram-me a ficar com êles algum tempo, a fim de visitar os parentes sul-rio-grandenses. Assim, ainda hoje estaria naqueles pagos onde "Figueiredo", do Ceará, procedente do Rio Grande do Norte, junta-se agora a vários sobrenomes de origem espanhola, italiana, e alemã.

Vale a pena a gente conhecer esse pedaço bem brasileiro de nosso país, o Rio Grande do Sul. A verdade é que o retorno é sempre cheio de saudades imorredouras.

Crato, setembro de 1967.

"UNITÁRIO" — Fortaleza — 8-10-67.

 **O Pequeno** 

 **Príncipe**

ROUPAS FINAS

PARA CRIANÇAS

Rua Dr. João Pessoa N.º 89 - 1.º Andar

Crato

—

Ceará

**MORAIS AUTO PEÇAS**

*de Luiz Barrêto de Morais*

PEÇAS PARA:

FORD

F. N. M.

WILLYS

MERCEDES

CHEVROLET

ACCESSÓRIOS EM GERAL

Rua Mons. Esmeraldo, 160 - c/ Tristão Gonçalves, 59

**OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA - PRESTEZA NO ATENDIMENTO**

*TRADIÇÃO NA VENDA DOS MELHORES PRODUTOS*

# Desembargador Arnaldo de Alencar Araripe

ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

Ao regressar do interior, nos primeiros dias do mês em curso, encontrei na correspondência recebida amistosa carta que, com a data de 28 de junho, me dirigiu o prezadíssimo parente e amigo, cujo nome está acima expresso.

Da missiva em aprêço constam as seguintes referências a propósito dos artigos que escrevi para O POVO sobre "Um Herói e uma Heroína de Crato", e "Vencimentos da Magistratura".

"Não preciso dizer quanto aplaudo a sua nobre atitude de realçar os efeitos e os fatos relativos à nossa família.

Se é verdade que na atualidade está desaparecendo esse culto ao passado e se obliterando o sentimento de família, não seremos nós que devemos concorrer para isso. E acredito que no Norte esse sentimento ainda se conserva mais vivo que no Sul.

Meu pai, que serviu em S. Paulo, teve ocasião de conhecer o major Carolino, quando tabelião em Jundiá. No Império, os cartórios eram dados como prêmio aos que se haviam distinguido na guerra do Paraguai".

"Com relação aos vencimentos da magistratura, chefei, nos oito meses em que exerci a presidência do Tribunal, uma campanha cujo êxito ainda tive o prazer de ver realizado. Folgo em verificar que os meus colegas me fazem a justiça de reconhecer o meu esforço".

A alusão ao convite feito para uma visita ao Ceará ali se acha redigida nos seguintes termos :

"Muito lhe agradeço o oferecimento de hospedagem na sua residência amiga. A minha saúde não tem estado tão boa como eu desejaria, pois continuo com crises anginosas, causadas pela usura do motor cardíaco. Se eu melhorar de saúde, é intento nosso (a minha mulher é filha de Fortaleza) rever a terra dos verdes mares bravios".

Ainda me achava sob o influxo de tão agradável correspondência familiar, quando fui surpreendido com a desoladora notícia de que seu autor deixara de viver. Perde a magistratura brasileira, com o falecimento do Desembargador Arnaldo, que até há pouco presidia o Tribunal de Justiça de Minas, uma das suas mais eminentes e prestigiosas figuras.

Definindo-lhe a personalidade de "íntegro juiz", lidima expressão da magistratura montanhêsa", o jornal "O Muzambinho",

da cidade mineira dêste nome, edição de 3 de janeiro de 1940, quando então ali exercia a função de Juiz e Direito da Comarca, assim traçou sua biografia :

"Natural da capital do vizinho Estado de São Paulo, mas residente há muitos anos na terra montanhêsa, à qual tem prestado relevantes serviços, o dr. Arnaldo descende de uma ilustre estirpe, que tem dado ao Brasil cidadãos de elevada estatura moral, cultos, inteligentes, nobres e patriotas.

Filho do General Tristão de Araripe, formou-se em 1916 na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido logo após nomeado Delegado de Polícia da lendária cidade de Estrela do Sul, e, sucessivamente, de Uberaba e de Pomba, deixando, em todas elas, uma grande tradição de cultura e de honradez.

Exerceu, depois, com muito brilho, os cargos de Juiz Municipal das Comarcas de Prata e Aguas Virtuosas, e de Juiz de Direito de Patos, Lambari e Muzambinho, onde entrou em exercício a 24 de setembro de 1938.

Juiz honesto, verdadeiro escravo da lei, que cumpre e faz cumprir rigorosamente, o dr. Arnaldo é o tipo perfeito do magistrado competente, probo, cuja conduta retilinea constitui uma garantia para os direitos individuais de seus jurisdicionados.

Homem trabalhador e culto, já prestou s. excia. ao Estado, em outros setores, inestimáveis serviços, tendo sido notável sua atuação como Chefe de Polícia no Governo Melo Viana.

Cidadão de atitudes elegantes e de aprimorada educação, o dr. Arnaldo é um "gentleman", cuja figura impressiva sobressai e se destaca no nosso meio social".

O desembargador Arnaldo e sua mulher, dona Arinda de Alencar Araripe, cearense, procedem por via paterna, da mesma família cujo sobrenome adotam: êle descende do General Tristão Araripe, ex-Prefeito do Acre, cujo pai, Delencardiense, falecido no Espírito Santo, era um dos filhos de Tristão Gonçalves, o mártir republicano; ela tem como progenitor o brilhante e valente oficial do Exército Tristão Sucupira de Alencar Araripe, morto na luta de Canudos, em Cororobó, com a patente de Tenente-Coronel, casado com Zelinda Kely de Alencar Araripe e filho, por sua vez, de Neutel Norston, outro descendente do malogrado e citado Presidente da República do Equador.

O General Tristão, acima indicado, é irmão do engenheiro civil Túlio, que tem filho sobrevivente com aquêle mesmo nome de família — MARECHAL E MINISTRO APOSENTADO DO SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR, TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

Do casal constituído pelos primos — Arnaldo e Arinda —



## "ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE"

Florival Seraine é dos maiores folcloristas do norte do país. É munido de cultura sólida e tem representado o Ceará em diversos conclave folclóricos nacionais e internacionais, com o máximo de brilhantismo.

Por esforço de vontade, sem ajuda, lançou recentemente a "ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE" composto e impresso na EDITORA HENRIQUETA GALENO Ltda. — Fortaleza.

O Ceará, dos estados picneiros em brasilidade, ocupa lugar de destaque nos estudos de folclore do país. Sua cultura popular é vastíssima e multiplicam-se os seus pesquisadores. Nomes importantes ao mundo intelectual brasileiro dedicaram-se ao folclore, a exemplo de José de Alencar, Gustavo Barroso, Leonardo Mota e outros.

Florival Seraine, homem culto, médico de nomeada, escritor de projeção, reuniu e comentou, com proficiência, trechos principais dos mais destacados folcloristas cearenses, em volume bem concatenado. É obra que há muito deveríamos ter, não sendo mais extensa pelos recursos financeiros que lhe faltaram.

Disse no prefácio, logo de início :

"Ao organizar esta Antologia do Folclore Cearense objetivou-se, sobretudo, prestar homenagem aos escritores regionais que se dedicaram ou estão a dedicar atenção aos fatos da vida cultural do nosso povo.

Adotou-se como critério básico para as transcrições o sentido mais ou menos acurado da especialização folclórica, que revelam, por certo, os estudos e pesquisas de onde se recolheram os trechos apresentados'.

A ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE mostra que o Ceará pode ombrear-se, sem qualquer desdouro, com todo e qualquer outro grande estado, no tocante à cultura emanada, espontânea do povo simples. Foram focalizados os seguintes autores: José de Alencar, Guilherme Studart, Rodrigues de Carvalho, Júlio C. Monteiro, João Nogueira, Gustavo Barroso, Leonardo Mota, Martins de Aguiar, Josa Magalhães, Gastão Justa, Osvaldo de Aguiar, J. de Figueiredo Filho, Florival Seraine, Francisco Alves de Andrade, Mario Baratta, Suzana Célia de Carvalho Langer, Cândida Galeno, Eduardo Campos e C. Nery Camello.

---

nasceram dois filhos: Luis, Tenente Coronel do Exército, oficial com todos os cursos, tido geralmente, por seus superiores hierárquicos, como de grande valor, e Célia, casada em Minas com Marcelo, filho do dr. Theodomiro Santiago.

Fazendo êsse registro do mui sentido desaparecimento de magistrado de tão altos méritos e de parente e amigo a quem tanto queria e admirava por seus dotes superiores de inteligência, caráter e bondade, aqui deixo consignada minha saudosa lembrança de sua imperecível memória.

## FUTURO

f. assis de sousa lima

AGORA

A ESCURA ABÓBADA

ERA A REALIDADE PRESENTE

E O HOMEM TRADUZIU O PENSAMENTO:

ASTRONAUTAS SURPREENDIDOS PELO EQUÍVOCO

(ERAS CIBERNÉTICAS EM VÃO)

MÁQUINAS POSSANTES PÁLIDAS IMÓVEIS

GAGÁRINS AVULSOS INÚTILMENTE ATEISADOS.

LUA LUA LUA

DE TODOS OS TAMANHOS E

EM TÓDAS AS DIREÇÕES

NA NOITE DOS SILENTES ESPETÁCULOS CÓSMICOS.

O FUTURO FUTURO

AS CANÇÕES FUTURAS

OS FUTUROS MITOS

AS LUAS FUTURAS

OS HOMENS FUTUROS

AS LÁGRIMAS OS TEMAS

MESCLADOS DE NUCLEAR CANDURA...

HOJE EU VI UMA CRIANÇA CHORANDO PELA LUA.

NA LÁGRIMA

EROTAVA UM CANTO FUTURISTA

TAL O GEMIDO DE UM COMPUTADOR.

ACHAREIS ALGUM MOTIVO PARA CANTAR ?

---

## TEU SONETO

G. L O B O

PEDIRAM-ME UM SONETO DE IMPROVISO

E EU RESPONDI: CADE A INSPIRAÇÃO ?

PARA VERSOS FAZER, SEMPRE É PRECISO:

SENTIMENTO, MOTIVO OU EMOÇÃO :

"E, FALAR SOBRE O QUÊ ? SOBRE UM SORRISO,

UMA SAUDADE ATROZ, UMA PAIXÃO ?

INSPIRAÇÃO ALGUMA NÃO DIVISO,

MEU PENSAMENTO ESTÁ VAGANDO, EM VÃO"...

DISSERAM-ME DEPOIS — "NÃO FALTA ASSUNTO;

SEI QUE, DE AMOR, MUITOS DISSERAM MUITO,

MAS, INDA HÁ MUITA COISA POR DIZER"...

ENTÃO, MANIFESTANDO MEU DESEJO,

EU DISSE — "VEM BONECA, DÁ-ME UM BEIJO.

E O TEU SONETO, AGORA, VOU FAZER" !

## FOLGUEDOS INFANTIS

ÂNGELA DELOUCHE

Vice-diretor da Faculdade de Filosofia Federal do Ceará, o prof. J. de Figueiredo Filho é também um apaixonado pelo nosso folclore, já contando, em sua bagagem de escritor com o estudo intitulado "Músicas de Couro do Cariri" em 1951 e em 1962 com "O Folclore no Cariri" dá-nos agora "Folguedos Infantis Caririenses" onde relata as brincadeiras de meninos e de meninas de antigamente, no seu tempo de criança, quando a cidade era uma pequena ilha, com ruas de nomes sugestivos e não impostos por decretos e afixações em chapas esmaltadas, mas obedeciam tão somente a fatos circunstanciais.

Das brincadeiras que relata é interessantíssima a dos cacos de louça, cacos esses que funcionavam, entre os meninos do seu grupo e de outros da cidade, como dinheiro. Santinhos, folhetos e outros objetos eram vendidos a trôco de cacos de louça. Mas, atenção, tinha de ser de louça florida. Os meninos desprezavam os cacos brancos, em que não aparecia nada. O local dos achados, era, evidentemente, o lixo, onde as donas-de-casa e as empregadas jogam o prato ou terrina, bule ou xícara quebrada. Para desespêro das mães viviam eles, os meninos, e no meio deles o prof. J. de Figueiredo Filho, no lixo, à beira de um riacho na procura dos cacos floridos. Imagine-se a alegria de um desses garotos quando em casa deles alguém quebrava uma peça de louça tãda florida. E isso, antigamente, era muito comum. Lembro-me, ao ler deliciada esse trecho do livro, de "Brinquedo Proibido", o grande filme francês em que as crianças brincavam de cemitério de animais, roubando cruzeiros para dar autenticidade ao brinquedo. Cada peça quebrada e ajuntada em cacos tornava, da noite para o dia, o seu proprietário rico e ele saía "snobando" com os bolsos recheados, tilintando, entre os amigos.

Interessante registrar a brincadeira de João Galamarte, de origem catalã: "El Gronxador". Eis em que consiste: "Pegava-se uma banda ou lasca de carnaúba, plainava-se por dentro, tinham-se os nós que havia por fora e no centro abria-se buraco a formão e a fogo. Feito isso enfincava-se um pau preparado no chão. Estava pronto o galamarte. Os meninos montavam nas duas extremidades e começavam a rodar. Para que o galamarte cantasse (à maneira dos carros de bois nordestinos) usava-se sêbo, carvão e gós. Havia um versinho que dizia:

JOÃO GALAMARTE  
DE PAU E COLHER  
QUE VENDEU A MULHER  
POR UM DEDO DE MEL".

O autor junta aos versos a pauta musical, não somente para o

## “NORMAS GERAIS DO DIREITO TRIBUTÁRIO”

Dos grandes lançamentos da LIVRARIA RENASCENÇA, de Fortaleza, foi o livro de CLAUDIO MARTINS — “NORMAS GERAIS DO DIREITO TRIBUTÁRIO”. Ocorreu no presente ano e a magnífica obra é edição esmerada da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ. O Autor, Mestre do Direito, professor da Escola de Comércio Padre Champagnat e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Ceará, é filho do Cariri da cidade de Barbalha. Como os seus irmãos — os intelectuais — Reitor Antônio Martins Filho, Fran Martins, José Martins d'Alvarez, residiu e fez os primeiros estudos nesta cidade.

O trabalho é metódico, bem escrito e é contribuição valiosa para todos que precisam abeberar-se em conhecimentos dessa importante parte do direito.

No Brasil e no Estado, as complicações fiscais são constantes, sem que exista orientação segura ao alcance do contribuinte e mesmo dos funcionários de repartições arrecadadoras. O livro de Cláudio Martins, metódico, escrito em linguagem clara, veio preencher essa lacuna.

No findar de sua apresentação, na orelha de “NORMAS GERAIS DE DIREITO TRIBUTÁRIO”, diz muito bem o escritor Raimundo Girão:

“Fê-lo consciente do trabalho que realizou e na convicção de estar oferecendo aos cultores e aplicadores do Direito Tributário brasileiro ótimas achegas, reclamadas pela necessidade, cada dia maior, de ser a tributação geral modelada a normas e regras de caráter técnico-científico e não mero jogo de textos às vészes interpretados absurdamente e outras vészes executados injustamente e vexatariamente por um fisco autoritário, que hora a hora perde o ranço de seu absolutismo”.

“NORMAS GERAIS DE DIREITO TRIBUTÁRIO” é uma obra de inteiro mérito que honra, sobremodo, a cultura especializada do Ceará e mesmo do Nordeste.

---

golamarte como para diversas danças de rodas de meninas, de origem européia como “As Filhas da La Condessa”, “A Senhora Viúva” entre outras com versões já modificadas e regionais.

O Crato tem uma fabricação própria de bonecas, de cabelos de algodão de barriguda, circunstância que faz com que as bruxas de pano sejam tôdas louras, bem ao contrário das mãozinhas infantis, moreninhas e tostadas que com elas brincam de mãe-de-família.

A dança de roda que em Pernambuco é cantada com “de maré, maré, maré”, no Cariri é “demavé” e o autor baseia sua origem na ciranda francesa que diz assim:

“Je suis pauvre, pauvre, pauvre

Je m'en vais, m'en vais

Je suis pauvre, pauvre, pauvre

Je m'en vais d'ici” que originou o “mavé docê”.

“Jornal do Comércio”, Recife, 17-3-68

**I N S T I T U T O   D O   C E A R Á**  
FUNDADO EM 4 DE MARÇO DE 1887  
Rua Barão do Rio Branco N.º 1.594 — Fortaleza - Ceará - Brasil

---

Fortaleza (Ceará), em 12 de março de 1968  
Ao Sr. Dr. JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO  
CRATO — Ceará.

O INSTITUTO DO CEARÁ tem a honra de trazer ao conhecimento de V. Sa. que, em sessão de 4 de março corrente, foi eleita e empossada a sua nova Diretoria, para o biênio 1968/1969, e que ficou assim constituída:

- Presidente** — Gen. Prof. Dr. Carlos Studart Filho  
**Vice-Presidente** — Prof. Dr. Renato de Almeida Braga  
**1.º Secretário** — Cel. Prof. José Aurélio Saraiva Câmara  
**2.º Secretário** — Prof. Dr. João Hipólito Campos de Oliveira  
**1.º Tesoureiro** — Com. Dr. Luís Cavalcante Supupira  
**2.º Tesoureiro** — Dr. Florival Seraine  
**Oradores** — Ministro Mozart Soriano Aderaldo e Prof. Hugo Catunda

**Conselho Superior**

Prof. MARTINZ DE AGUIAR  
Mons. Dr. MISAEL GOMES  
Prof. Dr. ANTÔNIO MARTINS FILHO  
Dr. FERNANDES TÁVORA  
Desor. BOANERGES FACÓ  
Prof. Dr. JOÃO BATISTA SARAIVA LEÃO

**Comissão de Antropologia**

Gen. CARLOS STUDART FILHO  
Dr. DJACIR MENEZES  
Dr. JÓSA MAGALHÃES  
Dr. FLORIVAL SERAINE  
Dr. MANUEL EDUARDO CAMPOS

**Comissão de História**

Cel. JOSÉ AURÉLIO SARAIVA CÂMARA  
Dr. CLODOALDO PINTO  
Dr. RAIMUNDO GIRÃO  
Dr. JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA  
Dr. HUGO CATUNDA

**Comissão de Geografia**

Dr. RENATO DE ALMEIDA BRAGA  
Dr. PLÁCIDO ADERALDO CASTELO  
Dr. FRANCISCO ALVES DE ANDRADE  
Dr. PAULO BONAVIDES  
Dr. JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLIVEIRA

Atenciosas saudações  
JOSÉ AURÉLIO SARAIVA CÂMARA  
1.º Secretário

## HOSPITAL DE SÃO FRANCISCO --- RELATÓRIO DE 1967

O Hospital de S. Francisco é das maiores organizações hospitalares do Nordeste Brasileiro. Seu campo de ação compreende vasta zona, não só do Cariri, como de municípios dos vizinhos Estados. Possui excelente corpo médico e, em matéria de cirurgia, está tão adiantado, quanto qualquer centro evoluído do país. Seu provedor é o Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, dos vultos de maior iniciativa de Crato. Sua direção é segura, eficiente, progressista e pautada na maior lisura possível.

Dispõe o Hospital de S. Francisco de vários sectores de atividade, cada qual a mais proveitosa: o Hospital Geral, Ambulatório, Banco de Sangue, Hospital Infantil, Posto de Puericultura, Lactário, Caixa Mortuária e Serviços Religiosos.

A estatística que Monsenhor espõe no RELATÓRIO DE 1967 é de causar admiração a todos, como se pode fazer tanta coisa com relativamente tão pouco. Tudo isso é porque as subvenções são aplicadas com o mais perfeito critério. O Hospital de S. Francisco de Assis é das instituições que mais enchem de orgulho a cidade de Crato.

Transcrevemos apenas o trecho do Relatório que fala no corpo médico daquele nosocômio, como preito de admiração à tão abnegada classe:

A equipe médica que trabalha, no Hospital S. Francisco, sóbre ser a mais seleta e competente do Cariri, desfrutando de plena receptividade do público, exerce a profissão abnegadamente, junto à clientela pobre, abrigada nas enfermarias e no ambulatório.

**DIREÇÃO TÉCNICA:** — Dr. Fábio Pinheiro Esmeraldo, Diretor  
Dr. Mauricio Monteiro Teles, Vice-Diretor

**CORPO MÉDICO:** — Dr. Antônio Macário de Brito, Dr. Eldon Gutemberg Cariri, Dr. Eberth Fernandes Teles, Dr. José Ulisses Peixoto, Dr. Humberto Macário de Brito, Dr. Raimundo Tarcisio Pierre, Dr. Eligio de Figueiredo Abath, Dr. Egberto Esmeraldo, Dr. Hugo Esmeraldo Barreto, Dr. Antônio Valdir de Oliveira e Dr. Paulo Cartaxo Esmeraldo, analista.

**ODONTÓLOGOS:** — Dr. José Nilo Alves de Sousa, Dr. José Ailton Esmeraldo e Dra. Maria Ângela Cordeiro.

---

**TIPOGRAFIA E PAPELARIA DO CARIRI**  
Crato — Rua Dr. João Pessoa N.º 112 — Ceará

## TEMA POÉTICO DO HOMEM ESPEZINHADO PELO SÉCULO E PELA MÁQUINA ABSORVENTES

M. PATRICIO DE AQUINO

*Estas máquinas trituram-me os ossos!  
Que barulho infernal! Ensurdeço!  
Deus, enlouqueço!!!  
Livra-me destes monstros  
— quero ar,  
Preciso respirar!...  
Basta! Basta! CHEEEEGA!!!  
Já não suporto o péso,  
Estou citiado, indefeso —  
tirem-me da cabeça estes pilastras de cimento-armado!  
E este asfalto sob os meus pés, negro e quente,  
Esta luz sobre mim, pestanejante, insistente,  
Estas buzinas,  
Freios,  
Jornais de crimes feios,  
Horrorosos, horrendos, horripilantes.  
Livros sobre muro de Berlim revistas e tê-vê  
Teatros, cinemas, clubes — iê-iê-iê!...  
Basta! de tanto grito, tanto tiro, tanta guerra!  
Quero trevas, repouso, silêncio, solidão,  
Presença da Natureza, Amor, Paz, Contemplação  
— quero a liberdade,  
A liberdade de Viver,  
A liberdade de Ser  
(homem, não pedaço de ferro!).  
Não mais suporto falar-se de planêtas,  
Satêlites, teleguiados, Lua, Marte, cometas.  
De desintegração do átomo, Binômio de Newton Relatividade  
(enfim, do homem - Matemática - Física - Química - Biologia —...)  
Sim, sou de células, sei,  
Tenho protoplasma e vida,  
Movo-me, tenho senso, função definida,  
Tenho origem estipulada;  
Sei de onde vim um dia  
E para onde irei sem nostalgia  
(estático, emudecido, de olhos fechados e também  
sem qualquer animação e sentimento)  
Quando passar minha estada aqui.  
Mas quero ser homem!  
Animal.  
Racional.  
Sim, homem! — não ferro, não bronze, estroncio prata  
— homem, animal — não mineral!..*

---

*Morram todos os que brigam no Viet-Nam!*



HORA MATINAL

## AO PRIMO JOSÉ ANTÔNIO DE FIGUEIREDO FILHO

José Alves de Figueiredo

DESPRENDEM NA FLORESTA SEUS CANTARES,  
QUANDO DA AURORA O RUBRO VEM SURGINDO,  
AVES QUE, DESPERTAM VÃO FERINDO  
O VASTO ESPAÇO AZUL, EM LINDOS PARES.

EVOLAM-SE PERFUMES PELOS ARES  
DE PULCRAS ROSAS E CENCENS ABRINDO  
E SOBEM QUEIXAS PELO ESPAÇO INFINDO  
DO REGATO SERPEANDO NOS PALMARES

DE RISOS E PRAZERES É O MOMENTO,  
E EU ME SINTO NO MÓR ISOLAMENTO,  
INDA QUE JUNTO À ALEGRE TUREA ESTEJA !

UM RAIOS DE ALEGRIA NÃO LAMPEJA  
NUM PEITO TRISTE, QUE SÓMENTE ALMEJA  
DA SOLIDÃO A PAZ, QUE É SEU CONTENTO.

Crato, 1904

Em velho caderno, encontrei esse soneto de meu pai, escrito em 1904, ano em que nasci. É dedicado a meu homônimo José Antônio de Figueiredo Filho que, antes mesmo de meu nascimento, emigrou para o Rio Grande do Sul, a chamado de seu irmão Dr. Alboino de Figueiredo. Lá cresceu, empregou-se, estudou e formou-se em medicina. Casou-se, tem numerosa descendência e fincou-se definitivamente em terras gaúchas. Também se enveredou pelas lides literárias e assinava simplesmente — FIGUEIREDO FILHO.

Tive a satisfação de encontrá-lo, em Setembro de 1967, em Porto Alegre, quando fui participar do IV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA, realizado na Universidade Federal daquela bonita cidade. Foi festa de toda a sua família ao receber-me, acompanhado de minha esposa, em sua hospitaleira residência, à Avenida Getúlio Vargas. Parecia que já éramos velhos conhecidos.

Assisti-lhe o aniversário, a sete de Setembro, quando completou mais de 80 anos. Nem parecia. É tão forte e esbelto como se tivesse apenas 60 e bem sadio. Percorre ruas e avenidas porto-alegrenses sozinho e toma ônibus, em filas. A minha aproximação com ele foi das surpresas mais agradáveis que tive na simpática capital gaúcha.

J. DE FIGUEIREDO FILHO

# NEO-HISTÓRIA

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E VERDADE

“Nosso velho ofício de historiador não cessa de brotar e de reflorir em nossas mãos... Um nôvo mundo; por que não uma nova História?” (Fernand Braudel).

*Hoje* é um dia como outro qualquer, e, por isso mesmo, diferente de todos os outros — não se repetirá nunca.

Para o *Homem-Contemporâneo*, o hoje possui um sentido de continuidade e de dever — é prolongamento e adentramento, simultaneamente unidos a uma dialética de pensamento-opção-ação (do Homem).

Nosso conceito de Tempo aproxima-se do emitido por H. G. Wells, mas não se confunde com a tríade espacial como êle queria (There is no difference between time and any of the three dimensions of Space except that our consciousness moves along it). Bergson, Burgelin, Pucelle, Einstein, Chardin e outros o enriqueceram com contribuições inestimáveis, e *Hoje*, como nós o entendemos, o *Tempo* implica num dinamismo em tôdas as direções e dimensões que a consciência humana possa atingir. E é bcn afirmar desde já que a evolução da consciência do Homem parece não ter limites, visto a capacidade infinita de crescimento de seu *Universo Pessoal*.

Dai a definição genial de História que nos foi legada por Emmanuel Mounier: *A História da Humanidade* é a “progressiva conquista do *Universo Pessoal*” — é a quebra da escravidão; o rompimento das amarras do Homem (libertação das injustiças, da ignorância, da fome, da alienação, do egocismo...)

Com efeito, a *História-Hoje* — *Neo-História* — encontra seu sentido como *processo de personalização do Homem* e do Mundo. É ela a experiência refletida da Humanidade e, como tal, deve abrir novas perspectivas para o *Homem-Contemporâneo*, dando-lhes possibilidades para atingir e desenvolver, com a maior plenitude possível, sua capacidade de crítica, crítica histórica e autocrítica (*criticicidade*).

Assim, entendida, a História implica num julgamento constante do *Homem* pelo *Homem* e, simultaneamente, numa ação (do *Homem*) sobre as estruturas em que vive. Em outras palavras, entendendo a História como a própria *Viada do Homem*. São os *Atos Humanos* (Deliberativos e Voluntários) que constituem a História — e não só os *Atos Humanos-de-Ontem*.

Nossa *Vivência-Hoje* — neste *Hoje* que implica numa *Visão Antropológica da História* (estágio atingido pela evolução da *consciência histórica*), e nesta *realidade cósmica-planetária* em que vivemos — tem também sua relação com o passado e com a sobrevivência da espécie humana no futuro.

Somos pequeninos, é verdade; somos vírgulas na frase da *História* mas nos conscientizando cada vez mais das possibilidades de modificarmos esta frase. Na poesia do mundo contemporâneo, precisamos estar *presentes* — *acontecer* — em cada estrofe, ou seja: precisamos *ser* de nosso *tempo* e viver os seus verdadeiros valores. *Ter e ser*, “eis a questão”. *Ser no Tempo e do Tempo*, eis a solução. Não mais se aceita a alternativa Shakespearina: “*To be or not to be*”, nem a neutralidade.

Pobres dos que vituperam a riqueza policroma e poliforme de nosso século, por não a compreenderem ou por verem nela uma destruição de preconceitos e privilégios. Escravos do passado, não percebem o florescimento das consciências no seio de nossa juventude. Prendem-se a uma tradição mentirosa e a uma cultura folclórica-mítica-mística.

Ser fiel à *História* não quer dizer ser subjugado pelos condicionamentos do passado, mas implica numa superação e numa nova construção. É aceitar o legado cultural que nos é transmitido pela tradição e ao mesmo tempo reinterpretá-lo inseridos em nossa época, no drama de cada dia.

A *História* precisa encarnar os valores atuais que vão da possibilidade de extermínio total da Terra e dos homens que nela habitam, até a consciência da *Unidade do Gênero Humano*, até a possibilidade da *Verdade* atingir a todos.

Aliás a *Verdade* do *Mundo-de-Hoje* tem também o nome adstringente de *Revolução* e esta já não tem mais fronteiras. Como “*um ressourcement*”, ela reafirma seu caráter de permanência a que se refere Péguy: ora agoniza, ora se agiganta com os novos valores do século XX, tropeça e titubeia diante da herança de duas guerras mundiais, mas avança pela poeira da incompreensão preparando-se, numa gestação rápida produzida pelos gens da juventude, para arrancar a máscara do *Mundo-Velho*, deixando se descortinar no palco da *História* a grandiosidade de uma *Nova Civilização*.

Destarte, a *Certeza Histórica* não mais se resume numa certeza moral e indireta como se dizia até há pouco tempo. A *Certeza Direta* — “adquirida pela própria experiência” — tem que ser integrada na obra histórica; o seu valor é indiscutível.

A nossa *vivência* é também *História* — também é objeto material da *Historiografia* (Ciência — História Escrita).

O *Historiador-contemporâneo* só entenderá a *História* se mergulhando nela, através de uma “praxis” que supere os condicionamentos e a *ideologização* e lhe dê liberdade para um julgamento sério, consciente e vivido.

Enganam-se a si mesmos e tentam enganar os outros aqueles que ainda teimam em escrever uma obra de *História* imparcial, neutra e de acôrdo com o *Cientificismo positivista*, fiel a Ranke.

A *História* é também *Vida* — não só como a entendia Benedetto Croce mas em termos de uma *antropologia* rigorosamente concreta e positiva (não *positivista*), que implique numa *dialética histórica* de transformação em que o *Homem* se realize como ser livre e inteligente, transcendendo o mundo e marchando para a *Unidade*.

A *Relação de Trabalho*, de transformação (Ação Humana que liga necessariamente um produto — fruto do trabalho — a um sentido — significação do produto pensado e comunicado), constitui o *conteúdo material* desta *História* que se realiza num espaço de liberdade, de opção e de valor, tendendo para a Verdade, o Belo e o Bem Universal.

A formulação desta *História*, a *Historiografia*, a *Neo-História*, só pode ser feita por aqueles que, conscientes dos fenômenos da *subjetividade*, se engajam no mundo para transformá-lo e se transformarem a si mesmos, qualitativamente.

O *Historiador-Contemporâneo* precisa ser também *Filósofo da História* e integrar os *valores da época*, procurando encontrar novos valores e superar, pela *problematização*, a realidade que retarda a *evolução* e o *progresso da Humanidade*. Isto é, precisa viver em intimidade com os fatos históricos.

A obra de *História*, mais do que qualquer outra, é uma obra de *comunicação* — nela entram os *fenômenos psico-sociais*, especialmente o *etnocentrismo*. O *Fator Individual* — fruto da unicidade da *Pessoa Humana*, do *universo pessoal* de cada Homem — é importantíssimo na narração histórica.

O *Historiador-Contemporâneo*, além de ser um cientista consciente da *relatividade* das leis históricas — da *Historicidade* que não se confunde com *Ceticismo* ou agnosticismo — e de conhecer profundamente o *Homem*, de cujos atos conscientes e livres se com-

põe o objeto material da História, é também um artista e, como tal, imprime à sua obra o seu *cunho artístico*, o seu estilo, a sua forma e a sua interpretação originais.

Por sua vida e por seu escrito, pode pois o *Historiador-Contemporâneo* influir no ritmo e na direção do processo histórico.

Destas premissas se evidencia a sua dupla responsabilidade: Primeiro como *Homem-Engajado* no processo histórico e segundo como forjador de uma nova *consciência histórica*, através da transmissão das experiências vividas pela Humanidade — através da *Historiografia*.

Cabe aos *Historiadores* de nossa época transformar a obra histórica num meio de *comunicação* do *Homem* com o passado, consigo mesmo, com o mundo e com os outros *Homens*.

Infelizmente, hoje em dia, a *comunicação* está tão rara quanto a *felicidade* e ambas se transformam, cada vez mais, numa mera satisfação, individual e individualista, de necessidades criadas pela propaganda.

A *massificação* — este fenômeno de deterioração do gênero humano — está destruindo o que há de mais belo no *Homem*, a sua *Liberdade*; este fenômeno de desespiritualização, de desumanização, está levando o *Homem* a destruir-se a si mesmo pela destruição de sua dignidade como *Pessoa Humana*.

O *Historiador-Contemporâneo* não pode admitir uma sociedade de "robots" como o fim último da História. A obra de Huxley é um grito de alerta a este respeito, mas não nos deve intimidar nem diminuir o nosso otimismo.

O *processo de personalização* do *Homem* se reafirma hoje em dia através do ressurgimento de um *Novo Humanismo* e se torna irreversível. Somente o *liberticídio* (muito comum neste nosso século e com reflexos no Brasil) ou a guerra atômica poderão retardar este avanço da *Humanidade*.

A *Historiografia*, como uma escola de *humanismo* que é "*Sacerdotiza da Verdade*" e "*Magistra Vitae*" — tem *Hoje* uma missão importantíssima. Deve, refletindo o processo em devir, ser um dos fatores de *Unidade dos Povos*, um veículo imprescindível da *Verdade* e do *Encontro* definitivo do *Homem* consigo mesmo e com seus semelhantes.

A *Historiografia-Hoje* ou é *autêntica* ou *alienada*. Não há meio termo. Sendo *alienada* é também *alienante*. E só é autêntica enquanto favorece ao *Homem* o seu relacionamento com o mundo em relação de transformação qualitativa e com os outros *Homens* em relação de reconhecimento fraterno; enquanto ela é "*combatente*", na expressão de José Honório Rodrigues.

Assim entendida e graças ao seu dinamismo e à sua universalização, a *Historiografia* pode colaborar de modo definitivo para a *Unidade* do Gênero Humano, pois ela influencia decididamente no processo desenvolvimentista por que passa a Humanidade.

Em outras palavras, a *Historiografia* é também uma das forças motrizes da *História*, e, como tal, deve explorar a inteligência criadora do leitor, fazendo-o reinterpretar também os fatos históricos à luz de suas experiências pessoais, desenvolvendo assim a sua consciência transitiva e reflexiva.

Surgem aqui as interrogações: Está a *Historiografia-Brasileira* enquadrada neste conceito? Conseguirá ela romper os condicionamentos e a *ideologização* que vêm trazendo nossa *cultura* cercada pelos fenômenos de mimésis e pelas leis da imitação? Haverá possibilidades de se sanar os prejuízos e atrasos que esta alienação tem causado à *Educação* e ao *Desenvolvimento* do Povo Brasileiro?

Terão nossos "futuros" historiadores a "audácia" (nosso mundo está vendo a coragem desertar e a prudência metamorfosear-se em covardia, donde a acertiva do termo) de continuar a imensa obra iniciada pelo "mais caboclo" de nossos historiadores e pelo autor da "Bíblia do Nordeste" (*Os Sertões*): CAPISTRANO DE ABREU e EUCLIDES DA CUNHA, ao lado de JOÃO RIBEIRO?

Acreditamos que sim. Aliás Historiógrafos como NELSON WERNECK SODRÉ, VAMIREH CHACON, CAIO PRADO JR., CELSO FURTADO, LEÔNICIO BASBAUM, JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES e outros (poucos ainda) dão um exemplo desta continuidade e esperança de uma renovação.

No âmbito Universal, os prosadores e poetas quebraram a imagem literária completa. Os músicos criaram novos ritmos. Os pintores não mais lançam mão da imagem fotográfica e perfeita. A Medicina afasta cada vez mais as enfermidades do homem e a Química produz novos produtos para servir à *Humanidade*. A Física nos desvenda os segredos do microcosmos. A Astronomia nos leva a conhecer o espaço interplanetário onde talvez viveremos amanhã; e assim por diante...

A *Historiografia* também não fica inerte diante do progresso que assola as ciências de modo geral. Ao contrário, ela é a mais sensível de todas pelo seu próprio objeto: o *Homem* — animal *perfectível* e *libertável*.

Destarte, cabe aos *Historiadores* de nossa época se problematizarem e se conscientizarem de que devem lançar o leitor e se lançarem também numa participação ativa da realidade social, como *Sujeitos da História*.

Sintetizando o acima exposto, podemos dizer que a *História- Hoje* só tem sentido enquanto ela se firma na identificação da *História* com a natureza transcendental, livre, solidária e progressivamente do *Homem*; enquanto colabora na tarefa heroica da juventude hodierna de transformação qualitativa do processo social vigente; enquanto ela faz o *Homem* pensar, raciocinar e participar da obra criadora; enquanto ela lhe dá uma oportunidade de julgamento e opção; enquanto respeita a sua Liberdade e sua condição de *Pessoa Humana*; enquanto conscientiza e politiza; enquanto colabora na incessante procura da *Verdade* e da *Justiça*, na busca infinita do *Homem*, na eterna procura do *Eterno*.

Chega de História simplificada, distanciada da realidade e coroada de dogmatismo. Chega de História alienada, de massificação, de mimésis e de valorizar o que não tem valor. Chega de "eternizar o transitório".

Que nossos novos *Historiadores* ultrapassem as fronteiras da *secção transversa* do "*continuum cultural*" em que nos encontramos e adentrem pela "*continuum histórico*", encaminhando-o para o polo de maior *complexificação* e de *convergência universal* das *consciências*. Que colaborem, de modo incisivo para a transformação do mundo através de um verdadeiro *curvamento histórico*, isto é, através de um movimento endógeno e exógeno ao mesmo tempo, que possibilite tornar as atuais *divergentes históricas* convergentes para o seu autêntico sentido, quem sabe, para os pontos críticos de irreversibilidade, os *ômega*s ("W") vislumbrados por Pierre Teilhard Chardin.

#### B I B L I O G R A F I A

Para um melhor estudo do tema exposto sugerimos a leitura das seguintes obras:

BASBAUM, Leôncio — *O Processo Evolutivo da História*. S. Paulo, Edaglit, 1963 (Biblioteca de História e Sociologia, Vol. 1).

BERGSON, H. — *L'Évolution Créatrice*. Paris, Presses Universitaires, 1948.

BESSELAAR, José Van Den — *Introdução aos Estudos Históricos*. Ed. Rev. e Amp. São Paulo, Herder, 1958.

BESSELAAR, José Van Den — *As Interpretações da História Através dos Séculos*. S. Paulo, Herder, 1958.

BLOCH, Marc — *Introdução à História*. Lisboa, Publicações Europa — América, 1965 (Coleção Saber, Secção VII, História e Geografia).

BRAUDEL, Fernand — *Sociologia e História*. S. Paulo, Edição de Revista de História, 1966 (Direção do Prof. Eurípedes Simões de Paula).

BURCKHARDT, Jacob — *Reflexões sobre a História*. Rio, Zahar Editores, 1961 (Tr. Leo Gilson Ribeiro — Biblioteca de Cultura Histórica).

BURGELIN, P. — *L'Homme et le Temps*. Paris, Aubier, 1945.



- CHAUCHARD, Paul — **O Homem em Teilhard de Chardin**. S. Paulo, Herder, 1963 (Tr. João Escodi — Coleção Cairoscópio).
- COLOMER, Eusébio, S. I. — **Homem e História**. Barcelona, Editorial Herder, 1963.
- CROCE, Benedetto — **A História, Pensamento e Ação**. Rio, Zaher Editôres, 1962 (Tr. Darcy Damasceno — Biblioteca de Cultura Histórica).
- DANIELOU, Jean — **O Escândalo da Verdade**. Petrópolis Vozes, 1963, (Tr. Rose Marie Muraro).
- DANIELOU, Jean — **Sobre o Mistério da História**. A Esfera e a Cruz. S. Paulo, Herder, 1946 (Tr. Maria Laura Philbert).
- DUSSALT, Gabriel, — GENDRON, Louis e Roguette, André — **Phantésime, Action, Oméga**. Bruges-Paris, Desclée de Brouwer, 1967 (Essois pour notre Temps, 7).
- FEBVER, Lucien — **La Terre et l'Évolution Humaine**. Paris, Editions Aubin Michel, 1965 (Introduction Géographique à l'Histoire).
- FEBVER, Lucien — **Combats pour l'Histoire**. 2a. ed., Paris, Librairie Armand Colin, 1965.
- GARRAUDY, Roger — **Do Anátema ao Diálogo**. Rio, Editora Paz e Terra, 1966 (Tr. Maria Helena Kuhner, Série Encontro e Diálogo, volume 1).
- GARRAUDY, Roger — **Perspectivas do Homem, Existencialismo, Pensamento Católico e Marxismo**. 2a. ed., Rio, Civilização Brasileira, 1966.
- GLÉNISSON, Jean — **Iniciação aos Estudos Históricos**. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961 (História Geral das Civilizações, Volume Complementar).
- GRAMSCI, Antônio — **Concepção Dialética da História**. Rio, Civilização Brasileira, 1966 (Tr. Carlos Nelson Coutinho).
- GUARDINE, Romano — **O Fim dos Tempos Modernos**. Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1964 (Tr. M. S. Lourenço — Col. O Tempo e o Modo).
- HOURS, Joseph — **Valeur de l'Histoire**. Paris, Presses Universitaires de France, 1954 (Col. Initiation Philosophique).
- HUXSLEY, Aldous — **Admirável Mundo Novo**. Rio, Edição Dinal, 1966 (Tr. Felisberto Albuquerque).
- LACROIX, Jean — **Marxismo, Existencialismo, Personalismo**. Rio, Paz e Terra, 1967, 1967 (Tr. Maria Helena Kuhner, Série Encontro e Diálogo, vol. 4).
- LAPOUP, Jean et NÉLIS, Jean — **Culture et Civilization**. 4a. ed. revue. Tournai, Costerman, 1963 (Col. Dimensions de l'Humanisme Contemporain, III, Initiation à l'Humanisme Historique).
- LAPOUP, Jean et NÉLIS, Jean — **Communauté des Hommes**. 6a. ed. revue. Tournai, Costerman, 1962 (Col. Dimensions de l'Humanisme Contemporain, II, Initiation à l'Humanisme Social).
- LAPOUP, Jean et NÉLIS, Jean — **Hommes et Machines**. 4a. ed. revue. Tournai, Costerman, 1962 (Col. Dimensions de l'Humanisme Contemporain, I, Initiation à l'Humanisme Technique).
- LEFEBVRE, Georges — **Avenir de l'Histoire**, in *Revue Historique*, t. 197, (1947).

- LINTON, Ralph — **O Homem: uma introdução à Antropologia**, 4a. ed., S. Paulo, Livraria Moraes Editora, 1962 (Tr. Lavinia Vilela Biblioteca de Ciências Sociais, Vol. I).
- LOWVITH, Karl — **El Sentido de la Historia**. Madrid, Aguilar, S. A. Ediciones Gráficas O:be, 1958 (Tr. Justo Fernandes Bujan).
- MARCEL, Gabriel — **Os Homens Contra o Homem**. Porto, Educação Nacional, S/d (Tr. Vieira de Almeida).
- MARROU, Henri — **Do Conhecimento Histórico**. Lisboa, Editorial Aster, (Tr. Ruy Belo — Coleção Histórica, n.º o).
- MARX, Karl — **Economia Política e Filosofia**. Rio, Mello S. A., 1963 (Tr. Sylvania Patrícia).
- MOUNIER, Emmanuel — **Sombras de Médo sobre o Século XX**, Rio, Agir, 1958 (Tr. Salústio de Figueiredo).
- MOUNIER, Emmanuel — **Introdução ao Existencialismo**. S. Paulo, Livraria Duas Cidades, 1963 (Tr. João Bernardo da Costa).
- MOUNIER, Emmanuel — **O Personalismo**. Lisboa, Livraria Editora, 1960 (Tr. João Bernardo da Costa).
- PLAKÁNOV, G. — **A Concepção Materialista da História e o Papel do Indivíduo na História**. Rio, Editorial Vitória Ltda., 1956 (Biblioteca da Nova Cultura, vol. VIII).
- PRADO, JR., Caio — **A Revolução Brasileira**. S. Paulo, Brasiliense, 1966.
- RODRIGUES, José Honório — **Teoria da História do Brasil**. Rio, Nacional, 1957 (Coleção Brasileira, 2 volumes).
- RODRIGUES, José Honório — **Vida e História**. Rio, Civilização Brasileira, 1966 (Col. Vera Cruz, vol. 109).
- PUCELLE, J. — **Le Temps**. Paris, Presses Universitaires, 1955.
- SMULDERS, Peter — **A Visão de Teilhard de Chardin**. Petrópolis, Vozes, 1965 (Tr. Frei Orlando dos Reis).
- SPENCER, Oswald — **La Decadencia de Occidente**. 10a. ed., Madrid, Espasa-Calpe, S. A., 1958 (Tr. Mauel G. Morente — 2 volumes).
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre — **Gênese de um Pensamento** — Cartas de 1914 a 1919. Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1966 (Tr. Camilo Martins de Oliveira).
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre — **O Fenômeno Humano**. S. Paulo Herder, 1965 (Tr. León Boubon e José Terra — Filosofia e Religião — Nova Série, 16.º volume).
- TEILHARD DE CHARDIN, Pierre — **L'Apparition de l'Homme, La Vision du Passé Milieu Divin, l'Avenir de l'Homme, L'Énergie Humaine e L'Activation de l'Énergie Humaine**. Paris, Editions du Seuil. (Col. Oeuvres de Teilhard de Chardin).
- TOYNBEE, Arnold — **Estudos de História Contemporânea — A Civilização Posta à Prova e O Mundo e o Ocidente**. 2a. ed., Rio, Civilização Brasileira, 1961 (Tr. Brenno Silveira e Luiz de Sena — Biblioteca do Leitor Moderno, 27).
- TOYNBEE, Arnold — **Um Estudo de História**. Rio, Jakson, 1953 (Tr. J. Sarmiento Beires — 4 volumes).
- VAS, Pe. Henrique C. de Lima — **Cristianismo e Consciência Histórica**

# MARECHAL RONDON

1. Vai para um mês — no dia de S. Sebastião e nesta "heróica e leal cidade" sob o seu patrocínio, foi inumado, com as honras de Ministro de Estado, — o Marechal do Exército CANDIDO Mariano da Silva RONDON.
  2. Natural de Mato Grosso — o novo mundo do Brasil, — nasceu Rondon em plena Guerra do Paraguai, naquêlê ano (1865) em que as armas brasileiras se douraram para sempre, na pista memorável do Riachuelo...
  3. Mõço e de armas na mão, ajudou a fazer a República nêste País, que, desarmado, havia de servir exemplarmente por mais de meio século!
  4. Pertenceu e exaltou a Arma de ENGENHARIA, que, com toda justiça o escolheu e vai proclamar "Patrono das Comunicações" (Transmissões), a sua mais recente especialização.
  5. Sem a piedade dos Jesuitas nem a impiedade dos Bandeirantes, mas a uns e outros se igualando no amor do gentio e na conquista do Interior — RONDON bem mereceu a distinção nacional de crismar com seu sobrenome uma das Circunscções Administrativas da Pátria ("Território da Rondonia"); pois os Ingleses por menos e menores serviços consagraram a Cecil Rhodes com a Rodésia de tão brilhante futuro, no Continente Negro...
  6. Para só mencionar os vértices da trajetória desse grande cidadão e ínclito soldado — basta rememorar que sob sua chefia foram estendidos 7 mil kms. de linhas telegráficas, no Pantanal e na Hilêia; palmilhados 17 mil kms. de fronteiras (em terreno geralmente invio e inóspito) e preparada a Carta de Mato Grosso (um meio mundo no fim do mundo), que é, em tamanho, o segundo Estado do República.
  7. Apagou-se, assim, no balizamento de nossa rota para o futuro, um dos fanais mais altos, cujos últimos lampejos, como os das estrelas, esperamos que perdurem, iluminando os caminhos do Brasil de nossos dias, ensombrados por massiga ignorância e assombrados por terríveis flibusteiros!
- Rio, DF, 20 de fevereiro de 1958.

FERNANDO TÁVORA

---

## R E V I S T A S :

**Concilium** — Revista Internacional de Teologia. Lisboa, Livrario Morais Editora.

**PAZ E TERRA** — Rio, Editora Paz e Terra (Distribuidora Civilização Brasileira).

**PRESENÇA** — Rio, A. C. I., R. Miguel Lemos, 97. Rio.

**Revue de Synthèse** — Paris, Publication du Centre International de Synthèse.

**Revue Historique** — Paris (Distribuidora no Brasil Librairie Française, S. Paulo).

**Revue Philosophique** de la France et de l'Étranger — Paris, Presses Universitaires de France.

**Revue International de Philosophie** — Paris, Presses Universitaires de France.

**Revue D'Histoire des Ciencias et leurs Applications** — Paris, Presses Universitaires de France.

## Pe. HENRIQUE JOSÉ CAVALCANTE

J. CALIOPE

De acordo com referências colhidas no 1.º Cartório de Farias Brito. Ce. e por histórias contadas por pessoas antigas dali, o Pe. Henrique José Cavalcante chegou naquêlo antigo povoado, no ano de 1868, tendo se retirado para Araripe e dali para Crato, no ano seguinte, ou logo depois dêste ano de 1869.

Tinha ido ao antigo Quixará, a convite de seu parente e patricio, Delfino José Pereira, da família Carcará de Saboeiro e fazendeiro residente no lugar Lambedourc daquela localidade.

Delfino viveu muitos anos em companhia de seu tio, Capitão-Mor, em Saboeiro, que era irmão de Francisco Fernandes Vieira, Barão e depois Visconde do Icó. Casou-se e constituiu família, vindo morar naquela fazenda. Dentre suas filhas, existiu e faleceu em Quixará, Maria Franca de Carvalho, que recebeu manto de Beata da Casa de Caridade de Crato, das mãos do Pe. Henrique, que além de ter construído aquela Casa, em Crato, edificára outras no Cariri, e ao tempo, era daquela seu Director. A Beata tomou o nome de Maria de São Luiz e teve vida exemplar, de ações sempre lembradas em Quixará.

O Pe. Henrique construiu a capela que é hoje a Matriz de Farias Brito. Os antigos contam que o padre fazia milagres. Os tijolos da construção, eram feitos perto da mesma e a madeira era tirada no pé da serra vizinha. Visitando os lastros de tijolos fresquinhos e moles, o pe. tirava as alpargatas e andava por cima dos mesmos tijolos, sem deixar nenhum rastro. Os carregadores das enormes linhas e vigas para a capela, de uma feita, vários dêles, em número de seis ou mais, trouxeram-lhe a notícia de que um dos paus, muito pesado, não podia vir com a força dêles e em resposta o padre foi ver o tal pau. Sentou-se em cima e mandou que os mesmos o carregassem.

Vieram os homens com a viga até a construção, dizendo que a mesma tinha se tornado mais leve.

O Pe. Henrique, nas suas pregações evangélicas, contra toda espécie de maus costumes e falta de religião, verberava contra as vidas ilícitas de pessoas não casadas.

Do resultado de suas pregações, aconteceu que uma mulher, que vivia com certo homem, influente no lugar, passasse a residir na Casa de Caridade de Crato. Não se conformando com isto, o tal falso marido, raptou-a dali, levando-a para sua casa, em frente

á capela que o padre construía. Não sendo ouvido, o padre em suas pregações, achou que aquêlê lugar era inferno aos mandamentos da lei de Deus, e se retirou, de uma vez por todas. Dizem que rumando a pé, para Araripe, logo ao sair da povoação, debaixo de um frondoso pé de Juazeiro, no sítio Lagôa de Dentro, o padre Henrique, tirou as alpargatas dos pés, bateu o pé das mesmas e disse: "Fica-te Quixará, que de Quixará não haverás de passar".

Dizem mais que êle teria acrescentado aquêla maldição, até a 4a. geração daquele transgressor do mandamento.

Verdade ou não, o certo é que Quixará que hoje é Farias Brito, quase não tem tido progresso, em face de tantos e tantos anos decorridos.

Quizeram mudar o nome para Val-Verde e não pegou. A Câmara, em lei, mudcu para Acoci. O Prefeito timbrou papeis e blocos de cobrança, com êste nome e ainda assim, o nome não vingou, pois o I. B. G. E. não concordcu com o nome.

Depois que vem com o nome de Farias Brito, embora á passo de cágado, a localidade vem melhorando, já tendo foros, de boa cidade, embora pequena.

Também foi criada a freguesia em 1938, e com sucessivos vigários, esta vem com regular progresso, embora alguns dos seus vigários, não tenham sido ali, bem acolhidos e bem entendidos, no seu sagrado mister..

Estão sepultados em Quixará, 4 padres: O Padre Inacio do Bonfim, no nicho, hoje capela de S. Vicente. Pe. Joaquim Soter, que muito evagelizou ali, Pe. João Teixeira de Abreu e Cônego Manuel Feitosa.

Êste último foi vigário e os outros três (3) foram ali para tratamento de saúde, tendo o primeiro morrido quase abandonado pelo povo, se não fôra os cuidados que vieram, já nos últimos dias, oferecidos por Delfino José Pereira. O segundo morreu afogado no Rio, em 1920, quando tomava banho com vários meninos, da povoação adjacente.

Uma nota de "O Nordeste", de Fortaleza diz que o Pe. Henrique, de grandes virtudes e um dos mais eficientes cooperadores do grande missionário Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina, faleceu em Crato, a 5-10-95. A data daquêlê jornal, é de 6-10-44.

Dizem ainda, os velhos de Quixara que o pe. Henrique teria dito, quanto ao casal ilícito, nas suas predicas, que êles dois, nem com a morte se apartariam e de fato, o homem faleceu num dia e a mulher faleceu no outro, enterrando-se quase na mesma cova.

# I T A Y T E R A

Ao jornalista João Lindemberg de Aquino

É Itaytera um ribeiro  
Que banha o Crato florente.  
São puras as suas linfas  
Não só em sua nascente.

É indígena o seu nome  
E quer dizer, claramente,  
— Água que entre pedras corre  
Tão precipitadamente.

O solo onde êle desliza  
Todo tempo perenal,  
Se contempla admirável  
Um grande canavial.

Servem bem ao Cariri  
Suas águas cristalinas,  
Que alimentam belamente  
Muitos prados e campinas.

Nasce na serra Araripe  
Tão lindo manancial,  
Que banha terras ferazes  
Prenhes de canavial.

Deu seu nome a uma revista,  
Do Ceará a mais bela,  
Revista atualizada  
Todo mundo gosta dela!

PEDRO FERREIRA

Ubajara — 1967.

## ORAÇÃO DA NOITE SOB TEU OLHAR

MARDISSOL

SENHOR, NESTA NOITE...  
PONHO-ME SOB TEU OLHAR.  
IMPLORANDO TEU OLHAR  
DE VIGILÂNCIA. FAÇ-ME CRIANÇA  
EM TUA PRESENÇA.  
VENHO ENTREGAR-TE MINHAS TRAQUINAÇÕES  
E MEU CORAÇÃO.  
EU SEI SENHOR,  
QUE NÃO MEREÇO  
NEM MESMO FALAR-TE ASSIM:  
TÃO PRÓXIMO A TI, NESTA ORAÇÃO...  
DA NOITE, SOB TEU OLHAR.  
MERGULHADA NELE, PROFUNDAMENTE  
EU TE AGRADEÇO MINHA VIDA  
E PEÇO-TE UMA VIDA PARA TI.  
ONDE EU ENCONTRE PAZ...  
SOB TEU OLHAR.  
SUA TUA PROTEÇÃO.  
SOB TEU AMOR.  
BOA NOITE, SANTO OLHAR DIVINO.

Exu — 1965

# COLÉGIO AGRÍCOLA DO CRATO

J. F. F.

CRATO — iniciou-se intensa campanha, nesta cidade, partida do Rotary Club, para influir os órgãos competentes do Ministério da Agritura na conclusão do Colégio Agrícola do Crato. Não se compreende como obra de tamanho alcance para o desenvolvimento agro-pecuário, desta zona, esteja a marchar lentamente, desde há 12 anos.

Embora dirigida por agrônomo competente, empreendedor e cumpridor do dever, como seja o dr. Hermano Monteiro Teles, a construção movimentava-se com inteira morosidade. É que lhe falta a verba necessária no tempo preciso, para o serviço prosseguir. É uma calamidade que está a provocar a desilusão total de todos os agricultores caririenses, que aguardavam melhores dias para a lavoura regional.

Dr. Hermano, com dados exatos, em plenária do Rotary Club, no dia 15 de Março, leu palestra em torno do caso, que é verdadeira odisséia daquele empreendimento público. Disse das minguadas subvenções que lhe chegam às mãos, com planos traçados do alto e logo depois modificados. Muitas vezes param por escassez de dinheiro. Empresas contratadas não recebem o numerário em dia, sendo forçadas a suspender trabalhos no meio das obras. E o tempo passa. O Colégio transfere sua inauguração para o ano seguinte e o desleixo da distribuição de verbas continua sem solução. A verdade é que ninguém acredita mais na concretização daquela utilíssima iniciativa do Ministério da Agricultura.

Há até corpo de funcionários nomeados à espera do funcionamento do Colégio, que nunca chega. A Escola de Tratoristas, atrelada ao mesmo estabelecimento, parece que ficou para as calendas gregas.

O sonho de modernização dos métodos agrícolas deste pedaço do Ceará, que deveria ser dos mais importantes celeiros do Nordeste, está totalmente esquecido. Sem modificação da orientação, através de técnicos preparados em escola, isso seria inteiramente impossível.

A execução do projeto do antigo deputado Antônio de Alencar Araripe, tão vinculado à gleba e voltado para os problemas vitais da região, a princípio marchou com entusiasmo. Últimamente caiu no ramerrão dos trabalhos que caminham sem finalidade certa. Os



Em 7 de dezembro de 1967

Of. N.º 263 / 67.

Congratulações.

Senhor Presidente,

Tenho o prazer de levar ao conhecimento de V. Exa. que, em Reunião desta Câmara realizada dia 21 de novembro último, a Requerimento do Vereador Pedro Gonçalves Dutra, foi inserido em Ata e aprovado por unanimidade, as congratulações deste Legislativo pela eleição de V. Exa., a 20 de novembro do ano em curso, para a Academia Cearense de Letras.

Sirvo-me do ensejo para apresentar a Vossa Excelência os meus protestos de estima e distinta consideração.

Dr. FRANCISCO MORAIS FERREIRA  
Presidente da Câmara

---

A Sua Excelência o Senhor Dr. José de Figueiredo Filho,  
DD. Presidente do Instituto Cultural do Cariri  
CRATO — Estado do Ceará.

---

cruzeiros que lhe destinam são cada vez mais ccados em peneiras bem finas.

Que foi feito do plano mirabolante para a renovação agrícola do Cariri? E o INDA, que modificou municípios por aí afora, já chegou em Crato?

A cultura canaveira se aniquila e outras não surgem para substituí-la. A fuga do rurícola para as cidades litorâneas continua ininterrupta. O sistema de cultivo do solo é o mesmo introduzido, há séculos, pelos primeiros povoados do Cariri. A vida parece que se estragou na lavoura. No entanto, começamos a viver novos tempos. O homem, mesmo do interior, tem ânsias de progresso. A lavoura permanece e permanecerá ainda como a base mais sólida de ncssa economia. Só a ANCAR, até agora, conseguiu fazer alguma coisa no meio rural. Mas não tem amplitude generalizada. Por si só não pode renovar sistema arcáico, nem conseguir criar mentalidade nova na cultura agrícola para a salvação do Cariri. Só o Colégio Agrícola terá papel decisivo no futuro uma vez que criará o técnico entre o próprio rurícola. Mas quando virá?

**Discurso proferido pelo Gen. Bda. Dilermando Gomes Monteiro, Comandante da 10a. R M, no Palácio da Luz, aos 20 de Fevereiro de 1968, quando da Recepção da 'Medalha da Abolição'**

Houve por bem V. Excia. honrar-me com o ingresso no quadro dos laureados com a mais alta distinção que o Governo do Ceará concede a um cidadão.

Conheço bem a limitação, a parcimônia com que esta concessão tem sido feita e, por isso mesmo, mais me rejubilo e me envaideço, embora compreendendo que por sobre minha modesta pessoa, para a Instituição que aqui represento, o Exército Nacional, que é o verdadeiro alcançado pela láurea dignificante com que V. Excia. acaba de distinguir-me.

Representativa do valôr de um povo que se orgulha de seus feitos em prol da nacionalidade, encerra em seu nome, um dos que mais toca o coração humano do brasileiro, o apagar da negra Chaga que nos maculava a história, a escravidão.

Abolição significa mais que liberdade, pois não apenas promove a independência física dos pobres escravos, mas liberou-lhes a alma em cativeiro atroz, pela incompreensão de um Deus injusto que dava a uns o direito de subjugar a outros, na mais vil, na mais torpe das injustiças sociais.

E no apagar desta mácula, foi o Ceará um dos primeiros, adiantando-se à magnânima Lei Áurea, numa comprovação do sentimento humano e caridoso do povo cearense, aliás dos mais bondosos e afetivos para com seus negros escravos.

A medalha da Abolição, encerra, pois, para os que a recebem, significado bastante profundo, pelo que recorda da mais bela página de nossa história, no domínio da dignificação da pessoa humana, de qualquer origem e de qualquer cor, na aplicação efetiva do mandamento cristão de amar o próximo como a nós mesmos.

Vossa Excelência, na justificação dos motivos que levaram o Governo a dignificar-me por esse modo, fez-me conhecer atos que teria eu praticado, em benefício do Estado, e de seu povo, tornando-me merecedor da honrosa comenda.

Confesso que os desconhecia, com tal resultado, embora me sinta feliz em saber que assim foram considerados. Dentre os citados, destaco alguns que merecem análise e esclarecimento de minha parte, por considerá-los consequência do cumprimento do dever

da obrigação funcional. O comportamento que a isso conduziu foi o exigido pela dignidade dos homens que encontrei à testa da administração deste Estado e dos que nas profissões, nas atividades funcionais de qualquer categoria, se empenharam pelo progresso e pelo bem estar do Ceará e de seu povo.

Nada mais fiz que alinhar-me ao lado dos que trabalham, dos que se esforçam, dos que vivem para o povo e pelo povo, como mandam os sadios princípios da Democracia.

E porque o povo é bom, é hospitaleiro, é amável e é sensível aos bons sentimentos, ninguém que aqui chega pode mesmo que o queira, desligar-se do convívio fraternal que os cearenses, como ninguém, sabem inspirar e provocar.

Se consegui harmonizar-me com esta gente boa e cativante, não tive que realizar nenhum esforço.

Conta Raimundo Girão, que Martins Soares Moreno ao aqui aportar, quando ainda em seus 18 anos de idade, como simples soldado de Pero Coêlho, fez boas relações com o velho cacique Jacauna e sua gente, relatando, êle próprio, com simplicidade como isso conseguiu "me despiu nu e rapava a barba, tingido de negro, com um arco e flechas, ajudando-me de índios, falando-lhes de continuo a lingua e perguntando-lhes o que já sabia bem fazer".

E foi assim com essa dificuldade, que tornando-se o Guerreiro Branco de José de Alencar, conquistou a virgem dos lábios de mel, delicada e pura imagem do próprio Ceará, belo torrão pário que, por seus primores, pela formosura, por tudo o que apresenta de suavidade, de afetividade, de meiguice, bem poderia ter se colocado no gênero feminino como representação mais fiel da bela Iracema.

Pois meus senhores e minhas senhoras, para harmonizar-me com êste povo tão acolhedor, imitei apenas o gesto de Martins Soares, em parte é verdade.

Despi-me de prerrogativas, afastei-me de vaidades, ajudei-me de todos, falei a lingua da terra e até hoje ainda me pergunto, o que sei bem fazer.

Se consegui o abraço dos guerreiros de Jacauna não foi senão porque da parte dêles só houve um desejo, sempre manifestado, de trocarmos entre nós a haste e a ponta farpada da flecha quebrada da paz.

Se fiz amizade, se promovi congraçamento, fi-lo, em parte por ter o desejo de tal conseguir, mas acima de tudo, fi-lo por dever, por obrigação.

Explico-o.

O Exército é uma instituição com deveres constitucionais de defender a Pátria, manter o regime constituído, a Lei e a ordem.

Vem do povo e existe para a segurança dêle. Do povo recebe os homens de que se compõe e os recursos financeiros para dotar estes homens dos meios para o cumprimento de suas missões.

Cada cidadão deixa de seus proventos, de seus lucros, de sua produção, uma parte que reverte como verbas para manutenção, equipamento, armamento e remuneração do pessoal em armas.

Devemos, pois, a este povo, a obrigação de informá-lo sobre o que fazemos, como fazemos e porque o fazemos. Temos o dever de informar sobre, como tratamos, como orientamos e como instruímos os jovens que nos são entregues periodicamente para a prestação do serviço militar.

E qual a melhor maneira de fazê-lo senão pelo contacto directo, pelo conhecimento amigo, pelo exemplo, pela troca constante de opiniões, pelo abrir sincero de corações?

Conhecendo-me e aos meus comandados, sentindo-nos como realmente somos, privando de nossa convivência cotidiana, todos vêm, com clareza o que somos, como agimos, como tratamos nossos irmãos civis que nos são confiados.

É a compreensão de nosso dever, da obrigação de ligar-nos à fonte de nossa grandeza e de nossa eficiência que é o próprio povo, nosso soberano.

Não fazemos, pois, nada além do que já nos obriga a lei e a missão que ela nos confere, ao promovermos o conagraçamento que é útil, conveniente, necessário, para que possamos nos considerar um Exército digno do povo a que serve.

Se mantivemos cordiais relações com os poderes do Governo, é por senti-lo outro dever indeclinável.

Ao poder Legislativo, devemos o respeito que nos merecem os fazedores da lei, pois que existindo para mantê-la, dela escravos somos e nunca poderíamos menosprezar os que existem para criá-la. E por isso os acatamos, respeitamos e procuramos dêles fazer-nos amigos e leais colaboradores.

Ao poder Judiciário, o guardião supremo da lei, devemos, por igual, admiração e aprêço. Silenciosos, independentes, austeros em suas decisões, cabe aos inclitos magistrados, a missão sublime de promover a justiça, de fazer respeitar o império da Lei.

Para manter a lei, mister se faz prestigiar a Justiça.

Ao poder Executivo, executor das leis, responsável pelo estabelecimento das bases para o progresso e o desenvolvimento, nosso respeito há de ser profundo e compreensivo. Dirigir o povo e orientá-lo para alcançar a grandeza almejada, dentro da lei e da ordem, é missão que exige apóio, ajuda e muita colaboração. Não nos furtariamos nunca a esse dever.

Além dos poderes básicos, encontraríamos argumento igualmente valioso, para demonstrar, com relação às classes, e aos cidadãos de modo geral, produtores, empregados, comerciantes, estudantes, operários, imprensa, clero, políticos, enfim todos os componentes do povo governado, o mesmo sentido do dever que nos é imposto, para um congraçamento que é básico, indispensável, para a obtenção da paz interna, em que se assenta o progresso.

Há, é bem verdade, quem nos acuse de tentar um predomínio na condução da vida política nos Estados ou em âmbito Nacional. Há quem procure atingir-nos, na tentativa de anular tais esforços de união e de congraçamento, lançando-nos de encontro aos nossos amigos civis, como se estivessemos seqüiosos de poder, de liderança e de dominação.

Choca-nos quando tais ofensas partem de alguns que consideramos no dever sagrado de pregar o amor, a caridade, a bondade, a fé e a esperança, ou de outros que são responsáveis pela condução política do país e que bem conhecem nosso tradicional interesse em praticar a democracia em sua plenitude.

Provocam talvez, gesto idêntico ao do guerreiro branco: "De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada" mas como Martins sorriu nós também o fazemos, aguardando a voz da compreensão, que por certo virá.

O que importa é manter o rumo em meio à procela, e o conseguiremos com ambientes como este, em que predomina o sentido de comunhão, de união e de esforço coletivo, olhos fixos no objetivo final. Juntos todos, fardados ou não fardados, um só povo de um único Brasil.

Este ambiente, esta festa, é uma resposta à altura, a quantos tentam criar a imagem de um Exército prepotente, a perturbar a atividade pacífica e produtiva de nossos companheiros civis, com encargos de governo.

\* \* \*

#### AGRADECIMENTOS AOS PRESENTES

Senhor Governador

Senhoras e Senhores

Sentia-me um escravo do Ceará. Fui conquistado, fui acorrentado e sinto-me dominado pelo carinho, pelo afeto, pelo amor a esta terra e a esta gente.

Sentia-me, ao pensar na partida próxima, para outras plagas, como um escravo fugitivo. Veio-me a abolição. Não parto mais como escravo. Levo esta comenda como carta de alforrida, mas

## CARTA DO MARECHAL TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

Rio, 19 de fevereiro de 1968

Ilustre e prezado Professor  
J. DE FIGUEIREDO FILHO

Felicidade e paz

Recebi, mui sensibilizado, a gentil oferta do Volume IV de sua História do Cariri, com generosa dedicatória.

O Sr., de quem me considero amigo e admirador, bem compreende o meu grande interesse pela História da terra dos Alencar, meus ancestrais, que muito prezo e de que muito me orgulho.

Escrita com paixão e o senso do verdadeiro historiógrafo, que rebusca nos documentos a verdade, o mestre sabe dar ao seu trabalho a forma atraente dos contos, em que se ressaltam as qualidades boas e as virtudes das gentes do sertão, nesses pequenos, porém magníficos quadros da cultura brasileira, quase exclusivamente brasileira, do interior a sobrepor-se a do litoral, esta mais impregnada dos elementos alienígenas e de importação.

Ainda não me considero perfeitamente conhecedor da cultura do sertão nordestino, mas, dia a dia, me torno admirador da contribuição de alguns núcleos de batalhadores, como esse de Crato, incansável na restauração e reabilitação da obra política e cultural dos homens de prol do Nordeste, grandes nomes da nacionalidade.

Dai minha grande simpatia pelo ilustre amigo Figueiredo, a quem a Academia de Letras do Ceará, já laureou, com a devida justiça, incluído entre os imortais e o respeitável Padre Gomes de Araújo, outro benemerito dessa cruzada reivindicatória.

Não sou cearense e sim capixaba, mas o pouco de sangue Alencar, que meu saudoso pai quiz marcar com o nome tutelar, me faz cada vez mais preso a essa tradição gloriosa que se cultua nos trabalhos dos afanosos intelectuais do Crato.

O meu entusiasmo vai de par e com a admiração e a gratidão irrestrita.

Respeitos a Exma. Família e abraço de

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

---

embora não me sinta mais escravo, não me libertei da prisão à terra e aos meus conterrâneos. Ao contrário, elevaram-se os sentimentos, para considerar-me livre de corpo, mas preso pela gratidão, como grato se sentiam os negros libertados.

Formarei o meu QUILOMBO junto a outros que se foram, o QUILOMBO da saudade, não para promover a guerra de libertação, mas para manter sempre fervente esta chama que me foi posta acesa no peito, lembrando-me a terra onde mais cedo que em qualquer outra se efetivou no Brasil a Abolição.

# ADVOGADOS

Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

E

Dr. JOSÉ GIL DE SOUZA BORGES

Causas :

C I V E I S

C O M E R C I A I S

E

C R I M I N A I S

Escritório: RUA SENADOR POMPEU, 173 — sala 2

CRATO — TELEFONE 477 — CEARÁ

Se V. vem ao Crato...

## PALACE HOTEL

deve ser o seu endereço

TRATAMENTO CAVALHEIRÊSCO

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

APARTAMENTOS VENTILADOS E CONFORTÁVEIS

AMBIENTE REFINADO

PRÊÇOS EXCELENTES

RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO, 20 — CRATO — Ceará

BEM PRÓXIMO AO CENTRO COMERCIAL

TELEFONES : { PORTARIA 547  
                  { GERENCIA 548

UM RECANTO INESQUECÍVEL, AO QUAL VOCÊ FARÁ  
QUESTÃO DE VOLTAR SEMPRE...



— *Íntegra da Conferência pronunciada pelo Prof. PEDRO FELÍCIO CAVALCANTI, sobre "DEPRESSÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA DO CRATO, NÊSSES ÚLTIMOS TEMPOS"*

Por intermédio do meu Prezado Amigo Diomedes Pinheiro dos Santos, recebi o honroso convite para convosco entreter uma conversa informal, em torno da depressão econômico-financeira que o Crato vem sofrendo nesses últimos tempos.

Motivos ponderáveis — dentre os quais o meu despreparo no assunto — adiaram este ensejo que reputo um marco indelével em minha vida, muito embora reconheça que, para vós que me escutais, este nosso encontro não representa nada além de uma parcela de tempo supèrfluamente gasta em detrimento de uma palavra mais autorizada em assuntos desta natureza que envolvem conhecimentos especializados de econometria, de sociometria e tantos outros fora do meu alcance.

O Crato, hoje, é um centro civilizado que se apóia numa cultura diversificada e em todos os setores de suas atividades existe u'a massa intelectualmente evoluida que já sabe discernir, já sabe pensar, já sabe e pode exigir.

A lucidez do espírito que a ciência refrigera e areja, dá-lhe consciência das suas fraquezas, notadamente as de ordem econômica e financeira, e torna o homem mais exigente em matéria de conforto porque a civilização cria necessidades que a gente inculta não sente, e porque não sente, não busca satisfazê-las.

Creio que chegámos a um estágio que não nos permite assistir, passivamente ao estrangulamento do nosso progressivo desenvolvimento que esbarrou e cujas causas desejamos conhecer.

Instabilidade política, cerceamento de liberdade, restrição dos direitos individuais, inconformação das massas populares, rebeldia da juventude, desajustamento social, desequilíbrio financeiro, depressão econômica, situação deficitária na balança de pagamentos, versatilidade emocional nos homens de empresa, eis a sintomatologia da doença do nosso organismo sócio-econômico.

Se na verdade êsses fenômenos são evidentes, a crise já passou, porque eu entendo por crise o transe difícil, a conjuntura perigosa, a situação momentânea anormal e grave em que, pela precipitação de um acontecimento, ocorrem a mudança instantânea da ordem política, a mudança do padrão monetário, a mudança dos hábitos tradicionais do povo, a alteração súbita da infra-estrutura pela incorporação de novos instrumentos que se não ajustaram ainda ao todo, a substituição brusca do suporte físico e moral de uma estrutura sócio-política a cujos líderes o povo se habituara a confiar os seus destinos. — Isto foi o transe, a crise caracterizada pela revolução de 1.º de Abril de 1964.

(Comprometeria eu a minha liberdade e os meus princípios democráticos se ao caírem da minha boca estas palavras não lhes soubesseis dar o verdadeiro sentido que elas encerram).

A institucionalização dessa nova ordem e a sua implantação através da experiência, constituem a etapa atual, cheia de reticências interrogativas e de hesitações que bem traduzem o estado psíquico que ao povo brasileiro legou a brusca e profunda transformação provocada pelo último movimento revolucionário.

O que se pretendeu fazer drástica e revolucionariamente — a passagem de um estágio secular de economia periférica para um sistema de economia integrada, sem a predisposição psicológica do povo, sem o preparo tecnológico dos grupos setoriais, poderíamos realizar por evolução através

de planejamento, com programas exequíveis a curto, a médio e a longo prazo conforme um cronograma de prioridades em que se houvessem ponderado todos os fatores que pudessem influir na execução do plano, evitando globalizar o sacrifício exigido pelas mudanças estruturais de qualquer ordem, especialmente em se tratando de um país de dimensões continentais, como é o Brasil.

Se o meu raciocínio vai certo, certeza é que “mal de muitos — triste consólio é”.

A atual conjuntura tem caráter nacional; não apenas o Crato experimenta as consequências da transição por que passaram todos os escalões político-administrativos do País. Quanto maior e mais desenvolvido o centro, maiores consequências.

Mas o Crato é o campo que me foi oferecido para essa conversa.

Além dos aspectos gerais já esboçados e que se interligam à nossa situação, desejo focalizar algumas particularidades que, somadas àqueles aspectos anteriormente referidos perfazem o conjunto de fatores circunstanciais que reputo responsáveis pela depressão econômico-financeira que nos atormenta e aflige.

Desde os tempos mais recuados — diz-nos a História — o Crato foi um centro geo-econômico de ampla área de influência, cujas lindes se estendem pelos convizinhos estados da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Piauí e Pernambuco.

Os seus municípios fronteiriços tornaram-se economicamente nossos tradicionais tributários, fazendo aqui a comercialização de seus produtos e provendo os seus mercados com a produção da nossa agro-indústria.

Esse intercâmbio, atuando como elemento de propulsão, concorreu para que o Crato se constituísse também florescente núcleo de cultura com grande raio de ação sôbre as comunidades daqueles municípios que, ao nosso meio, entrelaçaram as suas atividades.

O progressivo desenvolvimento do Crato serviu de exemplo àquela gente que se estimulava ao calor do nosso trabalho construtivo.

Desenvolveram-se também aquelas populações. Os seus justos e naturais anseios de progresso, criaram os seus estabelecimentos de ensino, rasgaram novos rumos construindo e melhorando estradas, ligaram-se a outros centros maiores; atraíram agências de estabelecimentos de crédito; aprenderam, na convivência conosco, propugnar pelo seu desenvolvimento e reivindicar, junto aos poderes constituídos, os seus direitos e defender os seus interesses e assim se foram desvinculando do nosso meio que aos poucos vem perdendo êsses afluentes de sua economia.

Como corolário, eu podia indicar alguns municípios que eram tributários tradicionais da nossa economia e que já hoje não o são na mesma intensidade que o foram, como Curicuri com hospital, ginásio, escola industrial, armazem de silos, rodovia ligando-o a Salgueiro, Arco-Verde, Caruaru, Recife. Vemos ainda Bodocó, Exu, Araripina e outros e todos do Estado de Pernambuco já com os seus Postos de Saúde, com os seus ginásios, suas escolas normais, suas agências do Banco do Brasil e de outros estabelecimentos oficiais. E como êsses, alguns municípios da região do Cariri, com agências bancárias, com escolas agrícolas e outras de ensino secundário, com maternidades, finalmente com instrumentalidade capaz de prover a comunidade, em termos relativos, de muita coisa que buscavam êles no Crato, trazendo seu contributo à vitalização de nossa economia.

Em contra-partida, nós também crescemos. Aumentamos a nossa infra-estrutura com a implantação de um novo gênero de indústria de base — a industrialização do milho, da mandioca, que ainda não estão funcionando á plena capacidade, mas já influíram na elevação do nível da produção das culturas com elas relacionadas. Outras indústrias novas que vieram melhorar o nosso parque industrial, como a de extração de óleo de mamona e de babaçu e a de fabricação de papel. Essas novas unidades, as escolas superiores qualificando a mão de obra de alto nível, a ampliação do número de escolas primárias e de nível médio e dos serviços de saúde, da melhoria e ampliação do nosso aparelhamento de transportes e comunicações diretas com tôdas as capitais do Nordeste e até com o Sul do País, todo êsse elenco de fatores, gerou novas fontes, novas energias, contrabalançando, com alguma vantagem, o arrefecimento daquele intercâmbio comercial, daquelas relações sócio-econômicas que tanto concorreram para o nosso desenvolvimento.

Êsses fatores dão-me convicção da transitoriedade da atual conjuntura porque confio no futuro do povo que faz da cultura o seu instrumento de progresso.

A economia é como a cultura — não se faz de improviso. As nossas potencialidades vos aguardam. Haveis de transformá-las — a médio e a longo prazo — em riqueza, devolvendo o Crato àquele apogeu que o notabilizou além das nossas fronteiras.

A cultura assemelha-se à locomotiva que arrasta o combôio. A cultura incentiva e promove a integração de todos os elementos úteis e que possam contribuir, com eficácia, para a promoção de uma comunidade.

Já ouvi dizer-se, muitas vêzes, que a debilidade da nossa economia é culpa da monocultura da cana de açúcar. Concordo em que a cana, entre nós, seja a cultura domi-

nante pelo que pesa, em termos monetários, na balança do nosso sistema econômico, apesar de ser uma atividade deficitária.

O Crato nunca foi monocultor; paralelamente à cana sempre se fizeram outras culturas de exploração econômica de base como a cotonicultura, a rizicultura, além do plantio da mandioca, do milho e do feijão. E como atividade anular, subsidiariamente exercida para o aproveitamento da ponta ou ôlho da cana, da palha do milho e do arroz, da rama do algodão, da crueira e da casca da mandioca, da baba dos engenhos, sempre houve a pecuária — a criação de gado bovino, suíno, caprino, equino, azinino e muar.

Para comprovar sua autenticidade como centro de pecuária, detentor de um rebanho de elevado padrão zootécnico, basta ao Crato a sua famosa Exposição Regional Agropecuária, hoje transformada em Exposição Centro Nordeste de Animais e Produtos Derivados. Sem êsses elementos não é possível realizar certame desta natureza. A agropecuária como consórcio industrial de agricultura e criação é uma das atividades do Município e até porque 60% da força do trabalho nela encontram o seu sustento.

As estatísticas nem sempre se revestem da segurança em que se deviam envolver devido às omissões apositadas das origens.

Em 1962, depois de coligir uma longa série de elementos, cheguei à conclusão que a debilidade da nossa economia — naquela época — decorria também da desassistência social no setor da educação e saúde na zona rural. O elevado índice de mortalidade infantil, as doenças carenciais e as de caráter endêmico são, ainda hoje, responsáveis pela porcentagem mínima de jovens que conseguem integrar-se na massa economicamente ativa do Município.

Observa-se que elevada taxa desta massa ativa, logo

aos 35/40 anos, entra no quadro da invalidez. Naquela época o Município tinha cerca de 60.000 habitantes; — 12.000 representando os incapacitados pela velhice e pelas doenças carenciais; — 30.000 representavam crianças e jovens até 14 anos que ainda não haviam atingido condições para o trabalho remunerado. Somadas essas duas camadas da população, tínhamos 42.000 habitantes vivendo parasitariamente do esforço de apenas 18.000 habitantes que formavam a população economicamente ativa, que trabalhava e produzia para a subsistência e manutenção da velhice incapacitada e da infância improdutiva. Entre as duas camadas — a infância e a velhice — comprimiam-se as forças produtivas, com baixíssimo índice de poupança.

Hoje porém não obstante a explosão demográfica verificada nos últimos 5 anos, a situação está atenuada.

Com relação à velhice, a sua pressão sobre a massa ativa diminuiu em razão de melhores condições assistenciais e de amparo que a Previdência Social está oferecendo aos seus segurados. Com relação ao índice de integração de jovens na população ativa, houve uma elevação no índice percentual em virtude da baixa na taxa de mortalidade e em face da melhora em nossos hábitos de higiene e de educação sanitária.

Êsses fenômenos decorrem da ação simultânea da "ANCAR", do Hospital Infantil, DENURUR e de vários outros fatores de civilização que felizmente começam a produzir efeitos benéficos na zona rural, impulsionando o nível da nossa massa populacional ativa que se renova com algumas vantagens para a estabilidade da nossa economia, e futuramente, para o nosso regime de poupança.

Arguindo êsses fatos, desejo demonstrar que todo sistema econômico tem os seus ciclos — ora mais, ora menos duradouros — e todos êles têm suas crises e estas, suas consequências.



A velocidade recuperativa de um sistema econômico numa situação conjuntural, está na razão direta das reações da comunidade através de processos tecnológicos tão mais eficientes quanto mais física e culturalmente forte seja o suporte em que se arrimam.

O preço de nossa recuperação — como área subdesenvolvida — é alto e não deve ser medido apenas em termos monetários porque ela é uma parcela de um processo muito mais amplo de transformação social que, sem cultura, sem mentalidade, sem preparo, não será possível realizar.

Pondo termo à minha conversa, espero que a vossa generosidade supra as minhas omissões e as minhas deficiências.

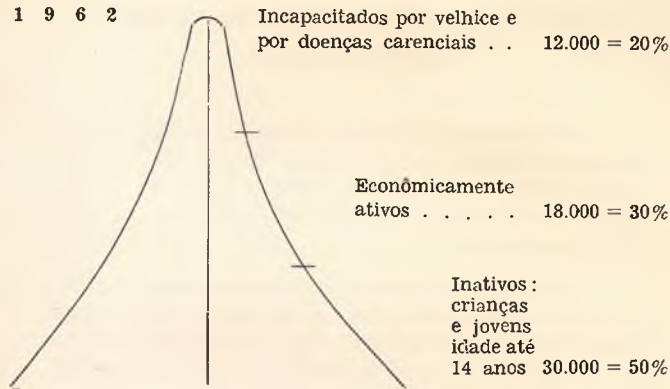
## A N E X O

Para uma apreciação mais demorada, eu vos ofereço um quadro **SINTOMATOLÓGICO** do que me foi possível observar :

- |                       |   |  |
|-----------------------|---|--|
| <b>SINTOMATOLOGIA</b> | { | 1 — Instabilidade política                         |
|                       |   | 2 — Cerceamento de liberdade                       |
|                       |   | 3 — Restrição dos direitos individuais             |
|                       |   | 4 — Inconformação das massas populares             |
|                       |   | 5 — Rebeldia da juventude                          |
|                       |   | 6 — Desajustamento social                          |
|                       |   | 7 — Desequilíbrio financeiro                       |
|                       |   | 8 — Depressão econômica                            |
|                       |   | 9 — Situação deficitária na balança de pagamentos  |
|                       |   | 10 — Versatilidade emocional nos homens de empresa |

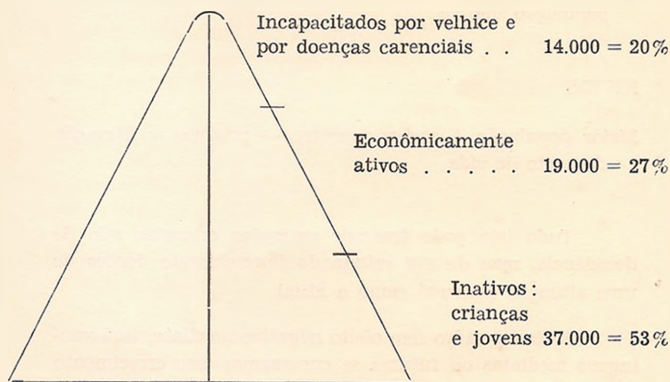
- |                                    |   |   |
|------------------------------------|---|---|
| <b>CARACTERÍSTICOS</b><br>da crise | { | 1 — Mudança instantânea da ordem política                                     |
|                                    |   | 2 — Mudança do padrão monetário   |
|                                    |   | 3 — Mudança dos hábitos tradicionais do povo                                  |
|                                    |   | 4 — Alteração súbita da infra-estrutura                                       |
|                                    |   | 5 — Substituição brusca do suporte físico e moral da estrutura sócio-política |
|                                    |   | 6 — Proscrição dos líderes  |

1 9 6 2



Pirâmide de área subdesenvolvida

60.000 habitantes ( na zona urbana . 29.400 = 49%  
( na zona rural . . 30.000 = 51%



Pirâmide de área em desenvolvimento

1 9 6 7

## EFEITOS DA MELHORIA DE NOSSA EDUCAÇÃO SANITÁRIA - RURAL

As melhoras que obtivemos no setor de saúde pública e educação sanitária — notadamente no meio rural, — elevaram o índice de natalidade e baixaram a taxa de mortalidade infantil, consequentemente nos deram maior adensamento populacional.

Isto, em época normal, nos traria vantagens imediatas. Mas numa situação como a em que nos encontramos tem efeito negativo porque a elevação do índice de natalidade e o abaixamento do índice de mortalidade infantil, redundam em crescimento de população inativa, logo, mais consumo, quando a nossa produção de subsistência é insatisfatória.

ÍNDICES                      Dizendo melhor :

Mais natalidade ÷ menos mortalidade infantil = maior população inativa.

NÍVEIS

Maior população + maior consumo — produto = Elevação do custo de vida.

Tudo isto pode traduzir carências oriundas não de decadência, mas de um estado de florescimento dentro de uma situação anormal como a atual.

Se êsse quadro tem efeito negativo imediato, terá vantagens mediatas ou futuras, se encararmos êsse crescimento de população como reserva potencial para renovação da massa economicamente ativa.

## PROJEÇÃO ECONÔMICA DO CEARÁ NA

### CONJUNTURA REGIONAL DO NORDESTE

J. F. F.

O deputado federal Padre Antônio Vieira que é filho cultural de Crato, tem-se revelado dos mais dinâmicos e dos mais inteligentes parlamentares da presente Câmara, em Brasília. Seus discursos, sempre oportunos, são vibrantes, bem alicerçados, primam pela defesa da causa pública, sem espírito de demagogia. E está perfeitamente integrado aos problemas básicos do Ceará. A prova disso é o brilhante discurso que pronunciou na Câmara Federal de Deputados, sob o título de PROJEÇÃO ECONÔMICA DO CEARÁ, NA CONJUNTURA REGIONAL DO NORDESTE.

Padre Vieira foi dos poucos representantes do Ceará que não usou o poder econômico para eleger-se. Valeu-se apenas de seu valor pessoal. Quem votou nele teve a satisfação de não perder o voto com deputado inativo, ou voltado exclusivamente para o interesse próprio. Vale a pena a gente conhecer, ao menos, o início de seu memorável discurso, tão aplaudido pelos seus pares e pela imprensa:

“Senhor Presidente, Senhores deputados. Aqui estou para denunciar 300 anos de omissões; 300 anos de ausência administrativa contra toda uma Região que tem sobrevivido historicamente, graças à tenacidade dos seus filhos. Aqui estou para denunciar o genocídio econômico e social que o Governo Brasileiro tem cometido contra o Nordeste e, mais particularmente, contra o meu Ceará.

Na análise da conjuntura econômica do Ceará, sempre houve historicamente um apriorismo científico que marcou o nosso destino e a nossa sorte econômica e social, política e humana. Fomos, sem mais outros estudos, conceituados como região de economia estagnada, de profundos vazios econômicos, de grandes pressões sociais, onde a única coisa que se desenvolvia e crescia no Ceará eram os estômagos vazios, na maior explosão demográfica que se conhece no mundo.

E como os meninos-problemas das nossas escolas são marginalizados, passamos a ser o Estado-problema da União, o Estado dôr-de cabeça, objeto pois mais de uma pedagogia corretiva e punitiva do que de uma medicina preventiva e curativa. Não nos ofereciam uma terapêutica. Realizaram logo uma cirurgia. Fomos amputados como membros-gangrenados do grande organismo social e econômico do país. Passamos a ser no Brasil, o pobre Lázaro, famélico, sentado diante da mesa do rico opulento, esperando comer as migalhas que caíssem da fartura sbejada dos outros Estados.

No entanto, aqui estamos, para denunciar o grande erro histórico do qual nasceram muitos outros erros que marcaram em brasa

## **“AGRONOMIA E HUMANISMO” — “PROBLEMAS DE POLÍTICA ECONÔMICA E EDUCACIONAL AGRÁRIA”**

F. Alves de Andrade é dos maiores luminares da Agronomia, em plagas do Ceará. Em homenagem ao cinquentenário da Escola de Agronomia, que tantos benefícios tem feito ao Nordeste, publicou êle, pela IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ, a oportuna monografia “AGRONOMIA E HUMANISMO”. É professor dos mais eficientes daquela Escola, sócio do Instituto do Ceará e do Nordeste. Com tôdas as probabilidades de vencer, é candidato a uma cadeira vaga na Academia Cearense de Letras. São inúmeros e bem apreciados os trabalhos com que tem enriquecido a cultura especializada do Nordeste Brasileiro.

“AGRONOMIA E HUMANISMO”, livro de seus conhecimentos, é o traçado seguro para a melhoria em todos os processos da aproucuária desta região, que entrou em plena batalha para o seu soerguimento econômico. É bem escrito, acessível a qualquer leigo no assunto. Estabelece o papel do agrônomo nessa revolução pacífica para a redenção da zona sêca, desta parte importante do Brasil.

F. Alves de Andrade, homem experimentado, técnico agrícola, que foi conselheiro da Sudene e Secretário da Agricultura do Ceará, além de ocupar outros cargos de proeminência, convoca as Universidades do Nordeste para as atividades no campo da Agronomia Social. Vejamos o que diz á página 12, ainda na Introdução de “AGRONOMIA E HUMANISMO”:

“As Universidades do Nordeste precisam ser verdadeiramente integradas, de corpo e alma, no desenvolvimento nacional e regional. Como fazê-lo? No campo da Agronomia Social de que, em última instância, dependem os problemas de política objetiva, é preciso cuidar-se daquele “humanismo científico de que trata DJACIR MENEZES. É preciso alcançar aquela “concepção unitária que afirma a possibilidade de coordenação das forças sem as ameaças de elites doentes ou sacrifícios sociais predatórios”.

---

a nossa carne e o nosso coração. Ainda hoje não se fez um planejamento dos problemas do Ceará, baseado na sua realidade histórica, na sua fisionomia geográfica, na sua sensibilidade humana, no conhecimento das suas zonas fisiográficas, do seu clima, do seu solo, da sua estrutura orgânica.

Por incrível que pareça, o Ceará não possui vazios econômicos nem áreas improdutivas, nem regiões desabitadas. Temos apenas áreas que não receberam a influência decisiva dos polos de desenvolvimento, mais por fatores de isolamento social do que geográfico ou natural”.

Padre Antônio Gomes de Araújo, vice-presidente do I. C. C., Cidadão Cratense

## **R E S O L U Ç Ã O N.º 2/68**

**Ementa: CONCEDE TÍTULO DE CIDADÃO E DAS OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

Art. 1.º — Fica concedido o Título de Cidadão Cratense ao Revmo. Pe. Antônio Gomes de Araújo.

Art. 2.º — O Título a que trata o artigo primeiro será entregue em sessão solene da Câmara Municipal, em data a ser posteriormente marcada.

Art. 3.º — Revogadas as disposições em contrário, entrando em vigor, a presente Resolução, na data da sua promulgação.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Crato, em 30 de abril de 1968.

Ass. JOSÉ LUIZ DE FRANÇA  
VALDIR DE SOUZA LEITE  
JOSÉ VALDEVINO DE BRITO  
CÍCERO DE MOURA ROSENDO

## **J U S T I F I C A T I V A**

Padre Antônio Gomes de Araújo é homem visceralmente ligado ao Crato. Aqui estudou, no antigo e tradicional Seminário S. José, entre o ano de 1922 até 17 de abril de 1927, quando se ordenou. Adotou Crato, definitivamente, como sua segunda terra natal. A esta Cidade deu os frutos melhores de sua inteligência de escol, de seu apostolado religioso, do eficiente magistério e dos esforços de seus trabalhos de inextinguível pesquisador da história regional.

Nasceu êle na cidade caririense de Brejo Santo, a 6 de janeiro de 1900, filho legítimo do casal José Nicodemos da Silva Basílio e Maria Gomes de Araújo. Seu genitor era neto paterno do Cel. Basílio Gomes da Silva, intendente e chefe político daquele município, de 1893 a 1909. Fêz os primeiros estudos na própria terra natal, nas escolas das professoras Balbina Viana Arraes e Líbia Lustosa Cabral. Passou depois a fazer o curso secundário no Seminário da Prainha, em Fortaleza, até 1921, quando se transferiu para Crato. No Seminário de S. José, cursou Filosofia, Ciências Naturais, Ciências Eclesiásticas e fêz o curso Teológico, tudo com eficiência marcante.

Ainda em 1926, foi aproveitado no magistério, sendo um professor que atuou, com segurança, no meio de seus alunos. Suas aulas foram sempre vivas, cheias, deixaram impressão imorredoura a todos. Em cada discípulo, constituiu um amigo que nunca o esquece, mesmo que resida em terras longínquas ou ocupe posição social de relêvo. Sua cadeira predileta foi história e é dos mais competentes pesquisadores de nosso passado, em terras nordestinas. Seu nome atravessou fronteiras. Exerceu o cargo de Inspetor de Ensino do Colégio Santa Teresa de Jesus, foi Prefeito de Disciplina do Ginásio do Crato e pertence ao Conselho Presbiterial Diocesano.

Como historiador elucidou, fatos importantes do passado, a exemplo da inocência de Bárbara Pereira de Alencar, no caso da filiação espúria de José Martiniano de Alencar, da verdadeira naturalidade do Padre Crebillon Verdeixa e do povoamento do Cariri por elementos baianos e sergipanos.

amiga.

Homem de trato social esmerado, sempre que um lar é atingido pela dor, é o primeiro a levar-lhe o bálsamo de uma palavra

Jornalista veemente, sempre em defesa de causas justas, tem se constituído em intrépido batalhador em prol do patrimônio histórico do Crato.

Sobressai-se no trato pessoal, pela conversa franca e fluente, com a máxima tolerância em assuntos de natureza política ou religiosa, apesar de sua íntegra formação eclesíastica.

Em 1932, por ocasião da calamidade da sêca, no Campo de Concentração de Flagelados do Buriti, transformou-se em capelão dedicado daquela infeliz gente imigrada, em massa, de suas terras. Por muitos anos, foi o Capelão Auxiliar do Cemitério Público local, celebrando cotidianamente, quer o tempo fosse ruim ou bom, às cinco horas da manhã.

Hoje, dá o melhor do seu zêlo apostólico á parte de indignância do Hospital S. Francisco, contribuindo, com seu esforço, para a boa marcha daquela obra gigantesca, em boa hora dirigida pelo Provedor Mons. Pedro Rocha de Oliveira.

No ponto de vista cultural, sua contribuição para o Cariri, é imensa.

Sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, tendo sido seu vice-presidente, desde a primeira eleição daquela entidade. Faz parte do corpo diretor de "ITAYTERA", revista de circulação nacional e teve o mérito de dar-lhe o nome, lembrando o antigo riacho Batateira. Sua colaboração tem sido valiosíssima. Sócio-Correspondente do Instituto do Ceará, colabora em sua revista, como também na Revista Eclesiástica Brasileira, editada em Petrópolis. É correspondente também do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e da Academia Cearense de Letras.



Figueiredo Filho, que acaba de publicar "Folguedos Infantis Caririenses", Fortaleza, Imprensa Universitária, 1966, é um pesquisador sem descanso. Em sua recente visita à Academia Pernambucana de Letras fez, informalmente, uma palestra sobre assuntos históricos do Crato — que é o quartel-general de sua atividade — relacionados com Pernambuco. Com mansa e suave voz discorre Figueiredo Filho; e sem adjetivos nos vai dizendo o quanto todos nós, neste Nordeste, nos achamos ligados pelos mesmos vínculos liberais. Sua palestra foi sobre a Confederação do Equador, que há pouco celebramos. Tão versado é Figueiredo Filho na história de sua terra — o Crato, principalmente, — que, bem refrescada a memória, somos levados quase a crer que a história de Pernambuco é um pouco a história do Ceará...

Não que Figueiredo Filho, honesto pesquisador, a exageros nos conduza. Isso não. Sua erudição histórica é que nos abre esses velhos mundos, por onde andamos com esse guia seguro, que da história do Cariri vai fazendo a sua paixão. Sempre tem um livro a dar, e dessa vez é esse em que estuda os folguedos do Cariri — uma região inesgotável nas mãos insatisfeitas de Figueiredo Filho. Em continuação ao "Folclore no Cariri", editado em 1962, também pela Imprensa Universitária do Ceará, escreveu agora — diz-nos no seu "Explicando", os "Folguedos", cuja leitura é fácil. Figueiredo Filho escreveu, a seu modo, um livro de Memórias: "É que o mundo infantil — esclarece logo — que melhor conheci, foi o que girou em torno de minha pessoa, justamente quando os motivos locais estavam, mais ou menos, sem mescla de folguedos importados, como acontece hoje".

Quem hoje falasse em cavalo de catembo, estaria dizendo, certamente,

---

Publicou as seguintes plaquetas que constituem elementos básicos para a História da zona:

"NATURALIDADE DE BARBARA DE ALENCAR (A HEROINA DO CRATO); "UM CIVILIZADOR DO CARIRI (BASÍLIO GOMES DA SILVA); "CONCURSO DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARIRIENSE", tese apresentada ao Primeiro Congresso de História da Bahia, em março de 1949; "APOSTOLADO DO EMBUS-TE", "PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA, FUNDADOR E PRIMEIRO CAPELÃO DO JUAZEIRO DO NORTE"; "1817 NO CARIRI"; "ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA"; "PADRE CÍCERO ROMÃO E CONSELHOS DE ORDENAÇÃO".

Padre Gomes é dos maiores pesquisadores de arquivos, para elucidar os fatos históricos do Cariri. Ajudou o emérito historiador Irineu Pinheiro em "Efemérides" e ao divulgador da história regional J. de Figueiredo Filho.

É dos cratenses adocivos mais amantes de nossa terra. Crato deve-lhe bastante, em todos os campos da inteligência, na história, no jornalismo e no magistério. É êle cratense por direito natural de conquista, merecendo a gratidão unânime das gerações presentes e futuras.

## CENTRO JUAZEIRENSE DE CULTURA

Na vizinha e próspera cidade de Juazeiro do Norte, pelos intelectuais da terra, foi fundado o Centro Juazeirense de Cultura que foi instalado, com a maior solenidade, a 24 de Março do corrente ano. A brilhante festividade de cultura, entre outros elementos de valor, compareceram os escritores cearenses — Raimundo Girão e Braga Montenegro, o primeiro titular da secretaria de Cultura do Ceará.

Abaixo transcrevemos o convite que gentilmente foi dirigido ao Instituto Cultural do Cariri:

Levamos ao conhecimento de V. S. a fundação, nesta cidade do CENTRO JUAZEIRENSE DE CULTURA, sob os auspícios da Secretaria de Cultura do Estado, na pessoa do eminente professor e homem público, Dr. Raimundo Girão.

A nova entidade tem por objetivo realizar estudos, levantamentos, pesquisas e interpretações no campo da Ciência Humana, das Letras e das Artes, visando preferentemente a assuntos da região do Cariri.

O Centro obedecerá ao critério das Academias de Letras do País, tendo as Cadeiras, em número de 30, como Patronos os expoentes da Cultura, das Letras e das Artes Cearenses.

### C O N V I T E

A sua instalação solene, programada para o dia 24 de março, do corrente ano, na qual serão empossados os demais sócios titulares, recentemente eleitos, convidamos V. S. e família a se fazerem presentes a tão significativo acontecimento na vida sócio-cultural da terra do Pe. Cícero.

Certos da aquiescência ao nosso convite, apresentamos antecipadamente os nossos sinceros agradecimentos.

Juazeiro do Norte (CE), 11 de março de 1968

A Comissão Organizadora:

AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA  
MOZART CARDOSO DE ALENCAR  
POSSIDÔNIO DA SILVA BEM  
PE. MURILO DE SÁ BARRETO  
HILDEGARDO BELÉM DE FIGUEIREDO  
MÁRIO MALZONE  
TARCILA CRUZ ALENCAR

---

alguma coisa que raros sabem o que seja. O cavalo de catembo foi um dos encantos dos meninos que nasceram no vale do Ceará-Mirim ou na várzea do Açú. Era uma arte de montaria, conforme os estilos e as condições sociais. Rédeas, selas, cabrestos, tudo isso punha no artesanato o nota de requinte. Os olhos de vidro pareciam dar ao "bicho" uma vida extraordinária. Mas havia o cavalo humilde, recortado a canivete, talvez mais esperto que o outro. Eis uma lembrança que talvez ande perdida no mundo infantil de agora.

JORNAL DO COMMERCIO — Recife

# Sexta-Feira Santa no Juazeiro do Norte

(DO LIVRO "IMPRESSÕES DE VIAGEM")

NELSON GAMA DO NASCIMENTO

A Plimouth corria velozmente, deixando para trás o bando enorme de peregrinos, gente humilde, pobre de recursos, mas ricos de Fé, essa fortuna imensa que se entezoura no coração humano.

A certa altura, em meio da estrada, paramos.

Havíamos dividido quatro mulheres, uma das quais já muito idosa. Vinham do Crcto e se dirigiam ao Horto, a umas três léguas bem andadas.

Ficamos compadecidos com o esforço quase sobrehumano dos pobres senhoras e perguntamos se desejariam viajar na Plimouth.

As mulheres ficaram atônitas ante tal ímprevisto oferecimento.

— É um milagre de Nossa Senhora, disse uma delas.

— Vamos rezar no Horto por sua felicidade, disse a mais velha das quatro.

E o carro partiu levando aquelas criaturas, almas bem formadas, corações puros voltados para Deus, a cujos pés iam-se prostrar, depois de longa caminhada por caminhos longos, duros e tortuosos.

Afinal, o sacrifício a que se iam expor, ficara muito reduzido. As 3 horas de caminhada, eram agora, 20 minutos apenas.

Chegamos, enfim, à Juazeiro do Norte.

Na casa do boníssimo amigo José Bezerra, tomamos um gostoso cafezinho, preparado por D. Aldinha sua digníssima esposa.

Lá também se encontrava o Dr. Mário, médico que todo Juazeiro adora por suas obras filantrópicas, e que nos acompanharia ao Horto famoso.

O automóvel somente podera vencer a parte calçada da estrada que leva ao cimo do monte.

O trecho mais difícil e mais extenso, quase todo trajeto, tivemos de vencer a pé.

A peregrinação ao Horto é qualquer coisa de indiscriptível. Uma multidão incalculável num sobe e desce contínuo, tomava a estrada desde o dia anterior.

Subimos com esforço a ladeira ínfreme. Parávamos, por vèzes, para admirar o espetáculo maravilhoso que descortinava do alto.

Trocamos palavras com alguns dos que desciam para perguntar-lhes se faltava muito para atingirmos o alto da colina. A resposta, era mais ou menos, a mesma.

— É ali moço. Falta pouco.

Andávamos mais dez, quinze, vinte minutos e não chegávamos ao término da jornada.

Já agora, estávamos clagados de suor e, para que não dizer, cansadíssimos.

Dentre os peregrinos, impressionou-nos profundamente, uma velhinha que encontramos em meio da subida. Caminhava ao lado de outra, igualmente, idosa. Era mãe e filha. Aquela com 93 anos!

Aconselhei-a a que não prosseguisse na escalada do morro. Era uma temeridade.

A velhinha, porém, reagiu com firmeza — Nosso Senhor merece nosso sacrifício. E continuou a subir.

A disposição da macróbia, dera-me força nas pernas. E prossegui com mais alento.

Aquela velhinha era bem o símbolo da Fé.

E o vai e vem, como caminho de formiga, era incessante. Dos lados da via tortuosa, numerosas barracas com café, bôlo de milho, canjica, beijú e milho assado.

Afinal, num último esforço, atingimos o cimo da montanha.

Estávamos em pleno Horto!

Nada havia, porém, de notável no caminho da colina. Apenas um santuário abandonado e a Casa das Promessas, em ruínas.

A crença popular, entretanto, leva àquelas parágens, na Sexta-Feira Santa e dia de Finados, uma multidão incalculável.

Ir ao Horto nesses dias, é um dever sagrado.

E, não é só do Crato e Juazeiro que se abalam os peregrinos. Há ali gente de Barbalha, Missão Velha, Milcres e de outros lugares mais retirados.

Meditava sobre o poder da Fé e sacrifício daquela enorme multidão de fiéis, quando enorme alarido despertou-me do estado em que encontrava.

Carriam todos para debaixo de frondosa árvore. O vozerio era enorme.

Aproximei-me do local e pude vêr entre aquêlo bôlo de gente, que um menino de uns dez anos jazia no chão, imóvel.

Numa traquinada própria da idade, subira à árvore majestosa. Perdera o equilíbrio e de lá despencára, cedendo á força imutável da lei de gravidade.

A consternação era geral. O triste acontecimento empanara a alegria dos que ali se encontravam.

O pobresinho desceu a ladeira nos braços da gente amiga e, atraz dela, a multidão.

Misturei-me com ela e descí também.

No dia seguinte, soube que o infeliz, não resistindo à gravidade das fraturas, entregara a alma ao Criador.

O acontecimento lutuoso, marcara para sempre a Sexta-Feira Santa do ano de 1957.

## PROFESSOR RAIMUNDO GOMES DE MATOS

CLODOMIR TEÓFILO GIRÃO

Cerrou os olhos para a vida terrena o Dr. Gomes de Matos. Com a morte do amigo tão querido, que fôra a personificação da alegria, é imensa a tristeza de quantos o estimávamos e lhe que-riamos bem.

Aos 83 anos, eis que se lhe apaga a luz do áureo espirito. Abrira os olhos pela primeira vez à vida, em 10 de outubro de 1885, no Crato. Não havia, já, escravos no Ceará. E isso foi bom, porque êle jamais admitiria a escravidão.

Muito pequeno ainda, foi levado à escola do Prof. José Joaquim Teles Marrocos, que lhe foi assim, o primeiro mestre. Com êle aprendeu um pouco de latim e muita coisa mais. Transferiu-se logo depois, para a Capital da Paraíba, onde concluiu o curso primário. No Recife, obteve todos os preparatórios, ficando habilitado para encetar, ali, o seu curso superior. Acontece porém, que, nessa época, foi inaugurada a nossa Faculdade de Direito. Este o motivo por que, sem perda de tempo, vem para Fortaleza, e, aqui, em 1904 inicia o seu curso jurídico, que conclui em 8 de dezembro de 1908. Fo-

---

### QUADRAS INÉDITAS DO "PATATIVA" DE ASSARÉ

Mesmo com censura grave  
Vivo bem graças a Deus,  
Só que nos olhos tem trave  
Avista argueiro nos meus.

A descoberta sem par  
Que causaria receios,  
Seria a de adivinhar  
Os pensamentos alheios.

Entre as mulheres cacei  
As que consolam quem chora,  
E só duas encontrei,  
Mamãe e Nossa Senhora.

Para defender a gente,  
Se Deus descesse do Céu,  
Veria muito inocente  
Com a sentença de réu.

Amor próprio e vaidade,  
Companheiros irmãos gêmeos,  
Dominam a humanidade  
Até nos próprios boêmios.

Como o tigre em desatino  
Com um tiro sobre o dorso,  
Vive sem calma o assassino  
Com o péso do remorso.

O que mais revolta a gente  
E causa raiva sem par,  
É ver um prêso inocente  
Sem direito de falar.

Meu berzinho, enterezeiro,  
Me deixou sem piedade,  
Quando arabei meu dinheiro,  
Se acabou nossa amizade.

Quando zangada te exaltas  
Com grosseiras atitudes,  
Acusas as minhas faltas  
E esquece minhas virtudes.

A Natura por capricho,  
Te formou bem diferente,  
És gente virando bicho  
Ou bicho virando gente.

ANTÔNIO GONÇALVES (PATATIVA)

ram-lhe colegas de turma, entre outros, José Carlos de Matos Peixoto, Antônio Galeno da Costa e Silva, Alvaro Bomilcar da Cunha, José Pompeu Pinto Acioli e aquêlê que foi o Orador da turma, notável Matemático, que seria mestre dos mais queridos: Henrique de Alencastro Autran. Além dêsses mais uma dúzia, de que Gomes de Matos estava sempre a falar.

Formado aos 23 anos, já jornalista, preparado para as lutas forenses, montou, sem perda de tempo e com coragem, o seu escritório de advogado, consagrando-se de alma e corpo à sua profissão.

Apareceram as primeiras causas, que, complexas embora, êle aceitou, sem relutância, e soube vencer, com galhardia. Advogado em todos os recantos do Ceará, no Piauí e noutros estados, não lhe foi difícil granjear renome. Se, nos seus primeiros tempos de caudico, não lhe era ampla e profunda cultura jurídica, êle sabia suprir as falhas com o poder do seu talento robusto, com o seu inusitado humor, com o seu desprendimento, com a sua intrepidez, numa palavra, com o valor mental que Deus lhe deu.

Em 1910, aos vinte e cinco anos apenas, com fama de excelente advogado, fêz-se professor substituto da nossa Faculdade de Direito, para a qual foi nomeado em 1913: Professor de Direito Comercial. Em 1916, integrou a Banca Examinadora do primeiro concurso que se realizou em nossa Escola Jurídica, ao lado do seu colega de turma Matos Peixoto. A Cadeira era a de Direito Civil. Os concorrentes: Luís Moraes Correia, Jorge Severiano Ribeiro e Eduardo Henrique Girão, conquistando êste o primeiro lugar. Durante mais de trinta e cinco anos o examinador e o examinando foram membros da Congregação da nossa Faculdade de Direito.

Dêle diz Raimundo Girão: "Gomes de Matos foi homem das boas rodas aproximado da boemia mas desta que não desce ao desprezo de si mesma, e imprime, na vida da cidade, garrula animação aos que não encaram as coisas e os atos humanos só pelo prisma das exigências caturras ou demasiadamente ponderosas".

A assertiva do autor da HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO é verdadeira. Gomes de Matos gostava realmente, das coisas amáveis da vida. Durante cinquenta anos, dos vinte aos setenta, viveu intensamente: soube viver! Se foi notável, como "homem das boas rodas", maior ainda e mais admirável sempre o foi na qualidade de chefe de família. Teve a ventura e faz isso meio século, de encontrar no caminho de sua longeva e banfazeja existência, uma criatura boníssima que lhe foi o anjo da guarda, desde a sua mocidade até ao seu instante derradeiro: DONA LÉA POMPEU GOMES DE MATOS. Ela e os filhos, os netos e as noras, todos êles cercaram o ente querido de todo o carinho a que fazia jus. Dona Léa, Maria de Lourdes, José Melânia, Fernando e os outros, Tomás, Maria de Jesus, Sérgio, Abigail e os outros, todos êles, com a



grande e santa esposa e os filhos queridos à frente, foram toda bondade para o admirável chefe de família, o querido Dr. Gomes de Matos.

Professor, durante tantos anos, da nossa Escola Jurídica, de que foi diretor, o mestre que, agora, nos deixa era acima de tudo e acima de todas as coisas ADVOGADO. Durante quase cinquenta anos, lutou, batalhou, galvanizou as suas energias todas na defesa de um sem número de causas, cuja complexidade nunca o atemorizou. No nosso Fôro, onde se elevou à condição de portífice, ninguém o excedeu em zelo, em esforço, em dedicação às causas que patrocinava. Por isso mesmo, era sempre bem sucedido. Proferiu um dia, uma frase que se tornou célebre: "O povo é massa falida!"

A propósito de frases, de pronunciamentos, de assertos de Gomes de Matos, vale a pena repetir dois deles: "Sobre aquele mestre que escrevia como se agisse, tal o ardor com que escrevia", afirmou: "O maior milagre que já se operou no espírito de um homem ocorreu com Monte Arraes, ele pulou da carta de A. B. C. diretamente, para as culminâncias do Direito. Constitucional!" Sabendo que a ilustre educadora Profa. Maria Gonçalves era poliglota, disse-lhe, com muita graça: "Maria, estou com medo de você: você sabe muitos idiomas!" "E daí, Dr. Gomes de Matos?" Pergunta-lhe a notável mestra. E ele, fazendo rir a todos: "Mulher, quando domina uma só língua, é perigosa, imagine, sendo, como você, cultora de muitas línguas!..."

Com Gomes de Matos e Mons. Quinderé acontecia algo idêntico: todos nós ríamos com eles: mas "ninguém ria deles" como costumava dizer o Padre.

A nossa Faculdade de Direito, que, em pouco mais de um lustro, perdeu uma dúzia dos seus mais eminentes catedráticos, com a morte do Prof. Gomes de Matos, vê-se desfalcada de mais um dos seus valores que lhe foi aluno dos mais estudiosos, professor dos mais insígnis e Diretor dos mais queridos.

---

NOTA: O cratense Dr. Raimundo Gomes de Matos era muito amigo do Instituto Cultural do Cariri. A convite de nossa entidade, esteve aqui, em Julho de 1955. Como velho companheiro e discípulo de jornalismo do saudoso homem de imprensa — João Brígido dos Santos — "O ARARIPE", fundado, nesta cidade, em 1855, por aquele renomado panfletário historiador, demonstrou assim o espírito de pioneirismo de Crato no periodismo do interior cearense. Foi palestra na Associação dos Empregados no Comércio, com grande assistência, constituindo-se das pujantes vitórias do Instituto Cultural do Cariri, dois anos após a sua fundação.



## II SALÃO DE MAIO, PROMOVIDO PELA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

Em comemoração pela passagem do oitavo aniversário da Faculdade de Filosofia do Crato, entre os dias 15 a 19 de Maio do corrente ano, realizou-se no prédio novo daquela escola de ensino superior, o segundo salão de exposições de pintura, escultura e desenho. Foi êxito completo e demonstrou que Crato também está a progredir, aceleradamente, em matéria de arte.

O chamado SALÃO DE MAIO que ficará como tradição, a ser integrado anualmente às festas comemorativas de aniversário da pioneira de nossas faculdades, foi aberto na noite de 15, data aniversária daquele estabelecimento, com palavras pronunciadas pelo dinâmico diretor Prof. José Newton Alves de Sousa. Foi encerrada, às 19,30, do dia 19, pelo Vice-Diretor J. de Figueiredo Filho que pronunciou rápida palestra no momento em que acabou de ler a classificação dos vencedores daquela sugestiva e tão visitada exposição. Passamos a dar o resultado daquele certame, bem assim o resumo da exposição do ano passado.

No presente ano, foram exposto 31 quadros de oito expositores, sendo classificados os seguintes, cada qual em seu gênero :

Cícero Margêbio de Lucena (16 anos) Pintura Surrealista — TERRA DA LUZ — Prêmio de NCr\$ 100,00 — Prefeitura Municipal do Crato.

Edilson Cordeiro da Rocha — Pintura Impressionista — VALE DO CARIRI — NCr\$ 80,00 — S. A. E. C.

Fernando Lins — Pintura Abstrata — "SIDÉRIO" Prêmio — Um Troféu — oferta da CLAUDIA, de Luciano Pierre.

Geraldo Simplicio (Nego) Escultura em Madeira — BANDA DE PÍFAROS — NCr\$ 100,00 — Faculdade de Filosofia do Crato.

Franci Leite Gurgel — Desenho FIGURAS HUMANAS — Troféu da Faculdade de Filosofia do Crato.

## I SALÃO DE MAIO DE 1967

Premiados :

Fernando Luís — Pintura Moderna — CERÂMICA

Edilson Rocha — Pintura Impressionista — INTERIOR

Hubert Bloc Boris — Pintura Abstrata — MA VIE D'ANGE

Armando Lacerda — Escultura em Gesso — MULHER RENDEIRA

Geraldo Simplicio (Nego) Escultura em madeira — UM CONJUNTO

Convém salientar o trabalho intenso, para a vitória das duas exposições, de Edilson Cordeiro da Rocha e de Hubert Bloc Boris.

## DEODORO GOMES DE MATOS

J. F. F.

Deodoro Gomes de Matos foi um pedaço deste Crato bom que se foi. Partiu em dia friorento deixando saudades a todos aquêles que o conheciam. Não era homem vulgar. Ocupou lugar de relêvo na evolução social da cidade. Conheci-o desde o tempo de minha meninice.

Deodoro, quando rapaz novo, fazia parte da roda de boêmios locais, vivendo em serenatas, com amigos folgazões da mesma idade. Não faziam mal a ninguém. Enchiam a cidade bisonha de certa alegria. Também não amealhavam um níquel sequer dos minguados ordenados, que ganhavam.

Em certo dia, na pujança dos anos, Deodoro foi acometido de mal súbito nos olhos. Ouviu médicos e foi encaminhado ao Rio, com o auxílio de amigos e parentes. Consultou especialistas, tratou-se, mas já era tarde. Para angariar algum dinheiro, com sua flauta das serestas cratenses, fêz parte de orquestras de cinemas mudos de subúrbios. Finalmente, retornou, cego de tudo, para a sua terra natal.

### EXPORTADORA CRATENSE

DE

ANTÔNIO ALVES DE MORAIS JÚNIOR & CIA.

INSCRIÇÃO N.º 1

TELEGRAMA : ANTALVES

TELEFONE : 200

CAIXA POSTAL 11

COMÉRCIO DE ALGODÃO

USINA DE BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

Escritório : RUA SENADOR POMPEU, 8

USINA : AV. PE. CÍCERO — BAIRRO S. MIGUEL

CRATO — — — CEARÁ

D<sup>a</sup> Capital Federal, trouxe pequena máquina, presente de amigo. modesta mçageira de cana, que o povo batizou aqui simplesmente de BROCOIÓ. Deodoro instalou aquela engrenagem, puxada a braço humano, primeiramente em sua casa, à Travessa da Pedra Lavrada. Transportou-a, mais adiante, para a rua Formosa, hoje com o nome de Santos Dumont. Muitas vèzes bebi garapa de cana ali a tostão o copo.

Com sua flauta, organizou orquestra com amigos. Instalou restaurante a fazer canjas de galinha e *filets* que fizeram época. A freguesia foi crescendo. Comprou bilhares. A zoada ficou infernal, nas horas caladas da noite, frequentemente perturbando o sono do meu pai que de balde recorria ao Bromural Knell. Morávamos em suas vizinhanças.

O Bar Ideal, de Deodoro, passou a ser o centro social mais importante de Crato e mesmo do Cariri. Começou a promover bailes pomposos oferecidos a pessoas importantes que chegavam à terra. E também almoços e ceias a aniversariantes de prol. Em breve se transformou em verdadeiro Clube com bailes repetidos, muito especialmente na temporada de carnaval, recrutando tôdas as famílias principais da cidade e da vizinhança.

Deodoro, solteiro, vivendo com sua bondosa mãe D<sup>ca</sup> Júlia, sabia cativar a todos. Possuía a melhor orquestra citadina e se transformara até em compositor.

Na realidade, foi êle o autêntico precursor dos clubes sociais, nesta zona.

O melhor de tudo, é que êle soube superar a cegueira, tornando-se um homem otimista e perenemente prazenteiro.

Veio o progresso. Bares modernos se fundaram. Clubes sociais e de serviço surgiram. O Bar Ideal foi se ofuscando. O bilhar transformou-se em divertimento de segunda ordem. Mas, Deodoro não saiu do batente. Só se recolheu à casa amiga de sua sobrinha e filha adotiva Neusa, casada com o livreiro Ramiro Maia, quando as forças lhe faltaram de todo. Apesar dos constantes convites para residir com êles, Deodoro não sabia viver inativo. Finou-se na manhã de 23 de Maio, cercado do carinho da família de Ramiro e demais parentes, no Hospital de S. Francisco de Assis, enterrando-se na tarde do mesmo dia, com grande acompanhamento. Nasceu, em Crato, a 2 de Dezembro de 1889, filho do casal Dirceu Gomes de Matos e Dona Julia Gomes de Matos.

Crato muito lhe deve, de sua bondade, de sua iniciativa no campo social, de seu gosto pela música e organização de orquestras e de sua imensa caridade cristã.

Crato, Maio de 1968.

# *Francisco Salgado e Associados*

Consultores Industriais e Fiscais

CONTABILIDADE  
AUDITORIA  
PLANEJAMENTO ECONÓMICO  
ASSESSORIA  
LEGISLAÇÃO FISCAL  
E  
SERVIÇOS CORRELATOS

DIRETORIA: — FRANCISCO SALGADO  
Técnico em Contabilidade e Economista

EQUIPE TÉCNICA — EUDORO WALTER DE SANTANA  
Engenheiro Civil

JOSIO DE ALENCAR ARARIPE  
Advogado

JOSÉ DE ARAÚJO NUNES  
Engenheiro Agrônomo

EVERARDO ARRAES NORÓES  
Economista

ERMENGARDA MARIA A. SOBREIRA DE SANTANA  
Assistente Social e Técnica em Pesquisas

VALMIR ARRAES DE FARIAS  
Estudante de Economia — Estagiário

## CRATO — CEARÁ

Rua Senador Pompeu 104 — Telefones 346/347 — Teleg. SALGADO  
Rua Dr. Miguel Lima Verde N.º 24 — Ed. MAIA — Sala 36

## FORTALEZA — CEARÁ

Rua Pedro Borges — Ed. PALÁCIO PROGRESSO — Sala 422

## RECIFE — PERNAMBUCO

Av. Conde da Boa Vista N.º 149 — Ed. CANADÁ — Sala 503  
Telefone 2.06.16 — Telegrama SALGADO

CRESCENDO COM O CEARÁ

FAZENDO O CEARÁ CRESCER

# Banco de Crédito Comercial S. A.

FUNDADO EM 24 DE FEVEREIRO DE 1926

M A T R I Z

F O R T A L E Z A  
RUA FLORIANO PEIXOTO, 440

A G Ê N C I A S

BREJO SANTO

CRATEÚS

CRATO

I G U A T U

JUÁZEIRO DO NORTE

SENADOR POMPEU

S O B R A L

42 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AO CEARÁ

CORRESPONDENTES NAS CAPITAIS  
E PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS